

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDICIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO, CULTURA E
SOCIEDADE.

DISSERTAÇÃO

“MINHA MOCIDADE” (IN) DEPENDENTE DE PADRE MIGUEL:
PRESERVAÇÃO E MEMÓRIA DE UMA ESCOLA DE SAMBA

Janete Bustamante dos Santos

(Jana Guinond)

2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO, CULTURA E
SOCIEDADE**

**“MINHA MOCIDADE” (IN) DEPENDENTE DE PADRE MIGUEL:
PRESERVAÇÃO E MEMÓRIA DE UMA ESCOLA DE SAMBA**

JANETE BUSTAMANTE DOS SANTOS (JANA GUINOND)

Sob Orientação do Professor
Dr. Otair Fernandes de Oliveira

e Co-orientação da Professora
Dra. Helena Theodoro

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade, como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Patrimônio, Cultura e Sociedade**.

Área de concentração: Patrimônio Cultural: Identidade e Sociedade.

Nova Iguaçu, RJ
Dezembro de 2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S237" Santos, Janete Bustamante dos, 12/06/1971 "Minha Mocidade" (In)dependente de Padre Miguel: Preservação e memória de uma escola de samba / Janete Bustamante dos Santos. - Rio de Janeiro, 2022. 220 f.: il.

Orientador: Otair Fernandes de Oliveira.
Coorientadora: Helena Theodoro.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMONIO, CULTURA E SOCIEDADE, 2022.

1. Memória. 2. Patrimônio. 3. Escolas de samba. 4. Mocidade Independente de Padre Miguel. 5. Velha guarda. I. Oliveira, Otair Fernandes de, 1961-, orient. II. Theodoro, Helena, 1943-, coorient. III Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMONIO, CULTURA E SOCIEDADE. IV. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO,
CULTURA E SOCIEDADE



TERMO Nº 428 / 2023 - PPGPACS (12.28.01.00.00.22)

Nº do Protocolo: 23083.024925/2023-73

Nova Iguaçu-RJ, 24 de abril de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO, CULTURA E
SOCIEDADE

JANETE BUSTAMANTE DOS SANTOS

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Patrimônio, Cultura e Sociedade, no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em patrimônio, Cultura e Sociedade, área de concentração em Patrimônio Cultural: Identidade e Sociedade.

Dissertação aprovada em
01/12/2022

Otair Fernandes de Oliveira (doutor) UFRRJ (PPGPACS)
Orientador
Raquel Alvitos Pereira (doutora) UFRRJ (PPGPACS)
Luis Claudio de Oliveira (doutor)
UERJ/FEBF

(Assinado digitalmente em 24/04/2023 15:32)
OTAIR FERNANDES DE OLIVEIRA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptES (12.28.01.00.00.86)
Matrícula: 1491734

(Assinado digitalmente em 24/04/2023 16:39)
RAQUEL ALVITOS PEREIRA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptH/IM (12.28.01.00.00.88)
Matrícula: 1862824

(Assinado digitalmente em 09/05/2023 18:20)
LUÍS CLÁUDIO DE OLIVEIRA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 722.124.547-91

Visualize o documento original em
<https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu
número: 428, ano: 2023, tipo: TERMO, data de emissão: 24/04/2023 e o
código de verificação: b3cf56ada0

DEDICATÓRIA

Ao meu filho que sempre me mostrou um mundo de muito
carinho e companheirismo.
Obrigada por me escolher e de poder me dar a possibilidade
de dizer que sou
Mãe de Osíris.
Essa pesquisa foi escrita com o coração pulsando de amor
por você.
Obrigada Rei Osíris.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, por tudo que fez e faz por mim, ao meu saudoso pai, que me deu inspiração para essa pesquisa. E lógico, a toda minha família, sendo a mais velha da minha casa, tenho a responsabilidade de manter a memória de nossas vidas, que tem momentos ruins, mas tem companheirismo, reciprocidade de cada um do seu jeito, e principalmente, muito amor envolvido.

A minha saudosa irmã Joelma, que vivenciou comigo todos os momentos de nossa adolescência contada nessa pesquisa, e que antes de nos deixar de corpo presente, me pediu pra cuidar da família e não perder a alegria de ser e existir.

À minha irmã Vânia, meus sobrinhos: Lucas, Laura e Lohan e meu sobrinho-neto Apolo.

O meu orientador Otair Fernandes e minha orientadora Helena Theodoro, que chamo ambos, carinhosamente de "orientadores", agradeço imensamente por me conduzirem, e principalmente, por embarcarem comigo nessa linda busca da memória de minha raiz. Eu me senti literalmente consultando um oráculo, e acessando informações que me fortalecem a cada dia.

O retorno não foi só para casa, mas para dentro de mim, e a oportunidade que tive de conhecer várias famílias com tantas coisas em comum, o que possibilitou de um trabalho em conjunto na (re) construção das memórias.

A todo corpo docente e discente do PPGPACS - Programa de Pós-graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, principalmente, as mulheres negras, nas quais compartilhamos momentos desafiadores de estar num espaço desigual, e mesmo assim, tivemos vários momentos de trocas de aprendizados, pertencimentos e afetos.

Ao professor Luís Cláudio de Oliveira que vi numa banca, no meu terceiro dia de aula presencial, e eu disse para mim mesma: "Meu sonho é ter ele na minha banca". Sonho realizado.

A professora Raquel Alvitos por me ensinar um outro sentido de "provocação " em sua maravilhosa aula de Patrimônio e Educação que ampliou ainda mais a minha visão de mundo.

Ao Departamento Cultural do G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, em nome dos coordenadores: Renato Buarque e Taísa Ferreira, e em especial ao Presidente de Honra: Tiãozinho da Mocidade.

Lógico que essa linda sensação que sinto, não posso deixar de citar Pai Paulinho de Ossaim e família, Creuzelly Ferreira, Iléa Ferraz, Marize Conceição, Vânia Narciso, Sônia Oliveira, as mães pretas que me ajudaram na correria para realizar as etapas de seleção do mestrado e ficavam com meu filho: Nilce Maria, Nilza Anjos, Juliana Carvalho, Fabiana dos Anjos. Assim como, as parcerias com Giovanni Harvey, Zakiya Carr de Atlanta (USA), Kiratiana Freelom de Chicago (USA), Sheila Walker de Washington (USA), Hoji Fortuna (Portugal), Douglas Taylor de Indianópolis (USA), Tainá Almeida, Renato Ferreira, Fabio Tavares, Elisa Larkin, Nanci Rosa e Asfilófio Filho (Filó) e o grupo Travessuras & Gostosuras, composto por mulheres negras acima de sessenta anos de idade, que me dão exemplo de garra, amor, solidariedade e sabor à vida.

Ao projeto internacional “60+Para ouvir” do Alafiá Mundo que me mostrou a cada encontro a importância de buscarmos nossas histórias pretas e valorizar quem está mais tempo na trajetória que foi construída com muito suor, dor e sangue, e ao mesmo tempo com muita irreverência, criatividade, amor ao próximo e resistência.

A todas as pessoas que cederam seus momentos, compartilhando suas vidas, na pesquisa que foi escrita com várias mãos e mentes pensantes. Na verdade, escrevemos uma história de amor ao samba, e principalmente a vida.

A nossa ancestralidade, e as pessoas que estão na trajetória a mais tempo que eu, ao movimento negro que sempre lutou por um mundo mais humanizado, mostrando um universo possível, onde cabem todos os indivíduos com as suas diferenças.

As pessoas que faleceram durante a pandemia por covid, e que não tiveram tempo de ver e ouvir essa memória tão linda da Mocidade Independente de Padre Miguel.

Aos amigos do Espaço Cultural Marcio Conde, anexo ao (Clube) Creib, um lugar de resistência e principalmente, de muito amor ao próximo, em especial ao Murilo de Araújo, que sempre me incentivou a buscar as histórias das famílias negras do nosso bairro de Padre Miguel.

Aos seres de luz visíveis e invisíveis que me conduziram de maneira generosa, trazendo no vento o que eu precisava escrever, possibilidades que só minha mãe e filha Oyá me proporcionam a todo momento.

Aos pretos velhos e pretas velhas que sempre reverencio e a todo momento estiveram juntinhos comigo nessa caminhada, clamando por justiça e reconhecimento, proporcionando que eu faça uma pesquisa sobre pessoas centenárias.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

GUINOND, J. “Minha Mocidade” (In)dependente de Padre Miguel: Preservação e memória de uma Escola de Samba, 2022, 220 p. Dissertação (Mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade). Instituto Multidisciplinar. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ, 2021.

A memória e a preservação da história de uma Escola de samba é um tema que possibilita reconhecer e conhecer as potencialidades culturais da sociedade brasileira. O estudo deste trabalho, foi realizado especificamente sobre a fundação da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, referente ao período da década de 50 e 60, trazendo algumas histórias de famílias, dialogando com o passado, no presente e propondo reflexões para o futuro. Intercalando com a formação do bairro, e possibilitando um conhecimento de exemplos de amor à vida, aos encontros e principalmente ao Samba, através da criatividade de existir e resistir. Utilizamos o girar das baianas, dos mestres-salas e porta-bandeiras, e o cantar dos pássaros, representando os compositores, mostrando os diversos cartões de identidades possíveis. Foi utilizada como metodologia, a abordagem qualitativa, a história oral, uma obra escrita por várias mãos e mentes pensantes, proporcionando um retorno às raízes que deram bons frutos, onde utilizamos as árvores genealógicas para compor este enredo. Na comissão de frente apresentamos a potencialidade de grupos, que reproduzem diversos valores civilizatórios da filosofia africana, tão presentes em famílias pretas, que ressignificam suas existências, ultrapassando o muro invisível das impossibilidades. E no destaque confirmando que "Sonhar não custa nada", apresentamos a Mocidade de outrora, uma agremiação conhecida e querida através de sua grande bateria nota dez, que faz o coração pulsar de alegria quando os tambores tocam. Retornar a um passado que potencializa e aumenta o orgulho de ser de Padre Miguel. Contando histórias de Ivos, Andrés, Silvios, Dengos, Orozimbos, Arys, Wandys, Toco, Tiãos, Jorjões e Tiãozinhos. Também, da grande presença feminina nessa trajetória, das Chicas, Gildas, Helenas, Rembas, Nadirs, Nildas, Bibianas, Selmas e Elzas, e integrantes representando a Galeria da Velha Guarda, que são de suma importância para uma Escola de Samba, representando no conjunto da harmonia, a chave de ouro de manutenção deste portal, tão fundamental para o diálogo com a alegoria que estimulam a memória ancestral, com vozes que ecoam: Salve a Mocidade! Salve a Mocidade!

Palavras-chave: Memória, Patrimônio, Escolas de samba, Mocidade Independente de Padre Miguel.

ABSTRACT

GUINOND, J. "My mocidade (in)dependente de Padre Miguel: preservation and legacy of a Samba School, 2022, 220 p. Dissertação (Mestrado em Patrimônio, Cultura e Sociedade). Instituto Multidisciplinar. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ, 2021.

The legacy and preservation of the history of a samba school is a theme that makes it possible to recognize and know the cultural potential of Brazilian society. The focus of this work was carried out specifically on the founding of G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, referring to the period of the 1950s and 1960s, by including some stories of the families involved, dialoguing with the past, in the present and proposing reflections for the future. Interspersing with the formation of the neighborhood, and enabling a knowledge of examples of love for life, community meetings and especially Samba, through the creativity of "existing" and "resisting". We use the twirling of the Bahians, the "mestre-salas" and flag holders, and the singing of the birds, representing the composers, showing the various cards of possible identities. It was used as a methodology, the qualitative approach, oral history, a work written by various hands and thinking minds, providing a return to the roots that fruitful, where we use the genealogical trees to compose this plot. In the front commission we present the potential of groups, which reproduce various civilizing values of African philosophy that are so present in black families, that they underscore their existences, overcoming the invisible wall of impossibilities. And in the highlighted theme confirming that "Dreaming costs nothing", we present the Mocidade of yesteryear, a known and beloved association through its large drum corps Note 10, which makes the heart beat with joy when the drums play. Return to a past that enhances and increases the pride of being from the community of Padre Miguel, telling the stories of Ivos, Andrés, Silvios, Dengos, Orozimbos, Arys, Wandyr, Toco, Tiãos, Jorjões and Tiãozinhos. And also of the great female presence in this trajectory of the Chicas, Gildas, Helenas, Rembas, Nadirs, Nildas, Bibianas, Selmas and Elzas, and members representing the Gallery of the Old Guard, which are of paramount importance for a Samba School, representing in the whole of harmony, the golden key of maintenance of this portal, so fundamental for dialogue WITH ALLEGORY THAT PROMOTES THE ANCESTRAL LEGACY, THROUGH VOICES THAT ECO: Save MOCIDADE! Save MOCIDADE!

Keywords: History, Legacy, Heritage, Samba schools, Mocidade Independente de Padre Miguel.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Adinkra Sankofa	41
Figura 2 - Árvore genealógica da pesquisadora	42
Figura 3 - Selma Bustamante aos 29 anos (minha mãe)	43
Figura 4 - Maria Bernardo, mãe de Selma (minha avó).....	44
Figura 5 - Indalécio B Bustamante, pai de Selma (meu avô).....	44
Figura 6 - Vó paterna Palmira, Tio Jair, Tia Leda e Vô paterno Maceió.....	48
Figura 7 - Carnaval Rio de Janeiro	53
Figura 8 - Baianas com trajes de Nossa Senhora da Boa Morte.....	56
Figura 9 - Tia Chica	57
Figura 10 - Tia Bibiana beija foto de sua mãe Tia Chica.....	59
Figura 11 - Capa do Disco – Mocidade Independente – 1968	66
Figura 12 - Yvanoí conversa com Poty – Jornal Correio da Manhã.....	67
Figura 13 - Reportagem sobre a Rainha do Independente	68
Figura 14- Reportagem do Jornal Correio da Manhã do dia 27 de janeiro de 1960.....	68
Figura 15 - Matéria sobre quebra de favoritismo da Mocidade	69
Figura 16 - Caminho Imperial – Jornal O Globo.....	71
Figura 17 - Cine Moça Bonita	72
Figura 18 - Matéria Jornal - " Não há melhor bateria" – 1969.....	76
Figura 19 - Inauguração do IAPI de Padre Miguel - 1952.....	78
Figura 20 - Inauguração do IAPI – Padre Miguel (Caixa D’água) – 1952	79
Figura 21- Parte externa do CREIB de Padre Miguel (2021)	80
Figura 22 - Parte externa do CREIB de Padre Miguel (2022)	80
Figura 23 - Parte interna do CREIB de Padre Miguel	81
Figura 24 - Conjunto habitacional Dom Jaime Câmara - Padre Miguel.....	82
Figura 25 - Mapa de Padre Miguel	82
Figura 26 - Mapa do Continente Africano	83
Figura 27 - Busto de Zumbi de Palmares em Padre Miguel – Ponto Chic	85
Figura 28- Independente Futebol Clube.....	87
Figura 29 - Ivo Lavadeira no Campo do Bangu	88
Figura 30 - Ivo Lavadeira na quadra tradicional da Mocidade	88
Figura 31 - Sr. Sylvio Trindade, Tio Vivinho – Primeiro Presidente.....	104

Figura 32 – Parte da Família Tio Vivinho.....	105
Figura 33 - Bateria – G.R.E.S. Unidos da Capela batiza bateria da G.R.E.S. Mocidade	107
Figura 34 - Mãe Dulcinéia de Oliveira e Pai Arioldantino Vieira (Tio Dengo).....	109
Figura 35 - Lembrança da Velha Guarda - Missa – Tio Dengo – 1980.....	109
Figura 36 - Jornal O Dia - "Um astro no samba" - Dengo de Paulo da Portela	111
Figura 37- Sr. Orozimbo de Oliveira – Terceiro Presidente da Mocidade Independente.....	113
Figura 38 - Medalhas da atleta Rosângela Santos, neta de Sr. Orozimbo	115
Figura 39 - Medalhas da atleta Rosângela Santos, neta de Sr. Orozimbo	115
Figura 40 - Troféus da atleta Rosângela Santos, neta de Sr. Orozimbo	116
Figura 41- Família Orozimbo de Oliveira.....	117
Figura 42 - Sr. Orozimbo e Dona Nadir.....	117
Figura 43 – Árvore genealógica- Sr. Orozimbo de Oliveira	118
Figura 44 - Maria da Penha de Oliveira, Panderista - Família Orozimbo	119
Figura 45 - Informações sobre a ala de coordenação da Tia Gracinha	120
Figura 46 - Mestre Jorjão - Filho Sr. Orozimbo	120
Figura 47- Paula Persson – Porta-bandeira mirim da Mocidade Independente	121
Figura 48 - Tia Gracinha com o sobrinho Gabriel Macedo - Família Orozimbo	121
Figura 49 - Tia Gracinha com o cantor Dudu Nobre e sua irmã, a Porta-bandeira – Lucinha Nobre.....	122
Figura 50 - Mestre Jonas	123
Figura 51 - Carteira da Rede Ferroviária Federal S.A – Mestre André (1968).....	125
Figura 52 - Mestre André – Motorista da Rede Ferroviária Federal S. A	126
Figura 53 - Jornal Correio da Manhã - Bateria Nota Dez - O "olé" no SAMBA.....	131
Figura 54 - Mestre André - Carteira de 1º Diretor de Bateria – GRES Portela - 1966.....	132
Figura 55 - Mestre André - Carteira de sócio honorário nº 1 do GRES Unidos de Padre Miguel	132
Figura 56 - Mestre André guardando os equipamentos na Mocidade	134
Figura 57 - Mestre André	135
Figura 58 - Jornal Correio da Manhã - Mocidade poderá quebrar favoritos.....	136
Figura 59 - Apresentação de ritmistas na Avenida	137
Figura 60 - Busto de Mestre André – BN10 – 2022	138
Figura 61 - Wandyr Trindade, Vô Macumba – Presidente da Mocidade	139
Figura 62 - Prêmio - Wandyr Trindade - Vô Macumba.....	140
Figura 63 - Prêmio - Wandyr Trindade - Vô Macumba – 2.....	140

Figura 64 - Capa do 1º Livro de ata - reunião de diretoria (1955 – 1959).....	142
Figura 65 - Terreiro de Umbanda da Tia Nair.....	143
Figura 66- Árvore Genealógica - Tio Vivinho	144
Figura 67 - Nome de Diretoria Agremiação na Ata de fundação da Mocidade	145
Figura 68 - Ipólito Trindade - Tio Macumbinha	146
Figura 69 - Diploma de Benemérito Ipólito Trindade - 05.10.2003.....	149
Figura 70 - Mestre Jorjão	149
Figura 71 - Foto - Sebastião Esteves – Tião Miquimba.....	154
Figura 72 - Foto Ary de Lima.....	155
Figura 73 - Carteirinha de Ary de Lima na Assoc. Carnavalesca Beija-Flor (1952)	156
Figura 74 - Carteirinha de Ary de Lima do CREIB.....	157
Figura 75 - Árvore Genealógica de Ary de Lima	158
Figura 76 - Carteirinha de Ary de Lima - Sócio proprietário – Título nº 3	159
Figura 77- Foto – Preparação e divulgação do Carnaval Ziriguidum 2001	163
Figura 78 Elza Soares Troféu Rainha do Samba (1974).....	165
Figura 79 - Foto: Elza Soares e Fumão.....	166
Figura 80 - Foto: Compositor Antonio Correa Espírito Santo, o Toco	168
Figura 81 - Galeria Velha Guarda - Fundação em 1963.....	172
Figura 82 - Velha Guarda na avenida - Ivo Lavadeira.....	172
Figura 83 - Mulheres na Velha Guarda.....	173
Figura 84 - Sede da Galeria da Velha Guarda da Mocidade	174
Figura 85- Velha Guarda Show	175
Figura 86- Vô Macumba recebe prêmio Machine das mãos de Machine e Cátia Calixto.....	176
Figura 87 - Velha Guarda da Mocidade Independente de Padre Miguel ganha o Prêmio Machine (2022).....	177
Figura 88 - Ornamentação do Encontro da Galeria das Velhas Guarda na Mocidade (2022).....	178
Figura 89 - Encontro da Galeria das Velhas Guarda na Mocidade (2022)	179
Figura 90 - Baiana Tia Nilda na quadra tradicional.....	180
Figura 91 - Tia Nilda - Baiana da Mocidade	182
Figura 92 - Foto - Tiãozinho da Mocidade	183
Figura 93 - Foto: Moeda em comemoração aos 100 anos do samba	188
Figura 94 - Foto: Elza Soares e Tiãozinho da Mocidade	191
Figura 95 - Ata G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel - 1955.....	193
Figura 96 – Beija -Flor batiza Mocidade Independente - Ata do dia 20/01/1957	194

Figura 97 - Ata sobre a baile de coroação da Rainha – 1958	195
Figura 98 - Foto: Patrono Castor de Andrade beijando a bandeira da escola, defendida por Roxinho e Soninha.....	195

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Carnavais da GRES Mocidade (1952 a 1965)	92
Quadro 2 - Presidência (Ano de 1955 a 1965)	103
Quadro 3 - Mestre Jorjão - Diretor de Bateria - Escolas de samba (1988-2015)	151
Quadro 4 - Mestre Jorjão - Oficinas realizadas (2001 - 2014)	152
Quadro 5 - Mestre Jorjão - Participações - Escolas de samba - (1991-2006)	152
Quadro 6 - Mestre Jorjão - Jurado - Escola de samba (2009-2015)	152
Quadro 7 - Mestre Jorjão - Premiações - Escolas de samba (1991-2004)	153

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Imigração portuguesa para o Brasil (1500-1991).....	75
Tabela 2 - Imigrantes portugueses por sexo (1940-1991).....	75

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Faixa etária de pesquisados(as)	95
Gráfico 2 - Entrevistas presenciais e online	96
Gráfico 3 - Memória e suas vertentes	97

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

ALERJ	Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro
ASBAC	Associação dos Servidores do Banco Central
CEG	Companhia Estadual de Gás
CEPEL	Centro de Pesquisas de Energia Elétrica
CREIB	Clube Recreativo dos Industriários de Bangu e Adjacências
ELETRORAS	Centrais Elétricas Brasileiras S/A
ELETROSUL	Cia de Geração e Transmissão de Energia Elétrica do Sul do Brasil
ESMI	Escola de Samba Mocidade do Independente
EUA	Estados Unidos da América
GR	Grêmio Recreativo
GRES	Grêmio Recreativo Escola de Samba
IAPÍ	Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFCS	Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
IML	Instituto Médico Legal
INRC	Inventário Nacional de Referência Cultural
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LEAFRO	Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas
LIESA	Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro
MPB	Música Popular Brasileira
NEAB	Núcleo de Estudos Afro-brasileiros
ONG	Organização Não Governamental
PETROBRAS	Petróleo Brasileiro S/A
SAMU	Serviço de Atendimento Móvel de Urgência
SEPPÍR	Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
SESC	Serviço Social do Comércio

SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO - I ESCOLA DE SAMBA, FAMÍLIA NEGRA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA	34
1.1 Retornar para casa: importância da memória familiar na construção da identidade	34
1.2 Escolas de samba e cultura negra no Rio de Janeiro: aspectos históricos, políticos, sociais e culturais	51
1.2.1 A Escola de samba como patrimônio cultural: Valorização afro-brasileira ...	53
1.3 A força feminina das Escolas de samba	55
1.3.1 Francisca Ferreira da Silva – Tia Chica	57
1.3.1.1 Tia Bibiana dos Santos – 82 anos	59
1.3.2 Maria da Glória Vieira	62
1.3.3 Dona Nadir de Oliveira	62
1.3.4 Dona Gilda Faria Lima	62
1.3.5 Porta bandeira – Helena do siri	65
1.3.6 Elizete Cândida da Silva - Remba	65
1.3.7 Dona Yvanoí	66
CAPÍTULO II - MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL: MEMÓRIA, HISTÓRIA E FORMAÇÃO.....	70
2.1 O bairro de Padre Miguel: Formação e contexto cultural	70
2.2 Futebol, terreiro e samba: Nasce a Mocidade Independente de Padre Miguel..	85
2.2.1 Ivo Lavadeira – 88 anos - Independente Futebol Clube	88
2.3 Criações, campeonatos e fatos	92
CAPÍTULO III - MEMÓRIAS, ANCESTRALIDADE E PRESERVAÇÃO DA ESCOLA DE SAMBA MOCIDADE INDEPENDENTE	94
3.1 Preservação da história e valores da escola	96
3.2 Os primeiros presidentes: Referências históricas.....	103
3.2.1 Sylvio Trindade - Tio Vivinho (113 anos)	104
3.2.2 Arioldantino Vieira - Tio Dengo (110 anos)	108
3.2.3 Orozimbo de Oliveira (100 anos).....	112

3.2.4 Maestro José Pereira da Silva - Mestre André (90 anos)	124
3.3 Outras referências históricas	139
3.3.1 Wandyr Trindade - Vô Macumba (85 anos).....	139
3.3.2 Ipólito Trindade - Tio Macumbinha (78 anos)	146
3.3.3 Mestre Jorjão.....	149
3.3.4 Sebastião Esteves - Tião Miquimba	153
3.3.5 Ary de Lima (95 anos).....	154
3.3.6 Elza Soares – 91 anos – Menção Honrosa.....	165
3.3.7 Toco da Mocidade – 80 anos – Menção Honrosa.....	167
CAPÍTULO IV... 171 - VELHA GUARDA RAÍZ E OUTRAS REFERÊNCIAS DO	
G.R.E.S.. MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL	171
4.1 Galeria da Velha-Guarda.....	171
4.2 Tia Nilda da Mocidade (85 anos).....	179
4.3 Tiãozinho da Mocidade (73 anos).....	183
4.4 Departamento cultural e os desafios da memória em redes	191
4.4.1 Documentos Oficiais da GRES Mocidade Independente de Padre Miguel .	192
4.5 Castor de Andrade – 96 anos - Menção honrosa	195
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	197
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	209
APÊNDICE A - ENTREVISTAS	214
ANEXO I– MATÉRIAS SOBRE A MOCIDADE JORNAIS (1956 A 1969)	215

INTRODUÇÃO

Esta dissertação aborda as escolas de samba como patrimônio cultural e lugar de preservação da cultura do samba e memórias das famílias negras no Rio de Janeiro, com destaques para o protagonismo dessas famílias mediante a atuação daqueles que se tornaram ao longo do tempo, as referências culturais identificadas com essas agremiações como os seus baluartes e fundadores formadores da primeira geração do que podemos chamar de “Velha Guarda Raiz”.

Do ponto de vista da sua amplitude, trata-se de um estudo sobre o Grêmio Recreativo Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel, doravante Mocidade Independente de Padre Miguel, uma das maiores e tradicionais escolas de samba do Rio de Janeiro, a partir das memórias e trajetórias de seus fundadores, fundadoras e principais protagonistas das décadas de 1950 e 1960, desde o pontapé inicial dado no Independente Futebol Clube, o time de futebol criado no ano de 1952, de onde originou a Mocidade Independente de Padre Miguel. A ideia principal é trabalhar a questão da preservação cultural desta Escola de samba, na perspectiva das memórias vivas da comunidade onde nasceu e foi criada, a partir daqueles e daquelas que participaram, conviveram e contribuíram para sua construção, desenvolvimento e consolidação, na condição de sambistas, compositores, artistas, artesãos, passistas, mestres-salas, porta-bandeiras, rainhas, dentre outros personagens de destaques da agremiação.

Nosso pressuposto é que essas pessoas fundadoras e formadoras da primeira geração da Velha Guarda tornaram as principais referências da agremiação pelos lugares que ocupam nas memórias que ultrapassaram o tempo em que existiram, que no presente podem dizer muito sobre a história da formação e desenvolvimento da cultura do samba, do universo territorial e simbólico do período de criação, e consolidação G.R.E.S. da Mocidade Independente de Padre Miguel como escola de samba, por tudo que fizeram e representam de um tempo que não existe mais.

Utilizaremos aqui o termo “Velha Guarda Raiz” no sentido de pensar essas pessoas como referências e guardiãs da história, memória e símbolos que dão os fundamentos de uma tradição que preservam os valores desta agremiação, situada na Zona Oeste, identificada com uma região que congrega a maior parte da população da cidade do Rio de Janeiro.

Pensar a Velha Guarda Raiz e demais fundadores do G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, nos levar a refletir sobre a importância das famílias pretas na construção e consolidação das escolas de samba, tendo em vista que a atuação dessas pessoas que se tornaram símbolos da escola, na maioria das vezes, são coletivas e familiares, o que remete também o

lugar de origem onde a agremiação foi estabelecida, o bairro de Padre Miguel, localizado na zona oeste da capital carioca, entre os bairros de Realengo e Bangu. A partir da escola de samba, este pequeno bairro ganhou visibilidade no cenário local, regional, nacional e internacional, tudo por conta do amor que essas pessoas referências dedicaram ao samba e a Mocidade Independente de Padre Miguel.

Historicamente, as escolas de samba surgiram como fenômeno social e cultural vinculadas ao desenvolvimento do samba e a popularização do carnaval carioca, a partir do protagonismo das famílias e comunidades negras residentes que ocupam as áreas urbanas e periféricas da cidade do Rio de Janeiro (subúrbios). Com a introdução da organização grupal da população negra e pobre nas práticas carnavalescas e a criação de um novo tipo de samba advindos dos batuques dos africanos escravizados, as escolas de samba se afirmaram como espaço de sociabilidade com uma identidade cultural singular do negro no Rio de Janeiro, passo importante para o reconhecimento e ascensão social do negro brasileiro, compreendido aqui como afro-brasileiros, isto é, filhos/as da diáspora africana nascidos no Brasil (SISS, 2003).

Portanto, o samba e as escolas de samba são produtos da história social, política e cultural da população afro-brasileira. Não por acaso, elas tornaram-se as associações populares culturais e recreativas que surgiram na cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX, num contexto de desenvolvimento do capitalismo no Brasil através dos processos de urbanização e industrialização da cidade, um ambiente social marcado pela miséria, violência estatal, perseguição, marginalização da população negra que predominava nas regiões periféricas e morros da cidade do Rio de Janeiro, devido ao racismo que está na base das relações sociais e permeia a estrutura social de nossa sociedade. Neste ambiente social, o samba assim como a capoeira, os terreiros de candomblé e umbanda, só para ficarmos nas principais referências da cultura negra, foram e ainda hoje são discriminados.

A “Deixa Falar” foi a primeira escola de samba de que temos notícia, criada em 18 de agosto de 1928, por um grupo de “bambas” (sambistas compositores respeitados no mundo do samba)¹, no pé do Morro de São Carlos, no bairro do Estácio, na cidade do Rio de Janeiro. O termo “escola” utilizado para se referir a um bloco carnavalesco surgiu de uma brincadeira em alusão à Escola Normal que existia neste bairro, em frente ao bar onde esses bambas frequentavam, que se consideraram também professores do novo tipo de samba que faziam, segundo um dos seus fundadores Ismael Silva (CABRAL, 1996). Porém, no fundo, foi uma estratégia política utilizada para conseguir a licença para o bloco desfilar no grande palco do

¹ Vale citar que entre esses bambas fundadores, temos os compositores Ismael Silva, Heitor dos Prazeres, Nilton Basto, Silvio Fernandes, Oswaldo Vasques, Edgar, Julinho, Aurélio, Bidi, Marçal, Bicho Novo, entre outros.

carnaval da cidade que era a Praça Onze, uma tática para fugir da discriminação e das barreiras impostas pelas autoridades que estavam submetidos, como também uma busca pela ascensão social, segundo o pesquisador Augusto Lima (2002).

Do ponto de vista da preservação da história, memória e símbolos das agremiações, optamos por pensar as pessoas que lhe deram origem, sentido e significados como referências da cultura do samba, na qual as escolas e/ou comunidades são o universo. Daí nossa escolha por aqueles e aquelas que podem dizer muito sobre a formação das mesmas e que tiveram uma vida inteira dedicada ao amor e a paixão por sua escola de samba, as pessoas fundadoras e formadora da primeira geração da Velha Guarda.

Popularmente chamada “raiz” da cultura, as “referências são objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção de sentidos de identidade” (IPHAN, 2000, p. 29). Importante dizer, que “referência cultural” é um termo introduzido no campo do patrimônio cultural, a partir do ano 2000, com a adoção do Inventário Nacional de Referência Cultural (INRC) como instrumento de produção do conhecimento associado ao Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial, na constituição do que passou a ser categorizado como patrimônio imaterial. Trata-se de uma expressão advinda da antropologia cultural que expressa uma perspectiva plural e enfatiza a diversidade tanto da produção material quanto dos sentidos e valores atribuídos por diferentes sujeitos, segundo Fonseca (2012, p. 37).

Esta perspectiva que “veio ‘descentrar’ os critérios, considerados objetivos, [...] fundada em saberes considerados legítimos, que costumavam nortear as interpretações e as atuações no campo da preservação de bens culturais”, provocando um deslocamento de foco que era nos bens (pelo peso material e simbólico) para a “dinâmica de atribuição de sentidos e valores”. Neste sentido, “quando se fala em referenciais culturais, se pressupõem sujeitos para os quais essas referências façam sentido (referência para quem?)”, segundo esta autora (FONSECA, 2012, p. 35).

No nosso estudo, essas referências são as pessoas que ao atuarem de forma individual e coletiva formam a comunidade da Mocidade Independente de Padre Miguel, que lhe dá sentido e significado como uma escola de samba, social, cultural e institucionalmente consolidada, dentre os quais destacamos sambistas, compositores, músicos e demais integrantes (cozinheiras, aderecistas, funcionários, outros), em especial os fundadores e formadores da primeira geração da agremiação, denominada aqui de Velha Guarda Raiz, isto é, pessoas que dedicaram suas vidas pelo amor e paixão a Mocidade Independente de Padre Miguel, cujas histórias de vida se confundem, muitas vezes, com a escola.

Para nós, pessoas diferenciadas e reconhecidas pela comunidade por tudo que representam em experiências e saberes produzidos e repassados em ações coletivas desenvolvidas para construir edificações, lugares, objetos e práticas (artes, ofícios e festas) (IPHAN, 2002-2018), que mobilizaram a comunidade em torno da escola de samba, fortalecendo o sentimento de pertencimento que dá sentido e identidade a Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel. Portanto, pensamos em um trabalho sobre as principais referências históricas da Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel, tendo como base as memórias reconstruídas a partir de quem viveu os acontecimentos diretamente ou por “tabela” (POLLAK, 1999).

A Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel que recebe o mesmo nome do bairro onde foi criada e está localizada, decorre desta estratégia de luta das famílias e comunidades predominantemente negras e moradoras das periferias urbanas do Rio de Janeiro. Segundo a Ata de Constituição, foi fundada em 10 de novembro do ano de 1955, a partir de um grupo de futebol amador, no ano de 1952, o “Independente Futebol Clube”, no bairro de Padre Miguel, localizado entre Realengo e Bangu, na zona oeste no Rio de Janeiro, em uma época de crescimento e desenvolvimento urbano e industrial da capital carioca e de sua expansão para regiões periféricas em um intenso movimento migratório. Esta região foi uma grande receptora de mão de obra oriunda deste movimento, abrigando pessoas de outras cidades do Estado do Rio de Janeiro e de outras regiões como Norte e Nordeste, ao longo da década de 1950 e 1960.

Nesse processo, destacamos a política habitacional mediante a construção das habitações verticais e populares do Estado responsável por criar na região comunidades prioritariamente operárias e negras que irão empreender atividades culturais diversas. Dentre essas comunidades, ressaltamos a Vila Vintém, com quem a Mocidade Independente de Padre Miguel tem estreita ligação, porém com o descaso do poder público encontra-se mergulhada em um ambiente social marcado pela violência urbana e por várias formas de preconceitos e discriminação.

Nesse cenário, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel, simplesmente Mocidade Independente de Padre Miguel, é um espaço de sociabilidade social, de afirmação e de empoderamento desta e outras comunidades negras para além do espaço físico e geográfico do bairro onde está localizada. Esta afirmação e reconhecimento passa pela conquista do posto de ser a sétima maior escola de samba vencedora do Carnaval das Campeãs do Carnaval do Rio de Janeiro (1979, 1985, 1990, 1991, 1996 e 2017), dentre outras conquistas, referência e patrimônio cultural de toda região.

Com o passar dos anos, as escolas de samba não somente popularizaram o carnaval no Rio de Janeiro, como o expandiu para além das fronteiras regionais, nacionais e internacionais. Mais do que isso, fortaleceu o samba como cultura brasileira, melhor dizendo, afro-brasileira, reconhecido como patrimônio por tudo que representa e significa com símbolo da nossa cultura, por sua complexidade, plasticidade, diversidade e criatividade humana. No ano de 2007, o partido alto, o samba de terreiro e o samba enredo considerados matrizes do samba do Rio de Janeiro foram inscritas no Livro de Registro de Formas e Expressões transformado em patrimônio cultural brasileiro pelo Estado, através do seu órgão executor da política nacional de preservação cultural, o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o IPHAN. Reconhecimento mais que tardio.

À esta transformação, demandada pela comunidade do samba (Centro Cultural Cartola) e demais pesquisadores e pesquisadoras do tema, seguiram outros reconhecimentos oficiais, alguns com o foco principal nas escolas de samba do Rio de Janeiro, com o objetivo de preservar a cultura do samba, a história, a memória, símbolos da agremiação, dentre outros. Com este foco, o presente estudo tem como objeto a Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel no que diz respeito à manutenção de sua história, memória e símbolos. Portanto, a principal questão deste estudo é: Qual a importância das referências pessoais fundadoras na preservação da história, memória e símbolos da Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel?

Analisar a importância das principais referências pessoais fundadoras e formadoras da primeira geração da Velha Guarda da Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel, constitui o objetivo geral de nossa pesquisa. Tais referências são aqui compreendidas como guardiãs da memória ancestral e histórica, depositárias dos fundamentos e identidade cultural da escola de Samba.

Especificamente, a pesquisa busca: a) relacionar as escolas de samba como valorização da cultura afro-brasileira e afirmação das famílias negras; b) Contextualizar o surgimento e a formação do Grêmio Recreativo Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel; c) levantar e identificar as principais referências pessoais e guardiã da memória do G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel; d) Elaborar um quadro descritivo Velha Guarda Guardiã da memória da Escola de Samba de Padre Miguel, a partir das narrativas familiares e amigos.

Para trabalhar essa e outras questões, a pesquisa buscou diálogos com referências teóricas do campo da memória, do patrimônio cultural, da cultura afro-brasileira e diáspora africana. Portanto, para valorizar os diversos sentidos de memória tivemos como base reflexões

de pensadores como Michel Pollak (1989 e 1992) e Pierre Nora, (1993) que abordam principalmente questões relacionadas as memórias “(in)visíveis”. Tivemos como base também, reflexões da antropóloga norte americana Sheila Walker (2018) que propiciou o exercício do “Conhecimento desde dentro”, para compreensão da importância do resgate de memórias, envolvendo a diáspora negra e a importância de “recompor o quebra-cabeça”, ou pelo menos parte dele, de uma ou várias histórias. Sobre cultura afro-brasileira considerando o contexto da formação das escolas de samba com foco na Escola de Samba Mocidade Independente, com ênfase na afirmação da cultura e identidade negra, perpassando pela formação do bairro e da agremiação, fizemos um exercício de pertencimento, que parte do princípio de que “para preservar tem que conhecer” (FERNANDES, 2018).

Buscar informações com quem vivenciou os acontecimentos ou tiveram acesso as experiências de alguns fundadores da escola, pode ilustrar as diversas formas de reinvenção das formas e expressões culturais dos africanos escravizados e seus descendentes, no contexto do fenômeno da diáspora, que legou suas tradições, crenças, hábitos e valores, encontrados principalmente numa Escola de Samba, comprovamos que “[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva” (POLLAK, 1992, p. 05).

Procedimentos metodológicos

Como um estudo de natureza básica, visamos gerar conhecimentos com base em pesquisas tipo descritiva, documental e bibliográfica, o que possibilita identificar, registrar e analisar características do fenômeno estudado, as escolas de samba, a partir de fontes primárias e secundárias. Metodologicamente, tratando-se de um estudo de caso, utilizando uma abordagem qualitativa, por tratar-se de uma investigação sobre algo específico dentro de um contexto real, a Velha Guarda Raiz da Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel. O que proporcionou aprofundamento como um fenômeno específico das escolas de samba, no sentido de apreensão da sua complexidade e particularidades para maior entendimento das suas singularidades.

Cabe destacar que não foi fácil chegar até aqui, pois ao longo do percurso investigativo vivenciamos dificuldades com momentos marcados por muitas emoções, alegrias, idas e vindas, provocando alterações, improvisações e criatividade no processo de elaboração desta dissertação. Tendo em vista os limites impostos pelo curto espaço de tempo do curso de mestrado no que diz respeito ao tempo para o processo de investigação acadêmica, agravado pela situação de isolamento social por conta da pandemia causada pelo vírus Covid-19, optamos

por um recorte temporal do ano de 1952 ao ano de 1965, e alguns desdobramentos do contexto de surgimento e formação da escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel transformando-se em espaço social, cultural e recreativo de uma comunidade negra na zona oeste e expressão cultural do samba e do carnaval do Rio de Janeiro. Portanto, os limites deste trabalho foram dados pelas dificuldades oriundas deste cenário marcado pelo falecimento de algumas dessas referências aqui entendidas como interlocutoras e intérpretes da cultura do samba e desta escola de samba.

A pesquisa documental consistiu na coleta de informações registradas e guardadas em arquivos pessoais e da própria agremiação. Em muitas vezes, o recurso da pesquisa na internet (*online*) nos perfis das pessoas e da escola possibilitou identificar e selecionar material para análises que permitiram descrever fatos e situações relacionadas a vida social, política, econômica, tanto no coletivo, ou seja, na comunidade, quanto dos indivíduos com a suas particularidades.

Por conta da pandemia iniciada no ano de 2020, a pesquisa documental que seria feita através dos órgãos públicos, na consulta a vídeos, filmes, fotografias, entre outros, tornou-se impossível, pela necessidade do acesso presencial. Entretanto, no período de 2020, tivemos acesso; com a articulação da Sra. Dra. Nilcemar Nogueira; a depoimentos do Centro Cultural Cartola, de celebridades do samba, como: de Tia Nilda, Ivo Lavadeira, Mestre Jorjão e Tiãozinho da Mocidade, e de um áudio do ano de 1967, que se encontra no Museu da Imagem e do Som, na qual tivemos a possibilidade de ouvir alguns fundadores da agremiação, como: Tio Vivinho, Oswaldo Sales Barbosa, Mestre André, Renato Ferreira da Silva (Chapelão), Ary de Lima e Tio Dengo.

A pesquisa bibliográfica consistiu em consultar referências já publicadas que tinham familiaridade com o tema, com destaque para a importância de textos, artigos e livros de estudos acadêmicos existentes, além de revistas, jornais e mídias sociais em geral. Com isso, foi possível reunir um conjunto de material público sobre a historicidade da Escola de Samba, que propiciaram conhecimento de fatos passados, permitindo informações e possíveis incompatibilidades e contradições (GIL, 2008. p.45).

No entanto, queremos destacar a joia rara que constitui o cerne deste estudo que são as informações coletadas em entrevistas sobre as referências pessoais históricas da Mocidade Independente de Padre Miguel. A partir das memórias dos entrevistados vivos, foi possível construir um quadro de referências histórias *in memoriam* da escola. Ao todo foram realizadas vinte e três entrevistas com base em um roteiro semiestruturado, a maioria *online* devido a pandemia, através da plataforma Zoom, disponibilizada pelo ator angolano, amigo, que

atualmente mora em Portugal, Sr. Hoji Fortuna, o que facilitou o registro das informações coletadas, com pessoas que participaram e testemunharam acontecimentos, ou para apresentar seus pontos de vistas, suas vidas, perpassando pela chegada de cada um e cada uma na Escola de samba e no bairro de Padre Miguel, utilizando procedimento semelhantes ao da metodologia da História Oral.

Tínhamos alguns nomes sugeridos para a contribuição na pesquisa, entretanto, por conta do momento de pandemia, com algumas pessoas não foi possível o contato com a família, outros faleceram, e seus familiares nada sabem sobre a história deles, e/ou por conta de não se sentirem à vontade para participar da entrevista, por não obtermos o retorno e principalmente, porque este ano atípico, na qual o carnaval com os desfiles das Escolas de samba aconteceu excepcionalmente no mês de abril, portanto, a atenção para os preparativos estava como prioridade.

As memórias dos entrevistados, por tabela, forneceram valiosas informações sobre a história de vida de vários componentes, e consequentemente da história e trajetória da Mocidade Independente de Padre Miguel, dentre as quais destacamos como referências históricas: Tio Vivinho (Silvio Trindade) que foi o primeiro presidente da Mocidade; Tio Dengo (Arioldantino Vieira), segundo presidente da escola e fundador da Galeria da Velha Guarda; Orozimbo de Oliveira, terceiro presidente da escola; Ary de Lima, baluarte, carnavalesco e compositor; Dona Nadir de Oliveira, primeira dama e destaque da escola, deu de presente a primeira geladeira da agremiação; Elza Soares, cantora e intérprete dos sambas enredos, a voz mais famosa que elevou o nome da agremiação para além do universo do samba; Mestre André, músico e mestre de bateria que deu fama a escola com a marca Bateria Nota Dez; Ivo Lavadeira, idealizador do Independente Futebol Clube e integrante da Velha Guarda; Toco da Mocidade, integrante da ala dos compositores e da Velha Guarda; Mestre Jorjão, presidente de honra da bateria da Mocidade; Castor de Andrade, patrono da Mocidade, Francisca Ferreira da Silva (Tia Chica), mentora espiritual da agremiação; Maria da Glória Vieira, proprietária da casa e do terreno onde ocorreram os primeiros ensaios da escola; Dona Gilda Faria Lima, madrinha da agremiação, deu de presente a primeira bandeira pavilhão da escola; Helena do Siri, primeira porta-bandeira da escola de samba; Elizete Cândida da Silva (Remba), primeira porta-bandeira do Bloco; Dona Ivanoi, destaque escola que divulgava a agremiação em concursos de fantasias.

Após a coleta das informações percorremos os depoimentos dos entrevistados e entrevistadas no sentido de descrê-los e analisá-los em conjunto na perspectiva de construir uma memória coletiva da Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel e da Velha Guarda Raiz. Ao percorrer essa memória coletiva com base nos depoimentos, fotos antigas,

documentação primária e secundária, nos demos conta de este trabalho extrapolou a dimensão acadêmica na medida que proporcionou mergulhar em lembranças do passado desde a minha infância, configurando uma produção de conhecimento a partir de dentro e de autoconhecimento, por perceber que também faço parte dessa história assentada na oralidade, no “ouvir” de quem viveu os acontecimentos diretamente ou por tabela, permitindo rever minhas vivências de juventude e em família no G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel.

Na maioria das entrevistas, foram finalizadas cantarolando algum samba da agremiação, celebrando o ontem, hoje e amanhã. Com toda a alegria, que é uma das características muito peculiar dos residentes, primeiras gerações do Bairro de Padre Miguel e principalmente das Escolas de samba. Dialogamos com os setores mais jovens, compreendendo a importância de tê-los como grandes aliados no reconhecimento da memória da fundação da agremiação, e pensarmos juntos no desafio de fomentar parte da memória tão importante para a existência da agremiação, trazendo assim, o que resolvemos intitular de menções honrosas, de pessoas que apesar de não estarem de corpo presente, sempre declararam seu amor pela agremiação, como o compositor Toco, a cantora Elza Soares, o patrono Castor de Andrade, entre outros.

Além do "Vale o que está escrito", entrevistamos pessoas que fizeram parte desse contexto, que abriram seus corações para falar de sua(s) mocidade(s), além de diversas pesquisas que estão públicas, sejam, elas nas redes sociais, nos museus, em fotos, cadernos, nas memórias afetivas, nos possibilitando uma série de pontos de vistas, que segundo a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi (2019), não podemos ter somente uma única história como verdadeira.

Na medida do possível, foram realizadas árvores genealógicas de alguns entrevistados, que é um histórico de seus antepassados, para que possam incentivar aos demais grupos a importância de conhecermos desde dentro (WALKER, 2008), proporcionando reflexões sobre territorialidade, as consequências da escravidão no Brasil, e principalmente para trazermos à tona a grande importância das famílias.

Estrutura da dissertação

Esta dissertação está construída em seis partes: quatro capítulos, introdução e considerações finais. No primeiro capítulo a relação Escolas de Samba, famílias negras e cultura afro-brasileira é abordada tendo como roteiro o “Eu da pesquisa”, que permite situar a pesquisadora no contexto deste trabalho: como observadora e observada, respeitando o distanciamento necessário no universo de estudo no campo das ciências sociais e humanas,

onde sujeitos e objetos estão inter-relacionados e são interlocutores. Neste universo, temos a pretensão de ampliar o debate proposto utilizando exemplos práticos e informações que singularizam o nosso “lugar de fala” na necessidade de busca de uma resistência, isto é, além da existência. A ideia central deste capítulo é relacionar a formação das Escolas de Samba com a cultura negra de descendência africana ou afro-brasileira e afirmação da identidade cultural dos afro-brasileiros, sobretudo, a importância das famílias negras, pobres e moradoras das periferias urbanas.

Para promover nossas reflexões neste capítulo, tivemos com base textos e análises de autores do mundo do samba, cultura africana e afro-brasileira, acadêmicos e não acadêmicos, com destaques para o escritor malinês Hampaté Bá sobre a importância de valorizarmos a tradição africana que tem como base a oralidade; autores compositores e pesquisadores do mundo do samba e das escolas de samba, como os compositores Candeia e Isnard (1978), escritores Nei Lopes e Luiz Antonio Simas (2021), o jornalista Sérgio Cabral (1996) e a filósofa e escritora Helena Theodoro (2018).

Também trabalhamos com o conceito de cultura e identidade com foco nos afro-brasileiros, além das ações e contextos de bens culturais materiais e imateriais no campo do patrimônio cultural, observando as dinâmicas sociais, com uma preocupação voltada, principalmente aos atores sociais, enfatizando a disputa na correlação da identidade e a diferença, analisando normas impostas nos contextos históricos e sociais, que mostram que “as culturas nas relações sociais são sempre relações desiguais” (CUCHE, 2002, p. 143). Contamos nesta direção com colaborações de vários autores para uma releitura sobre cultura e identidade, enfatizando alguns casos, a crueldade, com discursos para propagar o poder de um determinado grupo na sociedade, excluindo todos os outros que sejam considerados diferentes, na qual, as relações de poder são grandes mecanismos na estruturação das identidades étnicas e raciais (SILVÉRIO, 1999; GONÇALVES, 2000; HALL, 2006). Importante refletir sobre o projeto ideológico político na perspectiva de uma “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008), que não reconhece a pluralidade e diversidade cultural, identidades e patrimônios relacionados à população afro-brasileira e indígena (GONÇALVES, 2000).

Ainda no primeiro capítulo, destacamos a participação das famílias negras, em particular as mulheres, como alicerce no processo histórico de construção e fundação das escolas de samba, mediante contribuições diversas, ocupando diferentes lugares.

Foram analisadas as circunstâncias da formação e trajetória das Escolas de samba no Brasil que possibilitou a percepção de como essas associações culturais e recreativas foram e ainda são fundamentais para os setores sociais, culturais e econômicos no País. O Carnaval

carioca, nesse caso, com a colaboração também das Escolas de Samba, é considerado por muitos pesquisadores da área, como um dos maiores espetáculos a céu aberto do mundo, influenciando para que o Carnaval do Rio de Janeiro entrasse para o livro dos recordes Guinness World Records² no ano de 2004 com a participação de 400.000 pessoas nas ruas, na qual, gestores públicos, o setor econômico e do turismo afirmam em diversas declarações nas mídias de comunicação, sobre a importância do Carnaval para o setor econômico, sendo raríssimos os casos em que a pauta é sobre a cultura da cidade, ou preocupação pelo fomento de políticas públicas para o grupo que deu o grande suporte para os bilhões de reais de retorno na área econômica, no setor hoteleiro e na indústria criativa. Não há quase nenhuma preocupação de como vivem os detentores do saber, apenas de se utilizar a vertente social e cultural para fomentar outros setores econômicos.

No segundo capítulo, abordamos sobre a memória, a história, formação e trajetória do G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel no contexto social, político e cultural da cidade do Rio de Janeiro, contada a partir do aspecto geográfico de sua localização, o bairro de Padre Miguel e a zona oeste. São ressaltados aspectos urbano-industriais, particularmente habitacionais e demográficos, por ser uma região de atração de imigrantes de países europeus como Portugal, migrantes de outros estados brasileiros nacionais (norte e nordeste) e de várias localidades do Estado do Rio de Janeiro, sobretudo da região sul fluminense.

Destacamos neste capítulo, a relação escola de samba e o futebol na medida em que a Mocidade Independente de Padre Miguel foi gestada dentro do Independente Futebol Clube, de onde eram a maioria de seus integrantes. De forma semelhante, ressaltamos a relação desta escola com as comunidades de terreiros de matriz africana (candomblé e umbanda). Trata-se de relações importantes que permitem compreender melhor o contexto do surgimento das escolas de samba no Rio de Janeiro e o universo do mundo do samba carioca referenciados a outros elementos culturais que marcam a identificação da população negra.

No terceiro e quarto capítulos, apresentamos o cerne desta dissertação, com base na coleta de dados importantes a partir de documentos, imagens e entrevistas, mostrando a importância da reconstrução de uma memória histórica da Mocidade Independente de Padre Miguel, revelando suas principais referências, símbolos de um passado glorioso que trouxe essa agremiação até o presente. No capítulo III, identificamos o processo de fundação da Mocidade

² Disponível em: <https://www.guinnessworldrecords.com/world-records/largest-carnival/>. Acesso em 05.01.2019.

Independente de Padre Miguel no contexto da sua ancestralidade, a partir das memórias de figuras importantes que se tornaram presidentes da agremiação, no período de 1952 a 1965, como Ivo Lavadeira, que foi um dos fundadores do time de futebol Independente Futebol Clube, Sylvio Trindade, Tio Dengo, Sr. Orozimbo e Mestre André, os quatro primeiros presidentes da agremiação. Além disso, a figura de Ary de Lima, que na maioria dos entrevistados, reconhecem o seu valor para a agremiação e a necessidade de que as pessoas saibam da sua grande importância.

No capítulo IV, abordamos o que passamos a denominar “Velha Guarda Raiz” a partir de uma galeria de alguns personagens notáveis, que com suas histórias ajudam a reconstruir a memória coletiva da Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel, ressaltando a importância de sua preservação como referências culturais que constitui o preciso patrimônio da Escola e do samba como cultura dos brasileiros, sobretudo, dos afro-brasileiros. Um símbolo que deve ser salvaguardado numa luta contra o esquecimento derivado do racismo estrutural.

Através da historiografia das escolas de samba se pode comprovar o racismo estrutural, a falta de informação e de interesse do poder público em relação aos fundadores das Escolas de Samba e suas comunidades, porque muitos, muitas vezes, não oriundos dos grupos iniciais, descobriram uma grande fonte econômica, e em boa parte, não são os detentores do saber. Sendo assim, é importante promover ações que contenham informações sobre os fundadores das agremiações, nesse caso, a G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel e sua Velha Guarda que busca valorizar mais os seus símbolos e referências históricas.

Importante ressaltar aqui que encontramos nas escolas de samba, uma das principais expressões matrizes do samba carioca, o samba-enredo ou samba de enredo, reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil, ao lado do samba do partido alto e samba de terreiro, pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN), inscritos no Livro de Registro de Formas de Expressão em 2007. No Estado do Rio de Janeiro, as velhas guardas de todas as escolas de samba foram declaradas Patrimônio Cultural Imaterial em 2018, pela Assembleia Legislativa (Lei nº 8.156, de 6/11/2018).

Apesar desses reconhecimentos oficiais apontarem a importância do samba, das escolas de samba e de elementos desta como a Velha Guarda, expressões da riqueza nacional, do legado africano e símbolo da brasilidade, daí a necessidade de serem preservados como patrimônio cultural, pouco se tem sido visto neste sentido, sobretudo, quando consideramos os benefícios oriundos das políticas culturais de patrimônio voltados para as comunidades que produzem, dão sentido, significado e representação à essas expressões. Rara exceção pode ser feita ao setor

turístico, que geralmente, foca apenas na divulgação do local para ensaios e visitas da maior festa popular do país que é o carnaval carioca.

Trazer a Velha Guarda como referência cultural das escolas de samba é reconhecê-la como guardiã de uma memória ancestral, que possui raízes nos fundamentos que, como uma árvore, mantém a chama viva da tradição das agremiações culturais do samba, e um rico legado africano em nosso país, uma tradição cultural da cidade do Rio de Janeiro com importante papel na afirmação da identidade inspiradora de trocas interculturais (IPHAN, 2014, p.10).

Nossa pesquisa, visa também combater a invisibilidade de um passado histórico e glorioso do G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, tendo em vista quase não há informações registradas em livros, artigos, museus ou locais de memória sobre a história desta agremiação e de sua tradição a partir dos valores dos chamados “mais velhos”. Desta forma, temos expectativa com base neste trabalho, incentivar a emergência de outros estudos sobre as escolas de samba e as suas velhas guardas, no campo da memória e patrimônio cultural, contribuindo para melhor entendimento entre o ontem, o hoje e o amanhã.

A reflexão foi feita de maneira crítica e contextualizada em paralelo as questões relacionadas a memória e patrimônio, onde se pretende auxiliar o desenvolvimento das análises para o entendimento sobre a importância dos diferentes contextos de patrimônios, numa integração entre o visível e não visível através da memória de minhas vivências de juventude, ou seja, memória afetiva, assim como a da GRES Mocidade Independente de Padre Miguel. Desta somamos com um dos objetivos do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), que consiste em: refletir de forma crítica e contextualizada acerca das noções de Memória e Patrimônio, compreender a natureza dos bens culturais móveis, imóveis e imateriais para que as medidas de proteção e de conservação do patrimônio cultural no âmbito internacional, nacional, regional e local, possam promover práticas que visem à consolidação da noção de integração indissociável entre Patrimônio, Cultura e Sociedade, seja no plano material, seja no plano imaterial; e fomentar atividades de pesquisa que impulsionem o desenvolvimento sustentável de comunidades locais e regionais.³

Bem-vindo (a) a minha mocidade (in)dependente, subjetiva e concreta que “não existe mais quente” e que carrega um coração pulsando como a bateria nota dez. Axé!

³ Fonte: <http://cursos.ufrrj.br/posgraduacao/ppgpacs/objetivo-do-cursoperfil-do-egresso-a-ser-formado-2/> consultado em 26.06.21.

CAPÍTULO I

ESCOLA DE SAMBA, FAMÍLIA NEGRA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA

“Nos meus devaneios
Quero viajar
Sou a Mocidade
Sou Independente
Vou a qualquer lugar”⁴

Este capítulo relaciona a formação das escolas de samba com famílias negras e valorização da cultura afro-brasileira. Transcrever a Mocidade é viajar no tempo e no espaço, percorrendo um caminho de reflexão de retorno às raízes e falar de dentro, como uma grande árvore que deu frutos, mas que se torna necessário regar e sentir a terra que alimenta suas ramificações transformando-a em floresta. Em outras palavras, as raízes dessa grande floresta, de uma agremiação que possui uma relação com o seu padroeiro Oxóssi, que no candomblé de tradição nagô, é o rei das matas. Destacaremos aqui os aspectos históricos, políticos, sociais e culturais de uma das maiores escolas de samba do carnaval do Rio de Janeiro, o G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, perpassando pela importância da força feminina em sua existência, que desempenha papel fundamental na absorção e condução da seiva que corre todo caule dessa árvore.

A relação Escolas de Samba, famílias negras e cultura afro-brasileira é abordada neste capítulo como um enredo que se inicia no afeto, na percepção de fatos e histórias que servem como condutores na (re)construção de uma, ou várias identidades. Portanto, o objetivo deste capítulo é relacionar a formação das Escolas de Samba como legado da cultura dos africanos escravizados e afirmação cultural dos afro-brasileiros, com destaque para as famílias negras, pobres e moradoras das periferias urbanas, ressaltando, inclusive, o papel as mulheres negras.

1.1 Retornar para casa: importância da memória familiar na construção da identidade

Nascida e criada no bairro de Padre Miguel, pertencente a uma família majoritariamente de mulheres, lembro de minha pré-adolescência numa rua próxima a localização conhecida como Estrada da Água Branca, em que morávamos numa casa alugada, cujo proprietário era

⁴ Samba enredo Ziriguindum 2001, um carnaval nas estrelas, de 1985, Composição: Arsênio / Gibi / Tiãozinho Da Mocidade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kK4WM5cBwtU>. Consultado em 31.03.2022.

um senhor natural de Portugal, a quem chamávamos de “Seu Portuga” (falaremos dele no Capítulo II sobre a formação do bairro).

Meu pai José Dantas dos Santos, conhecido como Pindoba, viajava bastante para a apresentação da bateria da Mocidade Independente de Padre Miguel, não assistindo praticamente a infância de suas três filhas: Janete, Joelma (*in memoriam*) e Vânia. Por conta disso, minha mãe Selma Bustamante teve que assumir sozinha a responsabilidade da educação de suas filhas. Quando meu pai retornava das viagens para casa com o sustento da família, acabava “compensando” a sua ausência.

Lembro que o quintal da nossa casa era grande, onde tínhamos vinte e quatro cachorros, na qual, eu e minha saudosa irmã Joelma, nos distraíamos nos cuidados com os animais e uma piscina, tipo Tone, o que mantinha a casa sempre com familiares e vizinhança. Tudo era motivo de festa, todo final de semana tinha um agito e muita animação, muito comum nas famílias negras diante dos vários acontecimentos da vida cotidiana.

Segundo Chagas,

Nas famílias negras [...] os ritos familiares se expressam de forma confluência e recorrente nas descrições sobre suas celebrações, expressão das alegrias e tristezas, preocupações, nascimentos e funerais, as quais se encontravam permeadas pela etnicidade, ora de modo sutil, ora explicitamente." (CHAGAS, 2014, p.150)

A citação acima aponta para o pertencimento das famílias negras, para o fato de que o estar junto “na alegria ou na tristeza” é algo que contribui para trocar, reviver, e alimentar a essência de origens africanas, que sem ter a noção dessa herança, realizam ações que identificam. O celebrar a vida com familiares, é o que colabora para o seu pertencimento. As reuniões de famílias com que vivi na minha casa eram sempre repletas de pessoas, parentes e amigos, embaladas com muita música, comidas e bebidas, dando a impressão que estávamos sempre em festas. Entretanto, quando tensões e conflitos aconteciam em família, normalmente resultavam em acender uma fogueira e colocar todas as fotos e discos, queimando assim, boa parte da história da família reveladas na época, em imagens.

Exatamente, minha mãe sufocada por ter que dar conta praticamente sozinha, em discussões com o meu pai, queimava as fotos de família. E, atualmente, só tenho três fotos referentes a minha infância e pré-adolescência, o que me faz compreender a atitude de minha mãe, mas também coloca um espaço de vazio, por não ter quase recordações familiares através do registro fotográfico, que também, por outro lado, me impulsionou a seguir o caminho de pesquisadora da área de memória, para que possa incentivar e mostrar para as pessoas, a

importância da memória familiar para a construção de uma identidade. Minha mãe Selma era uma empreendedora nata, o dinheiro trazido por meu pai, através das viagens feitas com a G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, era revertido em aplicações em ações, compra de telefones, para futuramente serem alugados, tínhamos dois carros na garagem, de marcas diferentes: um Fusca azul e uma Brasília branca. Isso, com a total atenção de minha mãe, que me orientou sobre como fazer investimentos em ações, quando eu tinha quatorze anos de idade, além disso, me ensinou a dirigir um carro, por conta de estar grávida de minha irmã mais nova, e com o receio de entrar em trabalho de parto, e meu pai não estivesse em casa, eu poderia levá-la ao hospital.

No bairro, por conta da instabilidade política das inúmeras fases, residimos em vários lugares, que podemos chamar de sub-bairros de Padre Miguel. No último deles, minha mãe resolve vender todos os patrimônios da família para comprar um grande terreno e construir uma casa para cada uma de suas filhas, realizou um depósito na conta poupança como forma de investimento, entretanto, foi num período conhecido como a “era Collor”, que confiscou todo o dinheiro, desestruturando toda a nossa família, fomos morar de aluguel, e o dinheiro depois de algum tempo foi liberado, mas por conta da grande inflação da época, ficou desvalorizado.

E no ano de 1990, quando residia no bairro de Realengo, saí de casa com o grande sonho de estudar teatro, na qual fui dividir o apartamento com minha prima Jocinéia Pereira e uma amiga Cecília Silva, no bairro de Copacabana. Consequentemente, não frequentei mais a quadra da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, por uma série de motivos, porque precisava administrar o tempo entre trabalho e estudo no curso de Teatro, na extinta Univercidade da Cidade, no bairro Lagoa, onde consegui uma bolsa de estudos.

Contudo, antes disso, no auge dos anos 90, na qual a Mocidade Independente de Padre Miguel, tem um destaque maior na mídia por toda a sua irreverência e criatividade, foi o período que vivenciei diversos momentos felizes e alguns tristes no período de minha adolescência, que chamarei em alguns momentos de “minha mocidade”.

Sendo moradora de diversos locais adjacentes no bairro, como informado anteriormente, participei de uma época, em que moradores do bairro de Padre Miguel, tinham como atividade cultural, frequentar todos os sábados, após às 23h, a quadra situada em frente à Estação Ferroviária de Padre Miguel, hoje intitulada Mocidade/Padre Miguel, localizada na comunidade conhecida como Vila Vintém, que através da pesquisa, descobrimos que a Mocidade nasceu no bairro, na área conhecida como Ponto Chic, em um dos conjuntos habitacionais IAPI, mas que foi abraçada pela comunidade da Vila Vintém.

Embora, o samba estivesse presente em minha vida na infância e adolescência, não tinha informações sobre a Escola de Samba, no que tange sobre a sua fundação, a sua importância cultural, social, política e econômica, ou até mesmo com relação ao seu surgimento. No ano de 2014, recebi uma ligação da porta-bandeira Selminha Sorriso da G.R.E.S. Beija-Flor, que encontrou o meu nome no site de busca *online*, sobre a minha atuação e estudos acerca da cultura afro-brasileira. Nesse período, a partir do ano de 2005, exercia diversas atividades como uma das coordenadoras da ONG Estimativa, projeto liderado por mulheres pretas, que abordava sobre a importância da autoestima e da cultura afro-brasileira, que de diversas maneiras promovia o diálogo sobre a temática. Como por exemplo: os cabelos crespos, em que reunia profissionais da área conhecidas como: Trançadeiras/Tranceiras/Trancistas, no Projeto Trançando - Ideias desde o ano de 2006, e que em 2011 recebeu o apoio da Inter American Foundation, da Embaixada dos EUA, onde discutíamos sobre cultura afro-brasileira, identidade, pertencimento, meio-ambiente, cuidados com o corpo e a mente, curso que aconteceu no Sesc de Madureira, que era um grande parceiro do projeto.

Além disso, promovíamos exposições de filmes sobre a cultura-afro-brasileira em Escolas públicas, com o projeto Cineminativa, apoiado pela Embaixada do Canadá, que na ocasião, exercemos atividades em mais de sessenta escolas públicas e comunidades, além de parcerias em produções como, por exemplo, por três anos consecutivos produzimos o Seminário Regional de Diversidade e Superação do Racismo (2012, 2013 e 2014), em parceria com o Leafro⁵/NEAB⁶ e UFRRJ⁷, na qual atualmente sou mestranda em Patrimônio, cultura e Sociedade. E participei do Plano de Ação conjunto entre o Governo Brasileiro e o Governo dos Estados Unidos da América para a Eliminação da Discriminação Étnico-racial e a Promoção da Igualdade (JAPER) em Brasília - SEPPIR⁸ (2012), a convite da saudosa Ministra Luiza Bairros.

Atuávamos em diversas escolas públicas do Brasil, mas, especificamente, no Rio de Janeiro, contribuindo na implementação da Lei 10.639/03 que inclui a obrigatoriedade da temática “ História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial da Rede de Ensino, e que foi modificada pela Lei 11.645/08 que trata da obrigatoriedade da História e cultura africana, afro-brasileira e indígena (povos originários) em todo o currículo escolar, pertencente ao Plano Nacional de Implementação das Diretrizes curriculares de Educação as relações étnico-raciais.

⁵ Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – LEAFRO.

⁶ Núcleo de Estudos Afro-brasileiros.

⁷ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

⁸ SEPPIR – Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial criada em 21 de março de 2003 e extinta em 02 de outubro de 2015.

Num período na qual essa pauta era disseminada anteriormente por diversos grupos do Movimento Negro, era algo ainda muito recente, e a troca pelas informações aconteciam entre diversos coletivos e pessoas comprometidas com a temática. Consequentemente, a porta-bandeira Selminha Sorriso me convidou para conhecer o barracão e na semana seguinte, na quadra da G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis, aconteceria o lançamento do livro *Maravilhosa e soberana: Histórias da Beija-flor* de Aydano André Motta, que contou também com a presença ícone, da cinderela negra: Maria da Penha Ferreira Ayoub, conhecida como “Pinah”, e a jornalista Flavia Oliveira.

Não tendo a menor ideia de que esse momento, possibilitaria em um grande mergulho em minhas memórias, aceitei o convite de prestigiar o evento. Estava na plateia, quando Selminha agradeceu minha presença e me convidou para compor a mesa, o que foi uma grande surpresa para mim, ao mesmo tempo fiquei muito feliz pelo carinho, reconhecimento, com a possibilidade de estar numa mesa ao lado de tantas pessoas que eu admiro, e aproveitei para tirar fotos com todos.

Fui para minha casa, extasiada, e queria mostrar para minha mãe e meu pai, a foto com a Pinah, afinal, meu pai, José Dantas, conhecido como “Pindoba”, era muito fã dela. E ele era integrante da bateria da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, na época de Mestre André, na qual, ele tocava o instrumento agogô. Adorava cantar em casa acompanhado de seu instrumento agogô, o samba “A grande constelação das Estrelas”⁹, da G.R.E.S. Beija Flor, campeã do carnaval de 1983. Achava completamente estranho já que a G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, neste mesmo ano, ficou na posição de sexto lugar, com o samba-enredo “Como era verde o meu Xingu”, mas, mesmo assim ele festejava a vitória da Beija-Flor. E eu sem saber na época, de que na verdade, ele comemorava a vitória da Madrinha da Escola, que abordaremos mais à frente.

No dia seguinte do lindo evento, nunca tinha acordado tão cedo para ir à casa de minha mãe e meu pai. Ao chegar, por volta das sete da manhã, minha mãe grita pela janela, informando que estava me ligando direto e não conseguia falar comigo. Meu sobrinho Lucas desce as escadas correndo, me diz que meu pai tinha falecido dentro de casa. Foi um baque muito grande e infelizmente, não consegui falar com ele.

Na época, meu pai estava desempregado, tinha perdido os documentos e no momento, em que o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência, conhecido como SAMU, foi buscar o corpo, um dos profissionais encontraram um envelope debaixo do travesseiro, na qual estava

⁹ Compositores: Neguinho da Beija-Flor e Nêgo.

aos meus cuidados. Quando abri, constatei que eram os números de todos os seus documentos, e o funcionário me disse que achava que meu pai não queria ser enterrado como indigente. Imediatamente, compreendi o recado, ele sabia que de todas as filhas, eu seria apta a resolver essa questão. Deparando-me com situações burocráticas, até então desconhecidas por mim. Cuidei de toda a tramitação do funeral e pedi chorando ao funcionário do IML que ele não fosse enterrado como indigente. O funcionário, Sr. Jorge, impressionado com todo o meu desespero e empenho para realizar o pedido de meu pai, sensibilizado disse: “caso eu me encontre nessa mesma situação, e minha filha fizer isso que você está fazendo para que o pai não seja enterrado como indigente, serei o pai mais feliz do mundo”. E ele providenciou os documentos diretamente no arquivo do Instituto Félix Pacheco e conseguimos resolver.

Enquanto aguardava a parte burocrática, comecei a lembrar de várias situações. Uma delas era o som do agogô nos finais de semanas, quando meu pai não estava viajando com a bateria da Mocidade, ele acordava cedo, colocava o disco com os sambas da Mocidade Independente de Padre Miguel e acompanhava tocando agogô, que na verdade ele ensaiava em casa, e para nós, ele estava fazendo um grande barulho em nossos ouvidos. Na recordação, o som ecoava em meus ouvidos, mas não de forma estridente, era melódico, soava como poesia, como o tilintar dos pássaros, e que sempre ouço até os dias de hoje, me transmitindo uma calma, e ao mesmo tempo, um compromisso de contribuir na valorização dos integrantes das Escolas de Samba.

No momento do funeral não tivemos bandeiras ou som do surdo, que normalmente é o instrumento utilizado em funerais de pessoas relacionadas ao samba. Mas, eu ouvia o som do Agogô: din-din-dom, din-din-dom e a imagem de meu pai feliz por sua Mocidade.

Após quinze dias do sepultamento de meu pai, já havia agendado um grande passo na minha vida artística, idealizei o Programa Usando a Língua (portuguesa) que teria uma gravação no G.R Cacique de Ramos¹⁰, por intermédio de Selminha Sorriso. O Programa sucumbiu no meio de uma depressão nos anos de 2013, num processo criativo de transformação da dor em arte.

O Programa Usando a Língua aborda sobre a influência banto (africana) na Língua Portuguesa dentro do samba de raiz, que conta com a consultoria de conteúdo da Filósofa e Pós-doutora em História comparada na UFRJ/IFCS, Dra. Helena Theodoro e da doutoranda em

¹⁰ Fundado em 20 de janeiro de 1961, no bairro de Ramos, zona norte do Rio de Janeiro, tem São Sebastião como padroeiro. Bloco de embalo com fortes ligações com a Umbanda, em suas rodas de samba floresceram grandes nomes do samba carioca das últimas décadas. Disponível em: <http://caciquederamos.com.br/jubileu/>. Acesso em 21.05.21.

Memória Social na UNIRIO, Julia Pereira, como consultora de conteúdo linguístico, e realizamos as gravações no G.R Cacique de Ramos, que é patrimônio cultural imaterial da Cidade do Rio de Janeiro, através do Decreto nº 31.565 de 01 de dezembro de 2009¹¹ e de grande representatividade para a história da cidade.

Ao entrar no G.R Cacique de Ramos tudo me remetia ao meu pai, inclusive ele desfilava no bloco. Eu não podia me emocionar tinha que apresentar o programa, a voz embargada, e uma voz em meu ouvido que dizia: “Segura a marimba”, “Segura a marimba”, paulatinamente. Imediatamente lembrei que era a expressão que meu pai sempre falava. E ao chegar perto do saudoso cantor Almir Guineto, ele percebeu minha aflição e contei para ele sobre o meu luto. Almir fez de tudo para o sucesso do programa, durante a entrevista com ele, inusitadamente eu perguntei o significado da expressão “Segura a marimba” na opinião dele, e por conta de sua resposta, o episódio que não estava previsto no cronograma de filmagem, tornou-se uma realidade ao ter a aprovação e incentivo das consultoras de conteúdo.

Com o episódio Segura a Marimba, o Programa Usando a Língua (portuguesa) tem a honra de ter como madrinha, a cantora Elza Soares e o cantor Martinho da Vila, e foi selecionado por duas vezes consecutivas no Festival Internacional de Web-série, Rio Web Fest (2016/2017), concorrendo a melhor série educacional, participou da extinta rádio MPB FM, no Samba Social Clube, Camarote do Samba com Carlinhos de Jesus (2016). Foi selecionado nos Festivais Internacionais na Índia (2017) e na Itália (2018), vencedor do Prêmio Ose Mimo, na categoria mídia e comunicação (2017), recebeu a visita de estudantes da Universidade do Texas, Austin – EUA, além de abrir novos horizontes, que resultou no Encontro Internacional Alafiá Mundo, que é um encontro intergeracional e transnacional, na qual faço a produção executiva atualmente.

No intervalo dessa trajetória, iniciei como integrante no grupo de pesquisa LUPA – Liga Universitária de Pesquisadores e Artistas de Carnaval da UFRJ, coordenado pela Filósofa e Pós-Doutora em História Comparada pela UFRJ, Dra. Helena Theodoro, e a grande atração que tenho pelo tema sobre memória, me instigou a necessidade e vontade de saber um pouco mais sobre a historicidade das velhas guardas das escolas de samba, principalmente da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel e que foi confirmada com o grande incentivo de meu Orientador Prof. Dr. Otair Fernandes que sempre em suas apresentações, se identifica como sambista, de movimentos sociais, ex-morador do Morro do Tuiuti, e atualmente morador da Baixada Fluminense.

¹¹ 281DECRETO31565GremioRecreativoCaciquedeRamos.pdf (rio.rj.gov.br)

Esse encontro que o universo proporcionou com dois mentores de minha vida acadêmica no mestrado, de um lado, Professora Dra. Helena Theodoro que nos possibilita a maior compreensão da importância das Escolas de Samba no Mundo, dando um destaque a presença feminina, através das porta-bandeiras e baianas, além da percepção do Axé (energia vital) tão presente nas agremiações; e por outro, o Professor Dr. Otair Fernandes, que é um grande defensor da cultura afro-brasileira, de movimentos sociais, principalmente, dos grupos de compositores, que corresponde como peças-chaves de uma escola de samba, e que na década de 30 foram fundamentais para o enriquecimento da Música Popular Brasileira (IPHAN, 2014, p. 36).

Essa aglutinação de memórias, me impulsiona a seguir em frente em uma pesquisa acadêmica que perpassa pelo mergulho nas memórias que existem em mim. Entendi como um chamado, uma convocação na perspectiva do *Sankofa*, que é um dos *adinkras* mais conhecidos do patrimônio de Gana, que representa a sabedoria de aprender com o passado para (re)construir o presente e o futuro. Segundo a Dra. Elisa Larkin Nascimento (2009) este *adinkra*, conforme imagem da figura 1 a seguir, “remete a missão e ao momento de recuperar a dignidade humana desses povos.”

Figura 1 - Adinkra Sankofa



Fonte: Livro Adinkras (2009)

Ao adotar este símbolo em nossa investigação, assumimos a ideia de “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”, o que remete paralelamente, em alguns momentos, a uma autoetnografia que consiste “situar-se num espaço fronteiro e intermediário, entre “paixão e intelecto, análise e subjetividade, etnografia e autobiografia, além de arte e vida” (EUCLIDES, 2019, p. 34). Soma-se nesse processo, a ideia desenvolvida pela antropóloga Dra. Sheila Walker (2018) na obra *Conhecimento desde dentro* na qual a autora afirma a importância de conhecer sua própria história para compreender a nossa existência, correlacionando de que a população negra tem a sua origem no continente africano, e estudar

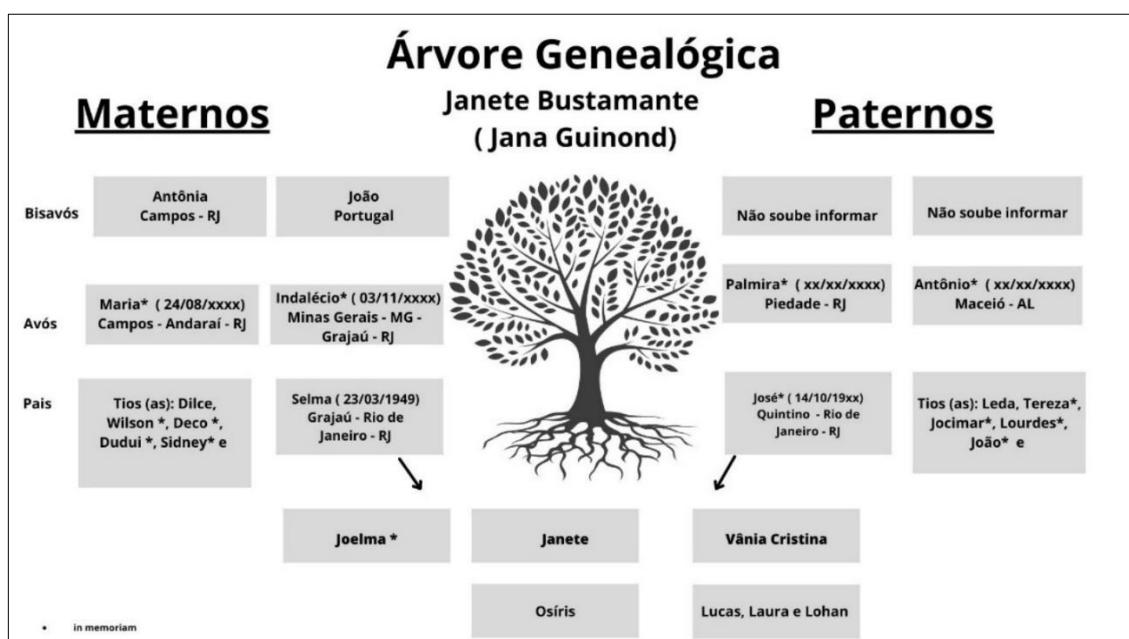
as culturas nas américas possibilita conhecer os países de África em cada território, nesse caso, brasileiro.

Aproveitando os encontros familiares, iniciei uma conversa em casa, com a minha mãe, aliás, digo de passagem que a pesquisa nos aproximou ainda mais, de uma maneira incrível como nunca havíamos feito antes. Foi como se abrissemos um baú de recordações, com lembranças tristes, mas muitas alegrias, onde pude perceber que não conhecia minha família, pois depois de trinta anos distante da minha mãe, a pesquisa me fazia retornar para casa, conhecer o que não tive acesso, inclusive descobrir que na minha família, os meus tios, por parte de mãe, tocavam em bailes como os promovidos pelos conjuntos “Devaneios” e “Copa 7”. Toda família frequentava esses bailes para dançar, celebrar a vida e fortificar o sentimento de pertencimento familiar.

Esse processo foi de descoberta, pois ao conversar com as pessoas sobre a pesquisa, muitas foram consultar os baús de memórias das suas famílias, disponibilizando fotos e recordações que permitiram o acesso às informações de suma importância sobre os pesquisados como referências familiares com suas histórias e vivências, pontuando a narrativa, trazendo à tona, a relação socioafetiva-memória, através da subjetividade, contando as vivências e contextos, e consequentemente retratando a ancestralidade como legado, herança, e a importância de reverenciá-la.

Passei a olhar minha família de forma mais ilustrativa mediante a outro ponto de vista, a partir de sua árvore genealógica representada na figura 2 a seguir.

Figura 2 - Árvore genealógica da pesquisadora



Fonte: Dados da pesquisadora (2022)

Organizar uma árvore genealógica de famílias pretas não é uma tarefa fácil, tendo em vista várias questões sociais, econômicas e pessoais, mas é um pontapé inicial para conhecer a estrutura organizacional e possibilitar algumas reflexões que, no caso da Figura 2, alguns temas serão abordados adiante de forma superficial, tendo em vista que não cabem aqui nessa pesquisa, mas esperamos que a árvore genealógica sirva de mola impulsadora e estímulo para outras famílias.

Retomando a conversa, várias informações foram lembradas e reveladas, consequentemente, várias constatações e surpresas com relação aos meus avós. No contato com as fotos, e cheia de dúvidas, perguntei a minha mãe Selma (Figura 3) sobre a chegada dela na Mocidade Independente de Padre Miguel. Ela olhando as fotos de meus avós maternos (figuras 4 e 5), abriu um breve sorriso e com um ar altamente saudosista, disse:

Comecei a desfilar, porque seu avô me obrigava. Ele queria ir pro samba e minha mãe falava que ele só podia ir se me levasse. Não existia a ala das crianças, [...] eu tinha dez anos, e era a única criança, [...] menina, [...]. Conhece Macumba?... Macumbinha? Foi na ala dele, do Tio Macumba [...], ala dos Caprichosos, tinha o Damião¹², que era o menino [...] eu era a mascote da ala das Caprichosas, comecei a desfilar nessa época. Meu pai que me botou no samba. Depois saí na ala da Jorgina, e da moça da Rua N. Depois tinha os blocos, também [...] do Amor, Vigor que era feito de saco de leite, tinha o Bacalhau na Vara... [...] acabei me apaixonando pelo samba (Entrevista Selma B. dos Santos, 2020)¹³.

Figura 3 - Selma Bustamante aos 29 anos (minha mãe)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

¹² Segundo Ipólito Trindade, o Tio Macumbinha, em sua entrevista cedida no dia 11.03.2022, informou que Damião era sobrinho da Tia Nilma da Mangueira, Tio Joaquim Grande era casado com a irmã da Nilma;

¹³ Esta entrevista foi concedida por Selma Bustamante dos Santos, à pesquisadora, em 25 de dezembro de 2021 às 11h20.

Figura 4 - Maria Bernardo, mãe de Selma (minha avó)



Fonte: Acervo pessoal pesquisadora

Figura 5 - Indalécio B Bustamante, pai de Selma (meu avô)



Fonte: Acervo pessoal pesquisadora

Entre risos e gargalhadas, lembrando as histórias e acontecimentos, regada com comida, e vozes de crianças brincando pelo apartamento, comprovando que as memórias, imediatamente, “podem se referir a uma vivência individual” (POLLAK, 1992), mas que transportam para o sentido de grupo, demonstrando que apesar de “parecer estática tem uma mutabilidade” (MOTTA, 2016), que permite viver em um outro tempo, e nesse caso, contribui para a identidade social, por conta das vinculações, que permite a pessoa se localizar e ser localizada num sistema social (CUCHE, 1999, p. 177).

Ao questionar minha mãe, como foi desfilar no carnaval num pós-operatório de cesariana, que sabemos leva em média de seis a dez semanas para se recuperar, Selma relatou que passou a desfilar na Mocidade Independente de Padre Miguel por conta do pai que a levava quando queria ir sambar, para que sua mãe, minha avó Maria, não reclamasse. Ela informa que ele tinha a carteira de sócio fundador nº 99, e que colaborou na construção da quadra.

Foi desse jeito que ela começou a desfilar como mascote na ala “Caprichosos e Caprichosas”, cujo responsável era o Sr. Wandyr Trindade, conhecido carinhosamente como “Tio Macumba”, para ela, e “Vô Macumba” para mim, sendo um dos personagens históricos abordados no Capítulo III desta dissertação. O interessante revelado nesta conversa com minha

mãe Selma é o fato que ela foi a primeira criança menina a desfilar na ala dos Caprichosos e Caprichosas, tendo em vista de que não existia ala das crianças na escola na época.

No entanto, com o decorrer do tempo, minha mãe revela que ficou fascinada com os preparativos para a grande festa chamada Carnaval, e nunca mais deixou de desfilar, parando apenas para o nascimento de minha irmã Vânia Cristina, no ano de 1984. Contudo, minha irmã nasceu de cesariana no mês de janeiro e no mês seguinte, depois de tirar os pontos, ela deixou as filhas com a nossa avó e foi desfilar ao ritmo do enredo “Mamãe eu quero Manaus”¹⁴.

Em suas palavras, Selma afirma:

Quando a gente estava na senzala, não tinha que fazer tudo né? Desfilei devagar [...] meu pai era sambista, e minha mãe dançava na Elite, todos os ritmos, meus tios tocavam, e mulheres não podiam sair sozinha, [...] ia todo mundo junto, peguei o gosto de estar reunida com pessoas. (Selma B. dos Santos, 73 anos, 2021).¹⁵

Selma traz uma contextualização de um momento em que a participação de boa parte das mulheres, dependiam da presença dos homens, o que nos traz uma reflexão do contexto diferenciado com o olhar ocidental. Em muitas agremiações, os homens, iam até as residências para convidar a “moças de família” para participar das atividades. Em seu depoimento, ela diz: “Quando a gente estava na senzala, não tinha que fazer tudo, né?”, o que não foi percebido na hora, mas na transcrição, ao considerarmos que ela não vivenciou o período escravagista, no entanto, sua memória, possivelmente retratada no ambiente familiar, tendo em vista que sua mãe é oriunda de Campos de Goytacazes, um local conhecido por um sistema escravocrata nas fazendas de café e cana-de-açúcar, que são um dos responsáveis pelo aumento do tráfico negreiro no século XIX (BASTIDE, 1974, p.11), e seu pai, oriundo de Minas Gerais, conhecida pela exploração de negros escravizados na extração de ouro.

Imediatamente, “imbuída, então, do interesse em acompanhar os acontecimentos nos quais evolui o sentimento de pertença daquela rede familiar” (OLIVEIRA, 2016, p.28) começamos a recordar de outras situações, de um carro da marca Volkswagem, de quatro portas que tínhamos, e meu pai tirou o teto do carro, transformando-o em um estilo de carro da marca Bugre, pintou de prateado em homenagem ao samba enredo “Velho Chico”, do ano de 1982, que dizia em um de seus refrões:

Lá vou eu
Mar afora
Num barquinho prateado

¹⁴ Composição: Romildo e Edson Show;

¹⁵ Esta entrevista foi concedida por Selma Bustamante dos Santos, à pesquisadora, em 25 de dezembro de 2021 às 11h20.

Iemanjá me leva embora.¹⁶

Íamos para o desfile no centro da cidade, com o carro cheio de fantasias, agasalhos e refeição, pela Avenida Brasil, numa distância de aproximadamente, ida e volta, de setenta e seis quilômetros de distância. Eu e minha saudosa irmã Joelma, onde vínhamos agarradas uma na outra por conta do frio desesperador, e eles vinham cantando o samba, e no refrão eram mais empolgados ainda. Durante a entrevista, ríamos de toda a situação, e como afirma a professora Vera Lucia:

Do ponto de vista prático, podemos compreender a memória como um dispositivo, fonte de nossa subjetividade. O dispositivo ou positividade é carregado de crenças, normas, ritos impostos ao indivíduo. Do mesmo modo, só podemos articular fatos, fenômenos e atos/ações a partir do momento relacional com a memória (DODEBEI, 2016, p.12)

Quando me deparei com todas essas informações iniciais, fiquei perplexa porque achava que a nossa relação familiar com a G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, era somente através do meu pai que era integrante da bateria na época de Mestre André.

Como tenho uma vaga lembrança de meu avô materno, surgiu uma possibilidade de saber algo sobre ele, e a curiosidade de conhecê-lo através da Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel, já que nós não tínhamos quase nenhuma informação sobre ele. Mamãe conta que meus avós se conheceram na fábrica de tecido América Fabril, no Andaraí, onde hoje funciona o ASBAC, a sede de Compensação Nacional do Banco do Brasil e o Núcleo Habitacional Solaris da Torre mais conhecido por "Tijolinho" no bairro de Andaraí. Eles se apaixonaram, meu avô foi sorteado para ter um apartamento no Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários, (IAPI) e foram morar no bairro de Padre Miguel, onde tiveram oito filhos (GUINOND, 2020, p.219). No apartamento, até os dias de hoje, tem um azulejo com a figura de São Jorge na parte de cima da porta de entrada, e ela informou que meu avô era devoto de São Jorge por conta da grande influência dos tempos em que era frequentador assíduo da quadra do G.R.E.S. Estácio de Sá, situada no bairro de mesmo nome.

Com as conversas e registros foram aumentando a necessidade de buscar mais informações e ao mesmo tempo o questionamento de quantas pessoas iguais a mim nessa situação? Quantas não sabem da importância de seus familiares na contribuição no setor cultural e social do bairro em que nasceu ou vive? De como chegaram no bairro?

¹⁶ Samba enredo de 1982 - Velho Chico. Composição: desconhecida.

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda a espécie, pacientemente transmitido de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória da África (HAMPATÉ, 2010, p. 167).

Consequentemente, a preservação da memória consiste principalmente no diálogo intergeracional, onde os mais jovens devem buscar o contato com os mais velhos e mais velhas para que se torne perceptível de que a diversidade faz parte da natureza, assim como os diversos pontos de vistas existentes da sociedade.

O compartilhar os valores e as acepções no ambiente do lar informa os costumes e gera regras comuns que tornam mais ou menos previsíveis as reações das pessoas diante das exigências que dinamizam o cotidiano, na vida social. O tempo presente, na sua evolução, parece conduzir a um ambiente situacional em que as experiências individuais pertencem só e somente ao seu vivenciador, assim como seus atos, suas decisões e comportamentos, frente à velocidade com que as realidades se desfazem e refazem a cada passo em direção ao horizonte”. (OLIVEIRA, 2015, p.22)

O desafio de abordar sobre a identidade na qual você está inserida, de maneira distante, será posto em prática, tendo em vista que o (a) pesquisador (a) tem o dever de explicar os processos identitários, sem julgá-los, elucidando as lógicas sociais que levam os indivíduos e os grupos “a identificar, rotular, a categorizar, a classificar e a fazê-lo de uma certa maneira, ao invés de outra” (CUCHE, 2002, p.184). Compreendendo, não somente a complexidade do estudo, “mas estabelecer uma reflexão sobre história e memória” (MOTTA, 2016, p. 181). Devido ao “caráter multidimensional de uma identidade” (CUCHE, 2002, p.196), a pesquisa realizada é parte de um fragmento de uma história, compreendendo a sua complexidade, ainda estar por vir muitas histórias sobre a agremiação.

A pesquisa acabou gerando na pesquisadora, uma busca de mais histórias sobre a família, o que contribuiu para o entendimento de várias situações, antes não percebida no contexto da família negra. Por falta de fotos de seu pai, José Dantas, o Pindoba, foi em busca da tia mais velha, irmã dele, para tirar esse vazio no peito.

Tia Leda é a irmã paterna mais velha, e minha madrinha, com 85 anos de idade, que eu não via uns 20 anos, por questões pessoais. Mas, a necessidade de saber um pouco mais sobre a minha família foi mais forte, e juntamente com minha prima Jocinéia fomos visitar Tia Leda e nos sentamos na ampla cozinha da casa, juntamente com as primas mais novas da casa, filhas

da prima Ledir: a lolô e Gigi, que retornaram da escola, e ficaram muito felizes e surpresas de encontrar as primas mais velhas.

Já em volta de Tia Leda, que começou a falar algumas coisas sobre a família, imediatamente os estudos sobre a memória foram sendo colocado na prática, o ouvir sua voz, nos remetiam a um outro lugar, no passado, em que jamais poderemos estar, mas estávamos, de uma outra forma, e ao mesmo tempo potencializando o presente e cuidando do futuro da família.

A todo momento, Tia Leda interrompia perguntando se queríamos comer alguma coisa, demonstrando o grande valor do saber e sabor juntos, e principalmente, em família. Enquanto uma cozinava, a outra lavava os pratos, as mais novas foram vasculhar o baú de fotos para nos mostrar. Tia Leda sentada em uma cadeira e nós, no colchão que colocamos no chão da enorme cozinha de sua casa, e nossos olhos e ouvidos eram direcionados para ela, que passou em cada foto, resgatando histórias, lembranças, pessoas em sua memória, como o seu casamento mostrado na figura 6, a seguir.

Figura 6 - Vó paterna Palmira, Tio Jair, Tia Leda e Vô paterno Maceió



Arquivo Pessoal: Tia Leda

Era a primeira vez, na fase adulta, que vi os rostos de meu avô e de minha avó, assim como de meu padrinho Jair e de minha madrinha Leda (Figura 6), sempre achei minha família linda, mas, não tinha noção da grande contribuição de meus avós paternos. Sr. Antônio, o Maceió, era um exímio pintor e lustrador de móveis, enquanto a nossa Vó Palmira era lavadeira e uma passadeira, que caprichava na hora de engomar as roupas, eles tiveram seis filhos: Tia Leda, Terezinha, Jocimar, Lourdes, José e João.

Meu avô, conhecido como Maceió, cujo apelido é por conta de ser oriundo do Estado de Alagoas, Nordeste do Brasil, que durante a pesquisa, descobrimos ser o nome da menor cidade de Alagoas, com o nome de Pindoba¹⁷, o que pode ter sido influência para os apelidos dos três filhos: Pindobão (Jocimar), Pindoba (José), e Pindobinha (João).

Segundo Tia Leda, ele conheceu a Vó Palmira no bairro de Piedade, no Rio de Janeiro. E todos os filhos nasceram no bairro vizinho, em Quintino. Onde aconteciam, segundo ela, muitas festas, na qual Vô Maceió sabia tocar violão, cavaquinho e tambor e Vó Palmira cantava, eles eram muito animados, colocaram o filho mais velho, o Jocimar, para tocar o que ela chama de “Bumbo” e formaram um bloco que andavam pelas ruas chamando as pessoas para participarem.

Antes da vinda para o bairro de Padre Miguel, eles moravam na Rua João Pinheiro, esquina com a Rua Adalgisa Aleixo, no bairro de Bento Ribeiro, entretanto, fixaram residência na Rua Araponga, Coréia - localizado no Bairro de Padre Miguel, através da “ajuda do Governo” na época. Tia Leda diz que continuaram as festas na nova residência, num momento da conversa ela começa a cantarolar a música de um bloco da época, a saber:

“Vamos lá na Dona Francisca
tomar um esquentá pé
o negócio é esse é
Coréia quando entra em campo
Fique sabendo que torcida tem
Todo mundo está de olho aberto
Rômulo e Puruca sabem muito bem
João Pacoça, Ênio e Jamelão”¹⁸

Não encontramos em nossa investigação registro sobre esta música até a presente data. Mas, é possível perceber que está relacionada a uma torcida de um time de futebol, algo muito frequente no bairro, na qual, segundo alguns entrevistados, possuía muitos campos de futebol, comprovando a grande influência, e ainda presente nas memórias das pessoas, e da grande importância desses encontros para o coletivo, consequentemente, podemos compreender e valorizar o tema tão polêmico, referente a data de fundação do G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel.

Além da relação da família materna com a escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel, alguns familiares por parte do meu pai tinham também uma ligação com a escola.

¹⁷ Cidade Pindoba – Alagoas. Disponível em: <https://youtu.be/FZN7OOO-CbY>, consultado em 07.11.2022.

¹⁸ Autor desconhecido.

O meu pai, conhecido como Pindoba era componente da bateria, na qual tocava o instrumento agogô. O meu tio João, irmão de meu pai era chamado de Pindobinha, era compositor.

Durante a pesquisa, consegui trazer parte da história da minha família paterna. Com isso, foi possível retomar encontros com parte da família, descobrir que uma das sobrinhas seguiu o caminho das escolas de samba, tornando-se passista e bailarina Sarah Honorato, que tive a honra de encontrar no ensaio técnico da G.R.E.S. Salgueiro, ela vinha na ala da Mercedes Batista¹⁹ e eu, na ala da Resistência, a convite da filósofa e escritora enredista Dra. Helena Theodoro. Importante registrar aqui que o desfile deste ano (2022), foi de suma importância para a retomada da sensação de estar na avenida novamente.

No caso estudado, a realização deste trabalho acadêmico permitiu uma busca para dentro das histórias de minha família, revelando-se importante para uma maior compreensão do meu pertencimento, porém, ao mesmo tempo, também mostrou preocupação com as demais da família negras do mundo do samba. Tudo isso envolvendo muitas recordações em meio a várias gargalhadas, dentre as quais o momento em que Tia Leda, com o seu jeitinho calmo de falar, conta que nossa avó Palmira era muito animada, adorava jogar no bicho, e vivia ganhando, falou de seu amor pela Mocidade, em que todo ano ia para avenida com a nossa saudosa Tia Lourdes, sua irmã, e que é do tipo que só vai assistir.

Entretanto, esse ano, sua filha Ledir e sua neta, a levaram para o ensaio técnico da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, onde sua felicidade estava estampada em seu rosto, e por coincidência encontraram Jocinéia, uma das primas mais velhas, e que tem contribuído com a recuperação da memória da família Dantas.

Nesse cenário familiar e do samba, é possível destacar as diferentes formas apaixonantes que uma agremiação, proporciona, aproximando as pessoas, e consequentemente, aglutinando de uma forma incrível a conjugação do verbo amar das famílias negras, ou seja, do bem cultural brasileiro, que cumpre um papel importante de contentamento, ressignificação e de lidar com a diversidade.

¹⁹ Mercedes Baptista: Os 100 anos da primeira bailarina negra do Municipal e nome fundamental da dança no Brasil. Embora Mercedes tenha feito história ao se tornar a primeira bailarina negra a integrar o corpo de baile do Theatro Municipal do Rio Janeiro em 1948, suas maiores contribuições para a cultura brasileira se concretizaram fora dele. Ela foi responsável por consolidar a identidade da dança afro-brasileira e divulgá-la mundo afora; abriu portas e ofereceu oportunidades para inúmeros artistas negros, incluindo Elza Soares, no seu próprio Balé Folclórico; foi uma das mentes por trás da revolução estética que transformou o carnaval carioca nos anos 60; e foi uma personagem fundamental na luta antirracista empreendida no país, através da valorização da arte e da cultura negra brasileiras. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mercedes-baptista-os-100-anos-da-primeira-bailarina-negra-do-municipal-e-nome-fundamental-da-danca-no-brasil/>. Consultado em 04.04.2022.

1.2 Escolas de samba e cultura negra no Rio de Janeiro: aspectos históricos, políticos, sociais e culturais

Para maior compreensão sobre a importância da história das Escolas de samba, faz-se necessário apresentar alguns aspectos importantes para que o contexto possa ser analisado de maneira mais abrangente. O Rio de Janeiro é conhecido mundialmente como a “Cidade Maravilhosa”, termo citado no ano de 1904 em uma notícia no jornal “O Paiz”, que enaltece as reformas de Pereira Passos correlacionando o Rio de Janeiro no imaginário da cidade Moderna (XAVIER, 2017, p. 64). Em diversas mídias, além da topografia da cidade, as belezas naturais, enaltecem o Carnaval, também como um dos motivos do local ser intitulado como “Cidade Maravilhosa”. Entretanto, antes de sugerir uma reflexão sobre a temática, torna-se necessário situarmos a trajetória das escolas de samba no contexto social e cultural, que iniciaram na década de 20, através de associações populares, e que foram transferidos mais de 700 mil habitantes para diversas partes do Rio de Janeiro, por conta da revitalização da cidade no período do Prefeito Pereira Passos, em 1905, conhecida como "bota abaixo", que foi considerado o primeiro plano diretor da cidade (CABRAL, 1996, p. 29).

Historicamente, conforme informado anteriormente, a primeira escola de samba foi fundada como bloco carnavalesco por bambas, sambistas e compositores negros do bairro Estácio, no Rio de Janeiro, a “Deixa falar”, em 18, de agosto do ano de 1928 (FERNANDES, 2001, p. 47; IPHAN, 2007, p. 20), e a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)²⁰ ocorreu em 1937, o atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o órgão do governo federal responsável por promover a preservação do patrimônio histórico e artístico nacional. A preocupação predominante deste órgão sempre foi a preservação dos aspectos físicos e técnicos dos monumentos históricos e arquitetônicos, conhecidos como patrimônios da "pedra e cal" (FONSECA, 2003), tendo como base a “preocupação com os conceitos de identidade e de construção, na longa duração, de uma identidade nacional” (POLLAK, 1992, p. 200) e que persiste até os dias de hoje na sociedade brasileira.

Segundo Nogueira,

Ao privilegiar as expressões culturais de uma determinada classe ou grupo social como a tradição europeia - herança luso-colonial geralmente identificada com o poder constituído -, a noção de Patrimônio e a política oficial de preservação revelaram-se elitistas e conservadoras, principalmente

²⁰ Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

num país caracterizado pela contradição e pluralidade étnico- cultural como o nosso (NOGUEIRA, 2008, p. 241).

A característica principal deste tipo de política de preservação cultural, construída num cenário marcado pelo nacionalismo como projeto político e ideológico de estado-nação levado por uma “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008) e influenciado pelo movimento político da eugenia, as elites dominantes negaram a pluralidade e a diversidade da sociedade brasileira, no campo das políticas culturais e identitárias, excluindo a cultura da população afro-brasileira e indígena (GONÇALVES, 2000). Não por acaso, as expressões da cultura negra como o samba, a capoeira e os terreiros (Candomblé e Umbanda), entre outras, não receberam e ainda não recebem tratamento igual aos bens culturais vinculados aos colonizadores europeus, principalmente aos portugueses. Embora as expressões das culturas populares como as escolas de samba mobilizem um número considerado de pessoas, mas não são retratadas na escola tradicional ou em pautas institucionais que visam a preservação da memória e símbolos nacionais.

Entretanto, trazendo para o contexto da memória onde encontramos constantemente termos como: identidade, cultura, patrimônio, diversidade e pluralidade, e compreendendo que o indivíduo é um ser único, em sua especificidade que ao se relacionar com outros indivíduos também, com suas diversidades, gerando grupos específicos, e no caso das Escolas de Samba todas possuem suas particularidades, seja nas cores do pavilhão, nas trajetórias construídas, ressaltando que a maioria dos integrantes das escolas, viviam em condições desfavoráveis e muitas vezes desumanas, com relação a classe dominante imposta, no entanto, através da colaboração mútua, exercem seus papéis de cidadãos e cidadãs em seu mais amplo sentido.

Figura 7 - Carnaval Rio de Janeiro



Fonte: Domínio Público

1.2.1 A Escola de samba como patrimônio cultural: Valorização afro-brasileira

Conforme abordado durante esse capítulo I, a participação da comunidade é fundamental para o andamento da agremiação, que perpassa pelos homens, mulheres, crianças e mais velhos e mais velhas, muito relacionada com a filosofia africana, que afirma da importância das pessoas para a vida. Entretanto, é importante destacar que no início do século XX, pessoas que celebravam suas existências e de seus grupos, em sua maioria, negras, eram perseguidas, não faziam parte do contexto de nação brasileira na prática, como podemos confirmar no dossiê “Matrizes do Samba no Rio de Janeiro – partido-alto, samba de terreiro e samba-enredo”, produzido pelo IPHAN:

[...] eram excluídas de participação plena nos processos produtivos e políticos formais, perseguidas e impedidas de celebrar abertamente suas folias e sua fé - deram forma a um novo samba carioca, samba do morro ou simplesmente samba. Elas também criaram as escolas de samba, espaços de reunião, troca de experiência, estabelecimento de redes de solidariedade, criação artística e festa (IPHAN, 2014, p. 16).

Embora fossem excluídos, esses grupos construíram através de suas memórias ancestrais africanas, “uma identidade nacional brasileira, o samba virou sinônimo de Brasil”

(IPHAN, 2014, p. 16). Foi além, compartilhou suas vivências e formas de viver para outros grupos, exemplificando que pertencem a um grupo que não exclui, e sim agrega, compreendendo que o mundo é para todo mundo.

A pesquisa enfatiza a grande contribuição de famílias pretas no contexto das escolas de samba, e não temos a pretensão de dizer que outras pessoas envolvidas no processo não são importantes na pesquisa em questão, mas convidar para reflexão as diversas formas de estratégias de sobrevivência que contribuíram para que o samba seja umas grandes expressões do Brasil.

Destacar que os órgãos públicos deveriam ser responsáveis por fomentar políticas públicas para a sociedade, previsto por Lei, e no contexto do patrimônio, levando em consideração que consta na Carta Magna de 1988, no artigo 30, sobre a competência dos municípios no inciso IX - de promover a proteção do patrimônio histórico-cultural local, observada a legislação e a ação fiscalizadora federal e estadual. Assim como, no artigo 215 que aborda sobre a defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro; produção, promoção, difusão de bens culturais assim como a diversidade étnica e regional, e o artigo 216 direcionando para o patrimônio, é papel do poder público, com a colaboração da comunidade, promover e proteger o patrimônio cultural brasileiro, entendendo que:

[...], compreendendo que fazem parte da lista de ações que contribuíram e contribuem para que o carnaval seja reconhecido mundialmente. Senda a cultura um dos motores fundamentais do desenvolvimento, os aspectos culturais deste são importantes quanto os seus aspectos econômicos, e os indivíduos e povos têm o direito fundamental de dele participarem e se beneficiarem (UNESCO, 2006).

Apesar de que haja leis para estabelecer a política da preservação de patrimônios, necessita de uma melhor compreensão de vários setores sobre o que precisa ser preservado, incluindo os próprios sujeitos detentores do saber, que para preservar, é imprescindível conhecer (FERNANDES, 2018). Nas quais, as formulações devem considerar as políticas de preservação e salvaguarda com o foco na cultura afro-brasileira²¹, priorizando um olhar sem a perspectiva hegemônica e ocidental, para que uma das funções da “preservação de um patrimônio seja pautada na noção de integralidade” (CHUVA, 2012, p. 147). Corroborando com o preâmbulo 9 da carta de recomendações da Conferência de Nara, em 1994, a UNESCO tem como parte de seus princípios, afirmar que:

²¹ Termo que designa os descendentes de africanos nascidos no Brasil, filhos da Diáspora africana. Ao mesmo tempo remete a um movimento de identificação étnica com os nascidos na diáspora africana em outros lugares (SISS, 2003).

[...] O patrimônio cultural de cada um é o patrimônio de todos. A responsabilidade por este patrimônio e seu gerenciamento pertence, em primeiro lugar, à comunidade cultural que o gerou, e secundamente àquela que cuida dele (UNESCO, 1994).

Embora os patrimônios sejam retratados como patrimônio nacional, é importante enfatizar que a comunidade cultural que o gerou é aquela que fez nascer ou existir, é quem foi responsável por germinar, o que podemos correlacionar com a raiz da árvore citada no início do capítulo, na qual possibilitou que surjam várias sementes e ramificações, portanto é uma raiz que deve ser preservada, e principalmente respeitada.

No dia 24 de fevereiro de 2022 a G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, através do projeto de Lei nº 5492/2022 foi declarada como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Rio de Janeiro, com o endereço localizado na Avenida Brasil, nº 31.146, na qual deveria também estender o reconhecimento para o endereço do Centro Social e Cultural Mocidade Independente, situado na Rua Coronel Tamarindo, 38, tendo em vista que é o local na qual os grandes bambas da agremiação surgiram e estabeleceram relações com o universo do samba no mundo, conforme pode-se comprovar no dossiê de matrizes do samba do Rio de Janeiro, produzido pelo IPHAN, consta como referências na história do samba no Rio de Janeiro, os nomes de Mestre André e Toco (IPHAN, 2014, p. 128), um dos fundadores da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, no período em que foi construída no ano de 1963, com a colaboração da comunidade do samba, e exatamente no período em que a Galeria da Velha Guarda da Mocidade foi fundada.

1.3 A força feminina das Escolas de samba

O Rio de Janeiro é considerado por muitos como o berço do samba. Tal fato tomou tamanha proporção que o samba carioca, é exportado para fora do Brasil como a maior representação da cultura brasileira, em detrimento das diversas modalidades características deste ritmo presente em todo o território nacional (Figura 7). Originário dos antigos batuques vinda da África com os africanos escravizados, o samba sempre esteve associado à religiosidade afro-brasileira. No Rio de Janeiro, nasceu no interior dos terreiros sob a proteção das “tias” baianas, mulheres que se constituem como as guardiãs da cultura africana no Brasil. Essas mulheres, em especial a Tia Ciata (Hilária Batista de Almeida) e Tia Bebiana vão garantir não só a permanência da cultura negra, da religião e das tradições africanas, como serão

responsáveis pelo fortalecimento dos laços identitários das famílias negras. Segundo Helena Theodoro, pesquisadora da cultura afro-brasileira:

[...] A tradição dos Orixás, em seus desdobramentos de valores e linguagens aparecem no mundo do Samba. Já que as atuações de Tia Ciata, de Tia Bebiana e de Hilário Jovino, todos ligados ao Terreiro de João Alabá, marcam as atividades musicais cariocas (THEODORO, 2007, p. 17).

O samba, assim como a capoeira e o candomblé são representações da cultura afro-brasileira, que foram proibidos pelas autoridades. No entanto, a partir dos anos de 1930, já na República, com o processo de constituição da identidade nacional e a necessidade de elementos de coesão social, o samba passa a ser utilizado, inclusive, como meio ou possibilidade de ser elemento de identidade da nação brasileira.

As participações femininas na formação das Escolas de sambas são presentes em todos os setores, iniciado pelas tias baianas vindas da Bahia, por Tia Ciata que através de seus conhecimentos, principalmente, na cura através das ervas, possibilitou que o batuque no quintal de sua casa reverbere até os dias atuais. Desde Tia Amélia, mãe de Donga, Tia Perciliana, mãe de João da Baiana, Tia Bebiniana, são mulheres que, com a farsa da abolição da escravidão, e a grande perseguição aos homens afro-brasileiros, assumiram suas famílias com os tabuleiros de quitutes em cada avenida e muito conhecimento na participação econômica do País, na relação com o corpo, principalmente com a vida, e com o grande poder de mudar o destino. De acordo com a pesquisadora Helena Theodoro, as mulheres são por natureza geradoras da vida, portadora da energia vital da continuidade da existência humana, através da fertilidade e do cuidado (THEODORO, 2019).

Figura 8 - Baianas com trajes de Nossa Senhora da Boa Morte.

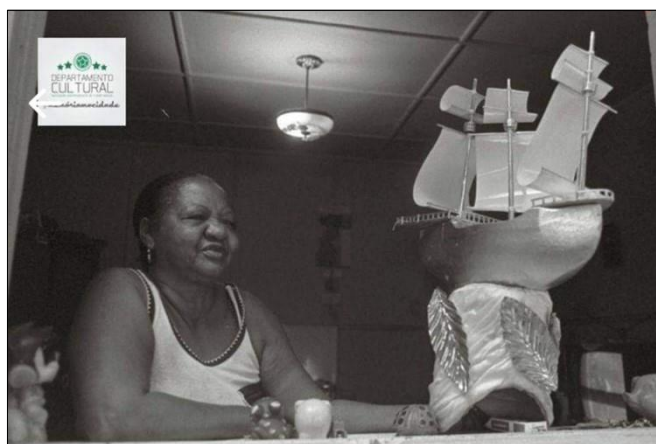


Fonte: Autor desconhecido

Na figura 8, temos a representação das mulheres negras integrantes da Irmandade da Boa Morte, da Barroquinha na Bahia, que desempenhavam o papel de reconstrução e manutenção da ancestralidade africana. Perseguidas pelo militar português, General Madeira de Melo, muitas se deslocaram para as diversas partes do Brasil, uma delas foi Tia Ciata, que veio para o Rio de Janeiro²², trazendo com ela todos os conhecimentos e uma grande noção de participação social, cultural e política, comprovando a grande importância das mulheres negras na construção de nosso País (THEODORO, 2009). No caso das Escolas de samba não foi diferente, a participação delas foi fundamental para a existência da agremiação. O que consiste em desviar do padrão eurocêntrico vigente, a começar pelo nome “quadra” que era chamada de “terreiros”, que até o ano de 1970 obedeciam a um regimento tácito semelhante, por exemplo, ao dos barracões do candomblé, na qual o acesso à roda era uma prerrogativa feminina (LOPES e SIMAS, 2021, p. 17).

1.3.1 Francisca Ferreira da Silva – Tia Chica

Figura 9 - Tia Chica



Fonte: – Departamento Cultural – Memória Mocidade (Ano desconhecido)

As diversas formas de figuras maternas e protetoras, muito peculiar das mulheres, sempre esteve presente na maioria das Escolas de Samba, e com a G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel não foi diferente, com a presença de Francisca Ferreira dos

²² Documentário: Festa da Boa Morte – Patrimônio Cultural da Bahia (legenda em inglês) de 25 de outubro de 2016. Disponível em: <https://youtu.be/bPtAQS-3Nxs>, consultado em 05.06.22.

Santos, conhecida como Tia Chica (Figura 9), de Oyá²³ com Ogum²⁴, é filha de santo do Babalorixá Djalma de Lalú, no candomblé Nagô Vodum. Tia Chica foi importante para o reconhecimento identitário da bateria, ovacionada mundialmente, e que desde a sua fundação faz parte do grupo das grandes escolas do carnaval do Rio de Janeiro. De acordo com Nirobe,

Tia Chica foi a primeira baiana da agremiação e uma das mães de santo mais influentes da região, além de ser responsável que tinha um terreiro de matriz angola, lugar onde os sambistas iam buscar seu axé antes de partirem para o samba. [...] Além de ser responsável pela identidade percussiva transferida do terreiro para a bateria da escola e do assentamento espiritual firmado para a Mocidade Independente de Padre Miguel em seus primeiros passos como escola de samba (NIROBE, 2016, p. 29).

Todos os anos no dia de São Sebastião, cultuado também como Oxóssi, que é uma divindade das religiões de matrizes africanas, conhecida como Orixá que representa o conhecimento, a fartura, a caça, a floresta. Para homenageá-lo era realizada uma procissão do terreiro da Yalorixá Dona Chica até a quadra da Mocidade Independente de Padre Miguel, num encontro entre católicos, com a presença do Padre Paulo da Igreja do bairro e integrantes das religiões de matrizes africanas (LIMA, 2022, p. 11).

Samba e religião foram durante muito tempo e são até hoje elementos indissociáveis. E embora os sambistas, afeitos ao caráter criptográfico de sua cultura, que durante anos precisou se disfarçar para sobreviver, às vezes o neguem, o fato é que não faltam elementos para comprovar que festa e fé andaram quase sempre de mãos dadas (IPHAN, 2014, p. 89).

No período da década de 70, para acalmarem os ânimos e os problemas de discórdias entre os componentes, teve a famosa lavagem da quadra. Tia Chica foi procurada pelo patrono da escola, Sr. Castor de Andrade, a quem pedia conselhos, e no ano em que a Mocidade alcançou o vice-campeonato, fez o patrono da agremiação reformar o terreiro da consultora espiritual (LIMA, 2020, p. 70).

Nas sociedades tribais, as mulheres desempenhavam um papel de profundo respeito e importância dentro dos grupos sociais. Muitas acumulavam a função de oráculo, rezadeira, sacerdotisa, curandeira, parteira, conselheira,

²³ Divindade de origem africana, também intitulada Iansã, no Brasil está relacionada ao elemento do ar e de princípio feminino. É também associada ao ar em movimento, o vento, possuindo um aspecto dinâmico do fogo que traz poder. Sua ligação com as tempestades, aos raios e trovões, compreendendo que o ar mais o movimento é igual ao fogo. Maiores informações podem ser adquiridas no livro *Iansã – Rainha dos Ventos e tempestades* da Dra. Helena Theodoro (2019);

²⁴ Divindade de origem africana, representado na figura de guerreiro, ele é considerado o orixá que possui maior proximidade com os seres humanos depois de Exú. No catolicismo, Ogum é conhecido como São Jorge. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/religiao/ogum.htm>, consultado em 19.10.22.

caçadora, coletora, guerreira, artesã, mãe, avó, bisavó e tataravó (PINTO, 2021, p.24).

No sentido de tribo, podemos caracterizar como um local que possui vínculos através dos costumes e tradições, o que tem muito a ver com as Escolas de samba, que através de sua territorialidade, apresentam suas características específicas de seus padroeiros, como as cores, as datas de festividades, a comida e elementos que remetem a sua religiosidade, tendo, em boa parte delas, mentoras espirituais na agremiação.

1.3.1.1 Tia Bibiana dos Santos – 82 anos

Figura 10 - Tia Bibiana beija foto de sua mãe Tia Chica



Fonte: Jornal Correio Carioca (2022)

Em entrevista com Bibiana dos Santos da Paixão, conhecida como Tia Bibiana (Figura 10), filha de Tia Chica, que hoje no auge de seus 82 anos de idade, filha de Oxóssi com Oyá e cinquenta anos de santo, conta:

Eu saía na ala das Caprichosas, e minha mãe era diretora da ala das baianas. Ela era aquela pessoa agradável, tudo de bom era ela quem fazia, e dava certo, todo mundo gostava dela. Tanto que no bairro, quem não conhecia Tia Chica, não conhecia ninguém. Foram muitos anos tomando conta da Mocidade, foi a primeira, e eu junto com o Vô Macumba na ala das Caprichosas, e a família todinha, o Dengo que era da bateria, os netos [...] no final ela levava todo mundo da família, tanto que todo mundo é até hoje Mocidade. Somos Mocidade graças a Deus! Com aquele capricho e carinho por ela. Porque até hoje, eles têm muito carinho por ela (Tia Bibiana, 82 anos, 2022)²⁵.

A presença da família no contexto das escolas de samba é algo fundamental, tendo em vista que “o samba de antigamente tinha muita essência, era no conjunto, de família”²⁶. Na

²⁵ Bibiana dos Santos da Paixão, conhecida como Tia Bibiana, filha de Tia Chica, mentora espiritual da G.R.E.S Mocidade Independente de Padre Miguel. A Entrevista foi concedida a pesquisadora no dia 19.10.22;

²⁶ Depoimento do Mestre de bateria Jonas de Oliveira, filho de Sr. Orozimbo, na *live* no Youtube, data do 04.08.2022 para a G.R.E.S. Unidos de Boston.

entrevista pudermos constatar que Tia Bibiana era também responsável pela ala que tinha a mascote Selma Bustamante, a pessoa responsável por encaminhar mesmo que inusitadamente essa pesquisa, compreendendo que na cultura de matrizes africanas, o acaso não existe, o visível está sempre relacionado com o invisível, e que os elementos da natureza, conhecidos pelo nome de orixás, possibilitaram através do axé, que significa a energia vital, tão presente em nosso dia a dia, disseminado através de encontros e reencontros que a vida proporciona.

Segundo tia Bibiana, tia Chica tinha inicialmente seu terreiro de umbanda que é uma religião tipicamente brasileira, mas que mantém sua base nas matrizes de origem africana. Isso porque

Tinha uma parte da umbanda e uma parte do candomblé, ela era filha de santo de Djalma de Lalú, era de Olinda, e veio da Bahia. É muito conhecido, no final ele vem a ser o meu pai de santo também, [...] sou filha de Oxóssi, e mamãe (Tia Chica) era da Iansã com Ogum, [...] mês passado eu fiz cinquenta anos de santo (risos). [...] é uma história muito bonita. (Tia Bibiana, 82 anos, 2022)²⁷

As religiões de matrizes africanas por conta do olhar judaico-cristão foram e são até os dias de hoje, demonizada, por conta da manutenção de um poder imposto, propagando a existência de um olhar unilateral, pautada na hierarquia. E o que vemos são adeptos e adeptas de uma religiosidade que se relacionam com a natureza, que dialoga com as mais diversas formas de existir e resistir. E com o entendimento de que há várias possibilidades de estar num mundo tão desigual e excludente, e de se relacionar com o mundo, não de forma hierárquica, mas de maneira respeitosa, e principalmente, promovendo o equilíbrio com o planeta, afinal, todas as pessoas, mesmo com pensamentos diferentes são integrantes do universo.

Tia Bibiana informou que tinha um irmão que era da bateria, o Dengo, filho carnal de Tia Chica, que tocava repique, e era um grande parceiro de Tião Miquimba. A casa da Tia Chica era frequentada pela maioria dos integrantes do Independente Futebol Clube, que futuramente passaram a ser da bateria da agremiação. Segundo ela, “[...] alguns eram Ogãs. Muito deles, [...] Tião Miquimba era, Mestre André também, mas aí eles foram se afastando, mas eles eram Ogãs, eles frequentavam o centro de minha mãe” (Tia Bibiana, 82 anos, 2022).²⁸

No capítulo III retrataremos sobre Mestre André e Tião Miquimba, elementos fundamentais para que a G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel entrasse para a história do carnaval carioca, sendo reconhecida mundialmente. E tia Bibiana, continua:

²⁷ Bibiana dos Santos da Paixão, conhecida como Tia Bibiana, filha de Tia Chica, mentora espiritual da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel. A Entrevista foi concedida a pesquisadora no dia 19.10.22.

²⁸ Bibiana dos Santos da Paixão, conhecida como Tia Bibiana, filha de Tia Chica, mentora espiritual da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel. A Entrevista foi concedida a pesquisadora no dia 19.10.22.

Era uma coisa, de louco, uma coisa muito boa, muito sincera, muita festividade, eles sempre juntos com ela, dando maior apoio. Ela fazia limpeza na quadra da Mocidade, como mãe de santo, a última limpeza que ela fez a Mocidade foi campeã. Feito por ela... a limpeza, os filhos dela. [...] tudo direitinho, e estamos aí minha filha (Tia Bibiana, 82 anos, 2022)²⁹.

Os Ogãs são responsáveis pelos toques e cantos, pela sustentação e firmezas durante os rituais, os que mantém a vibração nos diferentes toques do atabaque e pontos cantados. Eles não entram em transe, e auxiliam, nesse caso, a mãe de santo nas atividades espirituais. Colaborando para que a energia vital, o axé, seja propagada:

[...] É família minha filha, é família... família, [...] se fizer o jogo legal direitinho, vai ver que somos tudo família. [...] Que nunca morra a memória da escola, que fique sempre na lembrança da gente, que ela nunca morra, porque a gente está sempre aqui. “Tu vê” a idade que estou!? Eu estou aqui e estou firme, como a memória dela (Tia Chica) está sempre comigo, e assim com você, com as outras pessoas também (suspirando). É a coisa mais linda que tem, minha filha! (Tia Bibiana, 82 anos, 2022)³⁰

Segundo Dra. Helena Theodoro, a Escola de samba é um terreiro na avenida, que através das cores e toques, que são características de seu Orixá, colaboram da maneira invisível, através, inclusive, do amor pela agremiação, assim afirma Tia Bibiana:

[...] Ainda mais quem é dedicado a Mocidade, quem ama, quem aceita ela de qualquer jeito, ganhando ou perdendo, [...] eu sou Mocidade, é o que todo mundo tem que fazer pra ter ela (Tia Chica) sempre na memória e no coração. (Tia Bibiana, 82 anos, 2022)³¹

Tia Chica é a mentora espiritual, assim como, Dona Martinha, africana de nascimento, madrinha da G.R.E.S. Portela (SODRÉ, 1942, p. 137), reconhecer e reverenciar o seu grande papel para a existência da agremiação é de suma importância, tendo em vista, que a ancestralidade sempre está presente em nosso dia a dia, independente a qual religião pertencer. E as mães de santo, nesse caso, “são responsáveis pela realimentação e distribuição do Axé” (SODRÉ, 1942, p. 92). Além de Tia Chica, citamos uma outra mãe de santo, a Tia Nair, que exercia um papel importante junto aos fundadores da Mocidade, sob um aspecto mais familiar e reservado, e que abordaremos mais adiante, no capítulo III.

²⁹ Bibiana dos Santos da Paixão, conhecida como Tia Bibiana, filha de Tia Chica, mentora espiritual da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel. A Entrevista foi concedida a pesquisadora no dia 19.10.22.

³⁰ Bibiana dos Santos da Paixão, conhecida como Tia Bibiana, filha de Tia Chica, mentora espiritual da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel. A Entrevista foi concedida a pesquisadora no dia 19.10.22.

³¹ Bibiana dos Santos da Paixão, conhecida como Tia Bibiana, filha de Tia Chica, mentora espiritual da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel. A Entrevista foi concedida a pesquisadora no dia 19.10.22.

1.3.2 Maria da Glória Vieira

Conhecida como Maria do Siri, cedeu o quintal de sua casa, na época em que a agremiação não tinha lugar fixo para os ensaios. Por conta do pouco tempo para a pesquisa, não houve possibilidade de entrevista com a família.

1.3.3 Dona Nadir de Oliveira

Figura 11 - Dona Nadir - Matriarca da Família - Orozimbo Oliveira



Fonte: Acervo Família de Orozimbo de Oliveira

Deu a primeira geladeira para a agremiação, tem uma participação ativa, tendo em vista que foi uma das primeiras-damas e destaque da escola, teve treze filhos com o Sr. Orozimbo de Oliveira (Figura11), terceiro presidente da agremiação, na qual abordaremos no capítulo III.

É importante destacar que a comida é algo muito sagrado nas matrizes de cultura africana, que segundo Helena Theodoro é o alimento que entra “morto” na cozinha e “sai” vivo para alimentar as pessoas, onde há uma relação com os elementos da natureza: a água, ar, terra e fogo, que se complementam no preparo do alimento, portanto, a geladeira é a forma de manter os alimentos e as bebidas, para que possam confraternizar entre todas as pessoas presentes.

1.3.4 Dona Gilda Faria Lima

Segundo Ipólito Trindade³², ela era uma cabelereira de mão cheia do bairro, conhecida como Madame Gilda (Figuras 12 e 13). E presenteou o primeiro pavilhão da agremiação, que sob o ponto de vista da escola de samba:

A bandeira é tão poderosa no imaginário e na cena do samba carioca como elemento de identidade de grupo que inspira a escolha das cores de roupas do dia a dia; de objetos pessoais, colares, pulseiras, brincos, lenços, gravatas, bolsas; da pintura de muros e paredes de casas. E até do glacê que cobre bolos em festas de aniversários (IPHAN, 2014, p. 108).

Figura 12 - Carteira de identidade de Dona Gilda Faria Lima



Fonte: Arquivo Eunice Lima.

Figura 13 - Dona Gilda Faria Lima – Madrinha da Agremiação



Fonte: Arquivo Eunice Lima

Na época dos ranchos, a bandeira era conhecida como estandarte, no final do século XIX e início do século XX, que tinha representação simbólica de um substituto dos ancestrais

³² Entrevista concedida a pesquisadora no dia 11.03.2022.

(IPHAN, 2014, p. 107), por isso, é possível perceber o ritual realizado entre mestre-sala e porta-bandeira, que abordaremos mais adiante. A bandeira tem o papel fundamental de contribuir na identidade da agremiação, tanto que as vestimentas de componentes, sempre estão relacionadas a cor do pavilhão, nome que é conhecida nas escolas de samba, e que possui um significado mais amplo, de relacionar-se com as energias cósmicas, confirmando assim o grande papel que desempenha, inclusive, de selar as amizades e alianças em encontros com coirmãs, em verdadeiras cerimônias ritualísticas.

Quero ser a pioneira
A erguer minha bandeira
E plantar minha raiz
Desse mundo louco
De tudo um pouco
Eu vou levar, pra 2001³³

Portanto, Dona Gilda foi a pioneira em contribuir para que a Mocidade erguesse a sua bandeira até os dias de hoje. Foi esposa do Sr. Garibaldi de Lima, o primeiro tesoureiro e, também fundador da agremiação, com o título de número quatro. Dona Gilda, considerada pelos integrantes, como madrinha; conforme comprovamos em na ata da escola do dia 20 de janeiro de 1957; e foi a pessoa que também segurou a bandeira no momento de batismo da agremiação (LIMA, 2022).

O pavilhão de uma escola é reverenciado por todos os componentes presentes no momento inicial de qualquer cerimônia, ele é a extensão do corpo da porta-bandeira e cortejado pelo mestre-sala,

O pavilhão da porta-bandeira se apresenta como uma entidade, uma personificação e extensão do corpo da dama do bailado. Sempre existindo a reciprocidade dos sentidos, pois ao mesmo tempo que é protegida pelo casal, protege toda uma comunidade, quando é abençoada também abençoa, sendo assim, compreendida como um dos símbolos mais importantes de uma agremiação (RAMOS e DA SILVA, 2022, p. 82).

Embora, alguns integrantes da agremiação não tenha a noção da representatividade do pavilhão, é importante destacar que este é o momento em que todos reunidos para reverenciar, saudar e pedir licença a ancestralidade através de um ritual (THEODORO, 2022)³⁴ (RAMOS e DA SILVA, 2022

³³ Samba-enredo: Ziriguidum 2001, Gibi, Tiãozinho e Arsênio – Mocidade Independente de Padre Miguel, ano de 1985.

Segundo a escritora Sobonfu Somé, de Burkina Faso, no livro *O Espírito da intimidade*, ela explica que é importante em qualquer relacionamento, fazer rituais – para manter a paz, para manter os pés no chão, para melhorar a comunicação (2018, p. 53) e sobre o significado de ritual, ela afirma:

Um ritual é uma cerimônia em que chamamos o espírito para servir de guia, para supervisionar nossas atividades. Os elementos do ritual nos permitem estabelecer conexão com o próprio ser, com a comunidade e com as forças naturais em nossa volta. No ritual, chamamos o espírito para nos mostrar os obstáculos que não somos capazes de ver, por causa de nossas limitações como seres humanos. Os rituais nos ajudam a remover obstáculos entre nós e nosso verdadeiro espírito e outros espíritos (SOMÉ, 2018, p. 53).

Nas figuras femininas de porta-bandeiras, destacamos a Helena e Remba, que abordaremos em seguida.

1.3.5 Porta-bandeira – Helena do Siri

Era filha de Maria do Siri, a pessoa responsável por ceder um espaço para que a Mocidade pudesse ensaiar. Foi a porta-bandeira da agremiação nos desfiles na Praça Onze e Av. Rio Branco, ganhadora do prêmio de melhor porta-bandeira do ano de 1959, quando a Mocidade fez a paradinha na avenida.

Mais um caso de nossa pesquisa, que por conta do pouco tempo, atrelado a pandemia de Covid-19, não conseguimos contato com a família, mas é importante deixar na pesquisa como registro de sua importância para a historicidade da Escola de Samba.

1.3.6 Elizete Cândida da Silva - Remba

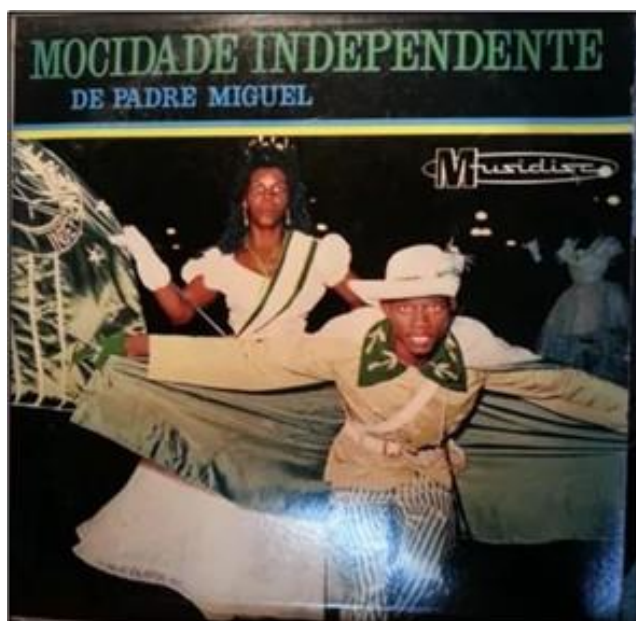
Figura 14 – Porta-Bandeira Remba- Revista Mocidade Independente - 2010



Fonte: Revista Mocidade Independente (2010)

Na Figura 14 da revista *Mocidade Independente* do ano de 2010 consta uma matéria de autoria de Fabio Fabato e Vicente Magno, com uma foto da Remba orgulhosamente carregando o pavilhão da agremiação, em frente a quadra tradicional da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel. Segundo depoimento de Elizete Cândida da Silva, que prefere ser chamada de Remba, diz que seu pai foi um dos fundadores do G.R.E.S. Unidos de Bangu, em 1937, na qual desfilava com sua mãe que era da ala das baianas, então, a essência do samba já estava presente em sua vida. Segundo alguns entrevistados, em 1953, Remba foi a primeira porta-bandeira do Bloco de Sainha, junto com o mestre-sala, que se chamava “Baliza” na época, na qual era Mestre André. Além de sua paixão pela Escola de samba, orgulha-se de ter sido capa, juntamente com o mestre-sala, (Figura 11) do disco datado no ano de 1968, produzido por Haroldo Costa pela Musidisc, mas reconhece que a primeira porta-bandeira da escola é a Helena, filha de Maria do Siri³⁵.

Figura 11 - Capa do Disco – Mocidade Independente – 1968



Fonte: Musidisc (1968)

1.3.7 Dona Yvanoí

³⁵ Entrevista no canal do Youtube do carnavalesco Fabio Fabato, em 2010. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4Y2uaaqPKmg>. Acesso em 08.05.21.

Figura 12 - Yvanoí conversa com Poty – Jornal Correio da Manhã



Fonte: Jornal Correio da Manhã – 1969

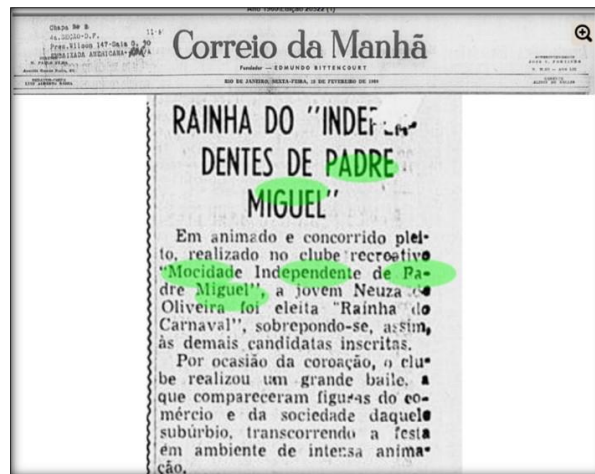
Segundo Eunice Lima,

Dona Yvanoí foi primeiro destaque em luxo após a Nadir de Oliveira (esposa do Orozimbo). A Nadir primeiro destaque da época da fundação (pobre) Yvanoí chegou mais tarde dando uma alavancada na Mocidade, era considerada primeira-dama em elegância de Bangu. Promoveu desfiles de moda e vários eventos, foi diretora do Departamento Feminino da Escola. O homem é Poty trabalhava como carnavalesco e figurinista da escola. Na figura 12, eles conversam sobre figurino (Eunice Lima, 72 anos, 2021)³⁶.

A Mocidade recebeu pessoas de todos os lados para ajudar a potencializar a agremiação, e não foi diferente com Dona Yvanoí, que propagava o nome da escola em vários locais, conhecidos, como a elite carioca. As manchetes de jornais da época se impressionavam com a participação da agremiação, que de forma talentosa, apresentava para o mundo o universo da verde e branco, sempre destacando a presença feminina das princesas, cujos principais nomes são: Marlene, Linda, Joarina, Célia, Mary e Leda, conforme podemos confirmar na reportagem do jornal Correio da Manhã, edição 20.522 de 19 de fevereiro de 1960, sobre a coroação da rainha do carnaval da agremiação, na figura 13. Inclusive, na entrevista do ano de 1967, no Museu da Imagem e do Som, os entrevistados reforçam a grande importância das mulheres no progresso da escola.

³⁶ Eunice Lima – Filha de Ary de Lima. Entrevista concedida a pesquisadora no dia 09 de fevereiro de 2021 na plataforma online.

Figura 13 - Reportagem sobre a Rainha do Independente



Fonte: Jornal Correio da Manhã (1956)

A participação feminina na agremiação sempre esteve presente, seja na colaboração em vários setores “permitidos na época”, mas, conforme consta na ata de fundação da agremiação do ano de 1955, o registro de candidatas à Rainha do ESMI (Escola de samba Mocidade do Independente), na qual concorreu, as seguintes senhoritas: Neuza de Oliveira, Edna Guimarães, Norma Cardoso Gonçalves e Neide Silva. Na qual, comprovamos que era um momento de festividade, sendo registrado pelas mídias da época.

Figura 14- Reportagem do Jornal Correio da Manhã do dia 27 de janeiro de 1960



Fonte: Jornal Correio da Manhã (1960)³⁷

³⁷ Jornal carioca diário e matutino fundado em 15 de junho de 1901, por Edmundo Bittencourt e extinto em 8 de julho de 1974. Foi durante grande parte de sua existência um dos principais órgãos da imprensa brasileira, tendo-se sempre destacado como um “jornal de opinião”.

Na Figura 14, reportagem do Jornal Correio da Manhã do dia 27 de janeiro de 1960, onde consta o Presidente Sylvio Trindade, Tio Vivinho com a ala das Princesas, reforçando o entendimento na época, sobre a importância da participação feminina na fundação das agremiações, que é confirmada no áudio de 1967, constante no Museu da Imagem e do Som, na qual, integrantes agradecem à algumas mulheres pelo sucesso da escola.

Figura 15 - Matéria sobre quebra de favoritismo da Mocidade



Fonte: Jornal Correio da Manhã (1960)

Conforme podemos constatar na reportagem do Jornal Correio da Manhã de 19 de fevereiro de 1960, na edição 20.522, a notícia sobre a coroação da Rainha do Carnaval da Agremiação (figura 15), que era um hábito das Escolas de samba com direito a realização de grandes eventos para a celebração e arrecadação de verbas para a produção do carnaval, e no ano de 1960, a representante foi Sra. Neuza de Oliveira numa disputa concorridíssima.

CAPÍTULO II

MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL: MEMÓRIA, HISTÓRIA E FORMAÇÃO

Neste capítulo, abordamos a história e a formação do G.R.E.S.. Mocidade Independente de Padre Miguel no contexto social, político e cultural da cidade do Rio de Janeiro, contada a partir do aspecto geográfico de sua localização, o bairro de Padre Miguel e a zona oeste. Serão ressaltados aspectos urbano-industriais, particularmente habitacionais e demográficos, por ser uma região de atração de imigrantes de países europeus como Portugal, migrantes de outros estados brasileiros nacionais (norte e nordeste) e de várias localidades do Estado do Rio de Janeiro, sobretudo da região sul fluminense.

Destacamos neste capítulo, a relação escola de samba e o futebol na medida que, a Mocidade Independente de Padre Miguel foi gestada dentro do Independente Futebol Clube, de onde era a maioria de seus integrantes. De forma semelhante, ressaltamos a relação desta escola com as comunidades de terreiros de matriz africana (candomblé e umbanda). Trata-se de relações importantes que permitem compreender melhor o contexto do surgimento das escolas de samba no Rio de Janeiro e o universo do mundo do samba carioca referenciados a outros elementos culturais que marcam a identificação da população negra.

2.1 O bairro de Padre Miguel: Formação e contexto cultural

Uma realidade muito frequente no Brasil, é de não termos informações explícitas sobre a formação do País, da cidade ou até mesmo de um bairro. Entretanto, nossa finalidade neste capítulo é apresentar um pouco mais sobre a formação do bairro de Padre Miguel, contextualizando-o com as diversas influências econômicas, políticas, religiosas, sociais, e principalmente, étnico-raciais, que é um ponto crucial no desenvolvimento populacional e desigual no país, que necessitam de debates para uma maior compreensão sob o sentido de pertencimento.

Situado ao norte do maciço da Pedra Branca, entre os bairros de Bangu e Realengo, era um local de passagem, na qual toda a área foi apropriada por padres Jesuítas da Companhia de Jesus que receberam a antiga sesmaria, que na época de Dom João III, promovia através da metodologia das capitanias hereditárias a primeira divisão administrativa, territorial e a ocupação das terras sem oneração para a Coroa,

A utilização de mapas como forma de estipular limites, demarcando a soberania exclusiva utilizando da área da educação para legitimar a expansão, onde colonizadores, para a ampliação de seu poder recorriam a métodos de aparência legal que tomavam como “heranças” as supostas soberanias dos dirigentes nativos, eliminados ou submetidos pelos europeus (ANDERSON, 2008, p. 240).

Com o bairro de Padre Miguel não foi diferente, situado entre os bairros de Realengo e Bangu não há informações concretas sobre a sua da fundação. Compreendendo que a área da zona oeste é conhecida como o Caminho Imperial (Figura 16), ou seja, a família de Dom Pedro I usava o mesmo percurso para chegar na Fazenda de veraneio, em Santa Cruz. As terras delimitadas ao atual bairro, faziam parte da Fazenda Água Branca, que “pertencia” à família Barata, e consta em registros de que a inauguração da Estação Ferroviária, até então chamada de Moça Bonita foi em 06 de abril de 1940. Segundo a tradição oral da região, a comitiva de Dom Pedro I sempre parava na fonte de pedra da capela para saciar a sede dos cavalos, quando seguia caminho para a Real Fazenda de Santa Cruz³⁸ e o nome atribui a beleza de uma moradora que atraía a atenção.

Figura 16 - Caminho Imperial – Jornal O Globo



Fonte: Jornal O Globo – 16.08.2018

Segundo pesquisas, o atual nome do bairro, é em homenagem ao nome do monsenhor Miguel de Santa Maria Mochon, nascido em Granada, na Espanha, em 1879. Aos 29 anos, ele chegou à região para assumir a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, inaugurada em substituição à capela construída em 1758. Onde há relatos de antigos moradores, inclusive, que

³⁸ Disponível em: <http://multirio.rio.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/3089-realengo-educ%C3%A7%C3%A3o-e-cultura-na-zona-oeste>, acesso em 05.06.21.

em torno do templo, eram realizadas feiras, nas quais negros ex-escravizados, exibiam suas mercadorias sobre pedaços de tecidos ou esteiras de sisais. Há a informação de que o religioso foi responsável pela criação de inúmeras escolas e de um cinema, conhecido como Cine Moça Bonita, extinto na década de 70.

Figura 17 - Cine Moça Bonita



Fonte (s): Arquivo Nacional – Correio da Manhã – Espaço Marcio Conde

Na figura 17 é o extinto cine Moça Bonita, que pegou fogo e atualmente funciona uma igreja evangélica.

É importante ressaltar que a área da Zona Oeste tem suas origens e desenvolvimento econômico das mais diversas formas, e com explorações econômicas específicas:

[...] O bairro mais antigo é o de Santa Cruz, fundado a partir da sesmaria criada em 30 de dezembro de 1567. Bangu e Campo Grande foram fundados bem mais tarde, em 1673. Realengo tem sua origem em 1814 (LAMEGO, 2020, p.20).

Contudo, há registros da presença indígena nesses locais antes da chegada, negociações entre colonizadores e a igreja num período de grande conflito e luta por terras. “Inicialmente o bairro de Campo Grande era habitado por índios Picinguabas até 1569, [...] Santa Cruz, era

conhecida como a terra de Piracema, ocupada até o início da Nação Tupi” (LAMEGO, 2020, p. 22).

Havia uma disputa no domínio por terras, a igreja, através dos jesuítas da Companhia de Jesus, na finalidade de catequizar ou até mesmo “civilizar” foi a grande facilitadora para o aniquilamento da cultura indígena. E “em todo o século XVIII, o escravo africano contribuiu decisivamente para o sucesso do empreendimento da Companhia” (LAMEGO, 2020, p. 23), reafirmando o grande apoio dos negros escravizados na construção do patrimônio judaico-cristão.

A Zona Oeste teve várias contribuições de negros escravizados e povos originários, que podemos perceber no significado do nome do bairro de Bangu, como afirma Lamego, em seu livro *Viajantes estrangeiros na Zona Oeste Carioca no século XIX*:

Bangu tem dois significados distintos: uma com significado de “anteparo negro, paredão negro” (origem Tupi), a outra vem do africano banguê, nome dado pelos escravos ao local de engenho onde se guardava o bagaço da cana-de-açúcar (LAMEGO, 2020, p. 23).

Inclusive, há estudos de vários pesquisadores africanos, principalmente de Cheikh Anta Diop (1974, p. xiv), que configura de “desonestidade” científica e carência ética do mundo ocidental ao tratar sobre as civilizações e culturas produzidas na África.

O fruto moral da sua civilização está para ser contado entre os bens do mundo negro. Em vez de se apresentar à história como um devedor insolvente, esse mundo negro é o próprio iniciador da civilização “ocidental” ostentava hoje diante dos nossos olhos. A matemática pitagórica, a teoria dos quatro elementos de Tales de Mileto o materialismo epicureano, o idealismo platônico, o judaísmo, o islamismo e a ciência moderna estão enraizados na cosmologia e na ciência egípcias. Só temos de meditar sobre Osíris, o Deus redentor que se sacrifica, morre e é ressuscitado uma figura essencialmente identificável a Cristo. (DIOP, 1974, p. xiv apud NASCIMENTO, 2009, p. 199).

A formação da sociedade foi pautada na exclusão e privilegiando apenas um ponto de vista com a justificativa de estabelecer uma “verdadeira” nação, impondo os valores eurocêntricos que não reconhecem o berço da humanidade na África, excluindo principalmente descendentes de Reis e Rainhas do continente africano espalhados pela diáspora, não considerando que no Brasil, não houve o “Descobrimento” tendo em vista que já existiam os grupos indígenas espalhados pelo país, assim como afirma a antropóloga Sheila Walker:.

[...] quase quatro séculos de trabalho sem remuneração de gerações de africanos e seus descendentes nas minas, plantações e cidades das américas, criou base dos desequilíbrios atuais entre afrodescendentes e eurodescendentes em todas as américas (WALKER, 2018, p.17).

As famílias trazidas forçadas para o Brasil tiveram que se reestruturar às crueldades de um determinado grupo, que usou a mão de obra escravizada para produzir suas riquezas, e inclusive com o apoio institucional do governo, como podemos destacar nas construções de linhas férreas por conta do crescimento populacional e a necessidade de ampliação da economia, com má distribuição de renda no Brasil, obriga famílias se deslocarem para o que era conhecida como área rural.

A estação ferroviária foi importante para o surgimento do bairro, sendo a estação de Realengo construída no ano 1878, dentro do projeto de estratégia com a criação do Campo de Marte, da Escola de Tiro e da Imperial Academia Militar. E a estação de Bangu no ano em 1890, que era uma grande referência na indústria têxtil no Rio de Janeiro, em que possibilitou com que imigrantes construíssem a fábrica inaugurada no dia 06 de fevereiro de 1889, cujo nome era Companhia Progresso Industrial do Brasil, sob a presidência de Estevão José da Silva.

Paralelo aos acontecimentos, é importante destacar que com a vinda da Família Real para o Brasil em 1808, houve a abertura dos portos para as Nações Unidas, onde somente estrangeiros com a permissão da Corte poderiam se estabelecer no país, sendo proibida a entrada de africanos. E consequente, a lei Feijó em 1832 que dava liberdade a negros e negras escravizados (as) desembarcados (as) no país. Entretanto, a Lei nº 581 de 04 de setembro de 1850 foi e é crucial até os dias de hoje na trajetória de afro-brasileiros :

Lei Eusébio de Queirós estabelecia o fim da apropriação de terras: nenhuma terra poderia mais ser apropriada através do trabalho, mas apenas por compra do estado. As terra já ocupadas seriam medidas e submetidas a condições de utilização ou, novamente, estariam na mão do estado, que as venderia para quem definisse (BRASIL, 1850).

Mediante a essa lei, foi mantida a política de imigração estrangeira, com exceção, aos imigrantes oriundos do continente africano. O governo de Portugal incentiva a vinda para o Brasil (Tabela 1 e 2) proporcionando benefícios e incentivos para a abertura de comércios locais. É importante destacar que no período de 1901 a 1930, várias famílias portuguesas foram incentivadas a virem ao Brasil e beneficiadas. É possível perceber que a maioria das pessoas nesse período, era formada por homens brancos (Tabela 2), ou seja, muitos formaram a família no Brasil, contribuindo com a política de embranquecimento instaurada na época.

Tabela 1 - Imigração portuguesa para o Brasil (1500-1991)

TABELA 1: Imigração portuguesa para o Brasil (1500-1991)	
Décadas	Número de imigrantes
1500-1700	100.000
1701-1760	600.000
1808-1817	24.000
1827-1829	2.004
1837-1841	629
1856-1857	16.108
1881-1900	316.204
1901-1930	754.147
1931-1950	148.699
1951-1960	235.635
1961-1967	54.767
1981-1991	4.605

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Fonte: IBGE

Tabela 2 - Imigrantes portugueses por sexo (1940-1991)

Tabela 2: Imigrantes portugueses* por sexo						
Ano	Homens	% em relação ao total de homens estrangeiros	Mulheres	% em relação ao total de mulheres estrangeiras	Total de homens estrangeiros	Total de mulheres estrangeiras
1920	291.198	31,6%	142.379	22,1%	922.958	643.003
1940	221.195	27,9%	136.979	22,3%	793.276	613.292
1950	206.304	30,3%	130.552	24,4%	679.962	534.222
1960	247.119	36,1%	183.928	32,4%	683.919	568.548
1970	247.197	36,8%	190.786	34,2%	671.375	557.753
1980	216.724	36,1%	175.937	34,4%	599.986	510.924
1991	140.320	30,3%	123.290	34,4%	463.159	358.631

*Incluindo os estrangeiros naturalizados. Fonte: IBGE/Censos Demográficos 1940-1991.

Fonte: IBGE

Nas tabelas 1 e 2, é possível constatar que no período de 1901 a 1930, a chegada de 754.147 imigrantes ao Brasil, por questões de incentivos do Estado, assim como, pelas consequências da Guerra Mundial de 1914, incentivando que o país fosse ocupado por um grande número, além de portugueses, vieram os italianos, de sírios, libaneses, poloneses, entre outros.

No período de 1905 a 1906, acontecia a reforma de Pereira Passos, o conhecido como bota-abixo (CABRAL, 1996, p. 29) com o “êxodo populacional para os morros e periferias (zona rural)” (SANTO, 2016, p. 183). Além do êxodo rural, especialmente na Região Sudeste

do Brasil por conta da industrialização do país na década de 60, abrigando diversas pessoas de outras cidades, principalmente vindas das regiões norte e nordeste.

O Brasil que foi o último país a extinguir o tráfico negroiro, e é considerado o principal porto de entrada aqui e nas Américas, onde teve o desembarque do maior número de negros escravizados, aproximadamente quatro milhões, durante os mais de três séculos, na qual, a cidade do Rio de Janeiro, registra cerca de um milhão de africanos escravizados em cerca de 40 anos, tornando o maior receptor de negros escravizados no mundo, conforme afirma a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que inclusive reconhece o Cais do Valongo, situado na região portuária, como Patrimônio Cultural da Humanidade no dia 09 de julho de 2017³⁹. É importante ressaltar que o Estado brasileiro não possibilitou reparações e muito menos ações de políticas públicas para os descendentes de africano, apenas para outros imigrantes de diversos países.

Figura 18 - Matéria Jornal - "Não há melhor bateria" – 1969



Fonte: Jornal Correio da Manhã (1969)

³⁹ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1605/>. Acesso em 01.03.2018.

Durante o andamento da pesquisa sobre a G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, encontramos uma reportagem sobre a agremiação com o título “Não Existe Mais Quente”, item 2 da Figura 18, registrada no Jornal Correio da Manhã do dia 08 de dezembro de 1969, na qual discutiremos no capítulo II que aborda sobre Mestre André e sobre a trajetória da a Escola de Samba. Mas, ao analisarmos a capa do jornal em questão, no item 1 da figura 18, deparamos com a questão que está sendo colocada para reflexões, sobre as vantagens que portugueses e seus descendentes obtiveram para se instalarem no Brasil, nas quais seus direitos são ampliados, enquanto de descendentes de africanos trazidos à força para o Brasil para trabalharem como escravizados são desconsiderados, no mesmo jornal é possível ter acesso ao descaso que a população pobre, principalmente negras são submetidas.

No bairro de Padre Miguel, esse cenário imposto pelo Estado brasileiro, é refletido na comunidade, já que muitos comerciantes de origem portuguesa declaram que iniciaram suas atividades no bairro em função dessa época, o que coincide com o período de fundação da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel.

Mergulhada no descaso do poder público, encontramos a comunidade da Vila Vintém, na qual, o nome é associado ao fato de não valer um vintém, porém, “as memórias afetivas de antigos moradores afirmam “Vila do Vintém” (SANTO, 2016, p. 229). E parte deles, ajudaram na construção das maiores habitações verticais no Estado do Rio de Janeiro. São poucos registros encontrados sobre a comunidade, além do relacionado a violência e no próprio bairro, ela é vista de forma hierárquica e preconceituosa. Entretanto, ela existe antes do processo de habitação da década de 50, inclusive, fomentando atividades culturais.

Há muitos anos circulava por suas vielas uma bonita Folia de Reis, cujos ritmistas, pelo menos parte deles, integravam também a bateria da valorosa vermelha e branca G.R.E.S. Unidos de Padre Miguel de Padre Miguel, escola de samba sediada na própria favela ali no final dos anos de 1950 (SANTO, 2016, p. 223).

Como contribuição para essa temática, veremos o depoimento do compositor Tiãozinho da Mocidade, no capítulo IV, que aborda sobre o ponto de vista, de dentro para fora, o que nos possibilita refletir sobre a grande diversidade existente na comunidade.

A G.R.E.S. Unidos de Padre Miguel era conhecida como boi vermelho, que é possível fazer uma alusão, as expressões culturais de bumba meu boi. Foi fundada no ano de 1957, e atualmente possui seis campeonatos no grupo de acesso, segundo registros, havia uma grande competitividade entre ela e a “Arroz com Couve”, nome que era dado ao Independente Futebol Clube, mas que hoje, através de encontros de Velhas Guardas e Baianas e outros setores da

agregação, minimizaram essa rivalidade. Na verdade, a comunidade da Vila Vintém acolheu as duas agremiações, segundos relatos de moradores, a Unidos de Padre Miguel, se chamava Unidos da Rua D, localizada no conjunto do IAPI, e a Mocidade do Independente, que também surgiu no conjunto habitacional, ambas foram criadas no local conhecido como Ponto Chic, que abordaremos mais a diante.

As Escolas de samba têm uma relação muito direta com as linhas ferroviárias, suas historicidades estão correlacionadas aos trilhos. Com o surgimento, em 1858 da Estação do Campo, ou da Estação da Corte, ou Estação Dom Pedro II, que são nomes da estação conhecida popularmente como Central do Brasil, o que possibilitou o crescimento social e econômico ao redor do caminho dos trilhos.

O bairro de Padre Miguel está localizado entre a Estação Realengo, construída em 1878 e a Estação de Bangu, construída em 1890. A estação era chamada de Moça Bonita, fundada em 1933, sendo renomeada em 1948, em homenagem ao padre espanhol Miguel de Santa Maria Mochon, padre da Igreja Nossa Senhora da Conceição de Realengo, onde dedicou toda a sua vida, catequizando e ensinando milhares de crianças e adultos em sua área de influência. E no ano de 2007 passou a ser chamada de Mocidade/Padre Miguel⁴⁰.

Figura 19 - Inauguração do IAPI de Padre Miguel - 1952



Fonte(s): – Arquivo Nacional – Correio da Manhã – Marcio Conde

O bairro de Padre Miguel “foi o destino de uma grande massa de operários, beneficiados por um ambicioso plano habitacional federal que urbanizou uma área rural existente entre Realengo e Bangu”, (SANTO, 2016, p. 216) construindo ali, a partir da década de 1940, os Institutos de Aposentadoria e Pensão (IAPs), atualmente conhecidos como IAPI’s do Ponto Chic

⁴⁰ Disponível em: Estações ferroviárias do Brasil
http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_rj_mangaratiba/padre.htm. Acesso em 06.06.21.

(Figura 19) e da Caixa D'água (Figura 20), inaugurado no dia 01 de maio de 1952. Entretanto, esse grandioso projeto acabou beneficiando, por conta da exigência de vínculo empregatício formal, os níveis mais superiores da classe operária, que vieram de vários locais diferentes.

Figura 20 - Inauguração do IAPI – Padre Miguel (Caixa D'água) – 1952



Fonte: Arquivo Nacional – Correio da Manhã

Consequentemente, com o aumento populacional do bairro, dinamizou a área comercial, os serviços e o setor de entretenimento. Tinha o cinema, que não conseguimos identificar a data de fundação, já que pegou fogo na década de 70, e o Clube Recreativo Industriários de Padre Miguel – CREIB, (Figura 21) que foi um dos responsáveis por cultivar o bairro como um grande caldeirão cultural. Nele aconteciam os festivais de refrigerantes, concurso de rainhas, os *shows* de Devaneios, Copa 7 e Beбето, recebeu até *show* de Emilinha Borba, na ocasião, a maior estrela da Era do Rádio. O clube cedia o espaço para eventos sociais da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, antes de ter a sua própria quadra.

Figura 21- Parte externa do CREIB de Padre Miguel (2021)



Fonte: Espaço Cultural Marcio Conde.

Figura 22 - Parte externa do CREIB de Padre Miguel (2022)



Fonte: Espaço Cultural Marcio Conde

O Clube CREIB (Figura 21 e 22), durante anos foi o palco de diversos bailes, embalado pela musicalidade negra e estava sem atividades fixas, e em estado precário para o funcionamento.

Figura 23 - Parte interna do CREIB de Padre Miguel



Fonte: Espaço Cultural Marcio Conde

O CREIB é um patrimônio do bairro de Padre Miguel que atualmente, em seu anexo, que no ano de 2015, foi batizado como Espaço Marcio Conde, que segundo seus idealizadores, era um ambiente insalubre e sem uso há cerca de 30 anos, entretanto, moradores, através de trabalhos voluntários, (Figura 23) estabeleceram um ponto de cultura capaz de oferecer lazer, entretenimento, resgatando e valorizando a memória e enaltecendo a identidade do bairro, seja através da música, do teatro, dança, poesia, incluindo ações sociais e ambientais.

Retomando a década de 60, no Governo Lacerda, o processo de remoção das favelas da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro (Parque Proletário da Gávea, na Gávea, Praia do Pinto, no Leblon, Ilhas das Dragas e Morro da Catacumba, na Lagoa, Morro Macedo Sobrinho, em Botafogo e Morro do Pasmado em Copacabana, nas décadas de 1960 e 70 que deram origem a primeira experiência de criação de conjuntos habitacionais nesse período, onde foram criados os conjuntos de Vila Kennedy, Vila Aliança, Cidade de Deus, Cidade Alta, em Cordovil, Dom Jayme Câmara, em Padre Miguel e a Cruzada São Sebastião, todo o processo está comprovado no documentário “Remoção”, dirigido e roteirizado por Luiz Antonio Pilar e Anderson Quack no ano de 2013.

Sendo Pilar, ex-morador do Conjunto Dom Jaime Câmara, que utilizando da sétima arte: o audiovisual. Documenta a explicação de algumas pessoas chegarem no conjunto após um incêndio que aconteceu na Praia do Pinto, cuja origem nunca foi devidamente esclarecida, e

acabou deixando quase cinco mil pessoas desabrigadas em 1969 e que foram removidas para vários conjuntos habitacionais de forma desumana.

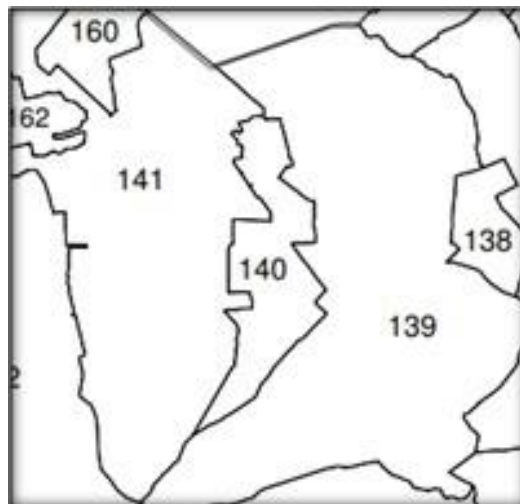
Esta é uma introdução para abordar sobre o maior conjunto habitacional do Estado do Rio de Janeiro, (Figura 24) sendo maior que mais de 30 bairros, e foi considerado durante muitos anos, como o maior conjunto habitacional da América Latina.

Figura 24 - Conjunto habitacional Dom Jaime Câmara - Padre Miguel



Fonte: Internet

Figura 25 - Mapa de Padre Miguel



Fonte: Internet

Inclusive, no bairro é possível encontrarmos, muitos de seus herdeiros que defendem os termos “somos todos iguais”, “você tem que ser forte”, “não conseguiu, porque não se esforçou”, comprovando a falta de conhecimento de sua própria história, e principalmente, sobre a formação da sociedade brasileira, que sempre foi pautada na crueldade em torno de determinados grupos.

Para a contribuição desse entendimento, a área da educação é primordial, na qual, é importante propagar uma história não contada, que repercute até os dias de hoje. Por exemplo, no Brasil, a primeira lei relacionada a Educação proíbe a participação de uma camada da sociedade no acesso as escolas. Foi a Lei nº 1, de 14 de janeiro de 1837 que decretava: “São proibidos de frequentar as escolas públicas: Primeiro: pessoas que padecem de moléstias contagiosas. Segundo: os escravos e os pretos africanos, ainda que sejam livres ou libertos”. A exclusão da população descendentes de africanos na educação brasileira tem consequências imensuráveis até o dia de hoje, comprovando que os povos originários e a população afro-brasileira não fazem parte do projeto de nação brasileira.

Normalmente, por conta do que é ensinado nas escolas ou na mídia, o tema África é enfatizado como um único lugar, mas é importante ressaltar de que se trata de um continente, que possui mais de cinquenta países. No documentário “Rostos Familiares, Lugares inesperados – Uma diáspora Africana Global”, a cineasta e antropóloga norte-americana Dra. Sheila Walker afirma que:

[...] Os fundadores das américas são pessoas originárias da África, na qual, mais de 6.500.000 pessoas que foram trazidas escravizadas pelo Oceano Atlântico nos primeiros 300 anos dos 500 de histórias das modernas Américas, somente 1.000.000 são de origem europeia, sendo 5.500.000 do continente africano, trazidos de forma desumana do comércio de vidas humanas, conhecido como Tráfico Negreiro. Onde negros escravizados eram obrigados a trabalhar, alguns, entre eles, com conhecimentos tecnológicos e filosóficos.⁴²

No Brasil foi decretada a Lei nº 12.519 de 10 de novembro de 2011, no artigo 1 que institui o dia Nacional da Consciência Negra, que embora esteja relacionada com a morte de Zumbi dos Palmares, tem o propósito de ressaltar a grande luta coletiva da população afro-brasileira no decorrer de suas trajetórias.

Correlacionando com o bairro de Padre Miguel, é possível constatar que existem um tipo de “sub-bairros” e suas delimitações no mapa das figuras 25 e 26, coincidentemente se assemelha ao continente africano. E hoje, é um dos poucos lugares que tem um busto de Zumbi

⁴² Rostos Familiares, lugares inesperados: Uma diáspora africana global. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g1BceelJIRo>. Consultado em 04.04.21.

dos Palmares, produzido pelo artista plástico Clécio Régis, (Figura 27) e que foi inaugurado no mês de novembro de 2004, por iniciativa do Point Chic Charm e doada à cidade do Rio de Janeiro. O local reúne cerca de vinte mil pessoas num evento em comemoração à data de 20 de novembro, muitas vezes sem o apoio das mídias tradicionais.

Entretanto, poucos moradores sabem da importância de Zumbi dos Palmares na história do Brasil, mas já celebravam a data antes da Lei. Inclusive, os organizadores do evento, são sobrinhos de um dos fundadores da Mocidade Independente de Padre Miguel, conhecido como Fumão, que segundo Ivo Lavadeira numa entrevista para o Centro Cultura Cartola, em 2018 afirma que Fumão tocava todos os tipos de instrumentos, inclusive, dois surdos ao mesmo tempo.

Figura 27 - Busto de Zumbi de Palmares em Padre Miguel – Ponto Chic⁴³



Foto: Inventário dos Monumentos RJ (2004)

Reforçar a potencialidade do bairro é uma forma de demonstrar que são heranças culturais, sociais e principalmente, africanas, que muitos desconhecem, e outros, preferem não abordar por considerar a pauta de discussão não necessária. Mas, é importante destacar que para proteger um grupo, é necessário (se) conhecer.

2.2 Futebol, terreiro e samba: Nasce a Mocidade Independente de Padre Miguel

No Brasil, duas histórias sempre estiveram entrelaçadas, é normal ao final de uma partida de futebol, acontecer um encontro entre a música, através do samba. Dois setores que se popularizaram na sociedade.

⁴³Disponível

em: <http://www.inventariadosmonumentosrj.com.br/index.asp?iMENU=catalogo&iCOD=1023&iMONU=Zumbi%20dos%20Palmares%20de%20Padre%20Miguel>. Consultado em 27.06.21.

O samba que teve sua ascendência a partir da população marginalizadas, e o futebol, que acontecia nas camadas mais ricas, de trabalhadores ingleses, mas que se proliferou nas camadas populares, possibilita no resultado de sua soma, uma Escola de Samba.

É crucial entender que o Brasil é estruturalmente racista, excludente, então o futebol e o samba foram dois terrenos onde as camadas populares conseguiram construir mecanismos de ascensão social. Não foram feitos nos parlamentos ou nas universidades, mas construídos a partir da música popular e do futebol (SIMAS, 2020)⁴⁴.

Inúmeros prédios populares no bairro de Padre Miguel do IAPI's, não foram fornecidos de imediato com energia elétrica. Ainda não tinham construídos o conjunto habitacional do Dom Jaime Câmara, “então o local era somente com muito barro, e rodeado por uma mata verde com muitas árvores, que posteriormente foi feita uma grande área dividida em vários campos de futebol” (LIMA, 2020, p. 27), na ocasião também existiam: o CREIB, o cinema para diversão e o Bangu Atlético Clube, situado no bairro vizinho, como inspiração, cujo período da década de 30 era campeão carioca da primeira divisão.⁴⁵

Cada time tinha o seu campo, o que fazia com que as manhãs dominicais fossem alegres, já que o time Independente Futebol Clube (Figura 28) quase não perdia, e sempre retornava batucando, fazendo uma festa, como se fosse carnaval fora de época. Por conta da inspiração das matas, as cores escolhidas para o time foram: Verde e branco, que entre uma brincadeira e outra, eram chamados de “arroz com couve” (DINIZ, 2012), (SANTO, 2016), e seus integrantes, em plena mocidade, não imaginariam que o futebol seria a base de uma Escola de Samba.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/lance/historiador-explica-relacao-social-do-futebol-e-samba-com-o-brasil,03da9f025020b4e656413469422d6c25avl46y7b.html>. Consultado em 28.06.21.

⁴⁵ Disponível em: <https://www.bangu-ac.com.br/bangu/titulos/>. Consultado em 28.06.21.

Figura 28- Independente Futebol Clube



Fonte: Departamento Cultural Memória Mocidade (1952)

Sempre que terminavam a partida, em comemoração, na maioria das vezes, retornavam com o gosto da vitória, fazendo batuques e cantando, segundos moradores, paravam na esquina da Rua K, hoje com o nome de Rua Irerê, onde celebravam a vida e a existência.

Em uma entrevista para o Centro Cultural Cartola, Ivo Lavadeira, mostrando a foto da figura 28, informa o nome de cada integrante do time de futebol:

[...] Foi 2 de março de 1952, [...] (Em pé, da esquerda para a direita), Josias Pardal, Neném, Arézio, que já morreu, há três meses atrás... Ivo Lavadeira, Dezoito, Binha, Manel, Tessil e Mulato... sentado era Foguinho, Jorge, Macumba, esse aqui eu não lembro mais o nome dele [...] não... Ary das Coroas, esse aqui não me lembro mais o nome dele, e esse, o André. [...] Essa foto foi no começo logo. Eu era goleiro (na foto)... (risos) porque faltou o goleiro, e o André me botou no gol, eu não gostava de gol,[...] o goleiro mesmo era o Jonas, falecido Martelo.⁴⁶

O nome sugerido por Mestre André, foi alterado para ESMI – Escola de samba Mocidade do Independente, e com o decorrer do tempo passa a se chamar de Escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel.

O primeiro desfile aconteceu no bairro, em 1953, as fantasias foram confeccionadas em tecidos de bolinhas verde e branco, o mestre-sala (na época o nome era baliza) foi Mestre André

⁴⁶ Depoimento de Ivo Lavadeira para o Projeto Memória das Matrizes do Samba no Rio de Janeiro, do Centro Cultural cartola em parceria com o IPHAN, no dia 22.08.2009.

e a porta-bandeira, foi Elisete Cândida da Silva, conhecida como Remba, com o intuito de se transformarem numa escola de samba. No ano seguinte, em 1954, desfilaram em Padre Miguel e nos bairros adjacentes com o nome de Bloco do Independente, e contaram com a adesão de várias pessoas, cujos figurinos eram listrados ou de bolinhas nas cores verde e branco.

“Hoje está tudo mudado
Já não é mais aquele bairro abandonado
Existem artistas, sambistas e bambas
Pode até chamar Cidade criação do samba”⁴⁷

A letra do samba acima retrata sobre a esperança de moradores que através de suas ações potencializam o bairro, que é um caldeirão cultural até os dias de hoje, que tem sua grande contribuição no cenário cultural da cidade do Rio de Janeiro e no Mundo.

2.2.1 Ivo Lavadeira – 88 anos - Independente Futebol Clube

Figura 29 - Ivo Lavadeira no Campo do Bangu



Fonte: Jornal O Globo (2014)

Figura 30 - Ivo Lavadeira na quadra tradicional da Mocidade



Fonte: Departamento Cultural Memória Mocidade

⁴⁷ Composição: Tião Marino de 1952.

Na figura 29 e 30 são registros fotográficos do saudoso Sr. Ivo Teixeira, conhecido como: Ivo Lavadeira, um dos integrantes e fundador do Independente Futebol clube da década de 50.

No depoimento cedido no dia 22 de agosto de 2009, para o Projeto Memória das Matrizes do Samba no Rio de Janeiro, do Centro Cultural Cartola em parceria com o IPHAN, cujo objetivo é revelar a história de pessoas que ajudaram a construir a joia da identidade cultural e sobre o nascimento do samba carioca.

Filho de Cécia Trindade Teixeira e Valdir Teixeira, nasceu no Largo da Abolição, no dia 09 de maio de 1934, de origem humilde, com aproximadamente oitenta e dois primos, afirma que não gostava de samba, sua paixão era a pipa, já que seu pai tinha uma fábrica de pipas com o símbolo de uma estrela. Sobrinho de Sylvio Trindade, o Tio Vivinho, chegou em Padre Miguel na década de 50, como boa parte dos integrantes do time de futebol. Ivo Lavadeira, mesmo não sendo “bom de bola” é um dos fundadores do time, na qual comprou uniformes e a peça fundamental de uma partida: a bola.

Tudo isso após perder uma aposta, em que ele pegou o dinheiro que era destinado para as compras do lar e direcionou para a aquisição da indumentária do grupo, o que causou um grande alvoroço. Sua mãe, jogou os uniformes pela janela, e outros integrantes, imediatamente recolheram as roupas, continuando com o sonho do começar no futebol (DINIZ, 2012; PEREIRA, 2013). Confessa que não gostava de trabalhar, mas mesmo assim, trabalhou na fábrica de doces Itaguaí, em Pilares, na empresa Confiança, em Vila Isabel, ainda menor de idade, e depois na empresa Mala Chinesa, na Tiradentes.

O apelido Lavadeira, que acabou se tornando um sobrenome, ainda morador do bairro de Pilares, e devido as suas faltas na escola com o motivo de soltar pipa, sua mãe, para não bater nele, como forma de castigo, o obrigou a pôr um vestido da irmã e pendurar as roupas no quintal, e seus amigos vendo a cena, começaram a chamá-lo de “lavadeira” (DINIZ, 2012, p. 35).

O primeiro jogo foi contra o Cajaíba, que era do outro lado (de Padre Miguel) perdemos de cinco a um, esse time... perdemos de cinco a zero, aí pedi revanche, aí perdemos de três a um, e eu não me conformei com aquilo, porque o time era bom, [...] nós éramos “pelada”, mas estava correndo atrás da bola. Aí pedimos revanche para o terceiro jogo, eu mesmo mudei o time todo, aí eu mesmo me barrei, foi quando André chegou, Ita Passarinho, Mulato e batemos no Cajaíba de dois a zero, aí começou o Independente. Empatamos com o (time) do Bangu, batemos no (time) do Campo Grande... batemos no (time) Nova América. Aí começou [...] aí vem o principal [...] quando saíamos pra jogar, o pessoal já ficava em Padre Miguel esperando, e começava botar o bloco na rua [...] ninguém sabia bater nada, só tinha um surdo só, um surdo de

borracha, [...] todo sábado, o povo já ficava esperando o time sair pra botar o bloco na rua. Foi ideia do André, nós íamos jogar, e o povo chegava [...] com aquela animação [...] então decidimos montar o bloco. (Ivo Lavadeira, 75 anos, 2009).⁴⁸

Segundo Ipólito Trindade, Tio Macumbinha,

A Mocidade nasceu na Rua K, ali na frente dos prédios, não tinha campo, o Independente jogava em outros lugares, e voltava num caminhão, e todo mundo esperava pra sair com o bloco. Então começou dali, depois foi em vários lugares. A sede provisória do samba... do samba foi na Rua M, entrada 230, apto 201, onde guardávamos os instrumentos (Ipólito Trindade, Tio Macumbinha, 78 anos).

Sempre que retornavam da partida de futebol, vinham tocando instrumentos, Ivo Lavadeira informou que começou a tocar o surdo por conta do (Mestre) André, e não imaginava que a sua paixão pelo instrumento aconteceria, se tornando o primeiro surdo do Independente. Apesar da desavenças com o André, por questões pessoais, na entrevista, informou que no mundo do samba, não existia ninguém melhor que o André, que sambava, não usava o apito, apenas uma baqueta, reconhece o valor dele, a marca que deixou na agremiação, ensinando muita gente, embora não soubesse tocar nenhum instrumento.

[...] Se não fosse o André, [...] a bateria da Mocidade não era o que era, [...] porque ele ensinou muita gente... [...] ele não sabia bater nada (de instrumentos)... mas, ensinou... só pelo ouvido, [...] e todo mundo respeitava ele.⁴⁹

Relembra com orgulho, a trajetória para o desfile, eles iam de trem, chegavam na estação ferroviária da Central do Brasil, caminhavam para a Avenida Presidente Vargas e no caminho, iam tocando até a Avenida Rio Branco, ele com o surdo nas costas.

Ele formou uma bateria, aonde ele chegava, dava medo. Pra mim... na bateria tinha três homens, eu vou tirar eu fora... tinha Tião Miquimba, Djalma e Canhoto. Tião... vem com a terceira. No mundo do samba, quem inventou o surdo de terceira foi o Tião Miquimba, Canhoto, foi o homem que inventou três baquetas de um tamborim, e Djalma, que dizia seu nome nas garras... e tinha o Germano...a maior empolgação foi na Praça Onze, quando André parou a bateria, Germano entrou cantando o hino Nacional na cuíca. Aquilo empolgou, [...] subimos direto.⁵⁰

⁴⁸ Depoimento Ivo Lavadeira para o Projeto Memória das matrizes do Samba no Rio de Janeiro, Centro Cultural Cartola em parceria com o IPHAN no dia 22.08.2009.

⁴⁹ Depoimento Ivo Lavadeira para o Projeto Memória das matrizes do Samba no Rio de Janeiro, Centro Cultural Cartola em parceria com o IPHAN no dia 22.08.2009.

⁵⁰ Depoimento Ivo Lavadeira para o Projeto Memória das matrizes do Samba no Rio de Janeiro, Centro Cultural Cartola em parceria com o IPHAN no dia 22.08.2009.

Quanto a influência do terreiro de Tia Chica, ele disse que antes, frequentava o terreiro da Tia Nair, que era somente, boa parte da família. Estava desenvolvendo a meidiunidade, mas, não gostava, no entanto, na ocasião não tinha nenhum problema de frequentar. E afirma a importância do terreiro na forma de tocar da (bateria) da Mocidade, a contribuição fundamental de Tião Miquimba trazendo o surdo de terceira, e o Bananeira na segunda, formando os três surdos. Consequentemente, segundo Ivo Lavadeira, vários sambistas de outras agremiações iam para assistir, para se aperfeiçoarem, como o G.R.E.S. Unidos da Capela, a GRES Unidos de Padre Miguel, entre outros, e que em menos de um ano, a bateria da Mocidade era melhor que o da G.R.E.S. Capela.

Informou que a função da bateria era dar o ritmo pra escola, o surdo para marcar, e para não atravessar, ressalta a importância do setor de Harmonia na época, que trazia o som, e considera como melhores diretores de harmonia: Ary de Lima, Ita Passarinho e Oswaldinho. É importante ressaltar que na época, não existia a tecnologia do equipamento de som presente na Marquês de Sapucaí, atualmente.

Ficou na agremiação por treze anos, apesar da paixão, se afastou após um desentendimento com (Mestre) André, e se tornou mestre de bateria no bloco Em Cima da Hora, onde conheceu sua esposa e depois atuou em várias outras agremiações.

O tom de seu discurso havia uma preocupação com a memória da escola, afirmando que as diretorias de outras escolas respeitavam a Velha Guarda, exceto, a G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, mas era necessário que todos compreendessem, que se não fosse a Velha Guarda, a escola de samba não existiria, e exigia mais respeito pelo setor. Reforçou a importância dos mais jovens conhecerem a história da agremiação, como também um maior posicionamento da Velha Guarda.

Entre indignações e alegrias reconheceu o compositor Tiãozinho da Mocidade como a pessoa que mais deu visibilidade para ele, ressaltando a importância dele para a agremiação. E retornou como componente da Galeria da Velha Guarda, atuando como Diretor de Patrimônio. Ivo Lavadeira faleceu aos 80 anos, no dia 14 de outubro de 2014, na qual a G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel declarou luto no dia seguinte. As duas fotos são compostas de muitas subjetividades, ele está na Figura 29 dentro do Campo do Bangu, com a vestimenta muito peculiar da Ala da Velha Guarda, e na Figura 30, ele está na quadra tradicional da Agremiação, vestindo a blusa do atual grupo BN10 que significa Bateria Nota 10, dos discípulos de Mestre André.

Oh, minha gente acaba de chegar
Independente saudando o povo do lugar
Não é marra, não
Não é bafo de boca
Independente chegou
Deixando a moçada com
Água na boca...
(DINIZ, 2012, p. 39)⁵¹

2.3 Criações, campeonatos e fatos

A quadra foi construída por cento e um homens, com a colaboração de boa parte da comunidade. Segundo depoimentos, a Mocidade Independente de Padre Miguel foi uma das pioneiras em ter uma sede própria com a quadra coberta (LIMA, 2022). Para correlacionar a trajetória da agremiação, realizamos o quadro 6 abaixo, a partir de depoimentos, inclusive do considerado por Tio Vivinho, a biblioteca da Mocidade, Sr. Ary de Lima no Museu da Imagem e do Som (MIS), datado no ano de 1967, sobre a historicidade da Mocidade Independente de Padre Miguel e informações contidas nos Livro *Saudosista Apaixonado* de Eunice Lima (2020, p. 94 e 2021, p. 108) e *Escolas de samba em desfile – Vida, paixão e sorte* de Hiram Araújo e Amaury Jório (1969, p.158-161).

Quadro 1 - Carnavais da GRES Mocidade (1952 a 1965)

Trajetória Mocidade Independente (1952 a 1965)					
Ano	Enredo	Posição	Autor	Composição	Fatos importantes
1952	-	-	-	-	Fundação do Futebol (02.03.1952)
1953	-	-	-	-	Desfile Bloco de samba.
1954	-	-	-	-	Desfile do Bloco do Independente
1955	-	-	-	-	Desligamento do Futebol
1956	Castro Alves	1º lugar;	Não identificado	1º samba – Tão Marino e 2º samba – Mestre André	Não participou em desfile oficial, desfilou em Padre Miguel, na Rua D.
1957	Baile das Rosas	5º lugar	Ary de Lima	Cleber e Toco	Desfile na Praça Onze Associação carnavalesca - Beija-Flor batiza Mocidade Independente em 20.01.1957.
1958	Apoteose ao Samba	1º lugar	Ary de Lima	Cleber e Toco	Desfile na Praça Onze
1959	Os três Vultos que ficaram na história	5º lugar	Alfredo Briggs	Cleber e Toco	Desfile na Av. Rio Branco. Momento da Paradinha. Obteve os seguintes prêmios: 1) Melhor Mestre sala; 2) Melhor Porta-bandeira; 3) Melhor Samba; 4) Melhor Diretor de bateria. Bateria do GRES Capela batiza Bateria da GRES Mocidade Independente em 08/12/1959.

Trajetória Mocidade Independente (1952 a 1965)					
Ano	Enredo	Posição	Autor	Composição	Fatos importantes
1960	As Frases Celebres	7º lugar	Alfredo Briggs	Cleber, Tio Dengo, Aloisio e Toco.	-
1961	Carnaval carioca	7º lugar	Ary de Lima	Aloisio e Tio Dengo	-
1962	Brasil no campo cultural	5º lugar	Waldemiro	Arsênio, Jurandir Pacheco e Wilson Moreira	-
1963	As Minas Gerais	6º lugar	Rivaldo dos Santos	Da Volta e Wilson Moreira	-
1964	O Cacho de bananas	7º lugar	Ary de Lima	Cleber e Toco	-
1965	Parabéns para você, Rio	6º lugar	Não identificado	Tio Dengo e Aloisio	Criação do Chocalho de platina
1966	Academia Brasileira de letras	6º lugar	Guilherme Martins e Alfredo Briggs	-	Samba da ala dos compositores

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

⁵¹ Grito de Guerra do Independente Futebol – autoria: Mestre André.

Nas informações do quadro acima, podemos constatar as grandes participações de diversas pessoas, principalmente de Ary de Lima e Toco, assim como Sr. Alfredo Briggs, que por incompatibilidade de agenda com a família e o período curto da pesquisa, não temos informações, lamentavelmente, mas é mais um nome sugerido.

CAPÍTULO III

MEMÓRIAS, ANCESTRALIDADE E PRESERVAÇÃO DA ESCOLA DE SAMBA MOCIDADE INDEPENDENTE

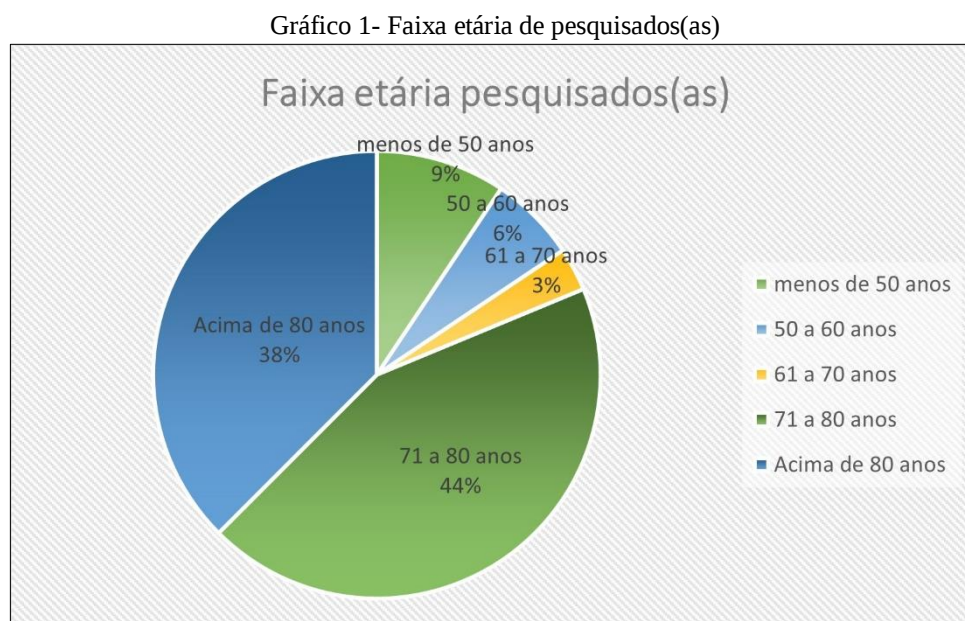
Com base nas informações coletadas durante a pesquisa mediante acesso a documentos, imagens e a realização das entrevistas, foi possível reconstruir uma parte da história da formação do G.R.E.S Mocidade Independente de Padre Miguel, revelando a importância de suas principais referências, símbolos de um passado glorioso que mantém a agremiação até os dias atuais. Este é o cerne deste capítulo cujo a ideia é apresentar a fundação desta escola de samba a partir de figuras importantes que se tornaram presidentes da agremiação, no período de 1952 a 1965.

A partir das memórias vivas dos entrevistados, foi possível construir um quadro de referências históricas *in memoriam* da escola. Ao todo foram realizadas vinte e três entrevistas com base em um roteiro semiestruturado, a maioria, *online* devido a pandemia, através da plataforma Zoom,

As memórias dos entrevistados e entrevistadas, por tabela, forneceram valiosas informações sobre a história de vida dessas referências e consequentemente da história e trajetória da Mocidade Independente de Padre Miguel, dentre as quais destacamos como referências históricas: Tio Vivinho (Silvio Trindade), que foi o primeiro presidente da Mocidade; Tio Dengo (Arioldantino Vieira), segundo presidente da escola e fundador da Galeria da Velha Guarda; Orozimbo de Oliveira, terceiro presidente da escola; Ary de Lima, baluarte, carnavalesco e compositor; Dona Nadir de Oliveira, primeira dama e destaque da escola, deu de presente a primeira geladeira da agremiação; Elza Soares, cantora e intérprete dos sambas enredos, a voz mais famosa que elevou o nome da agremiação para além do universo do samba; Mestre André, músico e mestre de bateria que deu fama a escola com a marca Bateria Nota Dez; Ivo Lavadeira, idealizador do Independente Futebol Clube e integrante da Velha Guarda; Toco da Mocidade, integrante da ala dos compositores e da Velha Guarda; Mestre Jorjão, presidente de honra da bateria da Mocidade; Castor de Andrade, patrono da Mocidade, Francisca Ferreira da Silva (Tia Chica), mentora espiritual da agremiação; Maria da Glória Vieira, proprietária da casa e do terreno onde ocorreram os primeiros ensaios da escola; Dona Gilda Faria Lima, madrinha da agremiação, deu de presente a primeira bandeira pavilhão da escola; Helena do Siri, primeira porta-bandeira da escola de samba; Elizete Cândida da Silva (Remba), primeira porta-bandeira do Bloco; Dona Ivanoi, destaque escola que divulgava a agremiação em concursos de fantasias. É importante ressaltar que existem inúmeros

nomes que deveriam fazer parte dessa pesquisa, mas nos deparamos com uma realidade de pouco tempo de pesquisa em meio a uma pandemia de Covid-19.

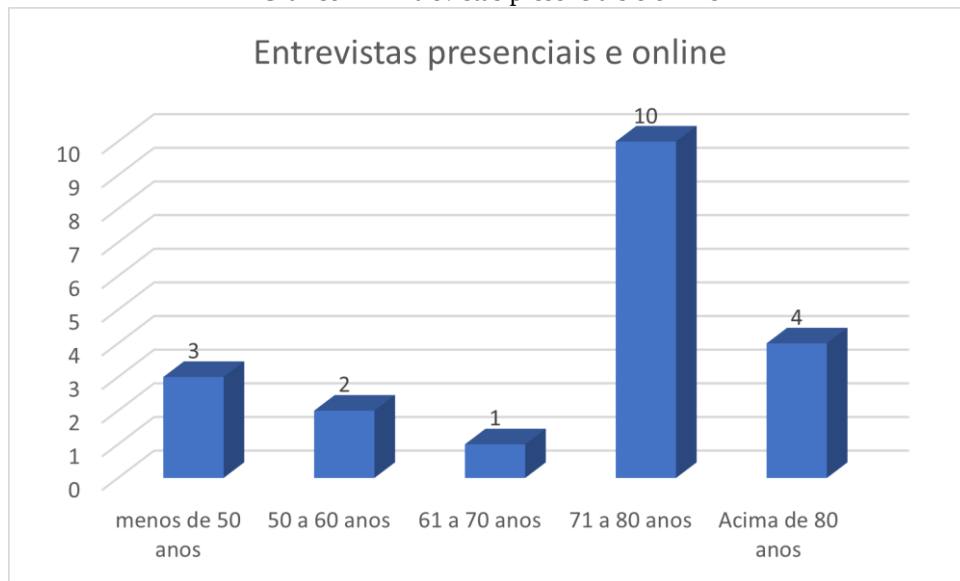
Os gráficos a seguir fornecem um perfil dos nossos entrevistados durante a pesquisa e que vale a pena visualizar.



Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Os depoentes e citados na pesquisa foram separados a partir de suas idades conforme podemos constatar nos Gráficos 1 e 2, observando o contexto na qual estão inseridos, onde priorizamos as pessoas acima de setenta anos, para que tenhamos uma visão mais próxima das histórias vivenciadas direta e indiretamente, e para que sirva como contribuição na manutenção de uma parte já memória existente.

Gráfico 2 - Entrevistas presenciais e online



Fonte: Dados da Pesquisa – 2022

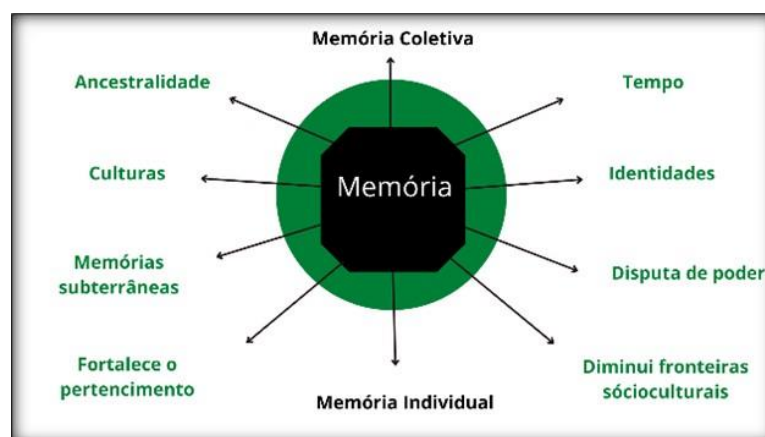
3.1 Preservação da história e valores da escola

Para a preservação da história de uma escola de samba é importante destacar como algo concreto, cuja produção e acabamento se realizaram no passado e que cumpre transportar para o presente (MENESES, 1999), nela nos deparamos com o tempo, uma construção de identidade, que diminui as fronteiras socioculturais, fortalecendo o pertencimento, através da ancestralidade e das culturas, que contribui não apenas para a memória individual, assim como a memória coletiva, que ocasiona muitas vezes numa disputa de poder.

A identidade é tão difícil de se limitar, e de se definir, precisamente em razão de seu caráter multidimensional e dinâmico. É isto que lhe confere sua complexidade, mas também o que lhe dá sua flexibilidade. A identidade conhece variações, presta-se a reformulações e até as manipulações (CUCHE, 2002, p. 196).

No caso das Escolas de samba cada uma tem a sua especificidade, ou seja, a sua identidade. É importante destacar que as cores do pavilhão definem parte dela numa agremiação, e inclusive é uma das, mantenedoras disso, tendo em vista, que temos diversas alas, por exemplo, que têm as suas próprias características, seja a ala das baianas, dos compositores, da bateria, entre outras. Portanto, a identidade das cores do pavilhão é o laço entre essas diversas “micro” identidades. O que contribui com grande riqueza cultural de nosso país.

Gráfico 3 - Memória e suas vertentes



Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Compreender a importância da memória, as possibilidades e acontecimentos em torno dela é de suma importância. Apresentamos no Gráfico 3 os diversos temas que estão inseridos no contexto da memória, são alguns deles: Tempo, Identidades, Disputa de poder, diminui as fronteiras socioculturais, fortalece o pertencimento, dialoga com as memórias subterrâneas, aborda sobre as culturas e principalmente sobre a Ancestralidade.

Para compreender a história de cada agremiação, é importante obtermos algumas informações sobre a formação da cidade do Rio de Janeiro, mas, precisamente, quase vinte anos depois da farsa da abolição da escravidão, onde encontramos mecanismos no período de Urbanização da Cidade do Rio de Janeiro, exatamente na era Pereira Passos, (1902-1906), na última década do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, no intuito de transformar o Rio de Janeiro numa cidade francesa, na qual, buscou aniquilar tudo que fosse diferente dos padrões eurocêtricos, nesse caso, as culturas indígenas e afro-brasileiras. Para atingir o seu objetivo de revitalização da cidade, fez o deslocamento da população preta para locais de difícil acesso e com total precariedade, excluindo boa parte da população afro-brasileira do núcleo principal da cidade.

O samba visto como um fator social que agrega, tendo consequentemente, segundo Gonçalves (2018), várias facetas, seja no âmbito cultural, social ou no sentido de solidariedade e reciprocidade, exerceu grande influência no modo de ver e viver da Velha Guarda, que busca propagar a maneira de ser de seus ancestrais. Nesse universo surgiram as escolas de samba, que possuem uma estrutura organizacional ligada aos valores civilizatórios africanos, que compreendem: circularidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, cooperativismo/comunitarismo, ancestralidade, ludicidade, energia vital (axé) e oralidade, que

trataremos mais adiante. A importância dos mais velhos, que na África Antiga, em alguns locais, são conhecidos como Griot, se dá por serem os guardiões da tradição milenar, possuindo a responsabilidade da transmissão dos ensinamentos culturais, que se evidenciam nas Velhas Guardas. Segundo o filósofo Hampaté Bá (2010, p. 157):

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda a espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África.

Ao analisarmos a estrutura organizacional das escolas de samba encontramos os componentes da Velha Guarda, um termo antigo da Marinha, que faz referência aos marinheiros mais antigos e experientes que conduzem uma embarcação. Atualmente, o Carnaval, com o desfile das escolas de samba, é considerado um dos maiores espetáculos da Terra, que potencializa a cidade, gerando uma movimentação nos setores econômicos e turísticos da sociedade brasileira. No entanto a Velha Guarda, que foi praticamente a proporcionadora de toda essa magnitude, sendo reverenciada durante o carnaval como baluarte, por serem os sambistas mais velhos e fundadores das agremiações, não é beneficiada economicamente, nem muito reconhecida por alguns dirigentes, apesar de serem fundamentais para a preservação da História e memória de uma escola de samba.

É possível perceber nas Velhas Guardas, as características muito fortes no cuidado com a tradição, sendo que, não podemos deixar de ressaltar, a forma requintada com que seus integrantes se vestem, usando figurinos conhecidos como “retrôs”, mantendo a elegância desde o período da década de 30, em que para terem o “respeito” se vestiam como damas e cavalheiros da Europa. Paulo Benjamin de Oliveira, conhecido como Paulo da Portela criou o seguinte mote: Sambista para ser sambista tem que ter pés e pescoços ocupados. (CABRAL, 1996 p. 121) e (THEODORO, 2007, p. 19), ou seja, usar sapatos, terno e gravata, com a finalidade de serem vistos como cidadãos brasileiros enquadrados na exigência de uma elite e concomitantemente dando a comunidade preta consciência de igualdade de direitos e de deveres, indicando caminhos a serem seguidos por membros de seus territórios com suas propostas de base africana consolidadas.

Tais comportamentos são perceptíveis até os dias de hoje, revelados na maneira de se vestir, nos encontros de Velhas Guardas, que além do requinte, é regada com música, samba e

dança, revivendo os tempos de terreiros, características marcantes na confluência dos saberes. Para Gonçalves (2018) a velha guarda demonstra que:

[...] são responsáveis pela criação de redes de solidariedade e reciprocidade que mantêm vivas suas agremiações, contribuem para a construção da identidade da localidade onde a agremiação se situa como também fortalecem a etnicidade afro-brasileira.

Segundo Helena Theodoro (2009), a velha guarda representa a sabedoria do grupo, tendo a coroa dos cabelos brancos servindo para aconselhar, orientar e dar sentido de dignidade a agremiação, se contrapondo a Ecléa Bosi (1994), quando relaciona os mais velhos, e retrata a vida de pessoas que exerceram atividades como trabalhadores na área industrial, principalmente na área da metalurgia de São Paulo, e que em muitos casos, sofrem com a “chegada da velhice”, com o abandono de parentes e alguns, com grande apego em coisas materiais, afirmando o quanto o capitalismo adoece e como na memória é refletida. Propiciando uma reflexão sobre a visão da velhice como um problema no mundo judaico-cristão, com sua visão capitalista e tecnológica, Bosi se contrapõe efetivamente com a tradição africana, que tem a preocupação com a melhoria do grupo, ou seja, das pessoas mais velhas, fortalecendo o ontem, nesse hoje que preserva a continuidade do amanhã, compreendendo as diversas mudanças da vida.

Ao compararmos com o modo pelo qual os integrantes da Velha Guarda das Escolas de Samba chegam a este estágio de vida, ou seja, a “chegada da velhice” de uma maneira muito diferenciada, muitas vezes agradecendo ao samba e as pessoas com as quais compartilham momentos de aprendizados, é notório que a chegada da longevidade⁵², faz com que os integrantes da Velha Guarda intensifiquem ainda mais sua vontade de aproveitar a vida, mesmo pertencente a classes consideradas “pobres”, que durante boa parte de sua trajetória de vida foi pautada por desigualdades étnico-raciais e sociais existentes em nossa sociedade.

Ao correlacionarmos os modos de viver de ambos os grupos, somos levados à uma reflexão de “memória e história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que uma se opõe à outra” (NORA, 1993 p. 15). Os integrantes da velha guarda têm a memória como forma de contar suas próprias histórias. E que histórias são essas? Com grandes exemplos de amor à vida e a sua escola de samba, superação, resiliência, sabedoria, plenitude e poesia no falar, cantar, sentir e viver com a vida. Continuam atuando no dia a dia, com a troca intergeracional,

⁵² Duração da vida de uma pessoa, de um grupo, de uma espécie, mais longa que o normal: ele atribui sua longevidade a uma vida longe da cidade grande, à boa alimentação e prática de exercícios. Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=longevidade>.

que é fundamental para a manutenção de valores e experiências que mudam com o passar do tempo, mas tem uma base sólida de vivências.

Consequentemente, encontram nas Escolas de Samba uma proposta de proteção a seu grupo, cujas famílias, identidades e liberdades foram roubadas e violentadas. No entanto, suas almas são preservadas nessas agremiações, onde encontram uma forma possível de sobrevivência, reconstruindo nesse território um espaço de encontro para as suas famílias, conhecidas como famílias extensivas. Nestes locais todos são aceitos, desde os mais novos até os mais velhos, desempenhando variados papéis, nos quais todos são importantes, assim como os elementos da natureza, o ar, o fogo, a terra e água que são diferentes, mas se complementam e respeitam sua singularidade.

Nas velhas guardas temos pessoas que aproveitaram os vários ciclos da vida: já foram crianças, jovens e são adultos com um histórico de experiências para trocar e receber. Nas Escolas de samba, a cada ano, se propõe um processo de criação para contar uma história, que estará presente nos ensaios e desfiles, enfatizando as diferentes visões que unem pessoas de hoje, de ontem, preservando o amanhã.

No Brasil, antes da pandemia, segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população idosa, que são pessoas acima de 60 anos, tende a crescer, se tornando um quarto da população em 2043. Com a pandemia, integrantes da Velha Guarda, enfrentaram o grande desafio, tendo em vista, que pertencem aos grupos atualmente mais vulneráveis à Covid-19⁵³, colocando em risco a memória de todas as agremiações.

Ressaltando a importância do direcionamento de atenção para a preservação e manutenção da história das Escolas de Samba e exigindo um olhar mais atencioso para a temática, enfatizamos que as Escolas de samba, correspondem aos poucos exemplos de lugares, no sistema capitalista que “valorizam” as pessoas idosas. A Velha Guarda é um dos setores que dialoga com toda a agremiação, tendo em vista de que são integrantes que fizeram parte de diversas alas, que além de promover a confraternização com outras agremiações propagam a memória da história da escola. Portanto, há a necessidade de, principalmente cuidar para a preservação de sua existência. Consequentemente, a manutenção da memória da Velha Guarda desde a sua fundação nas escolas de samba, se torna primordial, já que são fundamentais por

⁵³ Censo 2021 – IBGE - <https://censo2021.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/27878-com-envelhecimento-cresce-numero-de-familiares-que-cuidam-de-idosos-no-pais.html>.

privilegiar a tradição, a propagação de uma metodologia ancestral, que transporta histórias de gerações para gerações, a cerca de dez mil anos, enriquecendo assim a memória da comunidade.

No ano de 1995, através da Lei nº 2451 foi instituído o Dia Estadual da Velha Guarda das Escolas de Samba no território do Rio de Janeiro, a ser comemorado no dia trinta de setembro. Na qual, conforme o Artigo 2º, informa que as comemorações foram incluídas nos calendários oficiais de eventos da Secretaria de Estado de Cultura e Esporte e de Indústria, Comércio e Turismo. E vinte e três anos depois, na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), é aprovado o projeto Lei de nº 3977/18 que institui a Velha Guarda como Patrimônio Imaterial Fluminense como justificativa de ter o papel de transmitir a história da tradição e da fundação da escola.

O projeto de lei é garantido no decreto nº 3.551 de 04 de agosto de 2000, que institui o Registro de Bens culturais de Natureza imaterial que constituem o patrimônio cultural brasileiro, em que o Estado, como parte legítima para provocar a instauração do registro, conforme o artigo 2º inciso III que são supervisionados pelo IPHAN⁵⁴.

Entretanto, conforme consta no documento de Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, da UNESCO⁵⁵ do ano de 2006, no artigo 1, a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, no intuito de respeitar os grupos envolvidos, e a conscientização no plano local, nacional e internacional da importância do patrimônio cultural imaterial e de seu reconhecimento recíproco. Afirma a UNESCO, no ano de 2006:

Sendo a cultura um dos motores fundamentais do desenvolvimento, os aspectos culturais deste são tão importantes quanto os seus aspectos econômicos, e os indivíduos e povos têm o direito fundamental de dele participarem e se beneficiarem.

Para que a implementação seja eficaz, torna-se necessária a participação efetiva dos atores e detentores do saber, para que possam (se) reconhecer através da memória, e potencializar cada vez mais o sentimento de pertencimento na construção da identidade do grupo, que em consequência disso, pode representar benefícios de ordem material e simbólica, além do poder político. Para Pollak (1989, p. 5):

A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais.

⁵⁴ IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

⁵⁵ UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

A relevância dessa pesquisa se dá na medida em que buscamos mostrar como é feita a preservação e manutenção da memória das escolas de samba sob o ponto de vista de sua fundação, entendendo que eles fizeram parte de um contexto de nacionalização brasileira, que estigmatizou a população afro-brasileira, que invisibilizou figuras importantes. A resistência do grupo se dá na visibilidade das escolas de samba que vão para as ruas limitando com a corda o seu grupo, destacando-se por seu ritmo, seu canto, sua dança e suas cores, num processo que vem de longe, de manter sua forma de ser, de estar e de lidar com seus pares. As escolas de samba representam uma conquista da cultura afro-brasileira, e que tem sua história contada e preservada por suas velhas guardas.

Assim, buscamos dar nossa contribuição, conforme previsto no item 10 dos Anais do II Encontro de governadores para preservação do patrimônio histórico, artístico, arqueológico e natural do Brasil que aconteceu em Salvador, no que diz respeito a ampliação das pesquisas sobre os Patrimônios, afirmando que:

Caberá às Universidades o entrosamento com Bibliotecas e Arquivos Públicos nacionais, estaduais e municipais, bem assim com os arquivos eclesiásticos e de instituições de alta cultura, no sentido de incentivar a pesquisa quanto a melhor elucidação do passado e a avaliação e inventário dos bens regionais cuja defesa se propugna. (IPHAN, 1971, p. 26)

A contribuição que a Universidade pode realizar é inclusive apresentar alternativas para as reflexões sobre os conceitos de identidade, cultura, patrimônio para a ampliação do debate em torno de uma análise sobre a formação da sociedade brasileira na elucidação do passado, compreendendo que há a necessidade da inclusão e reconhecimento da imensa contribuição social, cultural, política e econômica da população afro-brasileira e indígena na história do País.

Podemos citar alguns movimentos que já acontecem nas universidades, como por exemplo, o projeto Padê, coordenado pelo Dr. Alexandre Carvalho dos Santos, conhecido como Xandy Carvalho, que no ano de 2010, fomentando a Lei 5506/09, declara o Candomblé como Patrimônio imaterial do Estado do Rio de Janeiro, realiza através de um grupo de estudos um maior diálogo sobre a importância das Comunidades de Terreiro, estabelecendo uma troca de saberes, buscando enfatizar a importância da tradição na cultura popular brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)⁵⁶. Ainda na própria Universidade temos outro

⁵⁶ Disponível em http://sigproj.ufrj.br/apoiados.php?projeto_id=302606. Consultado em 26.09.21.

tipo de grupo de estudos, como a LUPA Carnaval – Liga Universitária de Pesquisadores e Artistas de Carnaval que propõe um olhar para uma das maiores referências culturais do Brasil, na qual a Universidade demonstra um posicionamento hierárquico, desconsiderando a grande contribuição sociocultural, econômica e política do samba. Ainda podemos citar o GEPCafro – Grupo de Estudos Patrimônio e Cultura Afro-brasileira da UFRRJ/IM no PPGPACS. É importante destacar que a Universidade é o espaço de universalidade do pensamento, ou seja, deve ser composta pelos diferentes povos que constituem a nação brasileira, dialogando com as culturas dos povos originários e negro africana que são fundamentais para o conhecimento, ou melhor, do encontro do Brasil consigo mesmo, proporcionando um mundo melhor para todas as pessoas.

3.2 Os primeiros presidentes: Referências históricas

O Quadro 2 a seguir mostra os fundadores que se tornaram os primeiros presidentes da Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel, no período de 1952 a 1965.

Quadro 2 - Presidência (Ano de 1955 a 1965)

Quadro de Presidentes (1955 a 1965)		
Presidente	Gestão	Duração
Sylvio Trindade (Vivinho)	1955 a 1960	05 anos
Ariodantino Vieira (Tio Dengo)	1960 a 1962	02 anos
Orozimbo de Oliveira	1962 a 1964	02 anos
José Pereira da Silva (Mestre André)	1964 a 1965	01 ano

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

A seguir, apresentaremos uma breve história sobre cada uma dessas referências históricas que ocuparam o cargo da presidência nos primeiros anos da agremiação, abrangendo seus familiares, muitas das quais são figuras centenárias nascidas depois de vinte ou trinta anos após a “farsa” da abolição da escravidão (1888), ou seja, filhos ou netos de escravizados ou libertos pela Lei do Ventre Livre de 28 de setembro de 1871. O fato é que

Após a abolição, os então ex-escravos foram se arranjando da maneira que podiam, alguns permaneceram nas fazendas, outros foram para as cidades, outros migraram, isso depende de caso a caso. Depois de concluída a abolição, eles deixavam a condição de objeto, propriedade de outro, para obterem o status de cidadão de um novo país, no entanto, sem exercer de fato a cidadania, uma vez que estavam alijados da sociedade e nada foi feito para integrá-los ao mundo dos livres. Foram deixados literalmente à própria sorte (FAPPI, 2018, p. 28)⁵⁷.

⁵⁷ Para complemento desse diálogo segue a sugestão de assistir Memórias do cativo, produzido pelo laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (LABHOI/UFF). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Hxhf_7wzk0 de 13.08.2015. Consultado em 06.10.2022.

Entrevistamos familiares e obtemos as informações sobre a chegada de cada integrante no bairro de Padre Miguel, e muitos não sabem de suas origens especificamente, apenas de bairros que vieram. Essa perspectiva sobre o encontro de diversas famílias, oferecendo um olhar a partir de seus nascimentos, e ao mesmo tempo da forma como eles ressignificaram suas vidas, construindo ou reconstruindo o conceito de vida, onde utilizamos uma pesquisa da árvore genealógica de cada um, e é possível constatar que a maioria deles não tinham registros de pai em seus documentos, ou não sabiam quase informação sobre avós, muito menos sobre bisavós, “[...] compravam-se na África mais trabalhadores masculinos que femininos” (BASTIDE, 1974, p. 11). Consequentemente, no Brasil não foi diferente, muito por conta da mão de obra braçal, e ainda tinha uma outra possibilidade:

Em muitos batismos, existe a presença da mãe, o que não significa necessariamente que aquela criança não tivesse pai, ou que pelo menos que não conhecesse seu pai biológico. Em muitos casos, os padres se recusavam a registrar o pai de crianças nascidas de pais não casados, por isso faziam o registro da criança como sendo filho natural de mãe solteira (FAPPI, 2018, p. 21).

Tais informações serviram para compreender como homens pretos dentro de uma conjuntura de exclusão na sociedade, ressignificam suas histórias, concatenando-as com várias outras famílias, contribuindo assim, com diversos setores da sociedade brasileira e transformando a escola de samba num local que permeia os valores civilizatórios negro-africanos.

3.2.1 Sylvio Trindade - Tio Vivinho (113 anos)

Figura 31 - Sr. Sylvio Trindade, Tio Vivinho – Primeiro Presidente



Fonte: Departamento Cultural Memória Mocidade

Conforme consta na ata de 1955, Sr. Sylvio Trindade, conhecido como Tio Vivinho (Figura 31), foi o primeiro presidente da agremiação, e teve um papel fundamental na

estruturação da escola, como consta em várias reuniões registradas em ata. Aos dezessete anos, era parceiro de samba do Paulo da Portela⁵⁸ (DINIZ, 2012, p. 37), Tio Vivinho passou pela GRES Portela, situada no bairro de Madureira, na época em que morava no bairro da Abolição. Nascido no dia 31 de março de 1909, natural de Distrito Federal, capital da cidade de Brasília, filho de José Trindade e Júlia Trindade, morava na Rua M, 230 apt 201, conforme consta no título de eleitor número 91.751, segunda via, fornecido por sua neta Lia Trindade.

A família de Tio Vivinho sempre foi muito grande, (Figura 32) na qual alguns fizeram parte da escola, outros não. A partir de depoimentos e fotos foi possível visualizar as pessoas, na finalidade de comprovar que mesmo com todas as adversidades, as famílias pretas criaram suas formas de resistências e várias formas de se reinventar, onde podemos comprovar na análise da árvore genealógica que organizamos, que será comentada mais adiante.

Figura 32 – Parte da Família Tio Vivinho



Fonte: Acervo Ipólito Trindade

Consta uma entrevista no Museu da Imagem e do Som realizada no dia trinta de dezembro de mil novecentos e sessenta e sete para o acervo do futuro museu do carnaval, abordando sobre a fundação da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, com a mesa

⁵⁸ Herói do samba e dos sambistas, Paulo da Portela, o príncipe negro do carnaval carioca, foi figura importante na recomposição das fronteiras de classe que relegavam o samba à marginalidade. Fundador da Portela, exigia que os membros da escola se vestissem elegantemente, dignificando suas raízes. Grande letrista e compositor, inventou o desfile de escolas de samba. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/assista/tv/7717-paulo-da-portela>. Consultado em 23.03.2022.

composta por fundadores e presidentes da escola de samba e ainda, Ricardo Cravo Albin⁵⁹, Jornalista Haroldo Bonifácio⁶⁰, membro da comissão organizadora do futuro museu do Carnaval, Dr. Sérgio Junqueira⁶¹, superintendente do museu e Dra. Sebastiana Arruda⁶² da Comissão de Carnaval, na qual participaram como depoentes os Srs. Sylvio Trindade (Tio Vivinho), Oswaldo Sales Barbosa, Renato Ferreira da Silva (Chapelão), Ary de Lima e José Pereira da Silva (Mestre André) e Arioldantino Vieira (Tio Dengo).

Segundo Sr. Oswaldo Sales Barbosa, a escola de samba foi fundada na base do futebol, em 1952, tendo em vista que sempre depois das partidas, comemoravam com muito samba, e que ao se aproximar do carnaval, com a ideia do Mestre André (LIMA, 2022, p. 21) e do Ivo Lavadeira, fundaram o bloco intitulado Mocidade do Independente que desfilava somente nos bairros de Bangu, Realengo e Padre Miguel. Ele se afastou no ano de 1954, porque foi para um outro time e não gostava de samba, quando chegou no ano de 1955, o bloco ia acabar, André tinha ido para São Paulo. Entretanto, com o receio de término do bloco, reuniu-se com Ita, Bigode, Adervaldo, Tião Marino e outras pessoas que ele não recorda o nome, reuniram-se em sua casa, e resolveram sair no carnaval, mesmo tendo poucas pessoas, em que a bateria se vestiu com a camisa do time e eles de terno, juntamente com umas moças que foram a convite deles.

Mestre André que, segundo ele, não aguentou, e retornou para o bairro, se vestiu de macacão de cetim e foi o mestre-sala, que na época se chamava balisa. Convidavam todas as pessoas que estivessem vestidas de verde e branco para participarem, saíam cantando pelas ruas, e no segundo dia, desfilaram em Realengo, e já contavam mais de quinhentas pessoas, afirma que foi um sucesso. Passado três dias do carnaval, ele foi chamado por Sr. Vivinho, que disse que o bloco tinha que virar uma escola de samba, então, Sr. Oswaldo informou que não

⁵⁹ Escritor. Pesquisador de MPB. Jornalista. Historiador. Crítico e radialista. Formado em Direito, Ciências e Letras (Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil 1959/1963). Oficial da Reserva do Exército Brasileiro (CPOR 1960/1961). Formado em línguas pelo Instituto Brasil-Estados Unidos (1958/1963) e pela Aliança Francesa (1958/1964). Coursou Direito Comparado na Universidade de Nova York entre 1964 e 1965. Por essa época, foi Diretor Cultural do “1º Festival Internacional de Cinema”, do Rio de Janeiro. Por três anos (1967/68 e 69) atuou como “Julgador Oficial dos Desfiles do Grupo A, das Escolas de Samba do Rio de Janeiro”. Entre 1966 e 1971, foi membro efetivo do Corpo de Jurados dos Festivais Internacionais da Canção Popular. Disponível em <https://dicionariompb.com.br/personalidade/ricardo-cravo-albin/>. Consultado em 04.06.22;

⁶⁰ Haroldo Bonifácio - (1924-98) Jornalista brasileiro nascido no Rio de Janeiro. Com carreira profissional iniciada em 1946 e profundamente ligado às escolas de samba, foi um dos fundadores da Associação dos Cronistas Carnavalescos do Rio de Janeiro. Enciclopédia brasileira da Diáspora africana. Nei Lopes.;

⁶¹ Dr. Sérgio Junqueira, Diretor do Instituto Nacional do Cinema.

⁶² Dra. Sebastiana Arruda foi Procuradora Federal, Conselheira Benemerita do Comdedine, Conselheira de Honra do Cedine e Conselheira Benemerita do Renascença Clube. Sua formação religiosa era católica-apostólica-romana, tendo sido membro da irmandade Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos. Fundada em 1640, a irmandade foi formada pelos escravos para garantir seus direitos social e religioso aos negros e pardos do Rio de Janeiro. Disponível em <https://www.geledes.org.br/tributo-a-sebastiana-arruda/>, consultado em 04.06.22.

entendia nada de escola de samba, e muito menos de samba, achou a ideia boa, mas resolveu sair, sendo que Tio Vivinho e Renato seguiram com o bloco.

Tivemos acesso, na íntegra, ao primeiro livro ata da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel datada de 10.11.1956 a 19.02.1959, que contém algumas informações relevantes e que geram dúvidas e questionamentos sobre o futebol e a agremiação. Entre outras ações, constam os preparativos da escola para o carnaval, as festividades que visavam angariar fundos, os nomes de diversos componentes na fundação, a pauta sobre rainha do carnaval, organização de um grupo para o bom andamento da agremiação. Tais informações foram fornecidas pelo filho/sobrinho de Tio Vivinho, Sr. Wandyr Trindade, conhecido como Vô Macumba, que abordaremos em seguida.

Mas, não podemos deixar de destacar que Tio Vivinho era a pessoa que gostava de acolher, no decorrer da pesquisa, contaremos sobre o Vô Macumba e Tio Macumbinha, que são, na verdade, seus sobrinhos, mas com o falecimento da mãe deles, quando tinham 09 e 04 anos respectivamente, os criou como filhos juntamente com a Sra. Margarida Trindade, conhecida como Margô. Além disso, teremos também o primo Ivo Lavadeira, abordado anteriormente, o mestre André que em algum período se torna seu genro, casando-se com Sra. Ilca Helena Trindade da Silva, e Sr. Orozimbo que, segundo depoimentos, os dois se consideravam padrinho e afilhado simultaneamente, alguns moradores disseram que no dia do velório de Tio Vivinho, seu corpo ficou rodeado de crianças, que ele sempre teve muito contato.

Tinha planos para a comunidade, como a inclusão de futebol para as crianças e oficinas. Era como um pai para todos (LIMA, 2020, p.73). Ou seja, a família extensiva, que segundo a filósofa Helena Theodoro, vai além do vínculo sanguíneo, são pessoas e grupos que se unem a partir das afinidades e necessidades.

Figura 33 - Bateria – G.R.E.S. Unidos da Capela batiza bateria da G.R.E.S. Mocidade



Fonte: Jornal Correio da Manhã – 08.11.1959

Outro exemplo, foi o registro que encontramos no Jornal Correio da Manhã, que assim, como o GRES Unidos do Capela⁶³, (Figura 33) era considerada também uma das a melhores baterias na época, fundada no dia 15 de janeiro de 1933, foi campeã do carnaval carioca nos anos de 1950 e 1969, e batizou a bateria da Mocidade no dia 08 de novembro de 1959, que contou com a missa na N. S. das Graças, situada ao lado da estação de Padre Miguel, depois a festividade aconteceu no CREIB, onde foi servido um angu a baiana, com a cerimônia do batismo das 19h às 20h e o grande *show* de bateria dado pelos afilhados e padrinhos, contando com a participação de convidados de honra, alas e diretorias coirmãs, conforme matéria no Jornal Correio da Manhã, edição 20.435 de 08 de novembro de 1959.

3.2.2 Arioldantino Vieira - Tio Dengo (110 anos)

Na língua portuguesa existem mais de duas mil palavras de origem banta, entre elas é “dengo”, que está relacionado com meiguice e que segundo Nei Lopes, no Novo Dicionário Banto do Brasil, afirma que pode ter diversas formas de ser pronunciada, dependendo das localidades do continente africano, como Angola, Congo e Moçambique. Ao deparar com o nome “Tio Dengo” surgiu a curiosidade de conhecer a história do segundo Presidente da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel.

Inicialmente, tivemos dificuldades de contatar seus familiares, por outro lado, alguns entrevistados como Severo Diniz, reforçou de entrevistar Tereza da ala dos Impossíveis, e sempre que encontrava Chiquinho do Babado da Folia e Tiãozinho da Mocidade, eles perguntavam se havíamos conseguido pesquisar sobre Tio Dengo. Todos os três entraram em contato com Maria Tereza Vieira Ferreira, de 72 anos de idade, e para a nossa felicidade, ela nos contatou informando que a reunião aconteceria juntamente com sua irmã Ilda de Oliveira Vieira de 73 anos, ambas Presidente e Vice-presidente da ala do Impossíveis, tendo cinquenta e sete anos na agremiação.

No dia onze de abril de dois mil e vinte e dois, às quinze horas aconteceu a entrevista na casa de Ilda, onde fui recepcionada por Tereza que já veio falando que eu era filha da Selma e do Pindoba, e que (Tia) Gracinha, filha de Sr. Orozimbo de Oliveira conversou com ela sobre a pesquisa. O encantamento pelas duas foi automático, mulheres guerreiras, cada uma do seu jeito, no início estavam desconfiadas, mas expliquei sobre a pesquisa e da importância de

⁶³ Fundada em 15.01.1933. Campeão do carnaval carioca no ano de 1950 e 1969. Disponível em: https://carnaval.fandom.com/pt/wiki/Unidos_da_Capela. Consultado em 23.03.2022.

ressaltarmos a memória dos presidentes da escola que está muito associado a memória do bairro.

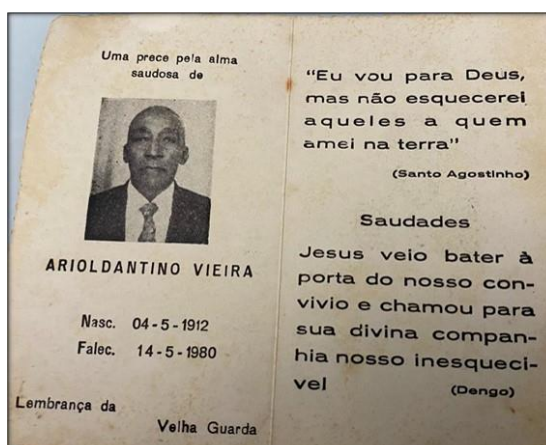
Figura 34 - Mãe Dulcinéia de Oliveira e Pai Arioldantino Vieira (Tio Dengo)



Foto – Acervo Família Vieira

Tereza conta que perderam a mãe quando tinham sete e oito anos de idade, que faleceu muito cedo, aos 32 anos de idade (Figura 34), e passaram a ser criadas pela avó, Sra. Ernestina da Silva, mas que a influência de terem uma ala na agremiação, é do pai que já era sambista, inclusive foi um dos fundadores da G.R.E.S. Portela, tanto que a Velha Guarda da G.R.E.S. Portela organizou a missa de sétimo dia, de um mês e de um ano de falecimento dele (Figura 35).

Figura 35 - Lembrança da Velha Guarda - Missa – Tio Dengo – 1980



Foto– Acervo Família Vieira

A família morava no bairro de Rocha Miranda, na qual, o pai trabalhou como serralheiro e também, na empresa, que elas não lembravam se era Manchete ou Revista O Cruzeiro, e se transferiram para o bairro de Padre Miguel para um apartamento na antiga Rua C 2, quando tinham seis anos. Ilda traz uma reportagem sobre Tio Dengo, do Jornal O Dia, datada em 28/29

de outubro de 1973 (Figura 36), na qual, afirma que a vida de sambista não era fácil e cheias de mistérios, inclusive informa sobre a sua parceria com o saudoso Paulo da Portela, no auge dos seus 61 anos de samba, e na entrevista ele faz uma comparação, na época com os períodos da Portela no ano de 1937, na qual os sambas enredos não conseguiam ultrapassar os limites das quadras. Na ocasião, ele era presidente do conselho deliberativo da Mocidade, e lembra a autenticidade dos sambas enredos e da nobreza na qual eram disputados, não havia a influência externa, e as decisões eram tomadas correlacionando sempre com o melhor para a agremiação, e sabiam reconhecer a potencialidade do adversário, entretanto, na ocasião revela que não podia ter crítica que era motivo de separações, muitos interesses em jogo, descaracterizando as escolas.

Assume a saudade desse passado, mas encara com otimismo o gigantismo que tomou cada escola, com a esperança da jovem guarda, na qual cita Osman Pereira Leite, que era acadêmico de direito, mas, que estava empenhado de corpo e alma para tornar a Mocidade, igual a Mangueira e a Portela, ressaltando a importância do diálogo deles com a velha guarda. Ainda na reportagem, informa que Tio Dengo, se transferiu de Rocha Miranda para Padre Miguel no ano de 1952, disposto a abandonar as quadras, mas, por conta de sua fama, foi procurado por pessoas da Mocidade, e assumiu a vice-presidência, e mais tarde foi eleito presidente, e posteriormente, ocupando vários cargos, acumulando como Presidente do conselho deliberativo e Presidente da ala dos compositores, como afirma:

Eu aos 17 anos tomei parte da escola de samba Portela e dali até os 34 (anos), parceiro de samba de Paulo da Portela. O Paulo me ajudava a escrever samba, e tivemos muitas glórias na Portela. E depois... eu casei, e tive vontade de deixar o samba de lado. Fui para Padre Miguel, quando cheguei lá encontrei essa escola Mocidade Independente, uma equipe de gente boa e muito agradável que me forçou mesmo a voltar ao samba. Porque senão eu teria deixado o samba de lado, não tem aquele micróbio? Quem gosta não pode parar, os diretores me convidaram para fazer parte da Mocidade e estou aqui até hoje (Depoimento de Tio Dengo, em 1967 para o MIS)⁶⁴.

A paixão pelo samba falou mais alto, e no encontro com grandes bambas da música popular brasileira, reascendeu a divina luz tão presente em compositores.

⁶⁴ Entrevista realizada no dia 30.12.1967, com o Sr. Arioldantino Vieira, conhecido como Tio Dengo, para o acervo de música popular brasileira, referente ao projeto “Depoimento para posteridade”, do Museu da Imagem do Som (MIS).

Figura 36 - Jornal O Dia - "Um astro no samba" - Dengo de Paulo da Portela



Fonte: Reportagem no Jornal O Dia - 1973

Sua grande paixão era compor sambas de terreiro e no jornal, em homenagem aos seus 61 anos e as suas grandes contribuições ao lado de Paulo da Portela e à Mocidade, intitulado “O nome dela eu não digo, cuja letra é:

Vou pintar meu palacete
 Mas quero um bom pintor
 Que tenha fama de artista
 Diploma de professor
 Quero no meu quarto
 Uma imagem de mulher
 O nome de uma sambista
 Só não vou dizer quem é
 Pode perguntar que eu não digo
 Este segredo eu guardo comigo
 A vida de sambista é um caso sério
 É cheia de problemas e mistério
 Se você é meu amigo
 Não venha me perguntar
 Que eu não digo.

Através das músicas é possível analisar várias questões presentes nelas: a arte, a educação, o código de ética, através do segredo, e inclusive trazer informações sobre o contexto, como é o caso num trecho da música “Saudosista Apaixonado” de Ary de Lima, do ano de 1967, que aborda sobre a saudade dos velhos tempos, na qual, entre personalidades importantes no universo do samba, como Cartola, Paulo da Portela, entre outros, o Tio Dengo é citado, que diz assim:

Sou Saudosista, sim senhor
 Enquanto eu me lembrar
 Da Juracy, Mano, Milton e Edgar

Serei Saudosista a vida inteira
Recordando Paulo da Portela
Compadre Dengo e Cartola da Mangueira.

É importante ressaltar que Tio Dengo aparece na música correlacionado a grandes baluartes do samba, que tiveram um papel fundamental para as escolas de samba serem potências atuais, entretanto, não tem o devido reconhecimento, assim como muitos componentes da agremiação.

Na entrevista que consta no MIS do ano de 1967, Tio Dengo fala sobre a ala dos compositores, e afirma:

[...] Eu posso adiantar a todos os senhores que a ala de compositores da Mocidade Independente pode ser considerar feliz porque realmente é uma ala de compositores forte, considero uma das boas alas de compositores de uma Escola de Samba, isso eu posso adiantar, porque temos fundadores: Kleber, Toco, Ary de Lima, Eurico Costa, Aloisio, e mais novos, Djalma, Da Roça, Arsênio, todos compositores que não deixam a desejar, não só em samba de ensaio, como samba enredo, A Mocidade é feliz no quadro de compositores (Depoimento de Tio Dengo, em 1967 para o MIS)⁶⁵.

As divergências aconteciam, mas o carinho, respeito e admiração entre eles é perceptível, além disso, um amor pela agremiação, vindo de pessoas que encorpam através das letras, o sentimento de pertencimento com a sua amada Escola de Samba.

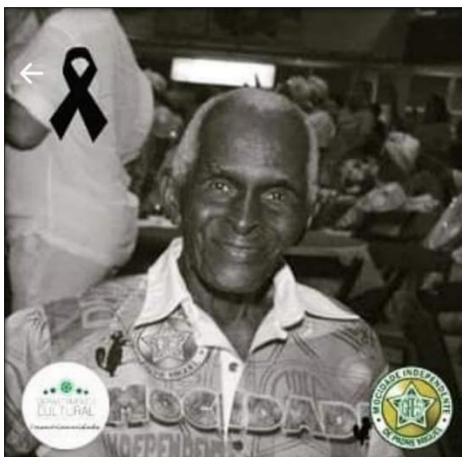
3.2.3 Orozimbo de Oliveira (100 anos)

Sr. Orozimbo de Oliveira (Figura 37), cujo nome indica na língua Nagô, Riqueza. “Oro” significa ouro e “zimbo” quer dizer dinheiro, somando os dois resultam em riqueza.

Era bombeiro hidráulico, e em uma entrevista, ele diz que fugia de casa e da polícia para curtir o samba, numa época em que era proibido tocar samba. Teve um total de 13 filhos e quinze netos, na qual, no ano de 2018, dez saíram na agremiação.

⁶⁵ Entrevista realizada no dia 30.12.1967, com o Sr. Arioldantino Vieira, conhecido como Tio Dengo, para o acervo de música popular brasileira, referente ao projeto “Depoimento para posteridade”, do Museu da Imagem do Som (MIS).

Figura 37- Sr. Orozimbo de Oliveira – Terceiro Presidente da Mocidade Independente



Fonte: Departamento Cultural Memória Mocidade.

Dotado de várias relíquias que deixou para escola, foi na gestão de Sr. Orozimbo que a G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel comprou a sua sede situada na comunidade da Vila do Vintém, em frente à estação ferroviária, no ano de 1963 (LIMA, 2020, p. 105), e dois de seus filhos ocuparam o posto do lendário Mestre André, o saudoso Mestre Jorjão e o Mestre Jonas. Foi na gestão de Sr. Orozimbo de Oliveira que um grupo de pessoas, se reuniu para comprar o terreno.

E dando continuidade com a participação da comunidade, através de rifas, livro de ouro nas portas de moradores do bairro, efetivaram o grande sonho de ter o seu próprio espaço para realização de eventos como: feijoada e peixada, entre outras iguarias, com o objetivo de arrecadar verba para o desfile.

A presença feminina é destacada por Dona Nadir, que era esposa do Presidente, que segundo sua filha Maria das Graças, ela deu a primeira geladeira de presente para a agremiação, conforme informação no capítulo um, e era a responsável pela cozinha, por mais um local sagrado na Escola de Samba, como afirma Theodoro:

Desde os tempos de Tia Ciata, no quintal de quem muito se consumiu comida e arte, sabor e saber vem se confundindo. Não podemos pensar em reunião de sambistas sem pensar no prazer do preparo e degustação de pratos e iguarias. [...] A comida engendra a criação, fazendo com que o sagrado e o profano, com múltiplas representações simbólicas, engendrem no Imaginário Social um conjunto de relações imagéticas que atuam na memória afetiva de uma cultura, sendo expressa em rituais e cantigas (THEODORO, 2007, p. 46).

O espaço da cozinha é o local da criação e da recriação, é onde “o alimento entra morto e sai vivo para a manutenção da saúde da comunidade e de celebração de seus orixás, que representam a energia da vida” (THEODORO, 2007, p. 48).

É possível constatar a grande participação da Família de Sr. Orozimbo na concretude do que é a escola de samba hoje, além dos cento e um homens no total, que se reuniram em parceria para obter recursos na compra do terreno para quadra, contando com a colaboração inclusive de Natal da Portela. Entretanto, para a construção da quadra foram realizadas diversas festividades como: Dia das mães, Dia das Crianças, *shows* em homenagem a São Sebastião, padroeiro da Escola, com o intuito de angariar fundos para o crescimento da Escola. Além disso, no período em que o Governo do Rio ofereceu cobertura a várias agremiações, fomentando o turismo no Rio de Janeiro, a mão de obra não foi fornecida, portanto, os integrantes cada um com a sua especificidade e experiências nos setores de elétrica e eletrônica, construção civil entre outras profissões, se reuniram e construíram a tão sonhada quadra com cobertura, para que os ensaios pudessem acontecer sem o risco de chuva atrapalhar. (LIMA, 2020, p. 106).

Quando a pesquisa iniciou, sabíamos que não poderíamos deixar de constar a família de Sr. Orozimbo, tendo em vista que eles sempre foram figuras marcantes, principalmente, na minha adolescência. Por onde eles passavam não tinha como não os observar, por possuírem algumas características em comum, são muito altos, magros, com uma postura ereta, hoje consigo identificá-los como uma das particularidades de Reis e Rainhas descendentes de Africanos.

Tivemos uma certa dificuldade de encontrar Tia Gracinha, ela não respondia os telefonemas e mensagens de Whatsapp. Recorri à sobrinha Paula que hoje mora na Suíça, e ao sobrinho Gabriel que hoje também mora no exterior. Eles me informaram que assim que ela pudesse, faria contato. Um belo dia, estava em no bairro de Padre Miguel, e como de praxe, coloquei meu *short*, chinelo e vou comprar o meu sorvete. No caminho, encontrei algumas pessoas conhecidas e perguntei onde ela morava, me informaram que era na primeira ou segunda entrada dos prédios, bastava gritar o nome dela, que ela apareceria na janela.

Fiz o recomendado, ela surgiu na janela e eu pedi para falar com ela por um minuto, ela concordou e pediu para subir até o terceiro andar. Na entrada é possível perceber uma quantidade enorme dos mais variados tipos de plantas que, mais tarde, descobri que são cultivadas por Tia Gracinha. Na porta do apartamento tem uma decoração diferenciada, dando a impressão de uma parede de tijolinhos vermelhos, também pintados por ela. Na parte interna, não tem como não admirar a decoração que possui muitas estátuas africanas, e mais de cinquenta medalhas (Figuras 38 e 39), diplomas, troféus (Figura 40), moções, certificados espalhados pela parede da sala, que podemos confirmar que é um lar de campeãs e campeões.

Figura 38 - Medalhas da atleta Rosângela Santos, neta de Sr. Orozimbo



Foto: Acervo Família Orozimbo de Oliveira (2022)

Figura 39 - Medalhas da atleta Rosângela Santos, neta de Sr. Orozimbo



Foto: Acervo Família Orozimbo de Oliveira (2022)

Expliquei para ela sobre a pesquisa, que retrata sobre a Mocidade, em paralelo a formação dos conjuntos habitacionais, falei sobre minha mãe e meu pai, sobre a alegria de poder estar estudando sobre famílias negras, e que na minha memória afetiva, eu sempre os reconheci como integrantes da Mocidade. Foi então que ela me explicou que é a mais velha da família, e com isso estava cuidando de sua irmã com problemas de locomoção, e o sobrinho com transtornos mentais, por isso não estava conseguindo me responder.

Imediatamente, me identifiquei com sua realidade, e compreendi que mais empatia era fundamental para a pesquisa. Marcamos para eu retornar em outra data, e exatamente no dia 23 de fevereiro de 2022, às 16h iniciamos a entrevista. Contávamos com a presença da sobrinha Aylana de vinte anos de idade, que fiz questão de inseri-la na entrevista, solicitei ajuda para que ela pudesse participar e consequentemente conhecer mais sobre a sua própria família. Em cima

da mesa, havia uma caixa que Tia Gracinha, havia separado, que constavam várias fotos e jornais com reportagens sobre a família, incluindo informações sobre a sua sobrinha, Rosângela Santos, nascida nos Estados Unidos, uma das principais velocistas brasileiras, que começou a treinar aos nove anos na Vila Olímpica de Padre Miguel, e aos dezessete, já integrava o revezamento brasileiro que disputou a final olímpica do 4x100m, nos jogos de Pequim, levando a medalha de bronze. Tia Gracinha conta com muito orgulho, que a levava para os treinos, e muitas vezes, oferecia parte de sua comida, para que a sobrinha pudesse se alimentar melhor.

Figura 40 - Troféus da atleta Rosângela Santos, neta de Sr. Orozimbo



Foto: Acervo Família Orozimbo de Oliveira (2022)

Tia Gracinha fez a entrevista pessoalmente, e depois enviou tudo por escrito por Whatsapp, mas consigo recordar de seus olhos brilhando falando sobre o seu pai, Sr. Orozimbo, se recordando que todos os irmãos e irmãs nasceram em casa, e no dia de nascimento, o mais velho tinha que ouvir a rádio relógio⁶⁶ e prestar atenção ao som do choro para que pudessem registrar o horário de nascimento de cada um. Começou a relembrar de vários fatos, rindo, contou que se o mais novo fizesse o que ela chamou de besteira, o mais velho apanhava porque não tomou conta. Num clima de recordações boas e ruins, prosseguimos com a entrevista com boas gargalhadas dela lembrando de sua família.

⁶⁶ Rádio Relógio federal foi fundada em 1956 e marcou época na história do rádio brasileiro. Na sintonia do AM 580Khz, apresentava primeiro um toc toc toc incessante dos segundos ao fundo e uma transmissão mais ou menos assim: “Você sabia?” Disponível em: <https://radios.ebc.com.br/todas-vozes/edicao/2015-09/voce-sabia-curiosidades-e-audios-da-radio-relogio>, consultado em 05.11.2022.

Figura 41- Família Orozimbo de Oliveira



Família Orozimbo de Oliveira (Faltam duas irmãs: Helena e Penha)
Foto: Acervo Família Oliveira

Na figura 41, nas Bodas de prata de Sr. Orozimbo e Dona Nadir, podemos exemplificar tudo que já falamos anteriormente sobre as celebrações das famílias pretas, um registro como esse é de suma importância, principalmente, porque era um período que registro fotográfico era algo custoso, o que dificulta a memória através de fotos, mas as reuniões de famílias são compostas de troca, solidariedade, diálogos entre gerações, celebrar a vida, e o existir e resistir, e principalmente, o Amor.

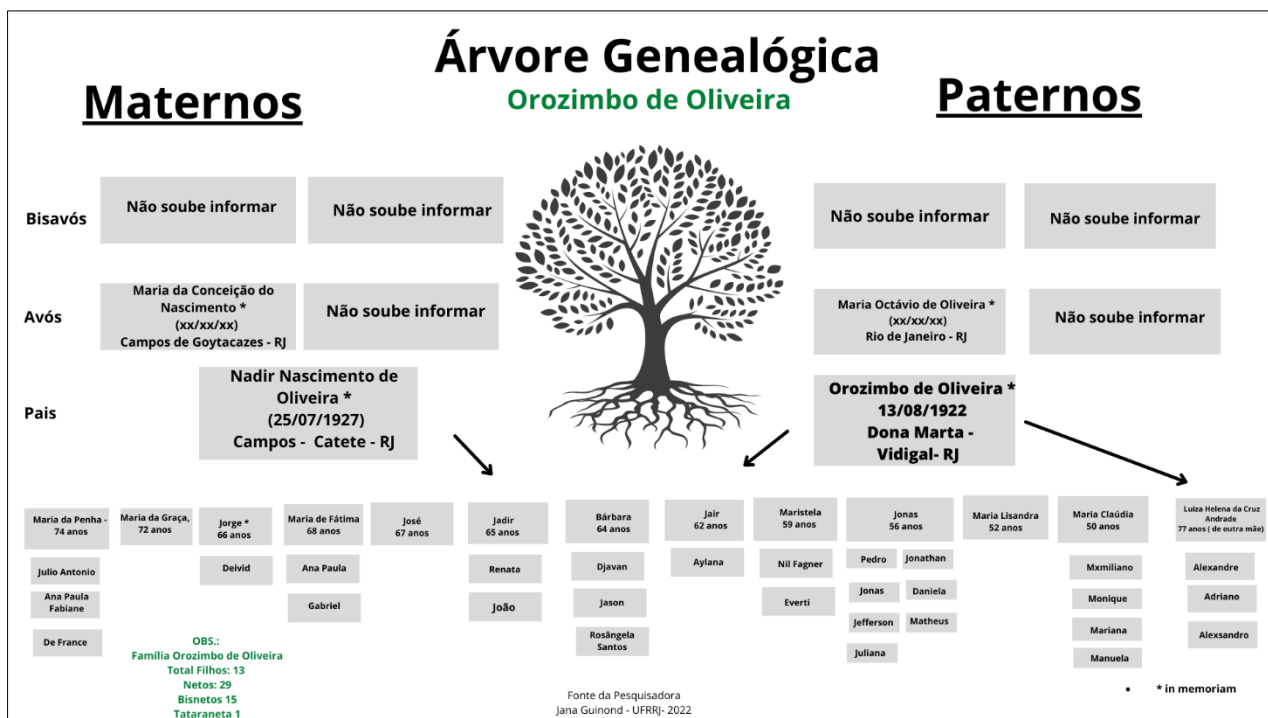
Figura 42 - Sr. Orozimbo e Dona Nadir



Foto: Acervo Família Oliveira

Dona Nadir, segundo tia Gracinha, sempre foi muito atuante na agremiação, onde já abordamos sobre ela no capítulo um, sobre a força feminina do samba, mas a filha disse que um dia gostaria de escrever algo sobre seu pai Orozimbo e mãe Nadir (Figura 42).

Figura 43 – Árvore genealógica- Sr. Orozimbo de Oliveira



Fonte – Dados da Pesquisa (2022)

O Sr. Orozimbo de Oliveira, falecido no ano de 2019, e neste ano de 2022, completaria 100 anos. Segundo tia Gracinha, ele nasceu em 13 de agosto de 1922 no morro Dona Marta em Botafogo, desfilou na G.R.E.S. Vila Rica, sediada na Ladeira dos Tabajaras, em Copacabana, se mudou para a comunidade do Vidigal - São Conrado, juntamente com os filhos, esposa e sua avó, Dona Maria Octávio de Oliveira, morou pouco tempo no bairro de Padre Miguel, em seguida se mudou para Nova Iguaçu, onde faleceu com cento e seis anos de idade.

Com a família instalada no bairro de Padre Miguel em 1952, ano da fundação da Mocidade. Fez parte da primeira Diretoria e foi o terceiro Presidente em 1958, também foi diretor de patrimônio, fez parte da comissão de carnaval, entre outros setores, como ela mesma afirma “Era pau pra todas as obras”, fazia um pouco de tudo. Foi para o bairro (Padre Miguel) com a Dona Nadir Nascimento de Oliveira, a Tia Nadir, que era nascida em Campos de Goytacazes, em Santa Bárbara, no dia 25 de janeiro de 1927, veio para o Rio de Janeiro, no bairro do Catete, casando-se com Orozimbo, e se transferindo para Padre Miguel, juntamente com três filhos. Desfilou na ala das Damas, depois destaque e por fim, foi presidente da Ala Os Maiorais do Samba fundada em 1964. Deu a primeira geladeira para a escola e ajudava nos almoços da escola para arrecadar verbas para o desfile.

A família é composta por treze filhos, vinte e nove netos, dezenove bisnetos e uma tataraneta, conforme consta na árvore genealógica (Figura 43). Tia Gracinha fez questão de informar a existência de uma outra irmã, Luiza Helena da Cruz Andrade, filha por parte de pai, mais velha, hoje com 77 anos. Boa parte da família participou da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, são eles:

Figura 44 - Maria da Penha de Oliveira, Panderista - Família Orozimbo



Fonte: Acervo Família Orozimbo Oliveira

1 - Maria da Penha de Oliveira Antônio, 74 anos

Residente nos Estados Unidos, fez parte da bateria, tocando pandeiro na agremiação (Figura 44). Iniciou na GRES Mocidade Independente de Padre Miguel, e terminou na G.R.E.S. Portela, ainda no período de Natalino José do Nascimento, conhecido como Seu Natal da Portela. Trabalhou com o ator, escritor, produtor e sambista Haroldo Costa nos Estados Unidos com o *show* "Brasil Canta e Dança", acompanhada de seu esposo Sebastião Antônio de 75 anos, que também era pandeirista das agremiações: G.R.E.S. Unidos de Padre Miguel, Mocidade e Portela.

Figura 45 - Informações sobre a ala de coordenação da Tia Gracinha

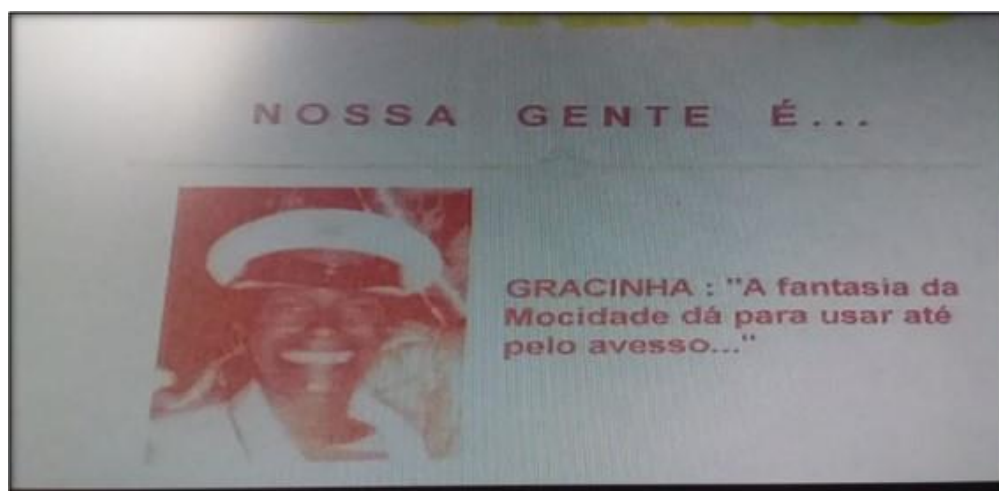


Foto: Acervo Família Orozimbo de Oliveira

2 - Maria das Graças de Oliveira 72 anos (Tia Gracinha)

Começou a desfilar na agremiação no ano de 1959, exatamente quando tinha nove anos de idade, mas já frequentava muito antes, porque era um período em que os pais não deixavam seus filhos com ninguém, consequentemente, iniciou na ala das crianças, e depois, na juventude, foi para outras alas, se aposentando como Presidente de Ala no ano de 2005 (Figura 45), transferindo a ala para o seu vice, Valdir Mallet que coordena até os dias de hoje.

3 - Jorge de Oliveira (Mestre Jorjão) – (*in memorian*)

Iniciou desde criança na agremiação. Faleceu aos 66 anos. Vide capítulo III.

Figura 46 - Mestre Jorjão - Filho Sr. Orozimbo



Foto: Acervo Família Oliveira

4 - Maria de Fátima de Macedo de Oliveira – 68 anos

Iniciou desfilando em ala e depois se tornou uma ritmista, sendo uma das responsáveis pela criação da ala de chocalhos, composta por mulheres, influenciando diversas escolas. Também foi a primeira porta-bandeira da Unidos de São Clemente, cuja filha Paula (Figura 47) começou na ala das crianças na G.R.E.S. Mocidade, passando a porta-bandeira mirim, e se tornando a primeira porta-bandeira mirim do G.R.E.S. Salgueiro, assim como da G.R.E.S. Tucuruvi, em São Paulo, e atualmente reside na Suécia.

Figura 47- Paula Persson – Porta-bandeira mirim da Mocidade Independente



Foto: Acervo – Família Orozimbo de Oliveira

Além disso, tem o Gabriel (Figura 48) que era o filho de Maria de Fátima e irmão de Paula, que iniciou na ala das crianças e compôs o primeiro samba enredo da Escola de samba mirim Estrelinha da Mocidade junto com o cantor e compositor Dudu Nobre. Já que, Dudu também foi criado por Tia Gracinha.

Figura 48 - Tia Gracinha com o sobrinho Gabriel Macedo - Família Orozimbo



Foto: Acervo Família Oliveira

Em um entrevista com o cantor Dudu Nobre ele afirma que a família Orozimbo foi uma grande inspiração, tendo um carinho muito especial por todos, principalmente pela Tia Gracinha, que colaborou na educação dele e de sua irmã, Lucinha Nobre (Figura 49).

Figura 49 - Tia Gracinha com o cantor Dudu Nobre e sua irmã, a Porta-bandeira – Lucinha Nobre



Foto: Acervo Família Oliveira

5 - José de Oliveira - 66 anos

Integrante da bateria, onde tocava chocalho, frigideira e agogô, e seu filho Deivid pertencia a ala das crianças.

6 - Jadir de Oliveira - 65 anos

Integrante da bateria, na qual seu instrumento era o surdo de primeira. Sua esposa Sônia José desfilou em ala, e seus filhos Renata na ala das crianças, e Renato, na ala das crianças e depois na ala da comunidade.

7 - Bárbara de Oliveira - 64 anos

Ritmista da bateria, que tinha como instrumento, o surdo. Fez parte do *show* com Haroldo Costa nos Estados Unidos, tornando-se residente, na qual teve sua filha Rosângela Santos, que era da ala Triple e é atleta Olímpica de atletismo, citada anteriormente.

8 - Jair de Oliveira - 62 anos

Integrante da bateria, na qual tocava caixa, enquanto sua esposa desfilava em alas, e sua filha iniciou na G.R.E.S. Estrelinha da Mocidade.

9 – Maristela de Oliveira – 59 anos

Iniciou desfilando em ala e depois foi para a bateria, tocando o instrumento chocalho, atualmente mora na Suécia e tem dois filhos. E um de seus filhos, Nilo de Oliveira, saía em ala, é Atleta, e hoje, técnico de atletismo na Suécia, casado com uma Sueca que adora samba e produzem show de samba na Suécia.

Figura 50 - Mestre Jonas



Foto: Galeria do samba (2007)

11 - Jonas de Oliveira (Mestre Jonas) - 56 anos

Iniciou como integrante da bateria (Figura 50), tocando surdo de terceira e depois tamborim, se tornando mestre da ala de tamborins e mestre de bateria. É mestre do Bloco “Os Timoneiros” de Paulinho da Viola. Ministra aula de ritmo na Alemanha. Pai de sete filhos, um de seus filhos, Jonathan mora na Dinamarca com a esposa e Jonas Júnior é integrante da bateria

e a esposa dele desfila em ala. Atualmente é mestre de bateria da Unidos de Boston, nos Estados Unidos.

12 - Maria Lisandra – 54 anos

Integrante da bateria, é uma das fundadoras das mulheres no chocalho, faz parte do coro do carro de som do G.R.E.S. Salgueiro, Unidos de Padre Miguel e da Banda de Dudu Nobre, seu esposo José Luis Azevedo é diretor de carnaval da G.R.E.S. Mocidade, trabalha com a G.R.E.S. Porto Alegre, fazendo parte da organização do carnaval de lá, também já trabalhou na RIOTUR.

13 - Maria Cláudia de Oliveira - 50 anos

Tem quatro filhos, e iniciou na ala das Crianças, passando para ala e depois Bateria, sendo uma das fundadoras da ala de mulheres no chocalho, atualmente é residente na Austrália, onde ministra aula de dança, trabalhando com o esposo que é músico.

Sem dúvida a família Orozimbo de Oliveira é uma das grandes representatividades da agremiação, não só no bairro como no mundo, tendo em vista que levam o samba para diversos grupos. Portanto, reconhecer e reverenciar a família é de suma importância.

3.2.4 Maestro José Pereira da Silva - Mestre André (90 anos)

“A alma de uma escola é a bateria
E para o povo toda alma é imortal
Por isso é que se diz
Que a Mocidade reinará
Na eternidade do divino carnaval
Falando de Bateria
Muitos dirão quem tu és
Na galeria do samba
Melhor bateria que é nota dez
Desde a famosa parada
Do tempo de Mestre André
Que ela incendeia a moçada
E vem da arquivancada
Esse grito de “Olé”⁶⁷

Iniciar com o samba de exaltação, conhecido na voz da cantora Alcione, e ovacionado na quadra, no período da década de 80, na voz do compositor Tiãozinho da Mocidade, é para

⁶⁷ Composição: Mauro Duarte de Oliveira e Paulo César Francisco Pinheiro. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=weZr-m-Ho7w> . Consultado em 05.04.2022.

retratar nessa pesquisa sobre um ícone que fez com que aumentassem o respeito e admiração pela bateria, não só no Brasil, como também no mundo, na conhecida “paradinha”.

[...] (Mestre) André ainda no carnaval de 1959, na Avenida Rio Branco (Grupo I), criou a parada quase total, deixando somente a caixa de guerra replicando. O povo que assistia ao desfile, calorosamente aplaudiu, gritando “olé” (ARAÚJO e JÓRIO, 1969, p. 161)

Reconhecido em diversos locais como o Mestre que, mesmo não sabendo tocar todos os instrumentos, no entanto, segundo vários depoimentos, tinha uma audição aguçadíssima. Estamos falando de José Pereira da Silva, conhecido carinhosamente como Mestre André. Conhecido por poucas palavras, Mestre André nasceu em 07 de fevereiro de 1932, na qual Andrezinho, um de seus filhos, fala orgulhosamente que é exatamente no primeiro dia de desfile de escolas de samba⁶⁸ na Praça Onze.

Figura 51 - Carteira da Rede Ferroviária Federal S.A – Mestre André (1968)



Fonte: Acervo André Pereira

Mestre André trabalhou como motorista na extinta Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima, (Figuras 51 s 52) que tinha como intuito de promover e gerir o desenvolvimento no setor de transportes ferroviários, durante 50 anos de existência da empresa. Criada em 1957 pela Lei nº 3.115 de 16 de março de 1957 e dissolvida de acordo com o decreto nº 3.277 de 07 de dezembro de 1999.⁶⁹

⁶⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fol/geral/carnaval/historia.htm>. Consultado em 06.04.2022.

⁶⁹ Disponível em: RFFSA - <https://www.refer.com.br/patrocinadoras/rffsa/>, consultado em 03.10.2022.

Figura 52 - Mestre André – Motorista da Rede Ferroviária Federal S. A



Fonte: Acervo André Pereira (Ano desconhecido)

Segundo depoimento do ano de 1967, que conta no Museu da Imagem e do Som, Mestre André diz que a Escola nasceu no Futebol,

[...] e vinha sempre aquela mania de sair pra jogar em quando voltávamos, aquelas irmãs dos jogadores, do pessoal que fazia parte ali do Independente Futebol Clube, “tava” nos esperando [...] sempre contando com a vitória, às vezes quando tinha derrota, e que a gente vinha tudo cabisbaixo, mas, as meninas faziam a gente dar a volta mesmo no conjunto (habitacional). E nós saímos, tinha um surdo de marcação que era de borracha que era uma câmara de pneu que nós botamos numa barrica, era o nosso surdo de marcação. Com as bordoadas que “dava” nele, ele aguentava (Depoimento de Mestre André, em 1967 para o MIS)⁷⁰.

O ganhar era importante, mas em caso de perda, o fundamental era a celebração da vida. Assim faziam os moradores e moradoras de Padre Miguel, que se reinventavam através de instrumentos criados por eles, que dialogam com a proteção ao meio ambiente, tão discutido em pautas internacionais atualmente.

Essa alegria toda fazia com que a comunidade se mantivesse em diálogo, regando as raízes, se confraternizando mesmo não tendo condições materiais, o importante era estar juntos, com o grande incentivo do apoio feminino.

André, conta, o que ele intitulou de “Velha Guarda”, que eram as pessoas que acompanhavam o futebol, como Dengo e Tio Vivinho, entre outros. E que incentivaram a formação da Escola de Samba, e com a parceria de Chapelão com Hermes da Mangureira Tio

⁷⁰ Entrevista realizada no dia 30.12.1967, com o Sr. José Pereira da Silva, conhecido, mundialmente como Mestre André, para o acervo de música popular brasileira, referente ao projeto “Depoimento para posteridade”, do Museu da Imagem do Som (MIS);

Vivinho era o presidente, e tinha como vice-presidente, o Renato Ferreira da Silva, conhecido como Chapelão, que vem a ser irmão de Mestre André, juntos decidiram providenciar a documentação, Renato fez contato com o Sr. Hermes da Mangureira para que desse orientação para a elaboração do estatuto e a promoção da Mocidade, inclusive, na entrevista do MIS de 1967, Renato rindo, relembra da fala de Sr Hermes:

[...] Ainda o Hermes, brincando falou assim: "Que que vocês vêm fazer aqui embaixo com aquela Folia de Reis?" Eu disse: Nós vamos descer, o pessoal quer ver [...] quer brincar (imitando o Hermes). Então "tá" bem! Aí, o Hermes arranhou a filiação da Mocidade Independente na Confederação das Escolas de Samba, na qual nós fomos pra lá, descemos em (ano) 57, sem subvenção. Tivemos a felicidade de termos um quinto lugar na Praça Onze que foi com aquele carnaval " Baile das Rosas", na qual tivemos um prêmio de 25 contos naquela época, foi o que deu pra saldar nossas dívidas do ano anterior, de (ano) 56 e liquidar algumas contas de (ano) 57. Aí viemos.. veio 58...[...] 58 nós fomos o campeão invicto da Praça Onze (Depoimento de Renato Ferreira da Silva, Chapelão em 1967 para o MIS)⁷¹.

Durante a gestão de Tio Vivinho é possível constatar diversas formas que a agremiação encontrou para que pudesse participar de maneira menos desigual nos desfiles com as grandes escolas, foi crucial para sua trajetória, entre elas, são os batizados, que servem para além de "dar a proteção", fortalecem suas ações. Exemplos disso é a Escola Beija Flor ser madrinha da Mocidade, tema que abordaremos juntamente com o baluarte responsável por esse momento, Ary de Lima. Várias ações aconteceram para fortalecer a agremiação, quando o parceiro de Chapelão, Sr. Hermes da Mangureira chamou a escola de Folia de Reis, era exatamente por que não tinha a quantidade suficiente de componentes para uma escola de samba. Tanto que Mestre André foi questionado, um certo dia por Sr. Aroldo Bonifácio, o jornalista do Correio da Manhã, que esteve no bairro de Padre Miguel, para uma entrevista, e perguntou quantos ritmistas a Mocidade tinha? E André respondeu:

[...] Eu falei, Seu Aroldo, eu tô com 29 homens pra desfilar. E ele falou assim (imitando): "Essa bateria vai encarar a (G.R.E.S.) Portela com duzentos e pouco?". Naquele tempo a bateria da Portela era considerada Tabajara, realmente...naquela época era uma das melhores...eu falei, dá pra entender Seu Aroldo, e ele falou: "Quero ver" (Depoimento de Mestre André, em 1967 para o MIS).

⁷¹ Entrevista realizada no dia 30.12.1967, com o Sr. Renato Ferreira da Silva, em Padre Miguel, conhecido, popularmente como Chapelão, e irmão de Mestre André, para o acervo de música popular brasileira, referente ao projeto "Depoimento para posteridade", do Museu da Imagem do Som (MIS).

A quantidade de componentes era motivo de chacota entre amigos, que achavam quase impossível encarar agremiações com mais de cem componentes na bateria. E ainda na entrevista no MIS, Mestre André complementa:

Pelo azar, numa sexta-feira da semana do Carnaval, morreu um componente da bateria e o outro ficou de serviço. Então quer dizer que viemos pra (Avenida) Rio Branco com vinte e sete componentes na bateria. E nesse ano, a bateria da Portela veio com a roupa escrita: “Tabajara - Bateria invencível” ... aí a bateria da Portela marcou nove pontos e meio e a gente marcou dez (Depoimento de Mestre André, em 1967 para o MIS)⁷².

Com todos os desafios que a Mocidade tinha na época, além da responsabilidade de desfilar entre as maiores escolas da ocasião, num desfile que tiveram que aguardar por quatorze horas, na qual André afirma:

O pessoal no entusiasmo, que nós desfilamos dez e pouca da manhã, com um sol que ajudou, o material... tudo tinindo e depois quando acabamos de desfilar, porque eu também ainda tinha minhas dúvidas [...] (lembrando) a bateria vem com duzentos e pouco e a Mocidade com vinte e pouco.... mas a gente vai pra lá, vamos ver o que a gente consegue. E conseguimos, até hoje, uma supremacia da bateria da (GRES) Mocidade Independente, considerada pela crônica, uma das melhores (Depoimento de Mestre André, em 1967 para o MIS)⁷³.

O bairro de Padre Miguel tem a possibilidade de mostrar uma outra visão. Oriundos de uma área conhecida como da zona rural, passam a existir no cenário cultural, e transformam a história do carnaval. “Por sorte”, o sol fez com que os couros dos instrumentos, como o próprio André disse, fiquem “tinindos”, ou seja, ótimos para colocar na prática o sonho da estrela brilhar, principalmente, estando no super desfile. Tanto que mídias da época, introduzem o jargão de “Olé” no universo das Escolas de samba, que segundo Mestre André não é somente mérito dele, também das pessoas que faziam parte do processo.

[...] A melhor coisa do pessoal que “tá” vindo de fora, é ver o entrosamento...a marcação entrou certo, não tem problema mais nenhum. Às vezes, é um surdo de repique que fica encarregado. Eu digo: Fulano você vai ser responsável, pra fazer assim, assim, assim, [...] por felicidade minha, nunca houve furo, todo mundo...todo ano...corresponde cem por cento.

⁷² Entrevista realizada no dia 30.12.1967, com o Sr. José Pereira da Silva, conhecido, mundialmente como Mestre André, para o acervo de música popular brasileira, referente ao projeto “Depoimento para posteridade”, do Museu da Imagem do Som (MIS).

⁷³ Entrevista realizada no dia 30.12.1967, com o Sr. José Pereira da Silva, conhecido, mundialmente como Mestre André, para o acervo de música popular brasileira, referente ao projeto “Depoimento para posteridade”, do Museu da Imagem do Som (MIS).

Esse é um problema que não depende só de mim, depende deles, daqueles que vem batalhando um longo tempo pela Mocidade Independente, [...] boto sempre um com a responsabilidade e não me preocupo com ele, mas quando dá furo, eu (faz um som com a boca) na cuca deles com a bengalinha, eles ficam naquela... levam na patifaria... não adianta briga (Depoimento de Mestre André, em 1967 para o MIS)⁷⁴.

E Andrezinho, seu filho complementa:

Até hoje, quando se fala em bateria, tem que se falar de Mestre André. Naquele dia, ele escorregou e a bateria parou. Levantou, e deu um rodopio e apontou para o repique. O repique entrou no tempo certo e foi inventada a paradinha. (Depoimento de Andrezinho, filho de Mestre André, 2006)

Mestre André exemplifica a importância da coletividade e cumplicidade entre os componentes da agremiação, a bateria, embora a Mocidade diga que ela é a alma, ela é também o coração que pulsa, que faz o corpo responder inusitadamente, provocando sensações de um grande diálogo entre o visível e o invisível, uma comunicação espontânea, como afirma Andrezinho, e que está relacionada com o tempo e o espaço, assim afirma Sodré:

Como todo ritmo já é uma síntese (de tempos), o ritmo negro é uma síntese de sínteses (sonoras), que atesta a integração do elemento humano na temporalidade mítica. Todo som que o indivíduo humano emite reafirma a sua condição de ser singular, todo ritmo a que ele adere leva-o a reviver um saber coletivo sobre o tempo, onde não há lugar para a angústia, pois o que advém é a alegria transbordante da atividade, do movimento induzido (SODRÉ, 1942); (IPHAN, 2014).

Quando questionado sobre a paradinha, (que possuem várias versões), mas que na maioria delas o corpo está em diálogo com o som, André em um escorregão, levanta-se rapidamente, ao mesmo tempo que a bateria retoma, mostrando o grande poder de inovação, criatividade e união de um grupo, que a cada ano apresentava essas potencialidades:

O ano retrasado (1965) que a bateria fez uma das melhores apresentações aqui embaixo (Centro da Cidade do RJ), veio o surdo de repique, fazia aquelas paradas, e os materiais, o resto faziam aquele preenchimento, até pegarmos em cima outra vez. Era um negócio que levava de dois a três minutos mais ou menos (Depoimento de Mestre André, em 1967 para o MIS)⁷⁵.

⁷⁴ Entrevista realizada no dia 30.12.1967, com o Sr. José Pereira da Silva, conhecido, mundialmente como Mestre André, para o acervo de música popular brasileira, referente ao projeto “Depoimento para posteridade”, do Museu da Imagem do Som (MIS).

⁷⁵ Entrevista realizada no dia 30.12.1967, com o Sr. José Pereira da Silva, conhecido, mundialmente como Mestre André, para o acervo de música popular brasileira, referente ao projeto “Depoimento para posteridade”, do Museu da Imagem do Som (MIS).

Segundo consta no livro “Escola de samba em desfile – Vida, paixão e sorte os autores” Hiram Araújo e Amaury Jório, afirmam:

[...] Mestre André ainda no carnaval de 1959, na Avenida Rio Branco (Grupo I), criou a parada quase total, deixando somente a caixa de guerra repicando. O povo que assistia ao desfile, calorosamente aplaudiu, gritando “olé” (ARAÚJO e JÓRIO, 1969, p. 161).

E mais ainda,

Hoje, a MOCIDADE INDEPENDENTE além da caixa de guerra, apresenta separada a cuíca, ora os tamborins ou os reco-recos. Outro fato bastante curioso é que geralmente, no sorteio, a MOCIDADE é a última desfilar. Graças à sua bateria grande parte do povo permanece até o final, desejosos em assistir à apresentação desta Escola. No ano de 1969, foi a bateria da MOCIDADE a única que marcou nota 10 (dez), no super-desfile. (ARAÚJO e JÓRIO, 1969, p. 162).

Ao analisarmos o contexto da época, na qual a Mocidade disputava com renomadas agremiações, e no ano de 1959, ela transforma o cenário do carnaval carioca com a sua bateria, através de inovações que estão presentes em outras agremiações. No mesmo livro, há a informação de que Mestre André introduziu o chocalho de platinela, no ano de 1965 (ARAÚJO e JÓRIO, 1969, p. 161). No entanto, Mestre André considera que todo o sucesso foi realizado de forma conjunta, como afirma no áudio de uma entrevista no Museu da Imagem e do Som, datada do ano de 1967. Teve uma apresentação com a cuíca, em que diz:

[..] O Germano já fazia uma parte, quando o surdo de repique dava uma parte (tá tá tá rá tá tá ra tá), aí Germano na cuíca dava uma gargalhada, e vinha o surdo outra vez, e depois o repique, outra vez para o surdo de marcação... e pegava todo mundo em cima.... é quando a bateria entra. Hoje as escolas usam muito essa paradinha (Depoimento de Mestre André, em 1967 para o MIS)⁷⁶.

Em outros anos a bateria foi irreverente, sempre animada e divertida, que segundo André, na qual o surdo e repique eram desenvolvidos, e os demais instrumentos faziam o preenchimento, que levavam dois minutos mais ou menos, e Germano da Cuíca “dava uma gargalhada”, se referindo ao som que o instrumento faz, em paralelo, como também deixa a entender, que está relacionada a satisfação dos componentes.

⁷⁶ Entrevista realizada no dia 30.12.1967, com o Sr. José Pereira da Silva, conhecido, mundialmente como Mestre André, para o acervo de música popular brasileira, referente ao projeto “Depoimento para posteridade”, do Museu da Imagem do Som (MIS);

Figura 53 - Jornal Correio da Manhã - Bateria Nota Dez - O "olé" no SAMBA



Fonte: Jornal Correio da Manhã (1969)

O depoimento de Mestre André no MIS aconteceu no ano de 1967, entretanto, no ano de 1969, exatamente no dia 08 de dezembro, num domingo, consta no arquivo de memória do Jornal Correio da Manhã, uma reportagem do jornalista Aroldo Bonifácio, o nome citado por Mestre André, ao ser questionado sobre o desafio de enfrentar a bateria da Tabajara do Samba, da G.R.E.S. Portela com mais de duzentos componentes. Na matéria (Figura 53), o jornalista traça uma trajetória sobre a história da Mocidade, desde a chegada no carnaval da Avenida Rio Branco, no ano de 1959, onde o público se espremia entre a Rua Santa Luzia e Araújo Porto Alegre, com um palanque armado em frente a escadaria da Biblioteca Nacional, na qual ficava a comissão julgadora, e a Mocidade pela primeira vez participava de um desfile com essa amplitude concorrendo com Portela, Mangueira, Salgueiro e Império Serrano.

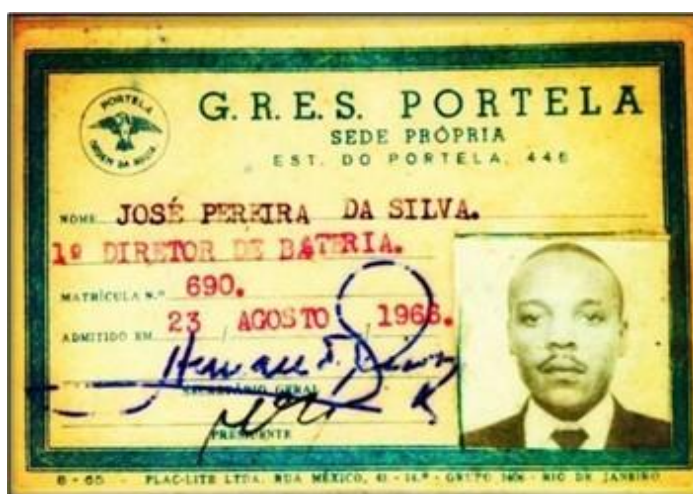
A escola era pequena, passou rapidamente na avenida, no entanto, quando a bateria surgiu, com o mestre de bateria, dispensando o apito, utilizando apenas uma baqueta, o que o jornalista Aroldo Bonifácio intitulou de bengala, a bateria apresentando uma cadência e a harmonia, que deixou o público e a comissão julgadora perplexos em silêncio, quando de repente, os componentes da bateria param de andar e os instrumentos param, ficando apenas a caixa-tarol, juntamente com outros componentes de alas, que antes de descobrirem o que se passava no momento, surge o mestre, que girou sua bengala no ar, e a bateria retomou de maneira inexplicável, fazendo com que todas as pessoas presentes ovacionassem, segundo o

jornalista, o arrepio percorreu, fazendo com que o povo vibrasse, e acabou contagiando a comissão julgadora, surgindo assim o “Olé”.

Podemos considerar que memória não está somente relacionada ao passado, ela é móvel, que está em constante movimento, presente aqui, lá, aqui novamente, ela possibilita o viver em vários tempos, “é a memória individual que pode permanecer latente anos a fio (MENESES, 1992, p. 14), e possibilita a manutenção de valores de um determinado grupo (DODEBEI, FARIAS e , 2016, p. 19).

A matéria informa todos os sambas enredos e suas respectivas colocações, mas, a todo momento, está reverenciando a bateria da escola, e principalmente a Mestre André, informando que nos carnavais dos anos de 1962 esteve na G.R.E.S. União de Jacarepaguá e em 1967 passou pela G.R.E.S. Portela (Figura 54), não dando continuidade, por conta de questões pessoais.

Figura 54 - Mestre André - Carteira de 1º Diretor de Bateria – GRES Portela - 1966



Fonte: Acervo André Pereira (Andrezinho)

Embora a revanche entre a Unidos da Rua D, a atual G.R.E.S. Unidos de Padre Miguel, conhecida, na época como boi vermelho, com a “arroz com couve”, conhecida hoje como Mocidade Independente de Padre Miguel fosse algo conhecido de boa parte dos moradores, foi nos enviada a carteirinha de sócio honorário de número um (Figura 55) não constando a data, mas que comprova o contato de Mestre André com a agremiação.

Figura 55 - Mestre André - Carteira de sócio honorário nº 1 do GRES Unidos de Padre Miguel



Acervo: André Pereira (Andrezinho) (Ano não identificado).

Em alguns depoimentos, informam que para determinado grupo foi considerado uma “traição”, mas, ao analisarmos que são duas agremiações pertencentes do mesmo bairro, a rivalidade é prejudicial para ambas. E tivemos a oportunidade de entrevistar o verdadeiro André, ou melhor André Luiz Pereira da Silva, seu filho conhecido como Andrezinho da Mocidade, assim como tivemos também a preciosa contribuição da filha de Mestre André, Lia, além da história do pai, forneceu informações fundamentais sobre Tio Vivinho.

Com o Andrezinho, a entrevista aconteceu de forma *online*, no dia 15 de fevereiro de 2022, Andrezinho, com uma blusa verde da BN10 – Mestre André, ao fundo, numa parede, havia um quadro escrito “Molejo⁷⁷” que foi um grupo de pagode de grande sucesso dos anos 90. Andrezinho nasceu no SASE em Realengo, filho de Edna Guimarães Lemos, que foi Princesa da Mocidade antes de conhecer Mestre André. Duas irmãs por parte de pai, a Liana e a saudosa Nice, e duas por parte de mãe, a Soninha, que foi criada como fosse filha, e que cuidou dele, e Elaine.

Andrezinho conta que a relação com a agremiação é desde a barriga da mãe, estava sempre nos ensaios, participava das entrevistas, conforme podemos comprovar em um vídeo do ano de 1978, na quadra tradicional da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, em que Mestre André ao ser perguntado pelo repórter, se está ensinando o filho a ser mestre e ele diz que não, ele vai porque quer, e “lança o gato mestre, e vai na onda” e confirma que ele leva jeito. Na entrevista, é possível perceber o pertencimento de Andrezinho na sua resposta,

⁷⁷ O Grupo Molejo é um grupo musical de pagode que foi formado no ano de 1993 na cidade do Rio de Janeiro por Anderson Leonardo (cavaco, voz e vocal), Andrezinho (surdo, voz e vocal), William Araújo (violão e vocal), Claumirzinho (percussão e vocal), Lúcio Nascimento (percussão e vocal) e Jimmy Batera (bateria e vocal). Disponível em: <https://musica.culturamix.com/estilos/pagode/grupo-molejo-um-grande-sucesso-do-pagode-brasileiro>. Consultado em 05.04.2022.

quando questionado pelo jornalista, afinal é do útero que ele ouvia o pai, é no pulsar das veias e do coração da bateria que ele foi praticamente gerado, embora o pai preferisse que escolhesse a carreira militar, ao invés de fazer parte da escola de samba. E isso está muito associado a estabilidade financeira, que muitas vezes, a população preta é condicionada a acreditar, entretanto são dois universos antagônicos, que estimulam diversos entendimentos e forma de viver completamente diferente, na qual a Escola de samba é um lugar mais humanizado, que se relaciona com a música, o corpo e o pertencimento em prol da comunidade sem a imposição hierárquica vista nos quartéis.

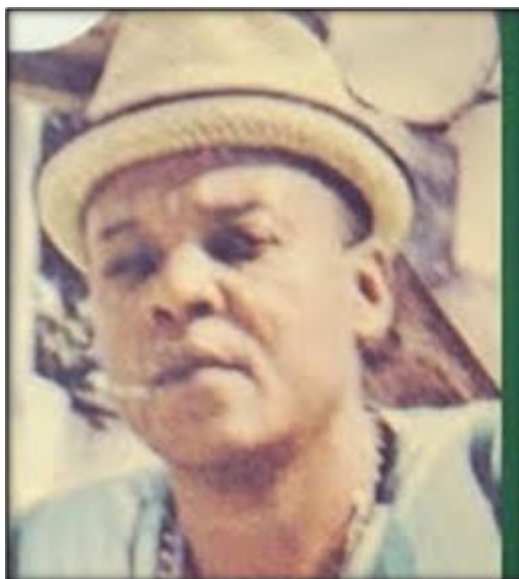
Figura 56 - Mestre André guardando os equipamentos na Mocidade



Acervo: Departamento Cultural - Memória Mocidade

Em 1979, no primeiro título da agremiação no grupo I, ele diz que Mestre André, seu pai, perguntou se ele queria sair de bate-bola ou na bateria, sem dúvida, Andrezinho disse que queria sair na bateria, e lembra de ver Mestre André, por muitas vezes, por guardar cuidadosamente os instrumentos da bateria (Figura 56).

Figura 57 - Mestre André



Fonte: Acervo Departamento Cultural - Memória Mocidade

O lendário e inesquecível Mestre de bateria, por muitos, conhecido como Maestro de Bateria José Pereira da Silva, Mestre André da Mocidade (Figura 57). Seu nome é pelo simples fato de que quando não sabia o nome da pessoa, ele chamava de “seu moço” ou de “seu André” não imaginando que seria batizado da mesma maneira.

“Mestre André diz todo dia
Ninguém segura a nossa bateria
Padre Miguel é a capital
Da escola de samba
Que bate melhor no carnaval”⁷⁸

Iniciou através do time de futebol, o Independente Futebol Clube, onde foi técnico, e no momento que o time virou bloco, desfilou até de mestre-sala, que na época era chamado de baliza. Mas seu destino era com a bateria, onde se eternizou, influenciando no Carnaval carioca com a famosa “paradinha” tão esperada pelo público em todas as agremiações.

Consequentemente, a G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel era conhecida como a bateria que carrega a agremiação, o que deixavam alguns integrantes injuriados, mas, ao analisarmos a grande contribuição que a escola deu para uma das maiores festas do cenário carioca, é motivo de muito orgulho.

A bateria é conhecida como Bateria Nota 10 de Mestre André, Bateria Nota 1000 ou Bateria Não Existe Mais Quente, esse último pode estar associado à sua eloquência, afinal,

⁷⁸ Samba – Salve a Mocidade de 1974. Composição Luiz Reis.

existem várias inovações de instrumentos e ações a partir dessa época, como o surdo de terceira, criado por Tião Miquimba, e como afirma Fabato (2012):

A quantidade reduzida de ritmistas levou ainda, a soluções engenhosas, como por exemplo, as baquetas múltiplas para potencializar os sons dos tamborins, gerando a impressão de que havia mais instrumentos do que a realidade. A inventividade não cessou aí. Padre Miguel também deu origem ao reco-reco casco-de-tatu, aos chocalhos com batinelas e às coreografias das moças que tocavam instrumentos, pedaços de madeiras onde eram pregadas chapinhas, ao serem chacoalhadas, emitiam sons agudos e breves (DINIZ, 2012, p.56).

Com isso tem um Samba de Exaltação, que diz:

Lá vem a bateria da Mocidade Independente
Não existe mais quente
Não existe mais quente
É o festival do coro
É a alegria da cidade⁷⁹

O nome intitulado como a “bateria mais quente” foi por conta desse hino, mas também pode estar associado ao fato de a agremiação estar situada em um bairro em que a circulação de vento é mínima, e o calor é desafiador. Mas, sem dúvida, a Mocidade passou a ser a queridinha do público por conta de sua calorosa bateria nota 10.

Figura 58 - Jornal Correio da Manhã - Mocidade poderá quebrar favoritos



Fonte: Jornal Correio da Manhã de 13.02.1960

⁷⁹ Samba – Salve a Mocidade de 1974. Composição Luiz Reis.

Na Figura 58 no Jornal Correio da Manhã do dia 13 de fevereiro de 1960, a expectativa sobre a Mocidade era sempre grande, tendo em vista que ela inovava com a sua bateria. Na reportagem acima, cita Mestre André, Aloísio, Ary de Lima, Dengo, e as princesas: Joarina, Linda e Marlene, informando que a direção Vivinho, Renato e Hermenegildo.

Na foto é Mestre André, na qual informa que a Mocidade tem tudo para fazer bonito, abordando sobre o desfile na Avenida Rio Branco, e afirma que a escola de samba poderá quebrar favoritismo, tendo em vista que ela concorre com agremiações do super desfile consideradas as melhores.

Figura 59 - Apresentação de ritmistas na Avenida



Fonte: Arquivo Nacional – Jornal Correio da Manhã (1972)

Em 1969 a bateria da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel desfilou com os seus componentes sambando, e é considerada como uma das poucas baterias que sambam e nesse ano a Mocidade foi a única agremiação a tirar Nota Dez (ARAÚJO e JÓRIO, 1969, p. 162).

“Delira meu povo
Nesse festejo colossal
Vindo de terra distante
Tornou-se importante, tradicional”⁸⁰

Mestre André, que nos deixou de corpo presente, no dia 04 de novembro de 1980, precocemente aos 48 anos de idade, e segundo seu filho Andrezinho e Vô Macumba, ele tinha

⁸⁰ Composição: verificar.

problemas no coração desde que nasceu, e sem dúvida, nesses 42 anos passados, ainda está presente na memória do Carnaval Brasileiro.

A Mocidade Independente de Padre Miguel, até então, destacava-se pela bateria, que recebia sempre nota dez da comissão julgadora. Seus ritmistas, comandados por Mestre André, que os regia utilizando uma batuta de maestro, e não o apito, encantavam o público e os jurados com os seus beques – as famosas “paradinhas” – e com surpreendentes mudanças de andamento (CABRAL, 1996, p.242)

Segundo Tiãozinho da Mocidade, Mestre André é importantíssimo, assim como, as pessoas que compunha a bateria: Fumão, Dengo Miquimba, Djalma, Carlinho Branco, entre outros, muitas vezes, a escola não tirava dez em outros quesitos, mas a bateria sim.

As invenções da bateria perpassam pelo tamborim com três baquetas, cujos responsáveis foram: Minho, Barraco, Pau e Canhoto, segundo Tiãozinho, “A necessidade aumenta a capacidade de criar”, teve o Tião Miquimba, era Ogã, dá o suingue, descobriu pelo sentimento, e André é o autor intelectual do instrumento, e em Padre Miguel, o samba se encontra com a sua raiz, ele sai do terreiro (Depoimento de Tiãozinho da Mocidade, 73 anos, 2022).

A capacidade de criação da bateria da Mocidade passou a ser expectativa nos desfiles, mesmo sendo durante a década de 50 e 60, na maioria das vezes a última a desfilar, o público aguardava para o espetáculo da bateria da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel.

Figura 60 - Busto de Mestre André – BN10 – 2022



Foto: Arquivo pesquisadora

No dia 27 de setembro de 2022 foi inaugurado o busto de Mestre André no Bar dos discípulos da Bateria, conhecida como BN10, (Figura 60) que fica localizado na Rua Figueiredo Camargo, 292 A Padre Miguel. A obra é do artista plástico Clécio Regis, o mesmo que confeccionou o Busto de Zumbi dos Palmares, citado anteriormente no capítulo II. O busto é uma das maneiras de homenagear e ao mesmo tempo eternizar em mais um lugar do bairro, a figura ilustre de Mestre André.

3.3 Outras referências históricas

3.3.1 Wandyr Trindade - Vô Macumba (85 anos)

Figura 61 - Wandyr Trindade, Vô Macumba – Presidente da Mocidade



Fonte: Arquivo: Departamento cultural Memória Mocidade

Para obter informações sobre Tio Vivinho foi feita uma entrevista com o Sr. Wandyr Trindade, conhecido como Vô Macumba, (Figura 61), nascido em dez de fevereiro de 1937, hoje com oitenta e cinco anos. O contato com Vô Macumba foi bem receptivo, cheguei em sua casa no bairro de Anchieta, ele já estava me esperando na porta, apesar da dificuldade de se manter de pé. Ao entrar em sua residência deparamos com uma variedade de plantas espalhadas pela varanda, a cor verde presente por todos os lados, inclusive em sua vestimenta.

Ele, super simpático, já foi logo brincando, dizendo que não vai mais para a rua por conta da pandemia e da idade, tornando-se um noveleiro, e a entrevista é uma boa causa para ele perder a novela.

Fui recepcionada também por sua esposa Lina Trindade, que me ofereceu bolo e suco de laranja durante a entrevista, sempre atenciosa e cuidadosa, em me fazer sentir à vontade e acolhida.

Figura 62 - Prêmio - Wandyr Trindade - Vô Macumba



Fonte: Acervo Wandyr Trindade – Vô Macumba

Figura 63 - Prêmio - Wandyr Trindade - Vô Macumba – 2



Fonte: Acervo Wandyr Trindade – Vô Macumba

Vô Macumba concedeu a entrevista numa sala de estar, que ao caminharmos até ela, passávamos por paredes repletas quadro de fotos de diferentes épocas do ano na Mocidade. Assim como, no lugar onde me convidou para sentar, que olhávamos para todos os lados e encontrávamos uma parte da memória da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel (Figuras 62 e 63).

Iniciamos a pesquisa e em um determinado momento, chega o Sr. Gilson, que durante muitos anos foram vizinhos de porta, e participou da entrevista.

Com a objetividade que o roteiro da pesquisa exige, em uma empolgação de saudosismo e orgulho, fomos interrompidos por Vô Macumba, que afirma:

[...] Eu tinha uma ala, que eu fundei, não tinha mulher na época, na minha ala, se chamava Ala dos Caprichosos e Caprichosas, [...] me lembro até hoje, o nome de meus dois mascotes, o menino se chamava Damião e a menina se chamava Selma” Vô Macumba, 85 anos ⁸¹

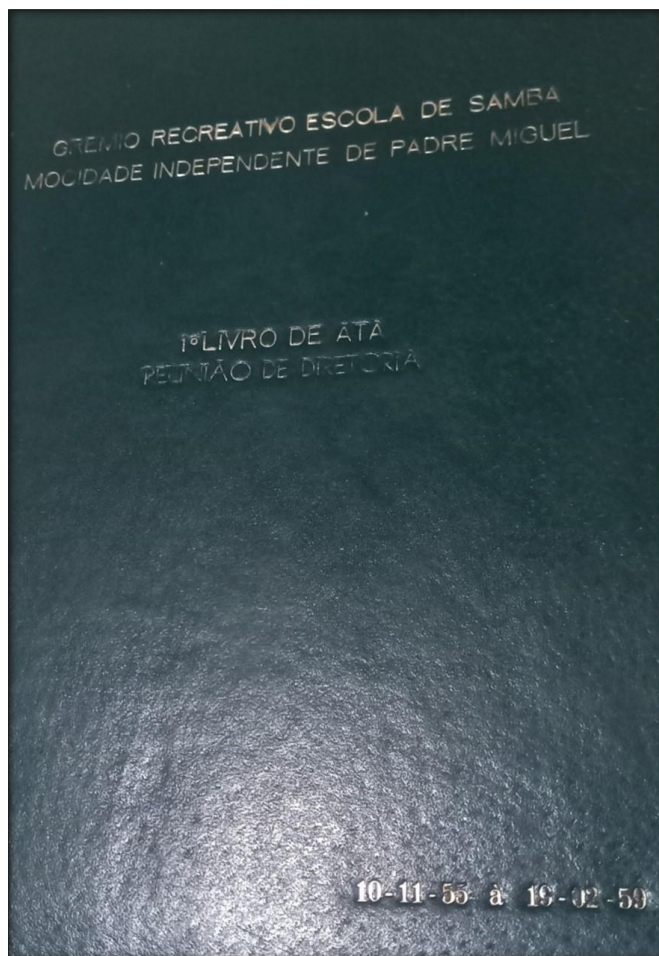
Realizar a entrevista com ele foi emocionante, porque no primeiro momento, informa orgulhosamente, que a sua primeira ala na agremiação se chama “Ala dos Caprichosos e Caprichosas” tendo dois mascotes que ele jamais esquecia o nome deles: Damião e Selma. Meus olhos lacrimejaram, lembrei imediatamente da conversa com minha mãe, e informei para ele que antes de ser a pesquisadora, sou a filha da sua mascote, Selma.

Do ponto de vista prático, podemos compreender a memória como um dispositivo, fonte de nossa subjetividade. O dispositivo ou positividade é carregado de crenças, normas, ritos impostos ao indivíduo. Do mesmo modo, só podemos articular fatos, fenômenos atos/ações a partir do movimento relacional da memória (DODEBEI, DE FARIAS e, 2016, p. 12).

O clima da entrevista se transformou num reencontro de família, ele me abraçou, emocionado, diante da incrível coincidência, passou a me chamar de sobrinha/neta, falou que minha mãe devia ter uns nove ou dez anos de idade, ou seja, sessenta e quatro anos atrás. Relembrou que minha avó Maria lavava e passava as roupas da ala e meu avô Indalécio adorava o samba, sempre estava presente para colaborar com a escola.

⁸¹ Wandyr Trindade (Vô Macumba) - Concedeu uma entrevista para a pesquisadora no dia 18 de fevereiro de 2022.

Figura 64 - Capa do 1º Livro de ata - reunião de diretoria (1955 – 1959)



Fonte: Arquivo pesquisadora (2022).

Imediatamente pegou alguns documentos, inclusive a ata de fundação da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel (Figura 64), algumas fotos já separadss para a entrevista, e me autorizou a ter acesso. Fez questão de mostrar uma foto sobre o terreiro de Tia Nair, (Figura 65) e disse: “Essa foto é no Centro Espírita da Tia Nair, ela bordava as minhas roupas”. Informou que ela não tinha nenhuma relação com o samba, mas eles frequentavam a casa, porque eram da família, bem antes da casa da Tia Chica. Afirmou que não é da religião, embora por conta de seu apelido, as pessoas associam a ela, mas na verdade, ele possuía habilidades com a bola, conseguia fazer malabarismos com ela junto a cabeça, e todos alegavam que era por conta do topete que ela usava. Ele cortou o cabelo, e mesmo assim, continuo fazendo a mesma coisa, ou seja, a bola não caiu, o que as pessoas começaram a dizer que ele fazia macumba com a bola.

Segundo Nei Lopes no Novo Dicionário Banto no Brasil, afirma que a associação do termo “Macumba” está relacionada de forma pejorativa com as religiões de matrizes africanas, no entanto, trata-se de um instrumento musical de percussão, uma espécie de reco-reco

(LOPES, 2003, p. 132). Entretanto, o termo é utilizado pelos depoentes de maneira não desqualificada, como uma referência do que estão habituados a utilizar. Vô Macumba, inclusive apresenta em seu apelido, que durante 85 anos usa de maneira natural. Embora, diga que não é adepto a religião, lembra das festas na casa da tia, quando pequeno, principalmente das festas de São Cosme São Damião, que inclusive é devoto até os dias de hoje, dando doce anualmente por ser devoto das crianças.

Figura 65 - Terreiro de Umbanda da Tia Nair



Fonte: Arquivo pessoal – Wandyr Trindade (Vô Macumba) (Ano desconhecido)

Na figura 65, podemos constatar a presença de um padre da igreja católica, em uma das festividades do terreiro. Ao lado de tio Vivinho, e na frente dele, tia Nair, e ao lado dela, Mestre André, e do lado direito em pé, Ito Trindade, e demais filhos e filhas de santo do terreiro de umbanda. O centro de umbanda, segundo Ipólito Trindade funcionava na Rua Marechal Marciano, 1.142 – Padre Miguel:

Todo mundo ia pra macumba, entre aspas, e eu era um garoto e não podia ficar sozinho. Nós fomos criados pelo nosso tio (Vivinho), perdi minha mãe quando tinha dois anos e Macumba tinha nove (anos) [...] fomos diretamente para a companhia do meu tio... Tio Vivinho e Tia Marga. Meus pais foram eles, nunca morei com meu pai, nem meu irmão, meu pai dava suporte financeiro, mas quem deu orientação foi Tio Vivinho e Tia Marga (Ipólito Trindade, 78 anos)⁸².

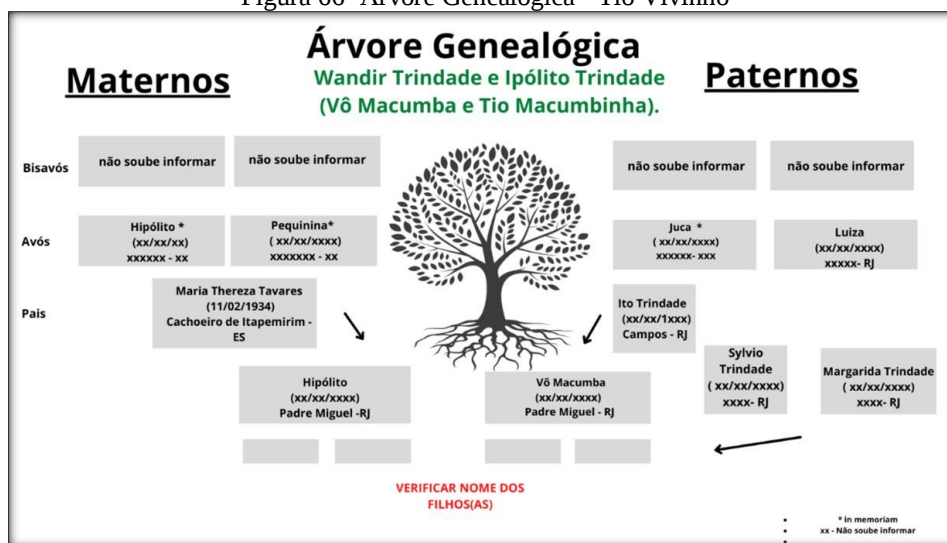
E mais,

Eu lembro, mas não posso afirmar, o André batia um bumbo e eu pegava o outro, cheguei até bater bumbo. Eu Nunca fui na Tia Chica, mas na Tia Nair, eu me lembro. E acho que o cara da terceira. [...] o Tião Miquimba, batia lá

⁸² Entrevista cedida a pesquisadora no dia 11.03.2022, pelo Sr. Ipólito Trindade, conhecido como Tio Macumbinha, aos 78 anos de idade.

com a gente, tenho quase certeza (Ipólito Trindade, Tio Macumbinha, 78 anos)⁸³.

Figura 66- Árvore Genealógica - Tio Vivinho

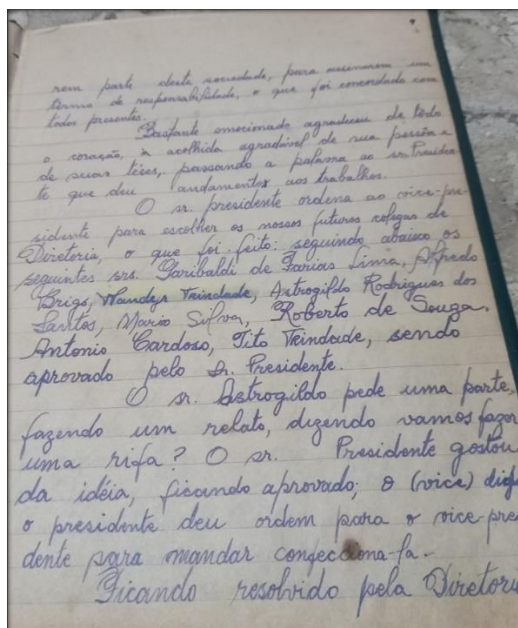


Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

A família é constituída na necessidade de se recriar o seu espaço de desenvolvimento individual e do grupo. Na árvore genealógica dos irmãos Wandyr Trindade e Ipólito Trindade (Figura 66) é possível perceber que não tem informações sobre seus avós, enquanto que os avós maternos, souberam informar apenas o primeiro nome. As famílias são reconstruídas através de uma Escola de Samba, que possui a participação de todas as gerações, compreendendo que todas as pessoas são importantes.

⁸³ Entrevista cedida a pesquisadora no dia 11.03.2022, pelo Sr. Ipólito Trindade, conhecido como Tio Macumbinha, aos 78 anos de idade.

Figura 67 - Nome de Diretoria Agremiação na Ata de fundação da Mocidade



Fonte: Arquivo pessoal – Wandyr Trindade (Vô Macumba)

No ano da publicação do estatuto da G.R.E.S. Mocidade, Vô Macumba, Wandyr Trindade estava com dezoito anos de idade, inclusive seu nome consta na ata como um dos fundadores da Mocidade Independente de Padre Miguel (Figura 67), o que causa uma grande dúvida no bairro e nas reportagens, na qual, informa que não existem mais fundadores vivos na agremiação, após o falecimento de Sr Orozimbo Oliveira⁸⁴, que será abordado mais adiante.

É importante destacar que os nomes presentes na ata são alguns, das centenas de pessoas que colaboraram com a agremiação, não podemos deixar de considerar que precisam de muitas pessoas para seguir com uma Escola de Samba, é que todas são importantes nos diversos contextos.

Na ata consta que passaram a fazer parte da diretoria na ocasião Srs. Garibaldi de Farias Lima, Alfredo Briggs, Wandyr Trindade, Astrogildo Rodrigues dos Santos, Mario Silva, Roberto de Souza, Antônio Cardoso e Tito Trindade, que é o pai sanguíneo de Wandyr Trindade (Vô Macumba), que na época tinha apenas dezoito anos de idade, e por conta da perda da mãe, quando tinha oito ou nove anos de idade, passou a ser criado pelo Tio Vivinho e Dona Margarida, e consequentemente, acompanhar a família na agremiação.

Acabei de servir o exército, tive minha primeira ala. [...] aí (na ata) eu sou (fundador), mas eu sou desde (ano de) 52, desde a época do futebol... eu era o

⁸⁴ Disponível em: <https://www.carnavalesco.com.br/morre-no-rio-o-ultimo-fundador-vivo-da-mocidade-orozimbo-de-oliveira>. Consultado em 18.03.2022.

artilheiro do time...pergunta por aí de um tal de Macumba...modéstia parte, eu jogava fácil (futebol) (Wandyr Trindade, Vô Macumba, 85 anos).

Vô Macumba esteve em vários setores da agremiação, informou que além da ala dos Caprichosos e Caprichosas, foi Diretor de Harmonia, Diretor da ala das Baianas, Tesoureiro, Presidente, Vice-presidente, Presidente da Galeria da Velha Guarda, é Conselheiro vitalício, atualmente, está afastado por motivo de saúde.

No ano de 2016 foi homenageado pela Acadêmicos do Dendê que desfila pelo grupo C, na Estrada Intendente Magalhães, em Campinho com o enredo: Wandyr Trindade – Sua estrela vira um sonho na avenida⁸⁵.

Finalizamos a entrevista em clima de alegria, Wandyr Trindade informando de estar feliz em dar uma entrevista para a filha da mascote dele.

3.3.2 Ipólito Trindade - Tio Macumbinha (78 anos)

Ipólito Trindade, conhecido como Tio Macumbinha, (Figuras 68) nasceu em 24.08.1944, era filho de Tio Vivinho, e acompanhou alguns momentos da fundação da agremiação, inclusive, durante a pesquisa, o irmão mais velho, Wandyr Trindade, Vô Macumba sempre pede para perguntar para ele, algumas informações que ele não souber responder.

Figura 68 - Ipólito Trindade - Tio Macumbinha

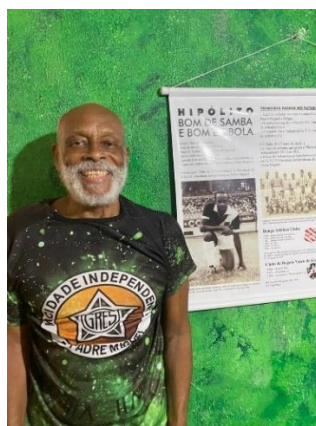


Foto: Jana Guinond (2022)

Ao chegarmos em sua residência, todas as paredes do apartamento são pintadas na cor verde, temos algumas fotos referente ao samba, assim como ao futebol, inclusive, em um banner informando que Ipólito começou jogando peladas nas ruas e campinhos de Padre Miguel e

⁸⁵ Disponível em: <https://tititidosamba.com.br/noticias/tudo-sobre-samba/academicos-do-dende-divulga-sinopse-para-o-carnaval-2016-enredo-homenageia-vo-macumba-da-mocidade>. Consultado em 18.03.2022.

Bangu; O primeiro time foi o Náutico F. C., o segundo foi o Independente F. C., tinha por volta de 10 a 12 anos de idade, fez parte do Independente Futebol Clube, e aos 17 anos foi considerado o melhor lateral esquerdo da Categoria Juvenil na temporada de 1961. Passou pelo Clube de Regata Vasco da Gama: Juvenil (1964), Aspirante (1965), Aspirante e Profissional (1966) Possui títulos pelo Bangu (1959 e 1961) e no Vasco da Gama (1966).

Ipólito relembra com orgulho de seu período de futebol, o que fez com que ele se distanciasse da agremiação na ocasião, mas recorda do momento em que o bloco Independente Futebol Clube passa a ser considerado Escola de samba:

[...] o coreto esse ano (1956) foi no final da Rua D. Tio Vivinho desfilou na Unidos de Bangu, que já era escola de samba, do segundo grupo, o Independente Futebol Clube que era bloco e no Unidos da Rua D, que também era bloco. Desfilou o boi vermelho, que era uma rivalidade enorme. E nós éramos arroz com couve. Anunciaram Unidos da rua D, e começaram a vaiar, então o político da época disse: “Não, a Unidos da rua D como bloco e o Independente, primeiro lugar... como escola”. E o Unidos que tinha o formato de escola de samba tirou em terceiro, aí que meu pai registrou o nome da escola (Mocidade) direitinho (Ipólito Trindade, Tio Macumbinha, 78 anos).

Após a declaração de um político da época, informando que o primeiro lugar seria para a “Escola de samba”, integrantes pedem a ajuda de Hermes da Mangureira para a regularização das documentações, para que no ano de 1957, com o enredo “Baile das Rosas” fossem desfilar no centro da cidade, onde obtiveram o quinto lugar, que apesar dos problemas enfrentados na avenida, tiveram uma pessoa fundamental, o baluarte Ary de Lima, que veremos mais adiante.

[...] Ary de Lima deu a feição de escola de samba, era bloco... e ninguém fala nisso, mas ele deu feição, e quase ninguém fala, ele precisa ser lembrado, [...] precisa ser resgatado, precisa mesmo. O Dengo veio da Portela, o Natal era sócio proprietário da Mocidade, tinha um título da Mocidade (Ipólito Trindade, Tio Macumbinha, 78 anos).

A trajetória da Mocidade Independente de Padre Miguel foi como uma estrela cadente, que até os dias de hoje se mantém no grupo das grandes escolas, o que traz uma indagação de Ipólito:

Eu queria falar uma coisa pra você... o samba foi perpetuado com o “Pelo Telefone”, certo? E outras coisitas mais... Tia Ciata... [...] eu queria saber, filha, porque que a gente não consegue colocar nesse mesmo rol (categoria), a bateria da Mocidade?

Porque, a paradinha foi a Mocidade que criou (ano de 1959), as duas hastes do tamborim, foi a Mocidade que criou, a terceira no samba (surdo) foi a Mocidade que criou... Isso tinha que constar no rol do samba, em nome da Mocidade, para todo mundo conhecer essa verdade... uma verdade que é nossa, e ninguém lutou por isso... O carnaval inteiro aproveitou disso... [...] eu queria que isso constasse na história do carnaval... por direito... porque teve o

primeiro samba, a primeira baiana, e essas três coisas que a Mocidade inventou, modificaram completamente o carnaval.

A Mocidade chegou com 27 elementos e derrubou a (G.R.E.S.) Portela com uns cento e oitenta, sei lá! A Mocidade tinha quatro tamborins que parecia um monte de gente, foi o Canhoto que bolou isso aí. (Ipólito Trindade, Tio Macumbinha, 78 anos).

Depois de ser campeã no ano de 1958 com o enredo Apoteose ao Samba (ARAÚJO e JÓRIO, 1969) e (LIMA, 2020), no ano seguinte, a Mocidade com o enredo: Os três vultos que ficaram na história, se classificou com o quinto lugar, obteve os seguintes prêmios: Melhor Mestre-sala, Melhor Porta-bandeira, melhor diretor de bateria e melhor bateria. (ARAÚJO e JÓRIO, 1969, p. 158).

Tendo em vista que era seu segundo ano no Grupo I, o que traz um grande diferencial, ela passa a ser comentada e ovacionada, principalmente por conta de sua bateria, comandada pelo Mestre André, que no ano de 1969 foi a única a tirar nota dez na avenida (ARAÚJO e JÓRIO, 1969, p. 162)

Apresentando sempre suas observações, e indignado pelo fato de que a Velha Guarda que colaborou para o que as agremiações são hoje, e chegam pessoas sem nenhum vínculo emocional com a Escola e passam a direcionar o que é certo e errado, Ipólito ainda afirma:

Imagine, se a Velha Guarda tivesse um percentual do valor da subvenção? Seria mais justo...vejo componentes da agremiação passando por necessidade, e deu o seu suor pela escola, e não ganham nada... isso é injusto. (Ipólito Trindade, Tio Macumbinha, 78 anos)

No livro Escola de Samba – Árvore que esqueceu a raiz, consta:

Há pessoas que não sabem, porém, que a vitória do samba – se assim pode chamar, o que existe atualmente – pertence a uma parcela da população que sofreu violências, perseguições e preconceitos, exclusivamente pelo “crime” de cantar, tocar e dançar esse mesmo samba. (ISNARD e CANDEIA, 1978)

A grande questão desses dois apontamentos, está relacionado a forma hierárquica já pré-estabelecida na sociedade, os detentores do saber, que tiveram que resistir, e principalmente, manter a chama viva do samba, não são as pessoas que dialogam com a parte financeira, causando uma certa contradição, tendo em vista, que é um povo com alto poder de criatividade, resistência e resiliência.

Figura 69 - Diploma de Benemérito Ipólito Trindade - 05.10.2003



Fonte: Acervo Ipólito Trindade

Ipólito nos apresenta orgulhosamente seu diploma datado no ano de 2003 (Figura 69) e sua carteirinha de Benemérito, datada no ano de 2008, no entanto a informação sobre a fundação não são coerentes, no diploma informa que ela foi fundada em 02 de março de 1952, e na carteirinha informa que foi no dia 10 de novembro de 1955. Embora sabemos que a questão administrativa, confirma o registro de cartório no ano citado, mas conforme depoimentos de pessoas que fizeram parte da fundação, que embora tenha ocorrido a separação entre o futebol e a escola de samba, Tio Vivinho deixa registrado em uma ata, de que a Mocidade começou no futebol, assim como, nos depoimentos do Museu da Imagem e do Som (MIS), no Museu do Samba, há comprovações em reportagens em jornais como “Mocidade do Independente”. No Centro Cultural Cartola há registros de que ela “começou no futebol”, assim como na letra do samba clássico e campeão A vira virou, a Mocidade chegou”.

3.3.3 Mestre Jorjão

Figura 70 - Mestre Jorjão



Foto: Wikimedia Commons (1992)

Em seu depoimento fornecido para o Projeto Memória das matrizes do Samba no Rio de Janeiro, do Centro Cultural Cartola em parceria com o IPHAN, cujo objetivo é revelar a história de pessoas que ajudaram a construir a joia da identidade cultural, Jorjão diz: “André era um grande Mestre”, contou que antes de falecer, André o chamou e pôs o apito dele em seu bolso, afirma que tinha seis anos de idade quando ingressou na bateria mirim, com o passar dos tempos, continuou como ritmista, sabia tocar todos os instrumentos, e passou a ser Mestre nos Blocos do Vigor; na qual, cujas roupas eram confeccionadas com sacos de leite; e o Bloco Povão.

No ano de 1988, Mestre Jorjão (Figura 70) passou a comandar a Bateria da Mocidade Independente de Padre Miguel, sendo campeão com o enredo que homenageou Mestre André - “A vira virou, a Mocidade chegou” e no ano de 1991 com o enredo “Chuê Chuá, as águas vão rolar!” conquista o bicampeonato e o seu primeiro Estandarte de Ouro, e no ano seguinte ganha o seu segundo Estandarte de Ouro com o enredo “Sonhar não custa nada! Ou quase nada...”. No ano de 1995 foi para G.R.E.S. Acadêmicos de Santa Cruz, e depois fez mais história na G.R.E.S. Viradouro, localizada em Niterói, onde foi campeão e deixou um registro incrível com a criação da famosa paradinha *funk* na Marquês de Sapucaí, no ano de 1997, passou também pelas G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense, Tuiuti, Cubango, Unidos de Padre Miguel, Tucuruvi de São Paulo, entre outras. Também atuou como jurado do concurso de bandas realizado pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Em 1999 retorna à agremiação no enredo “Villa Lobos e a Apoteose Brasileira”, onde se tornou Presidente da bateria do G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel (Quadro 3).

Em uma entrevista ao portal Carnavalesco com o atual mestre de bateria do G.R.E.S. Viradouro, Sr. Moacyr da Silva Pinto, conhecido como Mestre Ciça, afirma que está na

agremiação por conta do Mestre Jorjão⁸⁶, que sugeriu o nome dele na época em que retornava para a Mocidade, o que podemos comprovar o seu grande amor pela agremiação,

Com toda essa trajetória no universo do samba, seu filho passou a ser passista mirim da G.R.E.S. Viradouro no período em que esteve na escola, e sua esposa também foi ritmista e destaque.

A realização desta pesquisa propiciou com que cada entrevistado e entrevistada visitasse o baú de fotos e informações, proporcionando grandes emoções para todas as pessoas envolvidas, entre essas buscas, Tia Gracinha, irmã do Mestre Jorjão, nos deu acesso a um caderno escrito a punho pelo próprio Mestre Jorjão sobre a trajetória dele e grandes contribuições para o carnaval, não somente brasileiro, assim como no exterior, confirmando a potencialidade desse artista que reverenciamos como Mestre, que no ano em que escreveu estava com 45 anos de experiência como músico, e em direção de bateria conquistou os campeonatos dos carnavais em 1985, 1990, 1991, 1995, 1998 e em 2004 pelo G.R.E.S. Flor de Imbassai de Maricá.

Sintetizamos a trajetória e contribuições de Mestre Jorjão nos quadros 3, 4, 5, 6 e 7:

Quadro 3 - Mestre Jorjão - Diretor de Bateria - Escolas de samba (1988-2015)

Quadro 1 - Mestre Jorjão - Diretor de Bateria - Escolas de samba (1988-2015)	
Ano	Agremiação
1988 a 1994 e 1999	GRES Mocidade Independente de Padre Miguel
1995	GRES Acadêmicos de Santa Cruz ⁶⁹
1996 a 1998	GRES Unidos da Viradouro, na qual, em 1997 inventou a parada funk ⁷⁰ ;
2000	GRES Paraíso do Tuiuti
2001 a 2002	GRES Acadêmico do Tucuruvi em São Paulo ⁷¹
2003 a 2004	GRES Acadêmico do Cubango
2005 a 2007	GRES Imperatriz Leopoldinense ⁷²
2007	GRES Boi da Ilha do Governador ⁷³
2009	GRES Grande Rio ⁷⁴
2010	GRES Unidos do Viradouro ⁷⁵
2015	Presidente Geral da Bateria da GRES Mocidade Independente de Padre Miguel ⁷⁶
Fonte: Dados da Pesquisa e Acervo Família Orozimbo de Oliveira (2022)	

⁸⁶ Cica sobre Jorjão: "Ele me levou para Viradouro" de 28.10.2018. Disponível em: <https://www.carnavalesco.com.br/cica-sobre-jorjao-ele-me-levou-para-viradouro/>. Consultado em 01.04.2022.

Quadro 4 - Mestre Jorjão - Oficinas realizadas (2001 - 2014)

Quadro 2 - Mestre Jorjão - Oficinas realizadas - (2001 - 2014)	
Ano	Agremiação
2001	II Encontro de Mestres de Baterias de São Paulo
2004	Na Associação de Escola e de Samba de Maricá;
2005	Loja Maçônica Harmonia, o Direito Humano;
2006	Na Suécia e Finlândia;
2014	Curso de percussão na Califórnia, USA.
Fonte: Dados da Pesquisa e Acervo Família Orozimbo de Oliveira (2022)	

Quadro 5 - Mestre Jorjão - Participações - Escolas de samba - (1991-2006)

Quadro 3 - Mestre Jorjão - Participações - Escolas de samba - (1991 - 2006)	
Ano	Atividade
1991	Participação no Rock in Rio
1992	Orquestra Villa-Lobos e bateria da GRES Mocidade Independente de Padre Miguel no hotel Copacabana Palace;
1993	Participação no Rock in Rio no show da banda <u>Red Hot Chili Peppers</u> ;
1997	Regente Enredo de Orfeu - A História do Carnaval Carioca do Filme de longa-metragem Orfeu, composição de Caetano Veloso e Gabriel Pensador, Intérprete: Toni Garrido, juntamente com o GRES Viradouro
1998	Na regência geral do CD das Escolas de samba do grupo de acesso;
2006	<u>Carnival at Stockkolen</u> Culture Festival; Orquestra de Varsóvia e bateria da GRES Viradouro com o nosso presidente na gestão Fernando Henrique Cardoso na Polônia;
Fonte: Dados da Pesquisa e Acervo Família Orozimbo de Oliveira (2022).	

Quadro 6 - Mestre Jorjão - Jurado - Escola de samba (2009-2015)

Quadro 4 - Mestre Jorjão - Jurado - Escolas de samba (2009-2015)		
Ano	Função	Atividade
2009 a 2015	Jurado de banda de coreto	Através da RIOTUR
2010 e 2012	Jurado de Bateria	Grupo especial de Porto Alegre;
Fonte: Dados da Pesquisa e Acervo Família Orozimbo de Oliveira (2022)		

Quadro 7 - Mestre Jorjão - Premiações - Escolas de samba (1991-2004)

Quadro 5 - Mestre Jorjão - Premiações - Escolas de samba (1991-2004)			
Ano	Local	Quesito	Agremiação
1991	Estandarte de Ouro	Melhor Bateria	GRES Mocidade Independente de Padre Miguel ⁷⁷
1992	Estandarte de Ouro	Melhor Bateria	GRES Mocidade Independente de Padre Miguel ⁷⁸
1993	Troféu O POVO	Melhor Bateria	GRES Mocidade Independente de Padre Miguel
1997	Troféu Terreirão do Samba	Melhor Bateria	GRES Viradouro
1998	Oscar do Samba	Melhor Bateria	GRES Viradouro
1998	Troféu O DIA / BRAHMA	O dia do ritmo	GRES Viradouro
2001	Apito de Ouro	Melhor Diretor de Bateria	Escolas de São Paulo
2003	Troféu Jorge Lafon	Melhores do Carnaval	GRES Cubango
2003	Troféu Samba Net	Melhor Bateria	GRES Cubango
2004	Câmara Municipal de Niterói	Personalidade do Samba	GRES Cubango
2004	Câmara Municipal de Niterói	Moção Honrosa	GRES Cubango
2004	Câmara Municipal de Maricá	Cidadão Maricaense	GRES Flor de Imbassai de Maricá.
Fonte: Dados da Pesquisa e Acervo Família Orozimbo de Oliveira (2022)			

Ter acesso a essas informações corroboram com o sentido multiplicador que uma escola de samba tem, e as diversas formas de propagar a memória da escola de samba. Mestre Jorjão esteve afastado durante um tempo da agremiação, e com a sua essência de aprendizado que teve com o a família, proliferou seus conhecimentos pelo mundo afora. Mestre Jorjão sem dúvida nenhuma, é um discípulo de Mestre André, e fez também diferença no carnaval das escolas de samba.

3.3.4 Sebastião Esteves - Tião Miquimba

[...] Quando a gente chegava na avenida, todos ficavam curiosos e entusiasmados para ver a bateria da Mocidade. Ela segurava a escola no Primeiro Grupo. (Depoimento de Sebastião Estevão, o famoso Tião Miquimba, inventor do surdo de terceira, na Revista Mocidade, 2006, p.14).⁸⁷

⁸⁷ Revista da Mocidade 2006 - Disponível em: <https://issuu.com/marcelooreilly/docs/mipm-2005>, consultado em: 10.03.2022.

Figura 71 - Foto - Sebastião Esteves – Tião Miquimba



Fonte: Departamento Cultural - Memória Mocidade

Ainda na área da bateria, que faz o coração pulsar, o corpo ser convocado a se expressar, não podemos deixar de falar sobre a invenção da bateria da Mocidade Independente de Padre Miguel, de uns dos discípulos de Mestre André, inventor do surdo de terceira, Sebastião Esteves, conhecido carinhosamente como Tião Miquimba (Figura 71), que, segundo Simas (2020) marca o compasso binário, que ao mesmo tempo intercala batidas do surdo entre um tempo e outro.

O surdo de terceira é extremamente aquele que, mais agudo que os outros dois, preenche o vazio que existe entre as marcações. Ao contrário da previsibilidade dos outros, o de terceira desenha um ritmo cheio de síncope, quebrando a sensação de normalidade da conversa entre o surdo de marcação e o surdo de resposta (SIMAS, 2020, p. 27).

“Miquimba retrata a sua invenção como “imaginação percussiva”, que na verdade podemos classificar também como sair da normatividade imposta pelo ocidente, brincar com o que é previsível, desnortear e fazer o inusitado” (SIMAS, 2020). Ilustrando que o som é vida e que na vida existem várias possibilidades. Conhecido como batedores de tambor da casa da Tia Chica, juntamente com Fumão, Tio Dengo e Djalma Nicolau, que na qual, Miquimba, segundo depoentes, tinha influências do Jongo, Caxambu, tendo em vista de que era tocador da umbanda de Angola na ocasião.

3.3.5 Ary de Lima (95 anos)

No decorrer das entrevistas, surgiu um nome que não contava em nossa lista de depoentes, porém, foi nos apresentados, sendo de suma importância para nos depararmos com

um número muito grande de pessoas que através do silêncio, esquecimento e omissão, não constam na história oficial da agremiação.

Foi realizado um evento no Espaço Marcio Conde, em Padre Miguel, intitulado de Heranças de Padre Miguel – O samba de Tiãozinho da Mocidade, na qual fui apresentadora, e tive a honra de conversar com o mesmo sobre a pesquisa, e algumas pessoas presentes, se aproximavam de mim, e diziam em tom baixo, no famoso “pé do ouvido”: “Você precisa falar de Ary de Lima”, iniciei a busca, e consegui chegar na filha Eunice Lopes de Lima, que o Departamento Cultural da Mocidade forneceu o contato.

Adquiri o livro Saudosista Apaixonado de Eunice Lima, que é incansável para que haja o reconhecimento de seu pai pela agremiação, inclusive, ela foi a grande impulsionadora para a continuação da pesquisa pautada em famílias negras, na qual, seu pai esteve presente na fundação da agremiação.

Figura 72 - Foto Ary de Lima



Fonte: Acervo Eunice Lima.

Marcamos a entrevista *online*, por conta de Eunice Lima estar morando no bairro de Sepetiba, cuidando de sua saudosa mãe, dona Erenice Lopes de Lima, que estava com os seus 94 anos de idade, e precisava de todos os cuidados peculiares, também por conta do período da pandemia.

Eunice chegou com sua blusa verde e branca, com os dizeres “Filhos da Mocidade”, usando um elegante chapéu tipo panamá branco, com fita verde, enfatizando as cores da

agremiação. Sempre foi muito solícita com as minhas dúvidas com relação a seu pai, contribuiu bastante com a pesquisa. Informou que recorda-se dos ensaios que ia junto com sua mãe, entre eles, na Rua Sofia, na Praça Atenas, na casa da Maria do Siri, mãe de Maria Helena, uma das porta-bandeiras oficiais da escola (LIMA, 2020, p. 96), e que aconteciam também na Rua Toulon, no Ponto Chic em Padre Miguel, no Horto Florestal, que hoje é localizada a Vila Olímpica Mestre André, no CR Cajaíba, e das festas no CREIB, no Clube Novo México, localizado na Caixa D'água, que inclusive o presidente do clube era o ex-técnico da seleção brasileira, o Carlos Alberto Parreira que era morador do bairro de Padre Miguel⁸⁸. Eunice contou que desfilou quatro vezes pela agremiação.

Ao falar de seu pai, seus olhos brilham de orgulho e saudosismo, tem se empenhado bastante para propagar as grandes contribuições realizadas por Ary de Lima, que fazia parte da ala de compositores da Associação carnavalesca da Beija Flor, conhecida hoje como G.R.E.S. Beija-Flor conforme consta na carteira abaixo datada do dia 24 de novembro de 1952, (Figura 73), segundo Eunice Lima ele foi um dos fundadores da agremiação, na qual participou do bloco de sainhas da Beija-Flor, tendo uma bagagem sociocultural e política no universo das escolas de samba.

Figura 73 - Carteirinha de Ary de Lima na Assoc. Carnavalesca Beija-Flor (1952)



Fonte: Acervo Eunice Lima.

Ele veio da (agremiação) Beija Flor, foi um dos grandes incentivadores para a escola, [...] é um baluarte, ele foi praticamente um professor, o nosso

⁸⁸ Disponível em: <https://www.uol/copadomundo/especiais/carlos-alberto-parreira.htm#canal-100-inspirou-parreira>. Consultado em 24.03.2022.

professor, nos ensinava várias coisas para sermos uma escola de samba, (Wilson Silva, 85 anos, 2022)⁸⁹.

E mais,

[...] Ah! O Ary de Lima é um Baluarte, ele veio da (agremiação) Beija Flor... porque ele tinha noção de escola de samba... ele era jogador, nós éramos bloco, e ele deu o ar de escola de samba” “Ele (Ary de Lima) ajudava fazer os carros, [...] Ary era tudo, era diretor de carnaval, tudo ele fazia, a gente não sabia fazer nada..[...] meu pai fundou, ele e Renatão, Bronquinha...[...] eles eram tudo velho, [...] Tio Dengo, e o Ary que fazia (Depoimento de Wandyr Trindade, Vô Macumba, 85 anos, 2022).

Antes disso, ele era jogador de futebol profissional, com pseudônimo de Cipó. Jogava em vários clubes, inclusive no CREIB de Padre Miguel e do Independente Futebol Clube, sendo um dos fundadores, tendo em vista que boa parte dos integrantes, segundo Eunice Lima, eram sambistas vindo de diversas áreas com a oferta habitacional na época, e jogadores de futebol, como: Renato Ferreira da Portela, Tio Dengo da Portela, Sr. Orozimbo e Mestre André da G.R.E.S. Unidos de Santo Amaro. Eles tinham a experiência de outras agremiações e a paixão pela arte de jogar bola.

Figura 74 - Carteirinha de Ary de Lima do CREIB

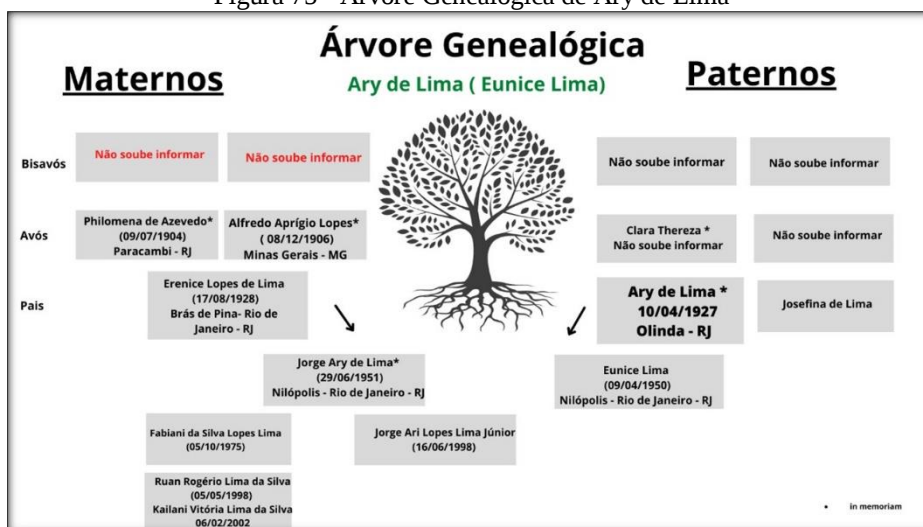


Fonte: Acervo Eunice Lima

Ary de Lima se transferiu efetivamente para o bairro de Padre Miguel, quando tinha 22 anos de idade, por conta da família e a possibilidade de ter um apartamento, passou a ser sócio contribuinte do CREIB (Figura 74), inclusive, começou a jogar de vez em quando pelo clube.

⁸⁹ Wilson Silva, de 85 anos, foi secretário e integrante do conselho deliberativo da agremiação, entrevista concedida para a pesquisadora no dia 06.10.2022.

Figura 75 - Árvore Genealógica de Ary de Lima



Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Ary de Lima nasceu em 10 de abril de 1927, numa fazenda no bairro de Olinda, localizado na Baixada Fluminense, aos quatorze anos perdeu sua mãe Clara Thereza muito jovem, sendo criado somente por mulheres, principalmente por sua irmã mais velha Joselina de Lima, não tendo a figura paterna em sua criação, (Figura 75) além de seu primo que faleceu cedo também. Casado com Erenice Lopes de Lima, parou com o futebol por conta do nascimento dos dois filhos, Eunice Lima e Jorge Ary de Lima. Que coincide com a inauguração dos apartamentos do IAPI, e foram morar no bairro de Padre Miguel.

Trabalhou como vidraceiro, esmaltador, eletricista, tinha o curso de eletrotécnico e eletrônica, além de *designer* gráfico. Estudou até a quinta série, na época conhecida como admissão, que para continuar a estudar tinha que passar por um processo seletivo, na década de 60, na qual, não conseguia atender a demanda de alunos, ficando várias pessoas que não tinham condições financeiras de pagar uma escola particular, excluídos do sistema educacional⁹⁰. Apesar disso, Eunice se recorda que Ary de Lima foi o seu melhor professor de matemática, adorava leitura, poesia, desenho, e que seu pai sempre a levava para as bibliotecas para fazer os enredos.

⁹⁰ Disponível em: <https://ieccmemorias.wordpress.com/2012/07/07/iecc-admissao-ao-ginasio-nos-anos-60/>. Consultado em 24.03.2022.

Figura 76 - Carteirinha de Ary de Lima - Sócio proprietário – Título nº 3



Fonte: Acervo Eunice Lima

Embora, vários nomes deveriam ter capítulos especiais, devido as suas contribuições para a agremiação, mas por conta do tempo de pesquisa proposto no mestrado, que dura dois anos, ficamos impossibilitadas de colocar todos, mas, no entanto, o nome de Ary de Lima foi citado na maioria das entrevistas, portanto, resolvemos abrir um capítulo especial para o Baluarte, porque tivemos acesso a livros, áudios e entrevistas de jornais da época, além da carteira de sócio proprietário de número três, conforme a figura 76 ilustrada acima.

Eunice Lima afirma que após analisar alguns enredos feito por seu pai, deduz que sua família era escravizada, devido ao trecho do enredo campeão de 1958, “Apoteose do Samba”, na qual ele era o carnavalesco, e, segundo depoimento do próprio Ary de Lima, em um áudio do Museu da Imagem e do Som (MIS)⁹¹, ganharam mais quatro prêmios individuais: Melhor Mestre-sala, melhor Porta-bandeira, melhor diretor de bateria e melhor samba (ARAÚJO, 1969, p.158); (LIMA, 2020, p. 83), que tinha o seguinte trecho:

No tempo do cativoiro
Todos devem conhecer
A fama de carrasco
Do coronel Trigueiro
Mas existia um porém
É que o “seu” coronel, toda fúria perdia
Quando escutava no terreiro
Um preto velho amarrado no tronco
Que entoava sua melodia

⁹¹ Gravação para o acervo de música popular brasileira realizada no dia 30.12.1967 às 12h50 no Museu da Imagem e do Som, código BR MIS RJ DP sf 191, coleção: Depoimentos para a posteridade, consultado em 08 de março de 2022.

Era o samba sim senhor
 Entoadado com sofrimento e dor
 Neste ritmo cadenciado
 Que pelo Brasil se propagou”⁹²

Ao analisar que, assim como a maioria dos fundadores da agremiação, tiveram pouco acesso à escola, podemos perceber a pluralidade linguística da época. Além de propagar através dos sambas, a indignação, a resistência, e ao mesmo tempo a alegria e o orgulho de serem sambistas, já que sofriam muito preconceito, na qual o samba era considerado “coisa de bandido”, termo muito utilizado no período para se referir a eles. Portanto, é importante retomar um fato contado por Ary de Lima nessa mesma entrevista no MIS, que recorda o ano anterior, na estreia da Mocidade na Praça Onze:

[...] sobre o carnaval de 59, foi um Carnaval que a Mocidade fez, na sua estreia, [...], completamente despida de ambição, porque não reunia mesmo condições para aspirar uma grande colocação.

Mas, quis a sorte, que o nosso artista que ficou com a incumbência de organizar nossa alegoria, por um desleixo qualquer, ele deixou de cumprir justamente, o que rezava o contrato, então a mocidade Independente ficou na contingência de descer somente com dois carros, dois carros ficaram presos no barracão.

Segundo depoimentos, Ary de Lima, na hora do desfile, providenciou cartazes, alegorias, para complementar o desfalque, no desfile, e afirma:

[...] Então na hora do desfile, nós temerosos que estávamos de sermos até desclassificados, fizemos uma apelação a todos os componentes da escola, sambistas e pastoras que dessem o máximo de si. Para a Mocidade Independente, para que o entusiasmo deles viesse preencher aquela falha justamente na alegoria, e aquilo foi de uma maneira, que o pessoal encheu-se de brio, fez um desfile em 59, que até hoje, que ela é considerada grande com relação àquela época, não conseguiu fazer.

O desfile do ano de 1959 teve como enredo “Os três vultos que ficaram na história” que além da paradinha, eternizada no carnaval, receberam quatro prêmios: o de melhor mestre-sala, melhor porta-bandeira, melhor samba e melhor diretor de bateria, e Ary diz orgulhosamente:

Tiramos um honroso quinto lugar, perdemos pra Mangueira com uma diferença de meio ponto, e naquela época tinha meio ponto, agora não... foi um carnaval que marcou na memória de todos nós que militamos pela Mocidade Independente, como Padre Miguel geral que vibrou com o grande feito da Mocidade Independente. De lá pra cá, a vida da Mocidade

⁹² Enredo: Apoteose do Samba, compositor e carnavalesco: Ary de Lima. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mocidade-independente-de-padre-miguel/286607/>. Consultado em 22.03.2022.

Independente vem pontilhada de prazer, contentamento, muita alegria (Depoimento de Ary de Lima, em 1967 para o MIS)⁹³.

Em entrevistas, as pessoas relembram de 1959 com muito carinho, aonde “foram sem a pretensão de ganhar”, e como Ary de Lima mesmo diz “desprovida de ambição”, já que tinham noção de que estariam num universo diferente do desfile no bairro. Entretanto, tiveram problemas com as duas únicas alegorias que a agremiação apresentaria no ano de 1957, com o enredo de Ary de Lima, “Bailes das Rosas”⁹⁴, e seriam desclassificados, mas eles se reuniram com todos os componentes da escola, sambistas e pastoras para que dessem o máximo de si, para preencher a falta das alegorias, segundo depoimentos, ele no momento antes do desfile, elaborou uns desenhos, solicitou a colaboração de várias pessoas para pintar os cartazes, fizeram vaquinha para comprar rosas, e com uma voz orgulhosa, ele diz que todas as pessoas movidas por uma emoção de estar ali, “se encheram de brio” e tiraram a quinta colocação, inclusive está registrado no dia 22.02.1958, na ata de fundação da agremiação, os agradecimentos pelo empenho de todos.

A experiência para todos eles foi emocionante, tendo em vista que os critérios de desfile na ocasião, a agremiação não concorre, nem recebe subvenção, que é o subsídio ou auxílio pecuniário, geralmente concedido pelos poderes públicos⁹⁵, funciona como um teste, a partir do segundo ano segue o roteiro das demais Escolas de Samba, recebendo a subvenção correspondente e concorre ao concurso oficialmente (ARAÚJO, 1969, p. 20).

É óbvio também que a bateria nota dez de Mestre André foi uma grande estimuladora desse momento, embora fossem apenas 27 componentes na bateria. (SANTO, 2016), que praticamente já treinavam no período do futebol, mas devemos destacar também o conceito de que a união faz a força, já que fizeram o carnaval sem subversão, entretanto, a garra e o amor pelo pavilhão da escola foram fundamentais.

Segundo Sylvio Trindade na gravação do MIS de 1967, reconhece Ary de Lima como biblioteca da Mocidade, e entre vários entrevistados, há a confirmação de que ele foi responsável pelo apadrinhamento da G.R.E.S. Beija Flor, porque já tinha a experiência como diretor de Harmonia e compositor (LIMA, 2020, p. 66), e com a sua transferência para o bairro de Padre Miguel, levou toda a sua bagagem cultural.

⁹³ Entrevista realizada no dia 30.12.1967, com o Sr. Ary de Lima, para o acervo de música popular brasileira, referente ao projeto “Depoimento para posteridade”, do Museu da Imagem do Som (MIS).

⁹⁴ Composição: Cleber e Toco.

⁹⁵ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/subven%C3%A7%C3%A3o/>. Consultado em 22.03.2022.

Em paralelo a isso, Ary de Lima trabalhava na antiga FAET, como foi dito anteriormente, gostava muito de desenhar, estudou até a quinta série, foi para São Paulo representando a empresa para se especializar, fazendo curso de *designer*, que consequentemente, utilizou seus conhecimentos na agremiação.

[...] O meu pai sempre incentivou nos nossos estudos, e não queria que ficássemos enfiados lá (na agremiação). Ele dizia que escola de samba era lazer e prazer, e não um meio de ganhar dinheiro, [...] ficar na escola (agremiação) direto não teria trabalho, ficaria recebendo migalhas, ele via muita gente sendo humilhada, e ele não aceitava isso. Ele nos dava condições para estudar, se ele não estudou não foi porque ele quis, ele perdeu a mãe muito cedo, viveu de fazer curso de leitura, tudo que sabia era através da leitura e estudos, [...] ficava madrugada adentro estudando, pesquisando sobre o enredo. Tanto que ele deu um campeonato para a Mocidade, que foi o “Apoteose do samba” (Eunice Lima, 72 anos)⁹⁶.

Segundo Eunice, o Baluarte considerava a escola de samba um lazer, ele se tornou um “carnavalesco” através da leitura e estudos, gostava muito de ler, tinha o hábito de comprar jornal e revista de caça-palavras, que segundo ela, era um leitor, um ser crítico, contestador, que inclusive, incomodava algumas pessoas. E sempre fez questão de que seus filhos dessem prioridade aos estudos, algo que ele valorizava bastante, tendo em vista de que não teve a oportunidade de estudar, por ter perdido a mãe muito cedo, mas tudo que sabia era por conta da leitura, o que fez dele o primeiro carnavalesco, e um dos responsáveis pelo campeonato, em 1958, com o enredo “Apoteose do Samba”, composição de Toco e Cleber, e ainda proporcionou grandes contribuições em outros carnavais como: “Carnaval Carioca”, em 1961.

Quanto mais meu pai lia, mais ele se tornava conhecedor... questionador, ele já tinha cultura, [...] porque na verdade cada um de nós já nascemos com armazenamento de cultura, só precisamos exercitar (Eunice Lima, 72 anos).

Conforme entrevista com a Eunice, ela afirma que seu pai passou por vários setores da agremiação, são eles: primeiro secretário diretor de comunicação, carnavalesco, diretor de harmonia, ala dos compositores, galeria da Velha Guarda, e conforme entrevista no MIS no ano de 1967, era também diretor de divulgação da agremiação.

A entrevista foi finalizada com a Eunice Lima cantando o samba Apoteose do Samba⁹⁷, citado abaixo, e reforçou a importância de mantermos a memória da fundação da escola, que são histórias de ancestrais com muitas lutas e glórias. E cantarola:

⁹⁶ Eunice Lima é filha de Ary de Lima e concedeu a entrevista online no dia 09.02.2022.

⁹⁷ Samba enredo campeão de 1958, Composição: Toco e Kleber. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FiSjxS3V-eQ>. Consultado em 31.03.2022.

Nas noites enluaradas
 No tempo do cativoiro
 Todos devem conhecer
 A fama de carrasco
 Do coronel Trigueiro

Mas existia um porém
 É que o "seu" coronel, toda fúria perdia
 Quando escutava no terreiro
 Um preto velho amarrado no tronco
 Que entoava sua melodia
 Era o Samba, sim senhor
 Entoado com sofrimento e dor
 Neste ritmo cadenciado
 Que pelo Brasil se propagou
 Radiofonia, imprensa falada
 Associação, departamento de turismo
 Que com muito brilhantismo
 Pelo nosso samba trabalhou
 Confederação Brasileira
 Lutou pelo mesmo ideal
 Para que o samba se tornasse
 O orgulho nacional

Figura 77- Foto – Preparação e divulgação do Carnaval Ziriguidum 2001



Fonte: Acervo Eunice Lima

Da esquerda para a direita: Raimundo Velha Guarda, Prego, Gaúcho Presidente e Ary de Lima (Diretor de comunicação e divulgação da escola), ao fundo, Patrono Castor de Andrade

Ary de Lima no áudio do Museu da Imagem e do Som (MIS), ano de 1967, afirma que era Diretor de Comunicação, sendo assim, a pessoa que realiza, inclusive, as divulgações da agremiação durante os ensaios na quadra. Na Figura 77, conforme informação de Eunice Lima,

temos da esquerda para a direita, Raimundo Velha Guarda, Prego, Gaúcho Presidente e Ary de Lima ao microfone e o Patrono Castor de Andrade ao fundo, nos preparativos do enredo “Ziriguidum 2001”. Consequentemente, podemos afirmar que Ary de Lima tinha uma vasta experiência na área, aproximadamente 34 anos na agremiação, além de ter registros como carnavalesco, nome que ainda não existia nas décadas de 50 e 60, onde foi responsável pelos enredos: “Baile das Rosas”, em 1957, “Apoteose ao Samba”, em 1958, “Carnaval Carioca” em 1961 e “O Cacho de Bananas” em 1964, em parceria com Nivaldo José de Oliveira (LIMA, 2020, p. 86), além de ser compositor. É importante ressaltar, que ele foi também, um dos responsáveis em manter a Mocidade entre as dez principais escolas, assim como o Mestre André, com a magnífica bateria.

Entre as lembranças de um passado presente de inúmeras formas, Ary de Lima é um dos vários nomes que deve ser reverenciado na G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, citado por todas as pessoas entrevistadas que tiveram acesso a ele e suas obras. Entre, elas a música “Saudosista Apaixonado” do ano de 1967, que diz assim:

Saudosista Apaixonado
Samba de Ary de Lima

Um Saudosista apaixonado
Me perguntava
Se eu tinha saudade do pessoal
Da Velha Guardas
Se fiz amizade na favela
E no meu velho Estácio de Sá
Na Portela e Mangueira
Meu coração já chorava
Quando falou
Na Vizinha Faladeira

Sou Saudosista, sim senhor
Enquanto eu me lembrar
Da Juracy, Mano, Milton e Edgar
Serei Saudosista a vida inteira
Recordando Paulo da Portela
Compadre Dengo e Cartola da Mangueira.

É importante destacar a saudade de outrora frisada na através de nomes de Escolas de Samba que fizeram grandes contribuições no cenário do carnaval carioca, entre elas a G.R.E.S. Portela (1923), Mangueira (1928) e Vizinha Faladeira (1932) e nomes como Paulo da Portela, Cartola da Mangueira e Tio Dengo, que ele classifica como compadre. Corroborando com a admiração que sentia por fundadores e percussores fundamentais no universo do samba, e incentivando o saudosismo para que não esqueçamos de trajetórias construídas, que precisam sempre serem reverenciadas.

3.3.6 Elza Soares – 91 anos – Menção Honrosa

Nessa pesquisa não podemos deixar de abordar sobre uma das maiores potências respeitada nacionalmente e internacionalmente, Elza Gomes da Conceição, conhecida como Elza Soares, que nasceu em 23 de junho de 1930, e passou por vários tipos musicais, como samba, jazz, sambalanço, rock, MPB, black music, entre outros.

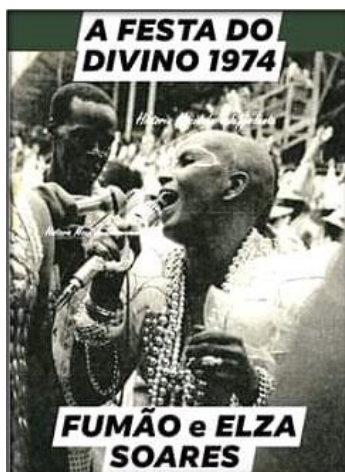
Figura 78 Elza Soares Troféu Rainha do Samba (1974)



Fonte: História da Mocidade Independente (2019)

Na Figura 78, é a capa da revista Coleção Amiga Tv Tudo, na qual Elza Soares ganhou o troféu Rainha do Samba, no mesmo ano em que puxou o samba com Ney Vianna, no enredo Festa do Divino, em 1974. E na Figura 79, Elza Soares na avenida, apreciada por Fumão, já comentado no capítulo II.

Figura 79 - Foto: Elza Soares e Fumão



Fonte: Departamento Cultural Memória Mocidade (1974)

A rainha Elza rompeu barreiras impostas para uma mulher negra, sempre trazendo temas de reflexões e combate como a violência contra a mulher, a LGBTfobia, reafirmando seu compromisso para o bem-estar da sociedade, trazendo à tona pautas superimportantes e necessárias para abordar.

Por onde esteve, sempre informava que era oriunda de Padre Miguel, que na época, era conhecido como o bairro da Moça Bonita. Sem dúvida, é uma das grandes representatividades do bairro de Padre Miguel, Elza Soares que se intitulava em um de seus sucessos “Mulher do Fim do Mundo”, tal frase parte do princípio de um trocadilho com a localização do bairro, principalmente, na década de 50, era considerado de uma área rural.

Laroyê e Mojubá, liberdade
Abre os caminhos pra Elza passar
Salve a mocidade
Essa nega tem poder
É luz que clareia
É samba que corre na veia⁹⁸

Foi enredo da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel com o título de “Elza Deusa Soares”. Reconhecida mundialmente com diversos prêmios, e como a cantora do milênio pela rádio BBC de Londres em 1999⁹⁹, considerada como uma das maiores vozes da música brasileira, tanto que ocupou no ano de 2012, a décima sexta posição no *ranking* musical. No

⁹⁸ Trecho do Samba “Elza Deusa Soares” que foi tema de enredo do ano 2022 da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel. Composição de Sandra de Sá, Igor Vianna, Dr. Marcio, Solano Santos, Renan Diniz, Jeferson Oliveira, Prof Laraujo, e Telmo Augusto. Disponível em: <https://issuu.com/marcelooreilly/docs/rd-2020-02-29/s/10993105>. Consultado em 08.11.2022.

⁹⁹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-60077675>, consultado em 08.11.2022.

entanto, muito antes disso, ela esteve à frente dos microfones, como puxadora de samba da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel (Figura 79).

Elza Soares, na maioria de suas entrevistas fala orgulhosamente sobre o bairro de Padre Miguel e o amor pela agremiação. Ela é madrinha de Tiãozinho da Mocidade, conforme será visto no capítulo IV e madrinha do Programa Usando a Língua (portuguesa) que é idealizado pela pesquisadora, já abordado na introdução.

No dia 26 de outubro de 2022, foi inaugurada a Casa da Mulher Carioca Elza Soares¹⁰⁰, que fica na Vila Olímpica Mestre André, em Padre Miguel, que tem como objetivo de aumentar a oferta da região, já que é uma área que apresenta os maiores casos de violência contra mulher no Rio de Janeiro. Segundo representante da prefeitura, afirma que “Além de ter sido uma artista renomada que levou o nome do bairro e da cidade para o mundo. Elza foi uma mulher à frente de seu tempo como feminista e ativista no antirracismo”.

Elza, foi uma das primeiras mulheres a puxar um samba-enredo, sempre a frente de seu tempo, sempre apresentando uma nova visão de mundo, fomentou discussões tão atuais na sociedade, como machismo, misoginia, entre outros temas. E principalmente, trazendo a pauta de que Deus é mesmo uma mulher. Com sua voz, contribuiu para eternizar o samba “Salve a Mocidade”, do ano de 1974.

“Lá vem a bateria da Mocidade Independente
Não existe mais quente
Não existe mais quente
É o festival do coro
É a alegria da cidade”¹⁰¹

Elza faleceu no dia 20 de janeiro de 2022, aos 91 anos de idade, exatamente no dia em que ocorreu o batizado da G.R.E.S. Mocidade pela G.R.E.S. Beija-Flor, no ano de 1957 no CREIB de Padre Miguel, abordado no capítulo II. Ou seja, no dia em que a agremiação comemora também, o seu padroeiro São Sebastião/Oxóssi.

3.3.7 Toco da Mocidade – 80 anos – Menção Honrosa.

Respeitado e admirado por suas composições, Antônio Correa Espírito Santo, conhecido como Toco (Figura 80) que é o compositor do samba Apoteose do Samba, de 1958 que possibilitou a Mocidade de fazer parte do Grupo I, de onde nunca mais saiu, cantoras como

¹⁰⁰ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-10/rio-inaugura-casa-da-mulher-carioca-elza-soares>, Consultado em 07.11.2022.

¹⁰¹ Samba – Salve a Mocidade de 1974. Composição Luiz Reis.

Jovelina Pérola Negra e Leci Brandão gravaram a música “Flor Esmaecida”, além do samba "Rapsódia de saudade", de 1971, que foi regravado pela cantora Alcione, que tem a seguinte letra:

Canto
Faço do samba minha prece
Sinto que a musa me aquece
Com o manto da inspiração
Ao transportar-me pelas asas da poesia
Ao som de lindas melodias
Que vão fundo no meu coração.

Figura 80 - Foto: Compositor Antonio Correa Espírito Santo, o Toco



Fonte Departamento Cultural Memória Mocidade (Ano desconhecido)

Segundo depoentes, o quadro de compositores da Mocidade Independente de Padre Miguel era repleto de grandes bambas, como: Eurico, Batista, Nezinho, Tatu, Campo Grande, Kleber, um dos maiores parceiros de Toco, entre outros, que merecem ser pesquisados.

No entanto, ao final da maioria das entrevistas, as canções de Toco foram cantadas, reverenciando e eternizando o poeta, conhecido carinhosamente, como Cartola de Padre Miguel, que tanto nos emociona. Também foi responsável pelos seguintes sambas: "O descobrimento do Brasil" (1979).

A musa do poeta
E a lira do compositor
Estão aqui de novo
Convocando o povo
Para entoar um poema de amor
Brasil, Brasil, avante meu Brasil
Vem participar do festival
Que a Mocidade Independente
Apresenta neste Carnaval
De peito aberto é que eu falo
Ao mundo inteiro
Eu me orgulho de ser brasileiro

Partiu de Portugal com destino às Índias
 Cabral comandando as caravelas
 Ia fazer a transação
 Com o cravo e a canela
 Mas de repente o mar
 Transformou-se em calmaria
 Mas deus Netuno apareceu
 Dando aquele toque de magia
 E uma nova terra Cabral descobria
 Vera Cruz, Santa Cruz
 Aquele navegante descobriu (descobriu)
 E depois se transformou
 Nesse gigante que hoje se chama Brasil

Toco também é um dos responsáveis pelos Samba enredo: “Vira, virou, a Mocidade chegou” e “Chuê, chuá... as águas vão rolar”, ambos em parceria com Jorginho Medeiros e Tiãozinho da Mocidade, que deram o bicampeonato de 1990/1991 ao G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel. O compositor nos deixou de corpo presente, no dia 11 de novembro de 2016¹⁰², mas se eternizou entre nós através de seu legado de belas canções, como “Velhice” que traz diversas reflexões.

Quantas mágoas em meu peito
 Meu sofrer não tem mais jeito
 Eu já nem sei o que faço
 É tão grande o meu cansaço
 A velhice vem chegando
 Sei que vou morrer cantando, olha aí
 A velhice vem chegando
 Sei que vou morrer cantando
 Eu vou deixar minha Viola
 E os sambas que faço já não sei pra quem
 Vou levar deste mundo, a tristeza
 Pois é,
 Por saber que ninguém é de ninguém
 Eu vou deixar minha Viola
 E os sambas que faço já não sei pra quem
 Vou levar deste mundo a tristeza
 Pois é,
 Por saber que ninguém é de ninguém
 Quanta mágoa.

Toco da Mocidade em suas letras convida para diversas reflexões das relações de amor ao samba e a velhice, que são situações que não se pode evitar, ao mesmo retrata sobre o desapego e frustrações, utilizando a música como forma de desabafo.

¹⁰² Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/morre-compositor-da-escola-de-padre-miguel-4550010>. Consultado em 31.03.2022.

Segundo Nei Lopes, na *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*, Toco era um excelente compositor, era cantor refinado, com experiências em casas noturnas, sendo constante a referência ao fato que “cantava em inglês” (LOPES, 2011, p. 1595).

CAPÍTULO IV

VELHA GUARDA RAÍZ E OUTRAS REFERÊNCIAS DO G.R.E.S. MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL

Neste quarto e último capítulo, abordaremos o que chamamos de Velha Guarda Raiz, uma galeria de pessoas notáveis que com suas histórias ajudam preservar e reconstruir a memória coletiva da Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel, objetivando mostrar a importância dessas memórias para a preservação dos valores, fundamentos e símbolos que expressam o patrimônio cultural da Escola como legado cultural afro-brasileiro. Referências que deverão ser salvaguardadas na luta contra o esquecimento derivado do racismo estrutural.

4.1 Galeria da Velha-Guarda

Embora por toda a pesquisa tem mostrado a historicidade da Velha Guarda desde o ano de 1952 em seus mais variados contextos, aqui nesse capítulo abordaremos mais especificamente sobre a atualidade, tendo em vista de que são pessoas que mantêm a memória acesa, que resiste e se orgulha de uma trajetória construída. No decorrer dessa pesquisa, ressaltamos a importância principalmente de compositores, ritmistas e baianas, tendo em vista de que foram as alas fundamentais para a existência de uma escola de samba (ISNARD e CANDEIA, 1978, p. 34). Não desmerecendo as demais, compreendendo que numa escola de samba, todas as alas são importantes.

Por conta da pandemia ficamos impossibilitados de obter algumas informações, deparamos com um contexto de dores, perdas, incertezas e desafios para toda a sociedade brasileira e mundial. E nesse caso, as Galerias das Velhas guardas pertenciam aos grupos de riscos do covid-19. Portanto, nossa pesquisa está pautada principalmente em falas de depoentes, e registros bibliográficos e fotográficos.

Segundo alguns entrevistados a Velha Guarda foi fundada no ano de 1963, conforme comprovado no quadro na casa de Wandyr Trindade, Vô Macumba (Figura 81).

Figura 81 - Galeria Velha Guarda - Fundação em 1963



Fonte: Acervo Waldyr Trindade – Vô Macumba

A galeria da Velha Guarda da Mocidade foi fundada por Arioldantino Vieira, conhecido como Tio Dengo, abordado anteriormente aqui na pesquisa, no capítulo II. Segundo depoimentos, fazer parte da galeria da Velha Guarda, havia uma lista de exigências que perpassava pelo quesito obrigatório de pertencer a agremiação no mínimo quinze a vinte anos, a idade mínima permitida é de cinquenta anos, onde as admissões são analisadas através da comissão de ética, com uma votação na reunião mensal.

Figura 82 - Velha Guarda na avenida - Ivo Lavadeira



Fonte: Revista Mocidade (2006)

Figura 83 - Mulheres na Velha Guarda



Fonte: Revista Mocidade (2006)

Por conta da realidade, atualmente, para fazer parte da Velha Guarda, precisa ter ações relevantes na agremiação, ou ser indicado, como é o caso do atual presidente da Galeria Velha Guarda, Arnaldo de Assis, o presidente mais jovem entre as agremiações, que foi indicado pelo saudoso Ivo Lavadeira (Figura 82), com a autorização de Wandyr Trindade, Vô Macumba, que hoje é o Presidente de Honra da Velha Guarda.

Segundo entrevista com Wandyr Trindade, para a Revista Mocidade do ano de 2006, ele afirma:

Começamos inicialmente, num barracão de madeira na Vila Vintém, senhores e senhoras no mundo do samba: Compositores, sambistas, passistas, baianas e simpatizantes que se dedicavam à escola, se reuniam todos os sábados para beber cerveja e cantar seus sambas sem nenhuma pretensão futura. Iam tecendo e construindo uma grande história do samba na Comunidade (Depoimento de Vô Macumba, na Revista Mocidade, 2006, p. 64).

Figura 84 - Sede da Galeria da Velha Guarda da Mocidade



Foro: Jana Guinond (2022)

De forma despretensiosa a Velha Guarda construiu seu lugar para celebrar a vida, que segundo Vô Macumba, “Hoje, o velho barracão se tornou uma sede com três pavimentos, onde seus integrantes podem se sentir em casa” (2006, p. 64). Conforme podemos comprovar, acima, na Figura 84.

No entanto, o Presidente de Honra, na época, tinha as suas preocupações:

As Velhas Guardas teriam que ter mais apoio. A minha tem por que sempre fiz parte da diretoria da escola. Na Mocidade, não tem ninguém mais velho que eu, sempre acompanhei a diretoria. Então, a minha ainda tem aquele valor. [...] A Prefeitura poderia repassar aquele valor em dinheiro para ajudar as velhas guardas (Depoimento de Vô Macumba, na Revista Mocidade, 2006, p.64).

A preocupação de Vô Macumba, está relacionada a subversão recebida pelas agremiações, que não consideram que ela existe, muito por conta da luta de sambistas que tiveram momentos de perseguições, descaso, e mesmo assim mantiveram na resistência a existência das escolas de samba, esse tema também foi apontado por seu irmão Ipólito Trindade, o Tio Macumbinha, no capítulo III.

É importante destacar que, segundo depoimentos de boa parte da pesquisa, a mudança de quadra para o Maracanã do Samba, acabou acontecendo uma certa dispersão do grupo, tendo em vista que eles se encontravam antes do ensaio da quadra tradicional, que era em frente à sede, o que atualmente, é mais desafiador, considerando que por conta da idade do grupo, o

deslocamento fica mais difícil, mas o amor pela escola fala mais alto. Mas, não pode deixar de ressaltar a grande diferença de deslocamento.

E mais, a Velha Guarda mantém a resistência e a memória da agremiação através da Velha Guarda Show (Figura 85) que preserva a história, a tradição do samba da zona oeste, a cadência do samba de terreiro (THOMAZ, 2006, p. 69) no cantarola de samba que transportam a uma determinada época vivenciada.

Poder fazer show da Velha Guarda Show é levar para as pessoas o real valor do samba. Primeiro, vem minha família depois a Velha Guarda (Depoimento de Djalma Nicolau para a Revista Mocidade, no ano de 2006, p. 67).

O sentimento de família e de pertencimento é algo muito peculiar a Galeria da Velha Guarda, com sabedoria adquirida com o tempo, os componentes encontram formas de ampliar o sentimento de irmandade unida através das cores verde e branco.

Figura 85- Velha Guarda Show



Fonte: Revista Mocidade (2006)

Segundo Arnaldo Assis, o samba faz parte da cultura brasileira, proveniente de famílias pobres, sendo o sambista o grande referencial. Possui como referências, sua mãe, Dona Ivone, que lavou a roupa do time de futebol, e hoje, é considerado o presidente mais novo de uma Velha Guarda, onde entrou no ano de 2013, após o desfile. Mas antes já ajudava no que fosse possível para a preservação da Velha Guarda. Lembrando que a Galeria da Velha guarda atua de forma independente, não tendo uma ligação com o estatuto da agremiação. (LIMA, 2022, p. 66).

A Galeria da Velha Guarda atua o ano inteiro na preservação da memória da agremiação, na propagação das cores verde e branca de várias maneiras. Imagine ganhando prêmios? Aconteceu no dia 26.10.2022 no Teatro João Caetano, a entrega da 6ª edição do Prêmio Machine – Bastidores do Carnaval Carioca¹⁰³, que tem a finalidade de homenagear e valorizar trabalhos invisibilizados que merecem maior destaque e credibilidade, que de uma forma justa mantém viva dentro de cada participante, a chama da qualidade profissional, e consequentemente atua no estímulo de novos profissionais.

Figura 86- Vô Macumba recebe prêmio Machine das mãos de Machine e Cátia Calixto



Foto: Jana Guinond (2022)

¹⁰³ Disponível em: <https://premiomachine.com.br/?p=192> , consultado em 27.10.2022.

Figura 87 - Velha Guarda da Mocidade Independente de Padre Miguel ganha o Prêmio Machine (2022)



Foto: Jana Guinond (2022)

A Galeria da Velha Guarda da Mocidade Independente de Padre Miguel ganhou dois prêmios: um para o Presidente de Honra da Velha Guarda, Wandyr Trindade, Vô Macumba (Figura 86), abordado no capítulo III, e a própria Galeria da Velha Guarda (Figura 87), na categoria “Melhor Velha Guarda de 2022”, concorrendo com renomadas agremiações como G.R.E.S. Salgueiro e G.R.E.S. Unidos da Tijuca, na qual o presidente Arnaldo Assis pronuncia durante o prêmio:

[...] Gostaria de agradecer ao Machine¹⁰⁴ e toda a sua equipe pela produção do prêmio, estou levando esse prêmio aqui pra Padre Miguel, pra nossa Mocidade Independente, pra nossa Velha Guarda, com muito carinho e muito amor, e dizendo também que as outras coirmãs, da Velha Guarda tinha total condições de ganhar esse prêmio, que sempre fez um trabalho muito bem-feito, agradeço de coração, parabéns por esse evento (Depoimento do Sr. Arnaldo de Assis, 2022).

¹⁰⁴ José Carlos Faria Caetano, O Machine, ganhou esse apelido em 1983, na França, onde se apresentou nas festividades de fim de ano. Um empresário francês, Daniel Castro, o apelidou de "La Machine du Samba" (A Máquina do Samba), nome que foi logo simplificado pelo mestre Joãozinho Trinta que passou a chamá-lo simplesmente de "Machine".

Exatamente por ter uma vida dedicada à Marquês de Sapucaí, sua popularidade se mistura à própria história do Sambódromo. Machine foi convidado pelo então, governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, para coordenar os ensaios técnicos da avenida e desde então, é detentor das chaves da passarela do samba, o que lhe deu o complemento de "Sindico da Passarela" ao apelido. Disponível em: <http://comissaodefrente.blogspot.com/2012/07/figura-do-samba-machine-o-sindico-da.html?m=1>, consultado em 27.10.2022.

A importância do prêmio torna-se primordial o reconhecimento da Galeria da Velha Guarda da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, que a comunidade receba o prêmio com orgulho da verde e branco, que mantém de diversas maneiras as cores da escola, como podemos perceber nos encontros que participam.

No dia 06 de novembro de 2022, a quadra tradicional da G.R.E.S. Mocidade, estava em festa (Figura 88), sendo representada pela Galeria da Velha Guarda da Mocidade Independente de Padre Miguel em parceria com a Associação das Velhas Guarda, realizaram na quadra tradicional, depois de três anos sem evento, por conta da pandemia covid-19, o Encontro das Galerias das Velhas Guarda (Figura 89).

Figura 88 - Ornamentação do Encontro da Galeria das Velhas Guarda na Mocidade (2022)



Foto: Acervo Galeria da Velha Guarda da Mocidade Independente de Padre Miguel

O encontro estabelece a relação de respeito entre as coirmãs, é momento de celebrar a vida, e principalmente marcar a presença de suas identidades, cada grupo representando as cores de seus pavilhões, conforme podemos comprovar na Figura 89.

Figura 89 - Encontro da Galeria das Velhas Guarda na Mocidade (2022)



Foto: Jana Guinond (2022)

Sou Velha Guarda

Já provei pro mundo inteiro que sou bamba

Sou Velha guarda

A espinha dorsal do samba (refrão)¹⁰⁵

Nos encontros das Velhas Guardas a alegria de viver se faz presente, grupos que chegam elegantemente e orgulhosamente representando as suas agremiações, num clima de amizade, respeito e confraternização. Tendo em vista que muitos passaram por vários setores da escola, e podem cantarolar o trecho do samba acima com muita propriedade.

4.2 Tia Nilda da Mocidade (85 anos)

A presente pesquisa visa enfatizar o período da primeira quadra, que hoje funciona o Centro Social e Cultural – Mocidade independente de Padre Miguel, onde as raízes e memórias ainda estão presentes, principalmente no seu sentido sensorial, aguçando sentimentos inerentes ao tempo, bem ilustrado na Figura 90 com a Presidente da Ala das Baianas, conhecida como Tia Nilda, que afirma a importância de reverenciar a ancestralidade, manter suas histórias na agremiação, e que ao entrar na avenida, seu sangue deixa de ser vermelho e passa a ser verde e branco.

¹⁰⁵ Hino da Velha guarda – Associação da Velha Guarda das Escolas de Samba –RJ.

Figura 90 - Baiana Tia Nilda na quadra tradicional



Fonte: Departamento Cultural - Memória Mocidade

Tia Nilda concedeu uma entrevista online 08.02.2022, tendo em vista que estávamos em período de pandemia, e não aconteceu o desfile das escolas de samba.

Como boa parte dos entrevistados, estava com as vestimentas nas cores da agremiação. Sempre cheia de alegria e dona de uma energia contagiante compartilhou conosco alguns momentos de sua trajetória de vida.

Nasceu em 07 de abril de 1942 na maternidade de São Cristino, em São Cristóvão e até os dez anos de idade foi criada no bairro do Riachuelo, na rua Vitor Meirelles, 42, filha de Ari da Silva e Lúdia Monteiro da Silva. O pai nasceu no morro de São Carlos que hoje é o Estácio, fala orgulhosamente que sua avó foi pastora da Vizinha Faladeira, Flor do abacate e Unidos de São Carlos, que era a escola de coração de sua vó Tereza da Silva.

Acrescenta que sua avó nasceu um ano depois da Abolição, portanto, é neta de escravizados. Sua avó Tereza conversava muito, gostava do samba, era baixinha, e banqueteira, ou seja, fazia muito banquete, realizava altos banquetes de pessoas milionárias, e Tia Nilda ia ajudá-la a lavar alface e agrião, onde sua vó colocava um banquinho para que Tia Nilda pudesse alcançar a pia, isso com nove anos de idade. Diz que puxou a avó, em muitas coisas, que era extrovertida, e era sua madrinha. Juntamente com o pai que foi pela primeira vez, junto com sua irmã, à um desfile de escola de samba. A mãe preparava o lanche, pão com mortadela e suco, chegava na Presidente Vargas, o pai comprava dois caixotes de frutas para ela e a irmã subirem para assistir. Saindo de casa cedo, e voltavam às quatro da manhã. Ela adorava, aos nove anos, ficava encantada de ver as irmãs Marinho (Mary, (Maria Luiza), Norma e Olívia), a Paula do Salgueiro e a Maria Lata d'água da Portela, com a lata de vinte quilos na cabeça, que segundo ela “O show eram elas”.

O pai era maneiro, trabalhava na empresa Mala Progresso juntamente com o pai de Dominginhos do Estácio. Tinham o costume de cada domingo um levava sua família na casa do outro, ou em Mesquita e Jacarepaguá, lugares que eram considerados por eles como roça. Atualmente, mora em Bangu há quarenta e dois anos, época que não tinha nada, o que diferencia de hoje que mora a uns dez minutos do *shopping*. Nunca imaginou de fazer parte do mundo do samba, diz que está sempre aprendendo. Consciente de que é querida na escola de samba, onde não deixa o ego subir. Ela diz que é baiana como qualquer outra, apenas tem uma responsabilidade a mais, como Presidente da Ala das Baianas.

Segundo Tia Nilda, atualmente, a escola só tem 80 baianas, porque é regulamento da liga, de no mínimo 60 e no máximo 80. Mas, a Mocidade já teve 250 baianas.

A pessoa que fez Tia Nilda ser baiana foi a Tia Chica, primeira baiana da escola. Eram muito amigas. Tia Chica era uma grande zeladora de santo, na qual Tia Nilda tinha o costume de ir tomar café da manhã, toda segunda-feira, com ela. Ela arrumava Tia Chica, que exigia que ela desfilasse ali ao seu lado, e dizia que quando ela não estivesse mais, o lugar dela era de Tia Nilda. Hoje, ela cuida e respeita a trajetória de Tia Chica e de sua filha Bibiana, que também faz parte da ala.

Tia Nilda é filha de iansã, na qual tem muito orgulho de ser, e diz:

[...] Iansã é minha mãe, advogada, juíza... é tudo! Eu peço o bem pra todo mundo... não tenho coragem de desejar o mal pra ninguém, mas peço a ela que cuide dos inimigos, e ampare os amigos (Tia Nilda, 85 anos, 2022).¹⁰⁶

Diz que é sincera com as pessoas e tem certeza de que seu coração é lindo. Ajuda as pessoas sem interesse nenhum, acredita que assim ganha com Deus, no caminho da espiritualidade, em que parte de seus familiares também seguiram.

¹⁰⁶ Depoimento de Tia Nilda para o Projeto plano de atividades do Museu do samba, do Centro Cultural Cartola, no dia 13.07.2013, onde presta depoimento para as memórias das matrizes do samba do Rio de Janeiro.

Figura 91 - Tia Nilda - Baiana da Mocidade



Fonte: Acervo Tia Nilda (2022)

Conta que a Mocidade ensaiava no Bangu Atlético Clube, e sua filha aos dezesseis anos pediu para levá-la ao ensaio, e ela foi, começou a fazer amizade com Jorjão, filho de um dos fundadores da escola, que orientou pra ela ir no barracão, que ficava no Caju para falar com Chiquinho do Pastel¹⁰⁷, que inclusive foi a pessoa que ela reverenciou, por conta do momento em que perdeu o marido, Chiquinho ia com a família confortá-la, e no momento em que ela ia desistir de desfilar, ele a trouxe de volta ao mundo do samba.

Tia Nilda é uma das figuras importantes da G.R.E.S. Mocidade de Padre Miguel, (Figura 91) e realizou diversos encontros de Baianas na agremiação, além dos eventos de feijoada, que a propósito, a primeira produção de uma feijoada, segundo consta na ata de fundação da escola foi no dia 04.12.1957, que é exatamente o dia em que é celebrado o dia de Santa Bárbara/Oyá/Iansã no Brasil.

Tia Nilda é uma das muitas pessoas da agremiação que tem respeito pela ancestralidade, e é de suma importância reverenciar sua trajetória. Ela acumula os estandartes de ouro para a ala das baianas, nos anos de 1981, 1991 e 2006, sendo que no ano de 2006 foi contemplada com o prêmio Personalidade.

¹⁰⁷ Chiquinho do Pastel era morador de Padre Miguel, e foi durante anos diretor na Mocidade, é conhecido atualmente como em empresário das redes Babado da Folia.

4.3 Tiãozinho da Mocidade (73 anos)

Figura 92 - Foto - Tiãozinho da Mocidade



Fonte: Acervo Tiãozinho da Mocidade.

No dia cinco de fevereiro de 2022 aconteceu a entrevista *online* com Tiãozinho da Mocidade, que chegou com seu chapéu tipo panamá com fita verde, combinando com a sua blusa, a parede de sua casa da mesma cor, em que podíamos ver os quadros de alguns prêmios, moções e diplomas. É um dos componentes da agremiação que mais tem entrevistas nas mídias, que são importantes, como suporte na pesquisa, além de utilizarmos o seu depoimento fornecido no dia 13.08.2013 para projeto Memória das Matrizes do Samba no Rio de Janeiro, realizado pelo Centro Cultural Cartola em parceria com o IPHAN.

Então, iniciaremos aqui uma breve história sobre esse componente importante da agremiação Mocidade Independente de Padre Miguel, que apesar não ter vivenciado o período proposto da pesquisa, da fundação da escola, tem sido uma grande representatividade na valorização da memória do bairro e principalmente do conteúdo de nossa pesquisa. Sem falar que, ele é uma figura marcante na época em que eu frequentava a quadra tradicional da agremiação, na qual a emoção ia a mil, quando cantava a música Escada da Penha, de João Bosco, lançada no ano de 1975¹⁰⁸.

Tiãozinho da Mocidade, cujo nome é Neuzo Sebastião de Amourin Tavares (Figura 92), nasceu em 04 de agosto de 1949 no Hospital do Servidor do Estado do Rio de Janeiro, na Gamboa, que fica bem próximo ao Cais do Valongo, um Patrimônio Cultural da Humanidade abordado anteriormente. Seu pai, Sr. Osvaldo Tavares era servidor público, e trabalhava no hospital.

¹⁰⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JMTAmUe8MR0>. Consultado em 23.03.2022.

Tiãozinho fala orgulhosamente que nasceu no berço do samba, entretanto, gosta de afirmar que foi imediatamente para a comunidade da Vila Vintém, de onde tem o orgulho de dizer que é da Rua Barão do Belisário, que inclusive tem uma música com o mesmo nome¹⁰⁹.

Dialogar com ele é entrar em contato com o crescimento do bairro de Padre Miguel, que embora ainda criança, lembra de diversos momentos de sua infância. Segundo ele, a Vila Vintém foi formada por conta da fábrica Bangu¹¹⁰ e da fábrica de Cartuchos do Exército¹¹¹, em Realengo da área militar; que hoje abriga o Colégio Pedro II. Eram operários que vieram em decorrência do “Bota fora” na época do Prefeito Pereira Passos, que migravam para o sertão carioca, na qual era oferecida mão de obra, com trabalhos braçais na zona oeste, normalmente, quem aceitava a “proposta” levava a família toda, no caso dele, o pai dele foi com quatorze irmãos, e a mãe dele, apenas ela e um tio, assim como os irmãos de sua avó que eram todos cearenses, e afirma que a Vila Vintém acabou se tornando a capital do Brasil, por conta do êxodo rural, onde era possível encontrar mineiros, capixabas, paulistas, além de italianos, portugueses e turcos.

Consequentemente, os grupos levavam suas manifestações culturais, como: jongo, capoeira, Folia de Reis, macumba, ladainha, de tudo um pouco; os árabes vendendo coisas. Havia criação de porco no meio da rua, e toda diversidade e pluralidade, tinha o samba, o que fez com que virasse um berço cultural da maior importância, porque segundo ele Vila Vintém é um pedaço de várias partes do Brasil em Padre Miguel.

Afirma que as pessoas mais pobres e humildes foram as que mais contribuíram com as diversas manifestações culturais, elas preservaram as culturas trazidas por elas. Enquanto as mais afortunadas não fazem uma roda de jongo, de capoeira, de samba, eles assistiam, mas não faziam.

O negro com sua luta, vem de muito longe. Dos quilombos e das insurreições de escravos. Se voltarmos para a história nacional encontraremos sua presença em todos os setores de nossa vida social. As manifestações populares têm como pontos altos o SAMBA, as rodas de capoeiras, as competições de batuques, as contadas, as eleições de Reis Do Congo e de Juizes de Angola, o folguedo dos quilombos, os maracatus, o frevo, o bumba-meu-boi, os ternos e ranchos, os louvores a São Benedito (ISNARD, 1978, p. 05).

¹⁰⁹ Disponível em: <https://open.spotify.com/track/3tLHUVGYqOZkAs9Yf3jXxp>. Consultado em 23.03.2022.

¹¹⁰ Lei Municipal nº 3.086 de 02.08.2000. Tombado no livro de Tombos dos bens culturais do Rio de Janeiro Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4722991/4121903/107LEI3086FabricaBangu.pdf> . Consultado em 29.03.2022.

¹¹¹ Lei municipal nº 1962 de 04.05.1993. Tombado no livro de Tombos dos Bens Culturais do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4722991/4121901/106LEI1962FabricaCartuchodoExercito.pdf>. Consultado em 29.03.22.

O entrevistado traz informações já confirmadas no livro *Escola de Samba*: “A árvore que esqueceu a raiz”, dos autores Candeia e Isnard, que no ano de 1978 faziam um movimento de preservação de uma escola de samba.

Tiãozinho diz que aprendeu a sambar na esquina da Barão da Belizário porque tinha uma batucada, e várias crianças iam para brincar e acabavam sambando, assim como nascer na beira do rio e como um peixe, que aprende a nadar. Pertence a uma família que era muito musical, tinha o galango, que é uma dança mineira, que apresenta desafios em forma de versos de um solista na qual a plateia responde, sendo acompanhado por uma sanfona, viola e vários pandeiros¹¹². Seu pai costumava dormir ouvindo um rádio, e o ensinava sobre as músicas de carnaval, informando as datas, e como era uma época que não tinha televisão, eles brincavam de cantar, segundo ele, havia um centro de transmissão da Rádio Nacional, inaugurada no ano de 1936¹¹³, que ficava localizada na rua Barão do Triunfo, o que os davam muito orgulho, tendo em vista que as rádios influenciavam, assim como a Rádio Tupi¹¹⁴, que foi inaugurada em 25 de setembro de 1935, foi a primeira emissora de rádio no Brasil.

Recorda que quando surgiu a Elza Soares cantando na rádio Tupi, a filha da lavadeira, incentivou a todos apaixonados por música, de querer cantar, foi importante a nível musical. Os meios de comunicações na época eram feitos por um alto falante do Sr. Júlio, que fazia um serviço de utilidade pública, anunciando a chegada de água na bica durante a semana, e repetia os programas de rádios da rádio nacional para quem trabalhava fora, nos finais de semana, e ele realizava um programa de calouros com a criançada e adultos, e Tiãozinho ia cantar, ensaiava no quintal, fingindo ser algum artista famoso da época.

Lembrou de sua saudosa mãe, que disse da enorme vontade de cantar que ela teve próximo ao momento de nascimento do filho, de suas idas aos domingos para igreja com sua avó, ouvindo a música sacra, e indo na segunda-feira para *curimba* com a sua mãe, ouvindo os tambores na casa da Tia Chica e da dona Vicentina.

Tiãozinho diz que a relação com a música está muito ligada ao dom, e que na verdade é música que escolhe a pessoa. Apesar de não ter seguido profissionalmente com ela, porque trabalhava de projetista das empresas como: PETROBRAS, ELETROBRÁS, ELETROSUL, CEG e CEPEL. Mesmo projetando, sempre se pegava batucando algo coisa na mesa, surgindo

¹¹² Disponível em: <http://projetos.eeffto.ufmg.br/sarandeiros/?p=1411>. Consultado em 25.03.2022.

¹¹³ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-09/radio-nacional-do-rio-de-janeiro-completa-85-anos#:~:text=Na%20estreia%20da%20R%C3%A1dio%20Nacional,trazia%20conhecimento%20cultural%20ao%20ouvirte>. Consultado em 30.03.2022.

¹¹⁴ Disponível em: <http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-tematico/radio-tupi>. Consultado em: 30.03.2022.

uma composição na maioria das vezes. Ou seja, entre os cálculos nascia a poesia em forma de música.

Quando perguntei em qual período ele entrou na Mocidade, me disse que a pergunta seria, qual o período que a Mocidade entrou na sua vida?

Quem nasce da Vila Vintém, e a Mocidade foi criada depois de seu nascimento, então quando ainda criança, a paixão de seus primos mais velhos eram futebol e samba, muito por conta também da dificuldade de deslocamento para outros bairros, das poucas opções de transporte. Portanto, as manifestações mais marcantes no bairro passavam a influenciar as pessoas de várias maneiras.

Em paralelo, na década de 50, no auge da história do futebol brasileiro, a fundação do Estádio Mario Filho, conhecido mundialmente como Maracanã, no dia 16 de junho de 1950,¹¹⁵ fazia com que jovens se inspirassem em jogadores, tendo em vista de que o Brasil participou da Copa do Mundo.

Esse misto de futebol e samba sempre foi muito presente no bairro de Padre Miguel, Tiãozinho tinha o seu Tio Valdomiro que era mestre-sala da GRES Unidos de Padre Miguel, e a Mocidade ainda bloco, passava desfilando pela comunidade da Vila Vintém, e quando foi para à Praça Onze, era o encantamento e orgulho de todos, Mocidade foi a sua paixão, queria estar perto, fazer parte, embora reconheça a grande importância também da UPM. Mas, seu coração, indo assistir os jogos do Independente Futebol Clube com seus primos, quando sua avó deixava, começou a frequentar os ensaios do bloco quando tinha quinze anos, porque seu pai não deixava ir devido as perseguições da polícia aos sambistas, diziam que nas escolas de samba era lugar de marginais.

Conta que no período do quartel, ao invés de cortar o cabelo tipo militar, ele raspava a cabeça para que não fosse visto dentro da escola, porque era proibido de militares frequentarem escolas de samba. Quem o levou para a agremiação foi Sr. Oswaldo, que o apresentou a Tio Dengo, pessoa que ele julga fundamental para a Escola, que disse: “Eu só deixo ele entrar pra escola, se ele cantar meus sambas” e Tiãozinho pergunta quais sambas ele queria ouvir, e cantou todos os solicitados por Tio Dengo, no mesmo dia, o levaram dentro de um fusca para Os Bambas da Serra, em Teresópolis, e os senhores da Velha Guarda: Tio Nonô, Tio Aluísio, Tio Dengo, resolveram que ele cantaria à frente da Galeria da Velha-Guarda. No ano de 1976 estreou como cantor, porque havia etapas em que o componente tinha que passar, para pertencer

¹¹⁵ História – Estádio Mário Filho (Maracanã) – 65 anos. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/es/node/555>. Consultado em 29.03.2022.

a ala dos compositores na agremiação. Como por exemplo: samba de quadra, para que pudesse conhecer a essência da escola, sua cadência, levada e tipos de tocar diferentes, preservando alguns aspectos fundamentais, como a especificidade de uma agremiação, promovendo sua identidade e preservação.

O entrevistado traz reflexões sobre os dias atuais, que antigamente existiam as Escolas de Samba, hoje, na opinião dele, existem as escolas de carnaval, que se preparam muito mais para ganhar do que propriamente promover a história do samba, na qual antigamente a finalidade era preservar o samba na sua região, reforçar o pertencimento de territorialidade, em suas mais variadas vertentes.

O samba se mistura com jongo, maracatu, capoeira, [...] ele se mistura com tudo, é igual a água, ele aceita todas as influências, depois ele sobe, vai aos céus pede a benção de Deus, e volta samba novamente. Ele deixa todo mundo beber na fonte dele, se evapora, pede a benção, como a chuva faz, e segue em frente. É um grande herói (Depoimento de Tiãozinho da Mocidade, 2022).¹¹⁶

A relação com a natureza é muito nítida no depoimento de Tiãozinho da Mocidade, que nos traz uma reflexão sobre como dialogamos com a ela, que é tão presente nas religiões de matrizes africanas, na qual o ser humano como um ser único no universo, pertencente a natureza, e que precisa dialogar com ela, para compreender sua existência no Mundo. Segundo Tiãozinho, o samba faz isso com muita notoriedade e respeito às diferenças sem perder a sua particularidade, e por isso, sobrevive mesmo em várias circunstâncias que tentam ofuscá-lo.

Essa declaração de amor ao samba, reflete muito porque criou seus filhos e filhas com a profissão projetista, mas reconhece que foi o samba que deu projeção a sua voz pelo mundo, já esteve no Canadá, França, Finlândia, Reino Unido, Suécia, além de vários lugares do Brasil, onde contribuiu para a existência de algumas escolas de samba no exterior, propagando a língua portuguesa, onde na maioria dos locais, quando se fala em samba, é somente o idioma português, assim acontece com a capoeira.¹¹⁷

O samba é um agente poderoso de fazer com que o Brasil propague sua cultura por todo o mundo, inclusive lembrou que no ano de 1997, a música “Coisinha do Pai”¹¹⁸ de autoria de Jorge Aragão, Almir Guineto e Luiz Carlos, foi utilizada para “acordar” o robô Sojourner, que fazia parte da missão Mars Pathfinder, criada pela Agência Espacial dos Estados Unidos (Nasa)

¹¹⁶ Depoimento na entrevista cedida de forma online com Tiãozinho da Mocidade no dia 05 de fevereiro de 2022;

¹¹⁷ Capoeira: Difusora da cultura e da língua portuguesa no exterior. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/capoeira-difusora-da-cultura-e-da-lingua-portuguesa-no-exterior/79032#:~:text=A%20Capoeira%2C%20conhecida%20arte%20marcial,de%20movimentos%2C%20ritmos%20e%20m%C3%BAscicalidade>. Consultado em 29.03.2022;

¹¹⁸ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/famosa-na-voz-de-beth-carvalho-coisinha-do-pai-ja-foi-tocada-em-marte/>. Consultado em 30.03.2022.

para explorar a superfície do planeta, ou seja, o samba rompeu as fronteiras, mas infelizmente, somente alguns brasileiros, deram conta de sua grandiosidade.

Quando perguntado sobre quais os setores da agremiação em que já atuou, como dito anteriormente, iniciou como cantor, ala de compositores, na Harmonia, Galeria da Velha Guarda, na qual atuou como diretor cultural e artístico, hoje faz parte do conselho da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, e para além da agremiação, é vice-presidente do Museu do Samba e Presidente do Conselho do Samba do Rio de Janeiro, o que lhe deu a honra de poder cunhar simbolicamente a moeda de cem anos do samba feita pela casa da Moeda.

Figura 93 - Foto: Moeda em comemoração aos 100 anos do samba



Foto: Diário do Rio (2016)

Conforme figura 93, a moeda tem a imagem de uma mão tocando pandeiro, e do outro lado, em homenagem a primeira gravação fonográfica do gênero, o samba “Pelo Telephone”, de Donga, considerada a composição ícone, registrada em 27 de novembro de 1916¹¹⁹, e foi realizado no Clube Renascença no dia 12 de dezembro de 2016.

Tiãozinho e a Velha Guarda

¹¹⁹ Casa da Moeda lança medalha em comemoração aos 100 anos do Samba. Disponível em: <https://diariodorio.com/casa-da-moeda-lanca-medalha-kuem-comemoracao-aos-100/>. Consultado em 30.03.2022.

Segundo Tiãozinho, a Galeria da Velha Guarda representa a preservação da memória da agremiação, são os senhores e senhoras que contribuíram com a Escola quando a dificuldade era bem maior, no início em que tudo era muito diferente. São as raízes de uma escola, como também os *griots* que têm a finalidade de transmitir a história da fundação para que ela não se perca, e transforme em algo que não foi imaginado por eles.

É importante ressaltar, que constam em atas existentes da agremiação no período dos anos 50, diversos documentos de preparativos para vários eventos, com a finalidade de angariar fundos para o desfile, e entre as pessoas entrevistadas afirmam que também foram realizadas rifas e o livro de ouro para tornar realidade o desfile da escola (LIMA, 2020, p. 61). As ações sendo feitas de forma cooperativa, cada uma das pessoas contribuía de sua maneira, por exemplo, na ala das baianas, cada um fazia a sua fantasia por amor a escola.

Uma das grandes preocupações de Tiãozinho é a falta de reconhecimento da contribuição dos negros no cenário das grandes escolas, tendo em vista que foi esse grupo que passou por várias situações cruéis com a polícia, descaso, desigualdade, racismo e falta de “políticas públicas” (grifo meu). E na opinião dele, como um lugar de resistência, a Velha Guarda tem o papel de preservar, assim como a Galeria da Velha Guarda da Mangureira e da Portela que mantém o investimento intelectual carioca dos mais sábios, ou seja, de seus *griots*, na qual ele tem muito respeito.

Após essa informação, averiguamos nos sites das agremiações citadas, e tivemos acesso ao Estatuto da Mangureira¹²⁰, assim como a relação de nomes dos baluartes com o respectivo número da cadeira e a data de aniversário¹²¹, enquanto, na G.R.E.S. Portela em seu site tem a história do bairro e da agremiação¹²², de sua história desde a década de 30¹²³, assim como os nomes da Diretoria, Conselho Deliberativo e Fiscal, Administração da Quadra e das mídias sociais¹²⁴ e informações sobre a memória da escola e a Galeria da Velha Guarda¹²⁵, comprovando a fala de Tiãozinho da Mocidade, que inclusive considera importante a criação de um museu em cada escola, que possibilita valorizar pessoas que construíram o alicerce da agremiação. Cita o Mestre André como uns dos grandes responsáveis de levar o nome da agremiação para o mundo, assim como a importância de seus fundadores e fundadoras,

¹²⁰ Estatuto da GRES Mangureira do dia 22 de fevereiro de 2006. Disponível em <http://mangureira.com.br/download/ESTATUTOMANGUEIRA.pdf>. Consultado em 30.03.2022.

¹²¹ Relação de Baluartes da GRES Mangureira. Disponível em: <https://mangureira.com.br/site/baluartes/>. Consultado em 30.03.2022.

¹²² Semente da GRES Portela. Disponível em: <http://www.gresportela.org.br/Escola>. Consultado em 30.03.2022.

¹²³ História da GRES Portela. Disponível em: <http://www.gresportela.org.br/Historia>. Consultado em 30.03.2022.

¹²⁴ Diretoria da GRES Portela. Disponível em: <http://www.gresportela.org.br/Diretoria>. Consultado em 30.03.2022

¹²⁵ Portelinha e a Galeria da Velha Guarda da GRES Portela. Disponível em: <http://www.gresportela.org.br/Portelinha>. Consultado em 30.03.2022.

principalmente de Ary de Lima, que infelizmente não tem o reconhecimento à altura. E afirma que a Mocidade não tem consciência de seu valor para o samba carioca, mas ele tem a esperança de que a juventude que está tendo mais acesso às informações possa contribuir para a disseminação da memória da agremiação, e que pesquisas como essa pode contribuir para uma reflexão sobre o que deu certo e o que não deu, e o que precisa se repensar, utilizando a metodologia de beber na fonte, principalmente. Afirma que as mulheres têm uma consciência social mais ampliada com relação as injustiças sociais, reforçou que desde o período da escravidão, a mulher tem o seu papel importante de cuidar da comunidade, pensando de maneira coletiva, e de quem sabe gerar e melhorar o mundo, compreendendo que ninguém é para sempre, na qual o sambista se reinventa a todo momento e que a Escola de Samba sempre foi uma das maiores expressões culturais do mundo.

Para finalizar a entrevista sempre propomos um samba marcante na vida das pessoas, e Tiãozinho disse que um samba, que embora ele não tenha sido compositor, mas ele reconhece os sambas-enredo “Apoteose do Samba”¹²⁶; abordado no capítulo anterior sobre Ary de Lima, e “Samba, marca registrada do Brasil”¹²⁷, que tem a seguinte letra:

Através dos tempos
Que o nosso samba despontou
trazido pelos africanos
em nosso país se alastrou
Foi Donga que tudo começou
Com um lindo samba
“pelo telefone” se comunicou
E no limiar do samba
Que beleza, que fascinação
Na casa da Tia Ciata
Oh como o samba era bom (sem sair do tom)
Dança o batuque
Ao som da viola
Cai no fandango
Dá umbigada na dança de roda
Grandes Sambistas mostraram seu valor
Ismael Silva, Carmem Miranda, Noel e Sinhô
Mas surgiram as escolas de samba
O ponto alto do nosso carnaval
E o nosso samba evoluiu
E se tornou marca registrada do Brasil

¹²⁶ Apoteose do Samba da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, do ano de 1958, composição: Toco e Kleber. Classificou-se em primeiro lugar, na Praça Onze, ganhando promoção para o Grupo I, onde permanece até os dias de hoje.

¹²⁷ Canal do Youtube do Observatório do Samba, do ano de 1977, composição: Dico da Viola e Jurandir Pacheco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EcwA2ufhyOU>. Duração: 33’09”. Consultado em 31.03.2022.

Embora, Tiãozinho da Mocidade tenha vários clássicos na historicidade da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, resolveu ressaltar a memória de um dos compositores fundadores da agremiação, Sr. Antonio Correa Espírito Santo, conhecido como Toco, considerado por muitos, o melhor compositor da época, qualquer poeta que chegasse na agremiação tinha que reverenciá-lo, por conta disso, o capítulo III será em homenagem ao poeta.

Figura 94 - Foto: Elza Soares e Tiãozinho da Mocidade



Fonte: Acervo Tiãozinho da Mocidade

Elza Soares é madrinha de Tiãozinho da Mocidade em *show* de lançamento do CD "Mulekê Tião", na qual ele se orgulha imensamente (Figura 94).

4.4 Departamento cultural e os desafios da memória em redes

Contamos com a preciosa colaboração do Departamento Cultural da Escola que tem feito constantemente, suas publicações nas redes sociais. Parte dessa pesquisa foi composta com o fornecimento de contatos do setor. Há uma preocupação com a história da fundação da escola, tendo em vista que a Mocidade tem direcionado seus sambas enredo para a autobiografia da agremiação. O que consequentemente facilitou na pesquisa, na qual, realizamos uma entrevista com Renato Buarque e Taísa Ferreira, ambos coordenadores do departamento, que tem como Presidente de Honra, Tiãozinho da Mocidade, também um dos entrevistados da pesquisa. Todos têm uma relação afetiva com o samba, e consideram a Mocidade, parte de suas famílias. É lindo ver o trabalho desenvolvido por eles, tendo em vista que fazem de maneira voluntária, que preservam a memória da escola.

Quando cientes da pesquisa, ficaram empolgados e motivados, compreendendo que o período de estudo realizamos é muito escasso de informações, considerando a importância de preservar a memória da agremiação.

Para Renato, a Velha Guarda representa todas as histórias que tiveram participação e simboliza a ancestralidade. Já para Taísa, a Velha Guarda é o símbolo máximo de reconhecimento dos serviços prestados a escola de samba.

Segundo eles, o setor cultural busca informações através de imagens de jornais, assim como, a história oral, e confirmam que o papel do departamento é divulgar a história da agremiação. Durante a pandemia contam que houve mobilizações de arrecadação de alimentos, que não foram midiáticas, aconteceram várias ações dentro da comunidade do samba.

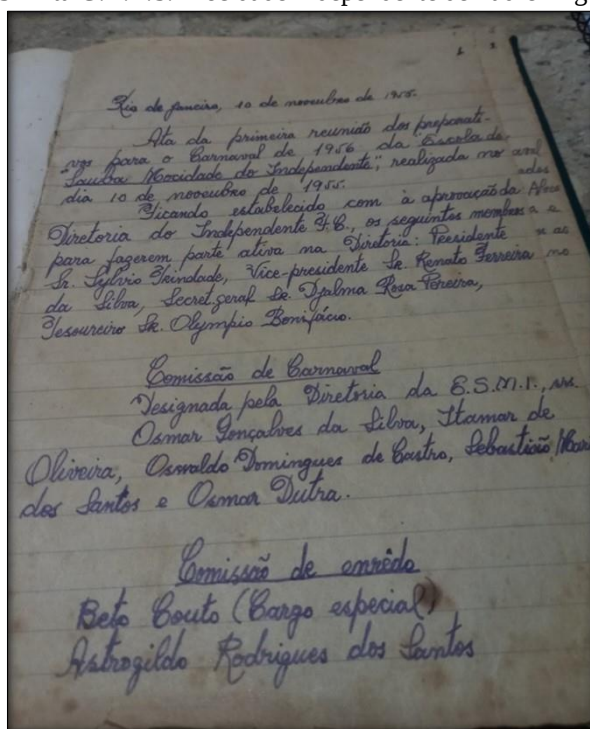
A agremiação possui um rico acervo a partir da década de setenta, no entanto, entre os anos de 1952 e 1965 há uma certa limitação por conta do período, não ter um tipo de registro fotográfico tão facilmente como atualmente, assim como pesquisas acadêmicas.

Mas, com o intuito de propagarmos a história da fundação da G.R.E.S. Mocidade Independente, lançamos o desafio de trazer histórias que contribuíram para a existência da agremiação no grupo em que ela entrou no ano de 1958 e nunca mais saiu.

Atualmente, o Departamento Cultural tem um trabalho nas redes sociais, assim como na quadra da escola, com diversas atividades.

4.4.1 Documentos Oficiais da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel

Figura 95 - Ata G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel - 1955



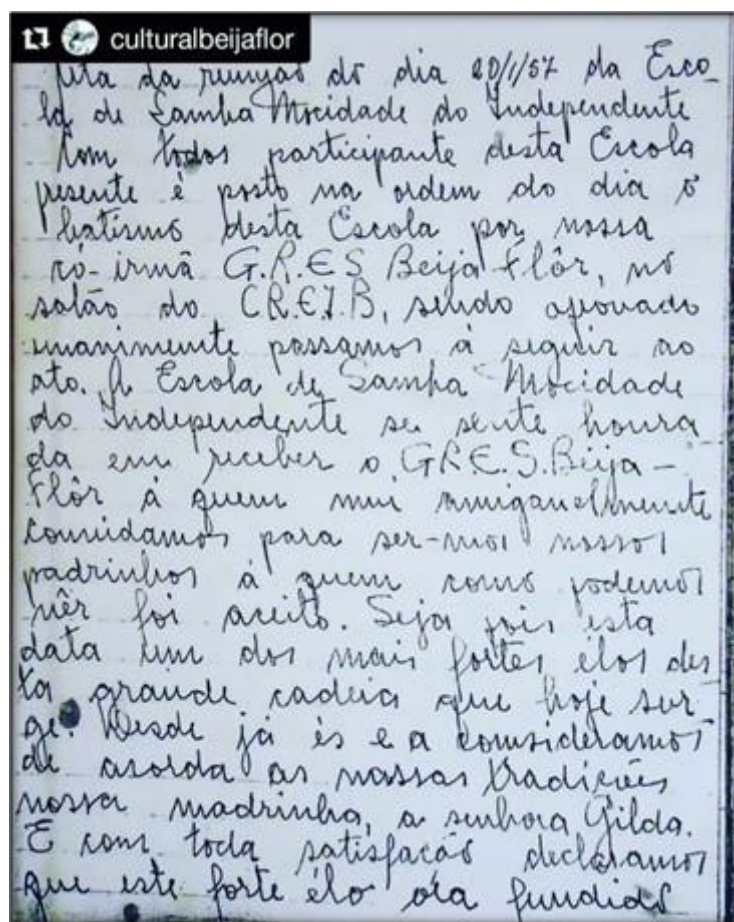
Fonte: Acervo de Wandyr Trindade – Vô Macumba.(2022)

Na primeira reunião dos preparativos para o carnaval do ano de 1956 (Figura 95), que tinha o nome de Escola de Samba Mocidade do Independente, consta na ata do dia dez de novembro de 1955, que ficou estabelecido com a aprovação da diretoria do Independente Futebol Clube, os seguintes membros para fazerem parte ativa na diretoria: Presidente - Sr. Sylvio Trindade, Vice-presidente – Sr. Renato Ferreira da Silva, Secretário-geral – Sr. Djalma Rosa Pereira, Tesoureiro – Sr. Olympio Bonifácio. E para a comissão de carnaval foi designada pela diretoria, Sr. Osmar Gonçalves da Silva, Itamar de Oliveira, Osvaldo Domingues de Castro, Sebastião Marino dos Santos e Osmar Dutra. E na comissão de enredo: Srs. Beto Couto, no cargo especial e Astrogildo Rodrigues dos Santos, como confirmada na publicação do departamento Cultural da Memória da Mocidade. Entretanto, é importante observar que o nome da agremiação era “do Independente”, onde há a junção da preposição (de) com o artigo definido (o), dando o sentido de que a agremiação era do Independente, ou seja, confirma que iniciou no futebol, sendo confirmado em um dos sambas campeões clássicos da agremiação que conta a sua própria trajetória: Vira virou, a Mocidade chegou, do ano de 1990.

A luz, oh divina luz
Que ilumina é minha estrela
Da aurora ao arrebol, arrebol
Eu em paz no verde da esperança
Tive sonhos de criança
Comecei no futebol

Agora que me tornei realidade
 Vou encontrar o meu futuro por aí
 Curtindo minha Mocidade
 E a paradinha de outros carnavais
 Sei que ninguém pode
 Esquecer Jamais.

Figura 96 – Beija -Flor batiza Mocidade Independente - Ata do dia 20/01/1957



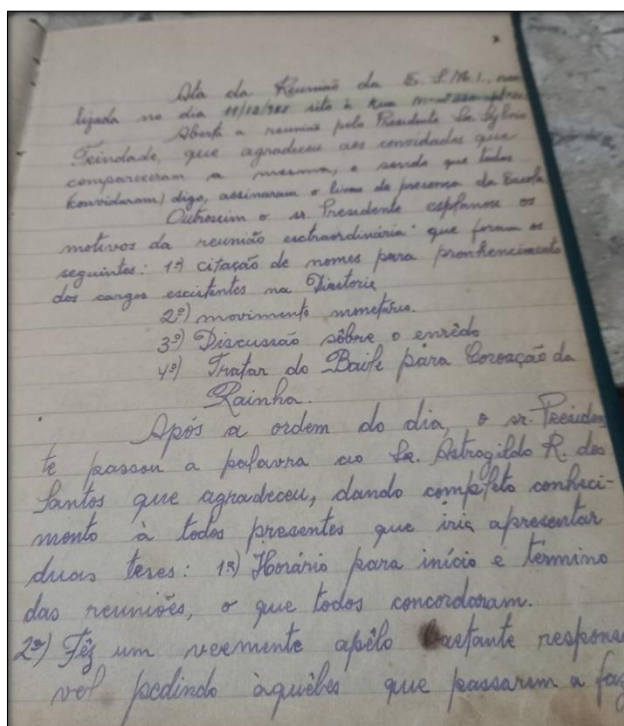
Fonte: Acervo Departamento Cultural Memória Mocidade e Beija-Flor

“Ata da reunião do dia 20 de janeiro de 1957 da Escola Mocidade do Independente (Figura 96) com todos os participantes da Escola presente e posto na ordem do dia o batismo desta escola por nossa co-irmã G.R.E.S. Beija Flor, no salão do CREIB, sendo aprovado unanimemente passamos a seguir no ato. A Escola de Samba do Independente se sente honrada em receber a G.R.E.S. Beija Flor á quem amigavelmente convidamos para ser-mos nossos padrinhos á quem como podemos vêr foi aceito. Seja pois esta data um dos mais fortes elos desta grande cadeia que hoje surge. Desde já é e a consideramos de acorda as nossas tradições

nossa madrinha, a senhora Gilda. E com toda satisfação declaramos que este forte elo da fundação.”

Este encontro abordamos melhor no capítulo III, tendo em vista que segundo depoimentos, uma pessoa foi fundamental nesse apadrinhamento, que foi Ary de Lima, nasceu no bairro de Olinda, fazia parte da agremiação Beija Flor, e se mudou para o bairro de Padre Miguel nos anos cinquenta.

Figura 97 - Ata sobre a baile de coroação da Rainha – 1958



Fonte: Acervo de Wandyr Trindade – Vô Macumba.

O Sr Presidente da ESMI, propôs a diretoria, um concurso para a Rainha do Carnaval (Figura 97), o que foi aprovado, ficando os seguintes associados presentes: Oswaldo Domingues de Castro, Joaquim Alves, Osmar Gonçalves da Silva, José Pereira da Silva e Sebastião

4.5 Castor de Andrade – 96 anos - Menção honrosa

Figura 98 - Foto: Patrono Castor de Andrade beijando a bandeira da escola, defendida por Roxinho e Soninha.



Fonte: Departamento Cultural Memória Mocidade

Sr. Castor de Andrade, um dos maiores responsáveis pelo jogo do bicho, considerado por muitos integrantes, como o eterno patrono da agremiação, era considerado o homem mais influente da década de 80, entretanto, na década de 60 se dedicava ao seu grande amor, ao futebol, com o Bangu Atlético Clube, e chegando na G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, na década de 70. Na figura 98, o patrono Castor de Andrade reverencia, ajoelhado, o pavilhão da Escola juntamente ao mestre-sala Roxinho e a porta-bandeira Soninha. Embora, conscientemente ou não, segundo Theodoro:

Mestre-sala e Porta-Bandeira fazem a dança da reza, que representam dentro de uma escola de Samba, o princípio masculino e o princípio feminino, essa relação de movimento, sob a égide dos valores comunitários, que estão representados na Bandeira, que é ancestralidade. Lidar com a Bandeira é uma grande responsabilidade, porque somente a Porta-bandeira, Mestre-sala e diretor de harmonia responsável pelo casal podem carregar. [...] Ela faz o papel de energizador do espaço, trazendo com a mobilização que faz no ar, a vida, por quem fundou a comunidade, por quem criou aquele espaço de encontro. Fazendo para que tudo pare, na hora que o mestre-sala e da Porta-Bandeira mostrar a Bandeira para a comunidade, para a bateria, para o Presidente da escola é um ritual (THEODORO, 2016).¹²⁸

O mestre-sala protege a Porta-bandeira e a Bandeira, através de seu saltitar e rodopios, numa cadência em seu gingar, protegendo o princípio feminino da Escola de Samba, que carrega o pavilhão da agremiação, que é reverenciado pelo Patrono Castor de Andrade.

¹²⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HrnJ0OxkTD0>. Consultado em 23.05.2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma pesquisa acadêmica requer diversos elementos para a sua boa condução, no que se diz respeito aos instrumentos utilizados para compô-la, que permitam um melhor aprofundamento do que está sendo analisado. Entretanto, algo de inesperado foi um componente fundamental para uma revisão de várias etapas, mediante a realidade da pandemia de covid-19 que fez com que o Mundo, no caso, maioria das pessoas se recolhessem para dentro de suas residências, tendo que se adaptar a uma nova forma de viver, em paralelo, a diversos sentimentos: De impotência, medo, insegurança, o que é peculiar ao ser humano num momento como esse.

Durante a pesquisa, apesar desse novo cenário de caos instalado, como alternativa de ocupar a mente, para poder dar conta das diversas demandas, realizei uma série de eventos online dentro da temática da cultura afro-brasileira, tendo como parceria a minha orientadora Dra. Helena Theodoro, que contribuiu para que eu tivesse a certeza de que estava escolhendo o tema na qual, meu orientador Otair Fernandes, me deu orientações para seguir pesquisando.

Iniciei com a perspectiva de saber sobre o meu saudoso pai, quando no decorrer dos estudos e entrevistas, descobri meu avô na historicidade da agremiação, me deparando e confirmei a grandiosidade que é a minha mãe, que não gosta de holofotes, mas é impossível não reconhecer que ela foi o fio condutor dessa pesquisa,

Não consegui encontrar quase fotos de família, mas me deparei com histórias e memórias de outras famílias que vieram muito anteriormente a minha na agremiação, de forma muito mais constante, nas quais, suas histórias dialogam paralelamente com a formação do bairro.

Podemos afirmar que não se pode falar do desenvolvimento local do bairro de Padre Miguel, sem destacar o nascimento da agremiação, e vice-versa, por isso destacamos no capítulo II, como foi esse processo, porque aconteceu o surgimento do bairro, pontuando as suas diversas formas, que na maioria das vezes, estão ligadas ao processo de exclusão, desigualdades econômicas e étnico-raciais.

Concomitantemente, apresentamos através das famílias, maior parte de integrantes negros, vários exemplos de valores civilizatórios africanos existentes nas relações, que inclusive, é absorvida por muitos que se auto reconhecem como pessoas brancas, moradoras no bairro.

Por ser nascida e criada no local onde está localizado o meu objeto de pesquisa, me possibilitou visitar várias páginas, e que inclusive, facilitou o andamento do processo, em meio a uma situação atípica vivida pelo mundo, como a pandemia do covid-19.

Simplesmente, porque estava no meu lugar de fala, as pessoas entrevistadas, abriam as portas de suas casas, por conta de conhecerem minha mãe, meu avô, meu pai, meu tio, enfim, eu não realizei a pesquisa sozinha, iniciei com a bagagem e consideração aos meus parentes e entes queridos, e fui encontrando, diversas famílias que tem histórias incríveis, mas não constam na historicidade do samba carioca, no entanto, servem de estímulo, e principalmente, orgulho de pertencer ao bairro e a agremiação.

Por várias vezes, me peguei chorando de emoção ao escrever, e ao mesmo tempo alimentando meu corpo de pertencimento e entendimento do ser que me torno a cada dia, compreendendo que nessa busca fortaleceu ainda mais a minha existência.

Debruçar numa pequena parte das histórias de cada família, me fez me (re) ver, reconhecer e sentir em cada uma delas, o que nos faz lembrar da escritora Conceição Evaristo, que aborda sobre a importância das "escrivências", que nos tira do lugar de objeto de estudo, local onde estivemos durante muito tempo na universidade, e passamos a contar as nossas próprias histórias, com o olhar do "conhecimento desde dentro" na qual a Antropóloga Sheila Walker pontua, e inevitavelmente, quando nos direcionamos a esse caminho, há uma necessidade de resgatar o passado, agora no presente, para que possamos construir um futuro melhor, no que a Antropóloga Elisa Larkin e Abdias Nascimento intitulam como Sankofa.

A pesquisa foi escrita por várias mãos, pensada por várias mentes, e principalmente com o ímpeto do reconhecimento, valorização de cada integrante de cada família, compreendendo que é a história do bairro, são histórias de vidas e aprendizados, todos esses fatores foram fundamentais para essa construção coletiva, que não é nada diferente do que acontece dentro do universo das escolas de samba, que tem o sentido de agregar pessoas, com a perspectiva intergeracional.

Podemos concluir que essa pesquisa é uma história de amor, em suas mais variadas formas de se conjugar o verbo amar, agregado as memórias existentes em cada ser humano.

O período analisado foi desde o surgimento do time de futebol no ano de 1952 até o ano de 1965, apontando alguns desdobramentos do período. Pesquisamos especificamente os quatro primeiros presidentes da agremiação, além de um determinado grupo de pessoas que colaboraram diretamente com a iniciação da agremiação, no que é chamado, atualmente, de Grupo Especial, portanto, o ontem e hoje se intercalam várias vezes, para o fortalecimento do amanhã.

A pesquisa foi realizada através de entrevistas online, e com o decorrer da campanha de vacinação realizada no Mundo, na qual em um determinado momento, houve a liberação dos órgãos do Ministério da Saúde e da Prefeitura, com relação à locomoção das pessoas pelas ruas. A nossa maior preocupação girava em torno do cuidado com as pessoas entrevistadas, tendo em vista que a maioria pertencia ao grupo denominado de risco. O impacto da pandemia na agremiação foi de algumas perdas, e consequentemente, parte da memória que se foi.

Em meio ao caos, as entrevistas, que denominaremos de encontros fluíram com perguntas iniciais sobre a família, que gerou muitas idas ao baú de informações contidas nas mentes, assim como, possibilitou a procura de fotos, registros que comprovam cada vivência das famílias com a escola de samba, utilizando a oralidade para compor uma pequena parte de um quebra-cabeça.

A pesquisa é composta de inúmeras fotos cedidas, muito por conta da falta de registros sobre famílias pretas, seja na mídia ou na própria universidade, que durante anos ainda negligenciam o debate sobre o tema, universalizando, nesse caso, no espaço acadêmico, unificar o que é multiplicável. Contraditoriamente, mantendo no interior dele, um determinado grupo, que na maioria das vezes, realizava suas pesquisas de maneira distanciada, pondo-nos no lugar de “objeto de estudo”, desconsiderando a multiplicidade de olhares possíveis, com o discurso de neutralidade, quando na verdade, alguns intelectuais, apresentam seus pontos de vistas, baseados num projeto de memória existente desde os primórdios, desconsiderando os conhecimentos de africanos, afro-brasileiros e povos originários.

Entretanto, com a possibilidade de ouvir vozes, no sentido semântico mais diversificado foram construídos capítulos, o que contribuiu com o primeiro objetivo da pesquisa em questão, de relacionar a formação das escolas de samba, com a valorização na cultura afro-brasileira, na constituição e afirmação de uma identidade, adentrando casas e memórias ancestrais.

Ao tratarmos de histórias de vida de cem anos atrás, é falar de um período pós-escravidão, que as desigualdades étnico-raciais eram latentes, no aspecto social, educacional e econômicos, mas, mesmo assim, diversas famílias negras ressignificaram suas formas de viver, na qual boa parte dos homens pretos abordados, não tinham o registro, principalmente, de paternidade, por vários motivos, mas notoriamente, pela consequência do período escravocrata.

Esta pesquisa apresentou as árvores genealógicas de alguns integrantes da agremiação, que através delas é possível ter conhecimento de origem das diversas famílias negras que fizeram parte da agremiação e da fundação do bairro de Padre Miguel concomitantemente, constatando que alguns são da região Fluminense, outros do Nordeste, demonstrando de que são oriundos de locais com históricos escravocratas, pautados na exclusão e descaso do Estado.

As árvores permitem concluir que a hereditariedade, ou melhor, a geração de bisavós é desconhecida por todos os grupos, muitos só conhecem, por nome, na maioria das vezes a geração de avós, o que nos leva a crer que só conhecemos até o porto, local onde houve o desembarque dos negros e negras escravizados que foram trazidos a força para o Brasil.

Outro ponto a ser comentado é o fato de os pesquisados serem oriundos de diversos bairros que já possuíam alguma escola de samba, e boa parte, levou sua bagagem de conhecimento para o bairro de Padre Miguel, compreendendo que era uma área denominada rural, onde o acesso, ao que denominamos hoje, de políticas públicas, era algo não tão cogitado para a época.

No bairro não havia eventos culturais, e os próprios moradores foram criando suas formas de se distraírem, através do futebol, que é considerado como paixão nacional, realizavam os encontros, comemorações e celebrações em torno das vitórias do time, ressaltando de como o povo à margem, e vivenciando um processo de embranquecimento, contribuíram e contribuem para que as Escolas de samba sejam referências não só nacionais, assim como internacionais, tudo isso com os grupos que fizessem a manutenção de suas culturas e principalmente, de suas memórias ancestrais.

Além disso, a participação em terreiros era algo normal, tanto que temos a presença de um padre na umbanda, o diálogo entre a igreja católica nas comemorações da festa profana, o que devemos reverenciar ao trabalho desenvolvido por Tia Chica, que além de cuidar da ancestralidade, possibilita o equilíbrio entre o visível e o invisível, da energia vital, conhecida por Axé.

Outro ponto a ser considerando é na construção do bairro, que tem pessoas dos mais variados lugares, em muitos deles, provenientes dos engenhos de cafés, onde a cultura escravocrata sempre se fez presente.

Além disso, muitos indivíduos são de outros lugares, e as informações que conseguimos obter são que Tio Vivinho era oriundo da cidade de Brasília, morou durante um período em Pilares, Tio Dengo do bairro de Rocha Miranda Sr. Orozimbo do bairro do Catete, Mestre André, não tivemos acesso aos referências de seus pais, mas sabemos que foi praticamente criado por Tio Vivinho, e que mais adiante se tornou seu genro, e Ary de Lima, que embora não tenha sido presidente da agremiação, esteve presente na fundação da agremiação, mas, nos deparamos com a busca incansável de sua filha de setenta e dois anos, que podemos considerar mulher negra do bairro a publicar um livro, em que traz memórias e recordações de um determinado grupo da agremiação, paralelo a de seu pai, que é um dos responsáveis, também por contribuir para que a G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel esteja no patamar

que ela se encontra hoje, segundo Eunice, seus pais eram descendentes de escravos, assim como todos os citados anteriormente, e mesmo assim eles proporcionaram e ressignificaram o conceito de família, apesar de terem sido frutos dessa crueldade da formação brasileira, e proporcionaram com que outras pessoas pudessem ter o sentido de família extensiva, muito bem afirmado pela Dra. Helena Theodoro, e reconstruíram o quebra cabeça ocasionado pelo período escravocrata.

Ao analisarmos suas origens, é perceptível que são de áreas onde o regime de escravidão era latente em que senhores de engenhos se beneficiavam com o tráfico negreiro, mesmo sendo um período, na qual a farsa da abolição da escravatura estava imposta.

Observar os presidentes como forma de ressignificação de território é importante para compreendermos a potencialidade deles, inclusive no contexto atual. E que nos cabe afirmar que, apesar das desigualdades latentes, mantiveram sua essência africana, e principalmente, os valores pautados na relação da cosmovisão africana, de que somos por conta de outras pessoas, e na importância de relações humanas serem estabelecidas sob a égide do amor, da alegria, da energia vital, e fundamentalmente da esperança, compreendendo de que somos diferentes uns dos outros, e não significa que não possamos interagir.

Quando abordamos sobre a historicidade de vida dessas pessoas, estamos intimamente ligadas à história da Velha Guarda, que é o setor da agremiação que possui a responsabilidade de manter viva essas trajetórias, e principalmente essas histórias.

Na pesquisa não podemos deixar de ressaltar a grande importância das mulheres negras, que mantenedoras das memórias foram de suma importância para que as histórias, principalmente desses homens, na qual, durante o processo civilizatório da sociedade sempre estiveram vulneráveis ao contexto social. E por outro lado, o período corresponde a um momento em que muitas coisas eram proibidas para as mulheres, mas mesmo assim, elas romperam, a barreira das impossibilidades, consequentemente demonstrando o pioneirismo das mulheres negras em vários setores da sociedade, em burlar o proibido. Por outro lado, fica latente a compreensão dos homens, da grande importância da contribuição feminina na agremiação.

Portanto, a pesquisa está relacionada ao contexto do amor, algo que foi, por inúmeras vezes tentado tirar da população afro-brasileira, mas que está presente em sua essência, onde podemos perceber o amor à vida, as pessoas nas suas mais diversas maneiras, seja também no amor ao samba, a agremiação, e principalmente a aquilo que possam lhe fazer felizes, apesar de tudo. É lógico que não encontramos somente a felicidade, até mesmo porque, ela é algo que não se pode dimensionar, nos deparamos com a injustiça, a invisibilidade, o ostracismo, o

silêncio, que muitas vezes ecoa uma(s) voz(es), oprimida(s), mas que não os impossibilitou de encontrar com este tão venerado substantivo chamado.

Isto está relacionado ao universo das escolas de samba, que consegue manter a concepção de família, tendo a presença das crianças, dos adultos e de seus mais velhos e mais velhas, que na cosmovisão africana, são denominados de *Griot*. Entretanto, conforme o decorrer de uma ânsia materialista dessa sociedade pautada nos padrões eurocêtricos, foi se perdendo, se esvaziando, e sendo mantida por alguns integrantes da agremiação, inconscientemente ou não.

Entretanto, com o decorrer das exigências comportamentais latentes no cenário social atual, esses "vazios" passaram a ser diagnosticados por descendentes de negros escravizados trazidos para o Brasil, e por grupos comprometidos com um mundo melhor, em considerar inaceitável, e muitas vezes romantizada esta situação, que embora, alguns grupos que são beneficiados com o racismo no Brasil, e que relutam, para que possam manter seus benefícios hegemônicos, há um grupo em paralelo, que através de ações socioculturais vai de encontro ao processo de pensamento escravocrata existente atualmente, possibilitando uma busca e reflexões sobre as famílias negras no Brasil. E as mulheres negras têm o papel fundamental de reverter esse quadro, tendo em vista de que são seus pais, filhos e netos que estão na mira do genocídio tão latente.

Não foi diferente na pesquisa, mesmo que muitas não tenham essa noção, foram as mulheres negras que preencheram as lacunas existentes nesta atividade, através de seus cuidados com a família, com a manutenção das histórias de familiares e principalmente, por compreenderem a importância de manterem as memórias de seus entes fluindo, para que, grupos de parentes mais jovens, possam recorrer a essa pesquisa, além de um banco de dados, como mergulho pra dentro de si, e que possa colaborar com o melhor entendimento e pertencimento de cada uma pessoa que necessite essa busca interna.

Na fundação da agremiação é possível constatar que através das festas celebravam a vida, a aglutinação das pessoas, e o papel feminino, entre elas, a maioria formada por mulheres negras, nesse contexto foi importante, sejam nas participações como baianas, rainhas, princesas, apoiadoras e incentivadoras do processo de construção coletiva.

No livro da ata de fundação da agremiação, existem o registro de várias atividades para arrecadação de fundos para a preparação do carnaval seguinte, realizavam inúmeros eventos intitulados como tarde dançante, no dia 08.12.57 (pag. 66), festas regadas com muita comida e bebida, que se iniciou oficialmente numa reunião no dia 04 de dezembro de 1956, com a preparação de uma feijoada, e nos anos seguintes, com peixada (14.10.57, pag. 67), Angu à

baiana (04.01.58, pag. 85), Caruru à baiana (21.12.1957, pag. 87) e muita feijoada, que com certeza teve a participação das mulheres, conforme pode ser comprovado a existência de um departamento feminino na ata de fundação, do dia 08.01.1957, página 35, na qual pertencia Sra. Doralice Santana, Archeangela Maria de Mendonça, Wilma Amerte da Silva Vital, entre outras. Elas foram atuantes em outros setores, na confecção da bandeira, na compra da primeira geladeira, ou até mesmo, o de ceder, parte de suas casas para que o grupo celebrasse a vida, entre outras atividades. Podemos perceber, inclusive, a presença africana nas iguarias dos encontros.

Havia uma participação efetiva da comunidade no entorno, colocando na prática os valores civilizatórios africanos que estão relacionado ao movimento, a circularidade e a renovação, onde é perceptível de que a energia vital se faz presente, ou seja, tudo que é vivo, tem axé. O apelido do time que era conhecido como “arroz com couve”, é pelo simples fato de que eles estavam em contato permanente com a natureza, tendo em vista que o bairro possuía uma área de vegetação muito grande, e natureza é vida, sendo representada por tudo que a constitui, por tudo que é sagrado.

A oralidade se fez e se faz presente, potencializada de sentidos, que possibilita o ir e vir das emoções, o pulsar dos corações que trazem memórias subterrâneas à tona, nas quais possibilita termos acesso a memória coletiva e individual, que dialoga com a lembrança que os outros nos trazem, se contrapondo com a “memória oficial”, nesse caso, o das escolas de samba que, não são contadas, para possibilitar a hegemonia de um determinado grupo.

No entanto, durante a pesquisa, comprovamos de como os sambas que foram importantes na história da memória da comunidade, e que continuam sendo cantados. Ao relacionarmos com a tradição escrita imposta, na qual o conhecimento fica apenas para quem tem possibilidade ou oportunidade, a pesquisa mostra que cânticos de outrora, são cantados pelos entrevistados e entrevistadas, confrontando com o discurso de que a escrita é mais importante que a oralidade, tendo em vista que, através dessas lembranças, comprova que se trata de uma falácia.

A grande importância de valorizar as cantigas de grupos afro-brasileiros, como a capoeira, jogo, Folias de Reis, escolas de samba, através dos sambas enredos, nas quais contam a história e vivências de um grupo, período e principalmente sobre o Brasil. E a Velha Guarda tem esse papel importante de manter presente e vivo os sambas antigos, o que faz dela verdadeira biblioteca ambulante.

Nas escolas de samba, além da energia vital e a oralidade, podemos constatar a corporeidade, musicalidade, ludicidade e cooperatividade, elementos pertencentes aos valores

civilizatórios afro-brasileiros, ressaltando que a memória de descendentes do continente africano não é fluída, e sim orgânica, fazendo parte de sua essência.

Muitos dos entrevistados e entrevistadas vivenciaram a essência da formação da agremiação no contexto familiar, com lembranças desde a infância de forma ativa ou não, o que possibilitou compreender que muitos de seus aprendizados sobre a cultura do País foi aprendido através de histórias contadas pelas escolas de samba, compreendendo que nas escolas conhecidas como tradicionais não há esse diálogo, o que apontaremos futuramente mais adiante, quando relacionarmos a importância do Estado nesse contexto. Entretanto, as Escolas de samba durante alguns períodos foram utilizadas, muitas vezes, obrigatoriamente a disseminar a cultura nacionalista que afirma que “somos todos iguais”, uma forma que o Estado, manipulava as informações para que fosse feita a manutenção da farsa da democracia étnico-racial no país, em alguns períodos, havia a obrigatoriedade de abordar temas escolhidos por ele e por grupos minoritários, mantenedores de seus privilégios culturais, sociais, econômicos e políticos.

Para atingir o segundo objetivo de traçar a trajetória do G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel e identificar suas referências culturais a partir de memórias e histórias de protagonistas citados na pesquisa, destacamos as influências de outras agremiações como o G.R.E.S. Portela (1923), e Mangueira (1928), Império Serrano (1947), Vizinha Faladeira (1932), assim como as contribuições do G.R.E.S. Unidos da Capela (1933), G.R.E.S. Acadêmicos de Santa Cruz (1959), entre outras.

Nas entrevistas, foi possível perceber que o contato entre as outras agremiações sempre esteve presente de várias maneiras, por tradição, embora exista a “competitividade” entre elas, há um respeito, o que podemos confirmar até os dias atuais nos Encontros das Galerias das Velha Guarda e da ala das baianas, que foram pioneiras nesse quesito, influenciando outras alas a se reunirem em determinados períodos. Há o que elas intitulam de amadrinhar, ou seja, uma agremiação dá uma chancela para a outra. No caso da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, a madrinha da agremiação é a G.R.E.S. Beija Flor, que quase por unanimidade dos entrevistados, informam que aconteceu por conta de Ary de Lima, que conforme consta no capítulo III, era morador do bairro de Olinda e já possuía uma bagagem de conhecimento de escola de samba, compartilhando com o time de futebol da época, inclusive, os entrevistados clamam por um maior reconhecimento de Ary de Lima, compreendendo que suas contribuições foram fundamentais para o que a escola de samba é hoje.

Com relação a participação na agremiação, muitos dos integrantes passaram por vários setores nela, iniciaram por influência da família, ou alguns, que foram influenciados pela energia vital existentes nas Escolas de samba. Quando questionados sobre as suas referências

na agremiação, nomes que mais tarde viraram capítulos dessa pesquisa foram citados, além de muitos outros, que por conta de vários fatores, como a pandemia, a dificuldade de encontrá-los, por que o período da pesquisa se deparou com dois carnavais no ano de 2022, um não oficial, no mês de fevereiro, e o outro, oficial, no mês de abril, e além de alguns preferirem não tocar no assunto, por angústia, decepção, frustrações e / ou medo.

Várias versões sobre a história da agremiação vieram à tona, no entanto, tiramos como opção do que a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi afirma, “O perigo da única história”, com isso preferimos respeitar as histórias, analisando seus contextos e pontos de vistas, sem o olhar pragmático do que é certo ou errado, sem julgamentos, não temos esse direito, e mesmo se tivéssemos, não seria o coerente para nós que estamos dentro da estrutura da Universidade, que até os dias de hoje, não reconhece as Escolas de samba como olhar filosófico, que utiliza da recriação e readaptação da memória ancestral em suas existências, mesmo que inconscientemente ou não

Ressaltamos que a finalidade dessa pesquisa é contribuir para que não seja propagado o epistemicídio do conhecimento do povo negro, nesse caso, compreendendo que as histórias se misturam, porque somos ontem, hoje e amanhã, não se separa essa temporalidade, como na visão ocidental.

Os capítulos desmembrados, na medida do possível, a partir das datas de nascimento, para proporcionar uma reflexão sobre a forma de celebrar a vida, e ao mesmo tempo fazer algumas indagações de como o tempo age no presente. Ao relacionarmos pessoas centenárias no contexto da agremiação, possibilita uma nova perspectiva, tendo em vista, que por unanimidade foi confirmado que a história da fundação da agremiação está presente nas memórias de moradores antigos do bairro, que afirmam que a Mocidade começou no futebol, citado num trecho do samba-enredo campeão do ano de 1990, “Vira, virou, A Mocidade chegou”, entretanto há contradições de datas em alguns documentos da agremiação, que leva em consideração apenas o registro em cartório, no entanto, na própria ata, no dia 11.12.1956, página 28, há uma declaração do presidente Sylvio Trindade afirmando que começou no futebol, além de depoimentos de fundadores da agremiação, no Museu da Imagem e do Som de 31.12.1967, no Centro Cultural Cartola com os depoimentos de Ivo Lavadeira de 22.08.2009 e Mestre Jorjão de 28.01.2017. Portanto, se ela começou no futebol, como afirma no samba enredo, a agremiação tem 70 anos de existência.

As informações constante nessa pesquisa, possibilitam rearrumar e propagar, para os apaixonados pela agremiação, que em sua maioria, não conhece as trajetórias e muitas vezes, o valor das grandes contribuições realizadas nesse período dos anos 50 a 60, que refletem até

os dias de hoje, como a invenção da paradinha da bateria em 1959, que mesmo com suas várias versões de como ocorreu, a G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel foi pioneira, deu início à um dos momentos mais esperados durante o desfile em todas as agremiações. Capaz de fazer o corpo transcender em sua magnitude, a “paradinha” é sem sombra de dúvida, o ápice de quem é apaixonado por escola de samba.

A criatividade de componentes da agremiação, sempre foi constante, porque, era uma época, em que ser sambista era marginalizado, estava fora do contexto exigido nos padrões de pessoas do bem, conseqüentemente, ressignificar, reinventar, sempre foram ações da população afro-brasileira, e inventaram, a baqueta do tamborim com três hastes, para aumentar o volume do som. Há diversos debates de que essa invenção aconteceu no início dos anos 70, entretanto, foi comprovada no capítulo III sobre Mestre André, o desafio que tinham que enfrentar na avenida pela primeira vez, estando à frente da bateria da G.R.E.S. Portela, conhecida como Tabajara do Samba, é algo para ser reverenciado. Outras invenções que vários entrevistados informaram, foi o reco-reco de tatu, instrumento que Mestre André sempre usava, e a ala de tamborins, coreografada, composta, na maioria, por mulheres, e outros pioneirismos, após o período pesquisado.

A Galeria da Velha Guarda é o setor que tem ou deveria ter essas informações, ela possui o papel de guardião da memória ancestral da escola, assim como, tem a responsabilidade de manter a sua preservação, tendo em vista que a raiz da agremiação está na velha guarda, é como se fosse uma árvore para dar bons frutos, e uma árvore sem raiz, não pode dar alimentos que proporcione o verdadeiro bem-estar. No capítulo III, Mestre André, em seu depoimento no Museu da Imagem e do Som, de 1967, se refere aos presidentes do período pesquisado de “Velha guarda”, ou seja, ele já intitulava o nome no processo de formação da agremiação, que já foi fundada pela “Velha-guarda”, confirmando que essa história foi construída na fase da sabedoria, através de trajetórias, suor, lágrimas, envolvendo muita alegria, compreendendo de que ninguém faz nada sozinho, e numa agremiação todos são importantes, a energia vital que circula entre os integrantes são fundamentais para que faça sentido à vida. E com o passar dos tempos, na cultura ocidental, na qual jovens, considerando que os mais velhos não são dignos de serem respeitados, o que denominamos hoje de etarismo, e no processo de disputa, invisibilizam todas essas histórias pontuadas na pesquisa, mesmo que sem intenção.

Hoje, entre os entrevistados, alguns deles, agora mais velhos, reconhecem o valor de cada um dos pesquisados, e principalmente, num ato de redenção, foram os que mais contribuíram para o andamento da pesquisa.

A Escola de samba em sua estrutura organizacional, que já foi comentado em alguns capítulos anteriores, possibilita o diálogo intergeracional, ou seja, a Galeria da Velha Guarda dialogando com a ala das crianças e/ou Escola Mirim, para que o pertencimento, e a transmissão de conhecimentos, seja algo presente, inclusive, ampliando o diálogo com as escolas municipais e estaduais no entorno, já que no bairro é possível encontrar escolas com os nomes de Patronos como CE República de Moçambique, CIEP Poeta Cruz e Souza, EDI Vila Vintém, além do CIEP Mestre André e Vila Olímpica Mestre André, em homenagem a uma das maiores figuras representativas do universo do carnaval brasileiro, incentivar as mais diversas formas de propagar a história não só do bairro, dos fundadores da agremiação, assim como da cultura afro-brasileira e indígena, implementando as Leis 10.639/03 e 11.645/08, que possibilita uma educação pautada na multiplicidade e interdisciplinaridade. Contribuindo com que o corpo discente e docente, oriundos do bairro, se vejam nessas histórias, criando uma ressemantização da trajetória de famílias pretas, inseridas num contexto de desigualdade, e que foram capazes de transformar o mundo.

Transmitir essa informação para moradores, considerando que todo lugar tem a sua memória familiar própria, que possuem diferentes pontos de vistas, como é perceptível nas redes sociais, na qual diferentes grupos, na maioria das vezes de forma voluntária, mantêm as memórias da agremiação, assim como, o BN10, Bateria Nota 10 que são os discípulos de Mestre André, que correspondem as memórias vivas do bairro, e que merecem ter o primordial respeito, considerando que estamos retratando sobre pessoas que de alguma forma levou o nome do bairro para outras fronteiras, nacionais e internacionais.

Não podemos deixar de destacar que a memória da Mocidade está presente no entorno da quadra tradicional, no entanto, poderia ser mais preservada, inclusive apoiando ainda mais as ações da Velha Guarda, que realizou no dia 06 de novembro de 2022, o encontro das Galerias das Velhas Guarda que tem uma filosofia de vida bem diferente, componentes de diversas agremiações se encontram para celebrar a vida, para homenagear uns aos outros, é uma troca de axé (energia vital), é um desfile de moda identitária, quando cada um traz em suas vestimentas, as cores da sua escola amada. É um amor incondicional pela sua agremiação. Amor esse, que precisa ser recíproco, ou seja, respeitar e preservar a memória da agremiação é manter viva a chama do amor ancestral pulsando.

Em suma, todas essas práticas são importantes para o acervo dos patrimônios existentes no Brasil, como bens culturais de natureza imaterial que manifestam seus saberes e conhecimentos através da arte, que devem ser estimulados na transmissão de gerações em gerações, promovendo o respeito a diversidade cultural.

Essa pesquisa tem como propósito valorizar as multiplicidades de uma cultura, e servir de estímulo para que outros grupos, indivíduos se sintam estimulados em propagar essas memórias que estão vivas entre nós, e que necessitam de mais respeito a essa ancestralidade que fez muito, em condições completamente desiguais, dentro do contexto das famílias negras.

Muitas pessoas consideram as Escolas de Samba somente para entretenimento, mas ela possui o papel fundamental desde a sua formação, de contar as histórias do Brasil para os brasileiros e o Mundo, através das mais variadas mídias, desempenhando um papel educador, não é à toa que seu nome é Escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Cia das Letras, v. 6, 2008.
- ARAÚJO, H.; JÓRIO, A. **Escolas de samba em desfile. Vida, paixão e sorte**. Rio de Janeiro: encadernação desconhecida, 1969.
- BASTIDE, R. **As Américas negras**. São Paulo: Divisão Européia do Livro, 1974.
- BOSI, E. **Memória e sociedade - Lembrança dos velhos**. SP: TA Queiroz Editor Ltda, 1979.
- BRANDÃO, A. P. **A cor da Cultura - Modos de interagir, saberes e fazeres**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, v. 3, 2006. 152 p.
- BRASIL. **Decreto nº 3.551, de 4 de agosto**. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial: Diário Oficial, 2000.
- BRASIL, C. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- CABRAL, S. **As Escolas de Samba do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.
- CAVALCANTI, M. L. V. D. C. Carnaval: O rito e o tempo. **Visões do Carnaval**, Brasília, p. p. 21-28, 2004.
- CHAGAS, M. Memória e poder: Dois movimentos. **Cadernos de Sociomuseologia**, Rio de Janeiro, 2002.
- CHAGAS, R. S. **A união faz a força: expressões do mito familiar em famílias negras**. São Paulo: Intermeios, 2014.
- CHUVA, M. Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. **Revista do Patrimônio**, Rio de Janeiro: , v. 34, n. IPHAN (organização: Márcia Chuva)., p. 147-163, 2012.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. São Paulo: EDUSC, 2002.
- CURY, I. **Cartas Patrimoniais - Revista e aumentada**. 3ª. ed. [S.l.]: IPHAN, 1995.
- DINIZ, A.; MEDEIROS, A.; FABATO, F. **As Três Irmãs: Como um trio de penetras "Arrombou a festa"**. Rio de Janeiro: Nova Terra, 2012.
- DODEBEI, V.; FARIAS, F. R. D.; , G. Estudo interdisciplinares em memória social - Por que memória Social? **Revista Morpheus - UNIRIO**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 9, março 2016.

EUCLIDES, M. S.; DA SILVA, J. Dialogando autoetnografias negras: Intersecções de vozes, saberes e práticas docentes. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da conquista- Bahia , v. 15, n. 32, p. 33-52, abr /jun 2019.

FABATO, F. “Sou independente, sou raiz também, sou Padre Miguel, sou Vila Vintém”. **Revista da Mocidade Independente de Padre Miguel**, Rio de Janeiro, 2007.

FAPPI, T. **Antepassados negros - Genealogia para brasileiros afro-descendentes**. Alemanha: Leipzig, 2018. 80 p.

FERNANDES, N. D. N. **Escolas de Samba Sujeitos celebrantes objetos celebrados**. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da, 2001.

FONSECA, M. C. L. Para além da pedra e cal: Por uma concepção mais ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, R. **Memória e Patrimônio: Ensaio contemporâneo**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 59-79.

FUTURA, C. et al. O Projeto - Valores civilizatórios. **A cor da Cultura**, 2004. Disponível em: <<http://www.acordacultura.org.br/oprojeto>>. Acesso em: jul 2005.

GONÇALVES, L. A. O.; E SILVA, P. B. G. **O jogo das diferenças - O multiculturalismo e seus contextos**. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GONÇALVES, M. A. R. **O samba é o dom - Sobre as velhas guardas e a presença da dádiva nas relações de sociabilidade.**, Rio de Janeiro, v. 71, p. 252-273, dez 2018.

GUINOND, J. "Sonhar não custa nada e o meu sonho é tão real". In: COLEMAN, S. R. **Mulheres Negras Brasileiras: Presença e Poder - da Exposição ao livro**. [S.l.]: CRV, 2020. p. 219-228.

GUINOND, J.; OSSIMO, M. A. O samba carioca e suas relações sociais (1900 - 1980). **Revista de Estudos sobre Jesus Histórico e sua Recepção**, Rio de Janeiro, 28, 15 jan 2022. 43-62.

HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HAMPATÉ. Tradição Viva. In: KI-ZERBO, J. **História Geral da África - Metodologia e pré-história da África**. 2 rev. ed. Brasília: UNESCO, SECAD e UFSCAR, v. 1, 2010.

IPHAN, I. D. P. H. E. A. N.-. **IPHAN. Saberes, fazeres, gingas e celebrações. Ações para salvaguarda de bens registrados como patrimônio cultural no Brasil**. Brasília. : IPHAN, 2002-2018.

_____. **Parecer DPI Registro das Matrizes do Samba do Rio de Janeiro: Partido alto, samba de terreiro e samba enredo**. Brasília: IPHAN, 2007. 17 p.

_____. **Dossiê Matrizes do Samba do Rio de Janeiro: partido alto, samba de terreiro e samba enredo**. Brasília: IPHAN, 2014. 204 p.

ISNARD; CANDEIA. **Escolas de Samba: a árvore que esqueceu a raiz**. Rio de Janeiro: Lido / SEEC, 1978.

LAMEGO, A. P. **Viajantes estrangeiros na zona oeste carioca do século XIX**. Rio de Janeiro: Editora Fi, 2020.

LIMA, A. C. D. Escola dá samba? O que dizem os compositores de samba do bairro de Osvaldo Cruz e da Portela. In: CANDAU, V. M. F. **Sociedade, Educação e cultura(s): questões e propostas**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LIMA, E. **Saudosista Apaixonado**. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, v. 2, 2022.

LIMA, E. L. **Saudosista Apaixonado Ary de Lima**. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, v. 1, 2020.

LOPES, N. **Novo Dicionário Banto do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

_____. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana [recurso eletrônico]**. 4. ed. São Paulo: Selo Negro, 2011.

LOPES, N.; SIMAS, L. A. **Dicionário da história social do samba**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

MENESES, U. T. B. D. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Rev.Inst. Est. Bras**, p. 16, 1992.

_____. O campo do Patrimônio cultural: Uma revisão de premissas. **IPHAN**, 2006.

MIGUEL, M. I. D. P. **Revista Mocidade 50 anos - A história contada através dos tempos**. Rio de Janeiro: Departamento Cultural, 2005.

MOTTA, M. M. M. História e memória. **Memória Social - Cadernos do CEOM**, Santa Catarina, v. 12, n. Parte 2, p. 179-199, 2016.

NASCIMENTO, A. Quilombismo: Um conceito emergente do processo histórico cultural da população afro brasileira. In: NASCIMENTO, E. L.. In: NASCIMENTO, E. L. **Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro Edições, v. 4, 2009. Cap. 9, p. 197 a 218.

NASCIMENTO, E. L. Sankofa: significados e intenções. In: NASCIMENTO, E. L. **A matriz africana no Mundo**. Rio de Janeiro: Selo Negro Edições, v. 1, 2009. p. 19-32.

NIROBE, P. A tradição das baianas da Mocidade. **Revista da Mocidade Independente de Padre Miguel**, Rio de Janeiro, p. 29, 2016.

NOGUEIRA, A. G. R. Diversidade e sentidos do patrimônio cultural: Uma proposta de leitura da trajetória de reconhecimento da cultura afro-brasileira como patrimônio nacional. **Anos 90**, Porto Alegre, 15, n. 27, jul 2008. 233-255.

NORA, P. **Entre a memória e a história - A problemática dos lugares**, São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, L. C. **Famílias Negras Centenárias: memórias e narrativas**. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2016. 370 p.

OLIVEIRA, O. F. Cultura Afro-brasileira e patrimônio cultural - Considerações preliminares. In: FELIPE, D. A.; OLIVEIRA, O. F.; ESCOBAR, G. V. **Patrimônio E Cultura Afro-brasileira: Memória, identidade e reconhecimento**. [S.l.]: Ribeirão Gráfica e Editora, 2018. p. 10-28.

PEREIRA, B. **Estrela Que Me Faz Sonhar**. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2013.

PINTO, M. F. **Salve o matriarcado: manual da mulher búfala**. Rio de Janeiro: Aruanda Editora, 2021.

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro:, v. 5, p. 200-212., 1992.

_____. A gestão do indivisível. **Revista do instituto cultural judaico Marc Chagall**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, jan-jun 2010.

RAMOS, V. M.; DA SILVA, R. M. B. "Licença meu pavilhão": A apresentação da bandeira da Escola de samba como ritual de conexão ancestral. **Revista de estudos sobre o Jsus Histórico e sua Recepção**, Rio de Janeiro, 15 jan 2022. 80-94.

SANTO, S. **Do Samba ao Funk do Jorjão**. [S.l.]: Kbr Editora, 2016.

SILVÉRIO, V. O multiculturalismo e o reconhecimento: mito e metáfora. **Revista USP**, São Paulo, n. 42, p. 44-55, junho/agosto 1999.

SISS, A. Afro-Brasileiros, cotas e Ação afirmativa: raízes históricas, Rio de Janeiro, n. Quatert/PENESB, 2003.

SODRÉ, M. **O terreiro e a cidade: a forma social negro brasileira**. 3. ed. Rio de Janeiro: MAUAD Editora Ltda., 1942.

_____. **Samba, o dono do corpo**. 2. ed. Rio de Janeiro: MAUAD Consultoria e Planejamento Editorial Ltda., 1942.

SOMÉ, S. **O Espírito da Intimidade: Ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. São Paulo: Odisseus, 2018.

SOUZA, M. L. E. **Heranças Africanas no Brasil**. Rio de Janeiro: Cadernos CEAP, 2009.

THEODORO, H. **Cultura Afro-brasileira**. Rio de Janeiro: Cadernos CEAP, 2007.

_____. Guerreiras do Samba. In: _____ **Textos escolhidos de cultura e artes populares**. Rio de Janeiro: TECAP/ UERJ, v. 6, 2009. p. 223-235.

THEODORO, H. **Iansã - Rainha dos ventos e das tempestades**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

THOMAZ, A. A raiz da Mocidade - Uma Escola de samba que não sobrevive sem a sua história. **Revista Mocidade**, Rio de Janeiro, 2006. 65-69.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. Paris: [s.n.], 2006.

WALKER, S. S. **Conhecimento desde dentro os afro-sul-americanos falam de seus povos e suas histórias**. Rio de Janeiro: Kitabu Editora, 2018.

XAVIER, P. O. Cidade Maravilhosa: o Rio de Janeiro representado pelas letras, out/2016 a mar/ 2017 7 número 12.

APÊNDICE

APÊNDICE A - ENTREVISTAS

Objetivos e perguntas do questionário para entrevistados(as).

- 1) Relacionar a formação das Escolas de samba com a valorização da cultura afro-brasileira, na constituição e afirmação de uma identidade afro-brasileira;
 - a) Nome e idade?
 - b) Onde nasceu? Quem são seus pais? Conte um pouco sobre a sua família.
 - c) Quando começou o seu contato com a Escola de samba?
 - d) Qual a importância das Escolas de samba para você?

- 2) Traçar a trajetória do GRES Mocidade Independente de Padre Miguel e identificar as suas referências culturais, a partir das memórias e histórias de seus principais protagonistas;
 - a) Qual (is) o (s) setor (es) da Escola em que atua ou atuou?
 - b) Quais são suas referências na Escola?
 - c) O que sabe sobre a fundação da Escola
 - d) Quais os nomes e ações que considera importante no período da fundação da Escola?

- 3) Discutir a importância da Velha Guarda como principal referência da Escola do GRES Mocidade Independente de Padre Miguel, como guardiã da memória ancestral da Escola, bem como aspectos relacionados à sua preservação.
 - a) O que representa a Velha Guarda para você?
 - b) O que acha importante fazer para manter a memória da fundação da Escola?
 - c) Qual a sua relação com a Velha Guarda?

ANEXO I– MATÉRIAS SOBRE A MOCIDADE JORNAIS (1956 A 1969)

Anexo A - Rainha do “Independentes de Padre Miguel” - Jornal Correio da Manhã - 1956



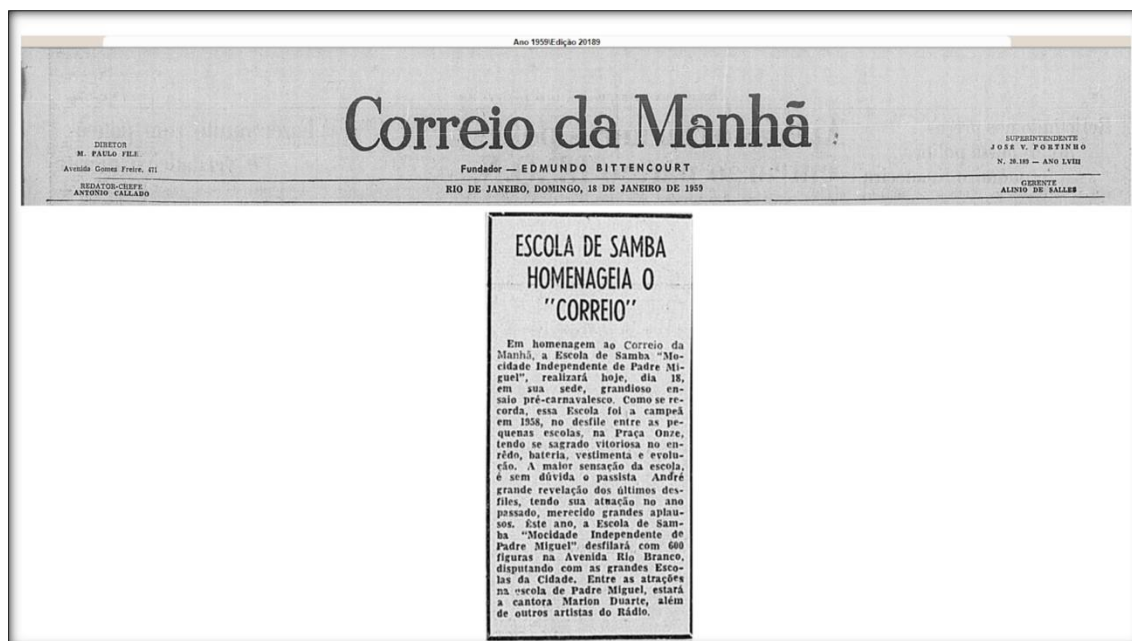
Fonte: Jornal Correio do Amanhã – Edição 19290 – 11.02.1956

Anexo B - Mocidade homenageia o Jornal Correio da Manhã - 14.01.1959



Fonte: Jornal Correio do Amanhã – Edição 20185 – 14.01.1959

Anexo C - Mocidade homenageia o Jornal Correio da Manhã - 18.01.1959



Fonte: Jornal Correio do Amanhã – Edição 20189 – 18.01.1959

Anexo D - Mocidade homenageou direção do Jornal Correio da Manhã - 20.01.1959



Fonte: Jornal Correio do Amanhã – Edição 20190 – 20.01.1959

**Anexo E – Presença do Diretor Presidente do Correio da Manhã e Ministro no bairro de Padre Miguel -
Matéria do Jornal Correio da Manhã - 25.01.1959**



Fonte: Jornal Correio do Amanhã – Edição 20195 – 25.01.1959

Anexo F - Mocidade volta a homenagear o Jornal Correio da Manhã - 03.02.1959



Fonte: Jornal Correio do Amanhã – Edição 20202 – 03.02.1959

Anexo G –Veteranas concorrentes do super-desfile temem o valor da “Mocidade Independente” - Jornal
Correio da Manhã - 07.02.1959

Correio da Manhã
Fundador — EDMUNDO BITTENCOURT
RIO DE JANEIRO, SABADO, 7 DE FEVEREIRO DE 1959

VETERANAS CONCORRENTES DO SUPER-DESFILE TEMEM O VALOR DA “MOCIDADE INDEPENDENTE”

O superdesfile das Escolas de Samba, a realizar-se amanhã à noite na Av. Rio Branco, apresentará uma nova concorrente que, a despeito de não ser de nossa urbs, tem como centro suas raízes a Mocidade Independente de Padre Miguel, que tem como cartel de apresentação, sua autêntica vitória no carnaval passado, quando participou do desfile da Praça Onze. Por várias vezes, estiveram em visita ao seu redator, presenciando suas ensaios e podendo observar e avaliar a preparação e o valor da Mocidade Independente de Padre Miguel, para concorrer com as mais poderosas escolas, na magna apresentação de amanhã.

UM POUCO DE SUA HISTÓRIA
A Escola de Samba, surgiu de um colar entre suas pastas, aquela muito simples. Até 1935, era conhecida como a Mocidade Independente de Padre Miguel, e depois, com o nome de Mocidade Independente de Padre Miguel. A escola, que nasceu em 1935, em uma das ruas da cidade, foi fundada por um grupo de jovens, que se reuniram para cantar e dançar. A escola, que nasceu em 1935, em uma das ruas da cidade, foi fundada por um grupo de jovens, que se reuniram para cantar e dançar. A escola, que nasceu em 1935, em uma das ruas da cidade, foi fundada por um grupo de jovens, que se reuniram para cantar e dançar.

BRILHANDO NA “CAPITAL DO SAMBA”
Apesar de tudo, as dirigentes da E. S. “Mocidade Independente de Padre Miguel”, não estavam satisfeitas com o resultado alcançado no desfile de 1958. Elas estavam determinadas a fazer uma escola que fosse capaz de competir com as grandes escolas de Samba, e que se tornasse uma das principais forças do carnaval carioca. A escola, que nasceu em 1935, em uma das ruas da cidade, foi fundada por um grupo de jovens, que se reuniram para cantar e dançar.

ATUAL DIRETORIA
Também com os títulos na Praça Onze, a diretoria daquela apresentação, foi a mesma. Ela é formada por: Presidente: Carlos de Almeida; Vice-presidente: Carlos de Almeida; Secretário: Carlos de Almeida; Tesoureiro: Carlos de Almeida; Porta-bandeira: Carlos de Almeida; Diretor de Samba: Carlos de Almeida.

SURGEN OS TRUFOS
A escola, que nasceu em 1935, em uma das ruas da cidade, foi fundada por um grupo de jovens, que se reuniram para cantar e dançar. A escola, que nasceu em 1935, em uma das ruas da cidade, foi fundada por um grupo de jovens, que se reuniram para cantar e dançar.

O clichê mostra uma fase do ensaio geral da E. S. “Mocidade Independente de Padre Miguel”
A escola, que nasceu em 1935, em uma das ruas da cidade, foi fundada por um grupo de jovens, que se reuniram para cantar e dançar. A escola, que nasceu em 1935, em uma das ruas da cidade, foi fundada por um grupo de jovens, que se reuniram para cantar e dançar.

Fonte: Jornal Correio do Amanhã – Edição 20206 – 07.02.1959

Anexo H - O dia em que se consagrou no Super desfile – Espera de 14h – Desfilou às 10h da manhã -
Matéria do Jornal Correio da Manhã - 12.02.1959

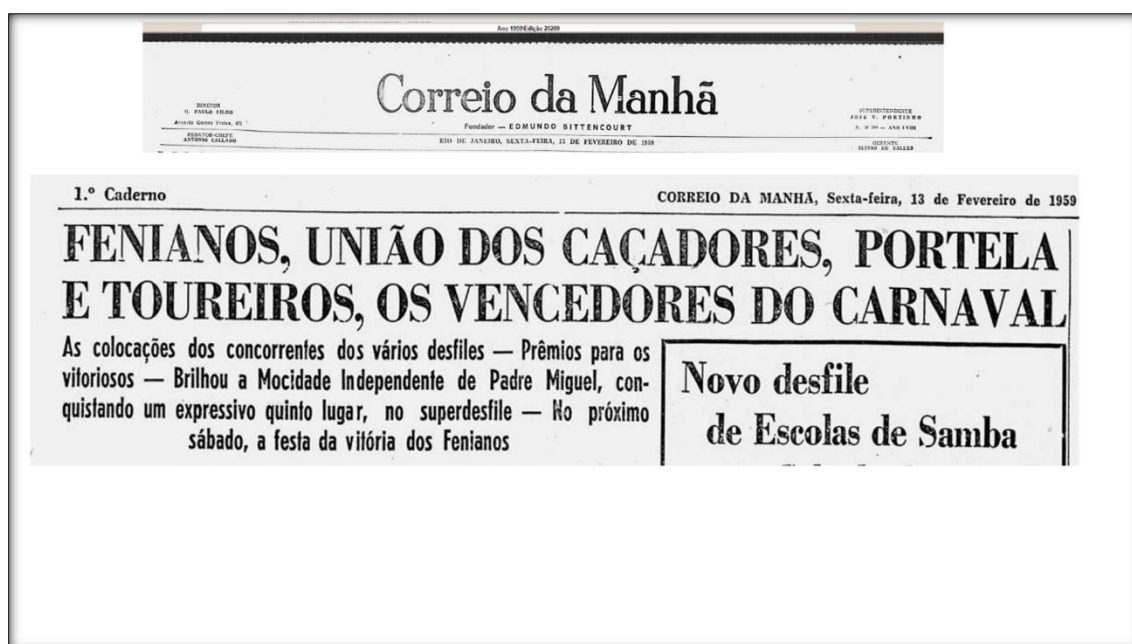
Correio da Manhã
Fundador — EDMUNDO BITTENCOURT
RIO DE JANEIRO, QUINTA-FEIRA, 12 DE FEVEREIRO DE 1959

escolas de samba se prolongou até às 12,30 horas do dia seguinte. Precisamente às 10 horas da manhã desfilou perante a comissão julgadora a “Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel”. Era a sua estreia no supercampeonato. Trazia a responsabilidade de ter sido a campeã do ano passado no desfile da Praça 11. Desejava brilhar. O sorteio no Departamento de Turismo e Certames da Prefeitura lhe fora ingrato. O atraso na apresentação de suas co-irmãs lhe prejudicou mais ainda. E às 10 horas após 14 horas de espera a “Mocidade Independente” desfilou perante a comissão julgadora. Foi um primor. Sua bateria, seu samba, seu porta-estandarte, o suas alas brilharam de verdade. A responsabilidade da estreia, o cansaço da espera e a sorte madrastra não empanaram o brilho de sua apresentação. Portou-se como legítima campeã.

transformaram em normalidade. Na tarde de domingo tivemos o desfile de frevos. A noite chegou a vez das Esco-

Fonte: Jornal Correio do Amanhã – Edição 20208 – 12.02.1959

Anexo I - “Brilhou Mocidade” - Matéria do Jornal Correio da Manhã – 12.02.1959



Fonte: Jornal Correio do Amanhã – Edição 20209 – 12.02.1959

Anexo J - Bateria da GRES Mocidade é batizada pela bateria GRES Capela – Matéria do Jornal Correio da Manhã - 08.11.1959



Fonte: Jornal Correio do Amanhã – Edição 20433 – 08.11.1959

Anexo K - Muita animação nos redutos da Mocidade Independente - Matéria do Jornal Correio da Manhã – 19.02.1960



Fonte: Jornal Correio do Amanhã – Edição 20522 – 19.02.1960

Anexo L - Matéria do Jornal Correio da Manhã – Animação e muita confiança na “Mocidade Independente - 19.02.1960



Fonte: Jornal Correio do Amanhã – Edição 20522 (1) – 19.02.1960